

*He was born
to love...*

A
APHRODISIA



NICHOLAS

ELIZABETH
AMBER



Elizabeth Amber

The Lords of Satyr #01

Nicholas

Disponibilização

Rosangela

Tradução

Karyne Nobre

Revisão

Cris Brasil

Revisão Final

Alessandra Mara Vidal de Melo

Formatação

Regina Celi



SINOPSE

São os últimos de uma legendária linhagem da aristocracia de outro mundo, os Lordes Satyr, nascidos para a riqueza, o poder, e com um talento para o deleite sensual com o que os simples mortais somente sonham. Havendo lhes ordenado casar-se, estes homens apaixonados viajarão a Roma, Veneza e Paris e pelo caminho explorassem desejos tão desavergonhadamente perversos como completamente divinos.

Nicholas só parece ser o que aparenta - o arrumado e próspero herdeiro de uma vinha na Toscana. Mas Nicholas é muito mais que isso, porque é um dos últimos de uma antiga linhagem de sátiros. E o rei moribundo do *Else World* não só quer que se case, mas sim que o faça com uma de suas próprias filhas - metade humanas, metade Fada - que é inconsciente de sua herança.

Nicholas não evitará seu dever de produzir herdeiros para proteger os legados sob seu comando, mas nunca planejou fazer de sua noiva sua única amante. A fome sexual e as destrezas sensuais de um sátiro são legendárias. Uma só mulher nunca o satisfará.

Ou isso é o que acreditava até que conhece Jane. Tão briosa como é fantasiosa, tão formosa como inocente, está, entretanto, determinada a obter que seu novo marido seja só dela e para isso está disposta a aprender cada um dos segredos deliciosamente carnis que ele conhece.

NOTA DA AUTORA

A Phylloxera da uva é um inseto diminuto que se alimenta das raízes das videiras, atrofiando seu crescimento ou as matando. A praga foi importada por acaso a Inglaterra e a França sobre videiras americanas ao redor de 1862. Reproduziu-se com uma velocidade devastadora e ao final do século XIX, a phylloxera tinha destruído dois terços das vinhas da Europa.

Para os propósitos desta história, a data da infestação é localizada aproximadamente trinta e nove anos antes da data real de infestação.

Lit. Peles brilhantes

I Mitologia Grega: mulheres membros do orgiástico culto ao Dionísio

II Ninfas dos bosques

V Figuras femininas usadas em colunas

VI Em inglês Pox in a box... trocadilho intraduzível em castelhano que joga com a similitude entre ambas as palavras

PRÓLOGO

Propriedade Satyr, Toscana, Itália

1823

Era lua cheia e uma noite de Chamada.

Os Senhores dos Sátiros se encontravam em silêncio no ponto de encontro sagrado no coração da antiga vinha da família. O instinto os tinha impulsionado ali. A necessidade os alimentava.

Detiveram-se debaixo de uma grande estatua –a mais imponente daquelas que rodeavam a isolada garganta. Em cima deles sobre um pedestal, Baco estava de pé congelado em pedra. As parras se entreteciam em seu cabelo, e levava uma taça de vinho em sua mão estendida como se estivesse oferecendo um brinde em celebração do que estavam a ponto de fazer.

O primeiro raio da luz da lua dissipou as trevas, banhando os Senhores com sua luz prata, revelando sua nudez. Quase juntos, foram embargados por câibras que se estenderam cruelmente sobre seus estômagos tensos. Encurvaram-se, seus rostos retorcidos em caretas. Gemidos, mescla de dor e prazer estalaram em suas gargantas quando ocorreu a última mudança física da noite da Chamada.

Nicholas, o mais velho, recuperou-se primeiro.

Seus olhos deram uma rápida olhada da garganta. Estavam protegidos, sabia. Os desconhecidos nunca foram ali. Quando os seres humanos se aproximavam muito eram repelidos por uma força que não compreendiam.

Quis endireitar-se e ficar de pé, aliviado de que a agitação tivesse passado. Odiava sentir a vulnerabilidade que sempre acompanhava a Mudança. Não podia permitir-se ser vulnerável, nem sequer por esse breve momento. Havia muito em risco.

Seria perigoso que alguém visse ele ou seus irmãos neste estado. Era uma criatura estranha agora, apta somente para um harém ou bordel que satisfizera a aqueles com um gosto especial pelo valente. Justamente o tipo de lugar que estava acostumado a frequentar, ele tinha um muito especial senso de humor.

Tocou-se, deslizou um polegar e dois dedos ao longo da recém despertada carne dos pés, a cabeça. Seu polegar encontrou a gota de umidade na dobra em

sua ponta e a esparramou despreocupadamente.

A última Mudança da lua cheia o tinha dotado com este novo eixo de osso e tendões- esta segunda ereção rasgada de sua própria carne. Estendia-se larga e dura desde sua pélvis, e tremia com fome. Só ligeiramente menor que a enorme franga que já se encontrava arraigada sob o arbusto de pêlo, ansiava o alívio tanto como seu gêmea. Acalmou-a, acariciando-a. Imitando a bem-vinda que descobriria logo entre coxas de sexo feminino, enquanto esperava que seus irmãos passassem por uma mudança similar.

A sua ordem, os farrapos de névoa que se moviam pela garganta começaram a girar em círculos para rapidamente, deter-se, tomando forma - trocando. As formas iridescentes surgiram do vapor e se solidificaram em Ninfas - mulheres inanimadas tinham atendido ao sátiro desde tempos remotos. Suas suaves mãos acariciaram seu recém coberto tronco, lhe brindando conforto.

Momentos depois, os três Senhores se moveram para perseguir seus prazeres individuais separadamente. Seus instintos eram mais animais que homens agora, suas mentes atraídas por um só objetivo.

As Ninfas se moveram ante eles como autômatos exuberantes, preparando-se diligentemente para cumprir o papel para o que tinham sido desenhadas. Ansiosamente, caminharam silenciosamente aos pequenos altares planos que salpicavam a garganta. Seus sorrisos eram vazios, seus movimentos planejados.

Peitos e abdomens se apoiaram sobre o granito frio quando se inclinaram para frente sobre as lajes de pedra, com suas pernas estendidas e seus pés descalços plantados no musgo. Seus orifícios automaticamente umedecidos e preparados enquanto se prostravam, aguardando o prazer dos Senhores, justo como legiões incontáveis de sua classe se brindaram ali durante séculos.

Cada irmão escolheu a uma Ninfa e se acomodou detrás dela.

A luz da lua captava o resplendor de cobalto de seus olhos quando Nicholas ficou de pé sobre uma Ninfa dourada. Com seus polegares, pressionou as pontas avermelhadas e exaustivas de suas ereções nas aberturas anais e vaginais expostas. Ao igual a seus irmãos, necessitava duas aberturas de sexo feminino imediatamente para sua primeira cópula dessa noite. Sua segunda ereção requeria somente uma ejaculação e depois se retiraria de dentro dela até que a lua cheia do próximo mês.

Sua Palmas se aplanaram sobre a pedra aos flancos de seus quadris. Não a preparou como deveria ter feito com uma mulher humana. As Ninfas não sentiam dor, ou prazer, embora o fingiam bem.

Um retumbo baixo brotou em seu peito enquanto olhava seu suave e brilhante traseiro. Com um áspero grunhido, afundou-se profundamente.

Ela gemeu como sempre faziam as de sua classe quando eram penetradas. Perto, suas irmãs se ecoaram do som feminino. Não significava nada, sabia. Tudo o que faziam estava programado para incitar a paixão do macho. Para ele só tinha um propósito e ela o faria, sem importar o obsceno ou vicioso que pudesse ser.

Retirou-se e penetrou outra vez, e outra vez. Dupla ferroadas a sacrificavam a seus pesados movimentos rítmicos. Suas dobras envolviam suas ereções como punhos molhados, levando-o a sua liberação com precisão metódica.

Vagamente, sentiu a exultação de seus irmãos em sua rotina, e isso alimentou a sua. O sangue Satyr os vinculava, fazendo com que compartilhassem as emoções quando a tensão era aguda

Por longos momentos, acalorada carne soava forte no silêncio da garganta. Nick penetrou com absurda, desumana força, ansioso para receber os cuidados das outras Ninfas, cujas mãos o tocavam e acariciavam, enquanto aguardavam seu turno.

Faunos, ninfas, fadas, e ménades esculpidos na rocha e para sempre encetados em abraços carnavais olhavam o doentio cenário com viçosa aprovação. Baco sorria com indulgência, satisfeito.

O êxtase se disparou, a paixão de cada irmão se apoiava em que o outro experimentava. Por um momento, Nick se perdeu devido à cópula animal.

Ao final, seu testículo se elevaram, esticaram-se. A crua necessidade se enroscou em seu ventre.

Três gritos triunfais de liberação soaram quase imediatamente. Cálidas sementes molhadas foram arrojadas. As passagens interiores das Ninfas convulsionaram em aceitação.

A respiração do Nick atravessou como uma serra seus pulmões no período subsequente à satisfação angustiada e vazia.

Apertou seus dentes contra a nova dor enquanto sua segunda franga, agora saciada, retrocedia do ânus e do traseiro da Ninfa ao interior de sua pélvis. O afiado bordo da necessidade não se esgotou. Mas requereria somente uma abertura de sexo feminino agora.

A Ninfa dourada se dissolveu em um nada da que vinha. Nick pôs uma vítima fresca de baixo ele.

Ordens masculinas e grunhidos se mesclaram e flutuaram sobre atalhos de

neblina. Todos foram capturados por uma suave brisa enquanto os Senhores dos Sátiros saciavam sua luxúria até o amanhecer.

CAPÍTULO 01

Lorde Nicholas Satyr levantou a adaga do escritório diante dele, ansioso de ver completada a tarefa que tinha ante ele. A folha cintilou, refletindo a intensidade de seu pálido e estranho olhar, antes de girá-lo para cortar a corda de borlas que rodeava o cilindro do pergaminho.

A chegada da missiva aquela manhã tinha sido tão inesperada como inoportuna. Os comunicados do Else World eram incomuns e geralmente pressagiavam travessuras de alguma classe. Os conflitos já estavam ameaçando os vinhedos, que estavam no coração das terras Satyr. Podia economizar-se um pouco de tempo nessas tolices.

Quando a corda caiu, o documento se desenrolou com entusiasmo, liberando um débil rastro de magia na habitação. Nick jogou um olhar rápido a seus irmãos menores, Raine e Lyon, que tinha convocado, há uma hora, de suas propriedades adjacentes dentro do complexo Satyr. Certamente também o teriam notado.

Raine estava na janela com as mãos obstinadas em suas costas enquanto examinava os recortados jardins do Nick. A neblina obscurecia a complicada floresta e as videiras cobertas de parras. Estava, como de costume, vestido meticulosamente de cinza, com seu cabelo talhado e sua vestimenta tão sóbria como a manhã de começo da primavera que observava.

Uma inquieta energia crepitava do Lyon enquanto caminhava pelo salão do Nick, girava seu corpo musculoso entre roupas e acessórios elegantes e artefatos curiosos. Ocasionalmente se detinha para revisar uma das aquisições mais novas de seu irmão em suas garras de colecionador, mas não ficava muito tempo. Estava impaciente por conhecer o conteúdo do documento e retornar à supervisão de sua propriedade.

As pontas dos dedos do Nick formigavam pelo murmúrio da magia do Else World que captava no pergaminho, mas nada em sua cara revelava seus pensamentos enquanto o lia. No curso de três décadas tinha aprendido a ocultar suas emoções. Tinha sido necessário para esconder suas verdadeiras naturezas, tendo crescido metade humano, metade sátiro em um Earth World intolerante para com todos os de sua classe.

Voltando da janela, Raine jogou uma olhada para o pergaminho.

-É de um Ancião?

Nick assentiu com a cabeça, uma inclinação brusca de sua cabeça escura.

-Do mesmo Rei Feydon.

Lyon se interrompeu em metade de uma pernada e ondulou por toda parte.

-Que diabos quer?

O couro da cadeira do Nick chiou sutilmente quando trocou de lugar todo seu corpo repleto de músculos de um metro noventa e oito de altura.

-Parece que as arrumou para engendrar três filhas na Terra.

Raine digeriu estas notícias em silêncio, um encolhimento de ombros foi o único sinal de que tinha escutado.

Lyon soprou divertido.

-Esse luxurioso velho casamenteiro Senhor das fadas nos mandou um anúncio de parto? Desde seu leito de morte nada menos.

Não tinham captado completamente a importância das notícias, fez girar um globo terrestre do EarthWorld ligeiramente com a ponta de um dedo. Moderados cheio de joias, oceanos de safira, e um dragão de esmeralda ou dois cintilaram à luz das velas.

-Seu anúncio é algo tardio –esclareceu Nick-. Os acontecimentos ocorreram faz aproximadamente vinte anos. Aparentemente teve um ataque de consciência atrasada. E é seu último desejo que remediemos a situação que ele deixou.

Raine cruzou seus braços, a suspeita transformava seus olhos em um cinza tormentoso.

-E o que, precisamente, temos que fazer?

-De acordo com suas instruções, devemos localizar sua origem e nos casar com elas –disse Nick.

Um latido da risada assombrada saiu do Lyon.

-O que?!

Nick puxou o pergaminho para a escrivainha.

-Lê-o você mesmo se dúvidas de mim. E tome cuidado com meu círculo, Lyon.

Lyon olhou para suas mãos largas e viu que estavam quase esmagando um

dos muito apreciados objetos do Nick. Sua força pertencia ao ar livre e lhe servia bem nas vinhas Satyr. Entretanto, não era conveniente nas elegantes habitações de Nick, e tinha que manter-se constantemente em alerta para não quebrar nada sem querer.

Fazendo uma careta, deixou novamente o globo em seu lugar de descaso e voltou-se para carta sobre a mesa do Nick. Levantou-o e leu em voz alta.

Lordes do Satyr, filhos do Baco,

Devem saber que estou tendido moribundo e nada pode fazer-se. Como meu tempo é limitado, o peso das indiscrições passadas me persegue. Devo falar delas.

Faz dezenove verões, procriei filhas sobre três mulheres humanas de alta linhagem do EarthWorld. Semeei a minha semente enquanto estas mulheres dormiam, deixando a cada uma inconsciente de minha visita noturna.

Minhas três filhas cresceram e agora são vulneráveis, devem ser protegidas de forças que tentam as destruir. Meu último desejo é que as busquem e as ponham sob seu amparo. Podem encontrá-las entre a sociedade de Roma, Veneza e Paris.

Essa é minha vontade.

-Isto é absurdo –balbuciou Lyon a desgosto.

Jogou a carta sobre a mesa do Nick, fazendo com que as garrafas de cristal no tabelionato soassem. O pequeno ato de violência pareceu aplacá-lo um pouco, e começou a andar pela habitação outra vez como se fora um animal enjaulado que procurava um modo de escapar.

Raine tomou o pergaminho e deu uma olhada em seu conteúdo em silêncio, valorando cada frase, procurando cada matiz de seu significado. Quando o apoiou finalmente, sua expressão era de horror.

Tinha estado casado antes, três anos atrás, mas o matrimônio tinha terminado em desastre em uns meses. Não tinha nenhum plano de casar-se outra vez. Mas não falou sobre isso agora.

-É interessante que Feydon decidisse produzir três vergoneas de sexo feminino, e em localizações tão próximas a nós –comentou.

Nick se inclinou a lhe olhou.

-Quase como se manipulasse a suas filhas desde o começo.

Lyon se balançava a seu redor.

-Sete infernos! Supõe que as criou de propósito em algum intento equivocado de nos casar?

-Agora que passou às sombras, e está entre a vida e a morte, somente podemos tratar de adivinhar seus motivos –disse Raine.

Nick se reclinou, fazendo com que sua poltrona protestasse outra vez. A luz da vela piscou, derramando reflexos azuis no negro azeviche de seu cabelo.

-Seria como ele, entretanto. Nós somos os únicos de nossa classe que pode permanecer no EarthWorld, e ele fez o que sentia que era nosso dever a muito tempo, procriar para evitar que as terras Satyr caíam em mãos humanas. Nossas propriedades necessitam de herdeiros, e, entretanto, nós nos mostramos relutantes a providenciá-los. Poderia justificar tal movimento.

-Forças que tentam as danificar –citou Lyon do pergaminho-. Açam que se refere às forças de seu mundo ou o nosso?

-Ou talvez só seja um truque para assegurar nossa participação? - Perguntou Raine.

-Se for assim, é uma tática eficaz –disse Nick -. Feydon sabe que nossos instintos protetores nos fariam atuar se suas filhas estão em perigo.

-É uma obrigação injusta nos impor isso –disse Raine.

-Maldito seja, O Professor do Eufemismo –disse Lyon- é uma flagrante manipulação.

-Manipulação ou não, faz com que nossa decisão seja, fazer alto ou permanecer inativos em um assunto um pouco urgente –disse Raine.

-Certamente devemos fazer algo –disse Lyon, expressando relutantemente sua preocupação-. Estas mulheres mesclam com o Faerie não podem valer-se por si mesmos, ou podem?

Ele e Raine olharam ao Nick.

-Se devemos acreditar na missiva do Feydon, as mulheres a quem se uniu eram ignorantes do fato de que se deitou com elas –disse Nick-. Sendo esse o caso, tanto as mães como as filhas são inocentes de qualquer engano dirigido a nós.

-É provável as filhas não se deem conta de que são do ElseWorld –disse Raine.

-Embora devam sentir em aumento a pulsação do sangue de fada –disse Lyon.

-E interpretar mal seu significado se não haver ninguém para guiá-las –disse Nick-. Essa é uma notícia preocupante.

-Mas nada tentadora –disse Raine francamente-. Não tenho interesse em me casar outra vez.

Nick e Lyon intercambiaram olhares.

-O matrimônio com uma criatura metade Fada poderia dar um resultado diferente do que um matrimônio com uma humana. –Disse Nick.

Raine se encolheu de ombros.

-Entretanto não tenho vontades de experimentá-lo.

Lyon passou pontas de seus dedos pelo comprimento do seu espesso cabelo Leonardo.

-Encontro-me de acordo com Raine. Não tenho interesse em me unir a uma mulher que não tenha escolhido, seja fada ou ser humano. Não há nenhuma maneira de proteger às filhas do Feydon sem o detalhe do matrimônio?

-Como? Seguiremos seus rastros com o passar dos anos para vigiá-las contra qualquer problema? –Perguntou Nick-. Prender-nos-iam.

-Ainda digo que o matrimônio pode ser evitado. Vamos! Por que, simplesmente não as trazemos para as terras Satyr e lhes permitimos vagar como lhes agradar? –Sugriu Lyon.

Nick riu, e Raine lhe lançou um olhar de lástima.

Lyon parecia afrontado.

-O que? Estariam seguras aqui, sob nosso amparo.

-Você gosta de seus bichinhos de estimação? –Perguntou Raine, fazendo referência à coleção de animais exóticos que se percorriam livremente as terras Satyr do Lyon.

-São mulheres, não ganho –disse Nick-. Nunca estarão de acordo com um acerto tão ridículo. Devemos encontrá-las e trazê-las sob nosso amparo. Não vejo nenhuma outra maneira.

Raine jogou o olho a seu irmão mais velho.

-Parece estranhamente entregue à ideia do matrimônio depois de tão pouca consideração.

Nick fez um encolhimento de seus amplos ombros, fazendo que as costuras de seu colete se inclinassem causando que o desenho sutil no brocado verde azulado escuro ralhasse. Era um traje incomum, escolhido entre os tesouros de seus antepassados. Algo sobre lhe agradava. Mas claro, ele desfrutava do anormal.

-É certo, a notícia do matrimônio foi imprevista –disse-. Mas quanto mais reflito sobre o decreto do Feydon mais me dou conta de que provê certa...oportunidade.

Lyon lhe dirigiu um olhar de falsa comiseração.

-Pobre Nick. Careceste que a recompensa dos suficientes cuidados das mulheres todos estes anos? Deveria havê-lo dito antes. A Raine e mim alegraria compartilhar algumas das legiões que perseguem nossa porção dos recursos Satyr.

Raine sorriu, uma fugaz elevação de uma esquina de sua boca.

-Fez um ponto, irmão mais velho. Tivemos muitíssimas oportunidades de casar, com o passar dos anos.

-Necessitamos herdeiros –disse Nick.

Raine e Lyon o olharam com surpresa.

-Meu trigésimo ano se aproxima. Você vai atrás de mim por somente dois anos, Raine. E você, só quatro, Lyon. Quem mais vai nos dar filhos e filhas, se não estas fadas mestiças? –Exigiu Nick fazendo um gesto para o pergaminho. São por natureza a metade de duas raças, uma mescla do EarthWorld e ElseWorld, da mesma maneira que nós.

-Mas a diferença de nós, as filhas do Feydon têm sangue de Fadas em suas veias –recordou Raine.

-E as Fadas são imprevisíveis -acrescentou Lyon-. Quem sabe a quantidade de truques que podem possuir? –Estremeceu.

-Minha ideia é que, enquanto as mulheres humanas poderiam achar certos costumes estranhos ou desagradáveis, uma esposa falsa seria muito menos propensa a objetar a maneira em que poderíamos procurar herdeiros –disse Nick.

-Mas que tipo de herdeiros geraremos? –Perguntou Raine agitando sua cabeça-. Um marido metade sátiro acoplando-se a uma esposa metade Fada? Que tipo de filhos podem resultar disso?

-Se não intervir, é provável as mestiças Fadas se casem e se acasalem com seres humanos. Que imagina que pode surgir disso? –Perguntou deliberadamente Nick.

Lyon colocou as mãos nos bolsos de suas calças e suspirou. Vestia em parte como um vinicultor, levava calças enrugadas, uma túnica de lã cheia de nós e grandes expulsa.

-Tem razão. Nem elas nem seus filhos saberão o que fazer com suas habilidades. Isso poderia resultar desastroso.

Uma tensão frágil caiu sobre a habitação.

-O sátiro sempre cuidou das fadas –disse Nick contundentemente.

Lyon suspirou.

-Parece que não temos outra opção mais que nos casar com elas. Baco, que tal se a minha é estúpida? Ou ofensiva? Como poderei me deitar com ela?

-Conforme tenho entendido, matrimônio e amparo são nossas únicas obrigações –disse Raine-. A missiva do Feydon não disse estabeleceu nenhum requisito sobre acasalamento ou ter herdeiros.

Os olhos do Nick se fecharam sobre ele.

-É certo.

-Unir-se-ia a sua esposa a um matrimônio sem filhos? - Perguntou Lyon
- . E você mesmo a um?

-A escolha será dela, os fatos expostos antes que nos casemos –disse Raine-. Não quero nenhum menino mestiço que sofra a alienação de encontrar-se com um pé no EarthWorld e um no ElseWorld sem integrar-se realmente a nenhum.

-E o vinho? -Perguntou Lyon-. Nossos herdeiros devem continuar nosso trabalho nas vinhas quando já não estiver.

As colinas cobertas de videiras no centro das terras Satyr produziam uvas que eram convertidas em vinho cada estação. Etiquetado como Lordes of Satyr, era ferozmente solicitado pelos ricos e nobres de toda a Europa e mais à frente. Alguns diziam que o vinho Satyr possuía propriedades mágicas, o que era certo para falar a verdade.

Os três irmãos eram estrategicamente localizados em pontos triangulares ao longo das fronteiras de um bosque antigo, com torre vigia nas três esquinas de uma fortaleza. No centro de cada propriedade se elevava um castelo antigo com grandes jardins e terras que se encontravam e se mesclavam em seu limite com as árvores do magnífico bosque velho. O bosque rodeava a base das colinas inclinadas de vinhas, formando o ponto principal de seus domínios.

A sua era uma terra antiga, escolhida por seus antepassados para um propósito especial –servir de lugar de confluência sagrada para o ElseWorld e EarthWorld. Nos últimos séculos, muitos sátiros viviam ali em segredo, protegendo o portal entre mundos. Agora somente havia três.

Raine sacudiu uma bolinha de pó de sua jaqueta imaculada, a expressão em seus olhos cinza era sem brilho.

-Suas herdeiras estão convidadas a receber minha parte. Isso deixa resolvido o assunto.

-Por agora – abrandou Nick.

Raine encolheu de ombros.

-Então somente nos deixa pendente determinar que filha escolhemos – disse Lyon.

-Roma é mais conveniente para mim –disse Nick-. Alguma objeção?

-Nada. Tomarei Paris –disse Raine-. Maldita seja! Detesto viajar.

-Viajar? A Paris? Recordarei que me deixam Veneza –disse Lyon-. A

viagem ali será horrível depois da temporada de chuvas.

Raine ergueu uma sobrancelha.

-Não deveria ser nenhuma privação já que você viaja para lá regularmente para encontrar com compradores.

-Ainda assim, é um mau momento para estar ausente. Muitos de meus animais estão para parir –disse Lyon-. E as vinhas precisam ser vigiadas.

-Podemos combinar nossas vontades para reforçar o muro de força ao redor dos domínios Satyr por semanas -disse Raine.

-Por que tomar o risco desnecessário? É minha opinião algum de nós deve ficar –disse Lyon.

-Está bem –disse Nick-. Irei primeiro. Assim que tenha a minha noiva, suas buscas podem seguir.

Raine e Lyon assentiram, e rapidamente os três se dirigiram para a porta.

La fora, Nick respirou profundamente.

-As trepadeiras começam a despertar. Vou aparar.

Olhos azul safira, cinza cinzento e dourado Leonardo se fecharam por um potente momento e logo os três Senhores dos Sátiros se separaram em meio da névoa matutina.

CAPÍTULO 02

Tívoli, leste de Roma

Duas semanas depois

Estava aqui.

A emoção retumbava no sangue de Nicholas Satyr enquanto detinha a pista tentadora da fada mágica cavalgando pelo ar.

Examinou o enxame de humanos que se reuniam para os festejos da tarde agora a caminho dos jardins renascentistas da Vila d' Este. Desenfreada, a convocatória integrada por malabaristas, músicos, e artesãos se misturava com a elite social de Roma. A maioria tinha vindo de longe, para esse dia, assim como ele.

Mas tinham vindo por propósitos diferentes.

Nem as fontes nem os outros espetáculos disponíveis atraíam seu interesse no momento. Tinha outra missão aqui. Sua missão consistia em encontrar uma presa específica, uma destinada a converter-se em sua esposa.

Durante a semana anterior, Nick tinha assistido às muitas reuniões sociais de todo tipo oferecidas em Roma. Entretanto parecia que Feydon tinha calculado mal. A primeira das noivas Fadas não estava em Roma depois de tudo. Hoje tinha pensado na possibilidade de poder localizá-la ali, na próxima Tívoli. Sua intuição parecia ter produzido frutos.

Mais ainda, tinha desperdiçado tempo precioso procurando-a em Roma, portanto, ocupado, não se tinha companhia feminina por dias, uma escassez considerável para alguém da linhagem Satyr. Encontraria a solução nos braços de sua meretriz – ou amante, como os ingleses mais cortesmente chamavam a suas putas compradas, mais tarde aquela noite.

Nick andou rapidamente pela multidão, toda sua concentração posta em sua tarefa. Seus sentidos olfativos agudos sortearam através de perfumes e aromas humanos naturais, procurando, verificando, afastando.

Não havia nenhuma dúvida de que a filha do Rei Feydon se ocultava em alguma parte nesta multidão da sociedade italiana e inglesa.

Mas onde?

Entre as plantas, enormes chapéus com plumas dançantes que competiam por chamar a atenção, saias adornadas. Desde a queda de Napoleão, a moda se afastou dos vestidos de cintura alta e pouco adornados a favor de um estilo mais romântico. Cinturas bem apertadas, amplas saias com forma de taças e guarda-sóis maiores que o normal.

Sua altura permitia olhar facilmente ao outro lado do mar de rostos, excluindo os machos e detendo-se sobre as mulheres. Era improvável que a reconhecesse de vista. Estaria escondendo qualquer manifestação visível que pudesse revelar sua origem, igual a ele. Não, teria que depende só do aroma.

Detendo bruscamente seus passos em frente a uma fonte com uma gigantesca queda de água, olhou para a estátua de Baco, pedindo inspiração. O instinto o levou a passear pela Avenida das Cem Fontes. Aqui criaturas imaginárias e gárgulas rodeavam o atalho, soltando e lançando quebradas que purificavam a água.

Acalmou-se, seu interesse aumentou. Ali estava outra vez. Uma fraca e inconfundível fragrância de Fada. Começou a ir em direção, só para ser distraído de sua meta a pouca distância quando uma mão carnuda enluvada em amarelo canário tocou seu ombro.

-Digo! Esse é você, Satyr?

Nick girou para encontrar-se com dois casais com que tinha um relacionamento superficial. A imagem de aristocrata respeitável se escorregou sobre ele da mesma maneira que uma capa cuidadosamente construída. Dirigiu-lhes uma inclinação de cabeça educada.

-Lorde e Lady Hillbrook. Senhor Rossini, Senhora Rossini.

O evento de hoje tinha sido organizado com o apoio de Lorde Hillbrook. Ingleses enriquecidos como ele hibernavam usualmente na Itália, passando uma temporada, normalmente, a partir da entrada da primavera para fugir do frio da Inglaterra. Mas ante a primeira manifestação do calor do infame verão da Itália, a via escorrer-se novamente para casa.

-Não é comum ver você em um de nossos pequenos acontecimentos – exclamou entusiasmado Hillbrook.

Acariciou os lados de sua abundante barba, que assinalavam em todas as direções, como se estivesse inseguro de qual era o caminho que seguiria a conversa.

-Sinto-me honrado de que esteja aqui.

-Não visito Tívoli tão frequentemente como poderia desejar. Mas já que estou aqui, não perderia um de seus eventos –comentou Nick afavelmente-. O crédito é de sua anfitriã.

Lady Hillbrook gostou do elogio.

-Vocês italianos são tão temperados como o clima. Na Inglaterra é muito difícil encontrar um lugar para fazer um evento ao ar livre nesta época do ano, por medo da chuva.

-Ah, mas pode haver algo com muito sol. Nossas videiras sempre dão as boas-vindas às garças ocasionais da primavera –disse Nick-. Pouca chuva, resulta em uvas pequenas.

-Falando disso, não esqueça que somos candidatos a cinquenta caixas no leilão este outono – recordou a Senhora Rossini.

Embora fazia calor levava um traje carmesim ajusto que estava fazendo um esforço heroico para ajustar suas proporções desajeitadas em uma figura de forma de ampulheta. A transpiração salpicava seu lábio superior, e a limpava ocasionalmente com um lenço com monograma.

Lady Hillbrook empurrou seu marido discretamente com o cotovelo.

-Cem caixas aqui –foi estimulado a acrescentar Lorde Hillbrook.

-Enviadas de contrabando como de costume? –Perguntou SENHOR Rossini.

Hillbrook assentiu com a cabeça balançando-se sobre seus saltos.

-As leis inglesas estão rigorosas com relação as vendas de coisas engarrafadas, você sabe. A prática da venda por medida continua assim e estamos forçados a comprar às escondidas ou fabricar garrafas se queremos beber.

Trocou de lugar sua fortificação para a panturrilha de Nick e lhe deu uma cotovelada cúmplice. Pensava sabiamente e simplesmente perguntou:

-Suponho que estará esperando uma quantidade obscena por sua colheita este ano, não? As tuas são as únicas videiras que não foram afetadas pela praga atual.

Nick ficou tenso.

-Fomos afortunados já que não vimos nenhum sinal desta até agora.

-Disseram-me que cada campo na Europa foi afetado pela erupção.

Alguns ficaram devastados –disse Senhor Rossini-. E nenhuma cura à vista. Tenho entendido que ninguém está nem sequer seguro de sua causa.

-O assunto da praga foi naturalmente de grande preocupação para minha família. Consideramo-nos afortunados de que até agora nossos campos tenham permanecido imunes –respondeu Nick imperturbável.

-Que estranho –meditou Lorde Hillbrook.

-O que?

Nick apontou toda sua atenção ao cavaleiro, o qual se murchou imediatamente sob seu olhar penetrante.

As terras Satyr estavam protegidas pelos poderes de ElseWorld que ele e seu irmão entrelaçavam ao redor deles, portanto, suas videiras não tinham estado afligidas até agora com as manchas escuras que tinham começado a aparecer sobre as videiras de quase todos os vinhedos na Europa. Tinha sabido que era somente uma questão de tempo antes que os seres humanos comessem a especular sobre a razão pela qual seus campos tinham saído imunes.

-Não dizia nada em especial –disse Hillbrook, ruborizando-se até fazer jogo com o traje da Senhora Rossini-. Todos sabem que a marca Satyr é impecável. Nada estranho absolutamente, realmente. Inegavelmente é a simples sorte tola e...

Sua esposa franziu o cenho e agitou sua cabeça, pedindo que parasse de falar.

-Te asseguro que a sorte tola não é o que nos protege –disse Nick-. Enquanto a praga persiste, cada precaução foi empreendida para proteger nossas uvas de seus estragos. É difícil saber como limitar a exposição, já que sua causa fica pouco clara. Entretanto, limitamos o acesso a nossa vinha e reforçamos qualquer cuidado ante possíveis poluentes.

Senhora Rossini se lançou ao silêncio inoportuno que caiu.

-Realmente este bate-papo é muito sério para um dia tão encantador. Agora, Senhor Satyr, deve nos dizer. Já visitaste a exposição botânica?

O entusiasmo animou os olhos de Lady Hillbrook e se inclinou para seu companheiro.

-O estudo da flora é todo um furor na Inglaterra. Eu mesma me dei o gosto e adquiri muitos espécimes interessantes.

Nick sorriu com fácil encanto.

-Realmente? Lamento que não ter tido a oportunidade de explorar as exibições. Desculpam-me? Tenho descoberto que estou mais que ansioso de investigar.

Com uma reverência superficial, deixou-os.

Retornando à tarefa que tinha pendente andou rápido entre a multidão, observando furtivamente, considerando e descartando outra vez. Quando passou pela Fonte do Dragão no centro dos jardins, as damas jovens desdobraram suas artimanhas delicadamente, competindo para fazer girar a cabeça de um dos enriquecidos Senhores Satyr. Se pudesse encontrar esse tipo de tentações em suas camponesas lhes daria emprego em suas vinhas em um instante.

Seus olhos diziam que o queriam – ou pelo menos a sua riqueza. Mas não conheciam nada de sua verdadeira natureza. Porque se alguma delas tivesse um indício da força e a profundidade de suas paixões físicas, estava seguro de que inclusive sua vasta fortuna não causaria que elas o vissem como um candidato para o matrimônio.

Quando a tarde passou e começou a anoitecer, o aroma delicado de Faerie entrou flutuando sobre o ar que se esfriava, aproximando-se e logo se retirando. Circulou, ao esconderijo enquanto se esquentava, logo esfriava, então quente outra vez enquanto ele o buscava pacientemente.

Ao final, quando se aproximou das fontes de peixes, o fio da magia se fez mais forte, lhe dizendo que estava perto. Seus instintos de caça se aguçaram.

Rodeou um círculo de tendas entre dois labirintos de erva. Damas inglesas e italianas jovens e seus pretendentes se misturavam ali, tagarelando.

No minuto em que sua presença foi notada as cabeças femininas se voltaram como se farejassem uma presa. Algumas damas esqueciam os cavalheiros com quem estavam conversando. Os delicados leques moviam mais rápido.

Estava ali, misturada entre as outras.

-Veio com alguma interpretação, Satyr? -Chiou um italiano jovem frente a ele -. Não acredito nessas coisas eu mesmo, mas suponho que são divertidas.

Uma das damas golpeou o braço do jovem provocativamente com um ramo de azar que havia obviamente pego do jardim dele.

-Não está lendo, Senhor. A mística oferece a adivinhação do futuro.

-Isso é o que quis dizer –respondeu, esfregando seu braço em falsa

atitude de dor-. Lê a mão, não?

Nick observou a tenda. Era branca, com quedas circulares de tecido circular em suas esquinas e uma bandeira decorando seu topo.

A espera acabou. Estava dentro. Estava seguro disso.

-Assim, há uma verdadeira mística residindo ali? –Perguntou, indagando.

-Sim. Como dizíamos, minha irmã está dentro, fazendo que leiam sua sorte –disse o jovem, a quem Nick agora reconheceu como o filho do Senhor Rossini.

Era sua irmã? Se era assim, sinceramente esperava que não se parecesse com sua mãe. Os medos de Lyon se era atraente sua prometida ressonou em sua cabeça. Repentinamente, não estava tão ansioso para dar uma olhada dentro da tenda.

Sua aparência não importava, recordou. Como seu marido, unir-se-ia a ela somente quando o dever solicitasse. Ela pariria a seus filhos e não objetaria quando sua ereção pedisse verdadeira satisfação fora de sua cama.

Mas, quando os véus diáfanos da tenda se dividiram para dar passagem à irmã do Senhor Rossini, Nick quase suspirou com alívio. Era uma beleza italiana. Seu traje era o deleite de um fabricante de espartilhos, estreitava-se em uma cintura de seda que revelava umas curvas muito melhor desenhadas que as da mãe. Fitas delicadas atadas sob seu queixo sujeitavam uma touca de palha tão profusamente decorada com azulejos que não ficaria surpreso se em lugar de seus cachos negros houvesse um viveiro.

Quando saiu da tenda, outro cliente jovem passou junto dela a caminho da tenda. Nick viu um vislumbre da figura inclinada dentro com vestimenta de cigana.

-O que disse a mística? –Perguntou outra das damas à irmã de Rossini.

-Sim, Bianca, nos diga o que ela disse –acrescentou outra menina inglesa-. Estamos desesperadas para saber.

A Senhorita Rossini separou seus lábios mas hesitou quando notou o interesse de Nick.

Assim que as apresentações foram feitas, ele se aproximou mais do que admitia o decoro para beijar sua mão enluvada. Uma aura invisível de magia de Fada a envolvia em sua proximidade.

Era a garota de Rossini então. O fato de que sua busca tivesse terminado tão repentinamente causou nele um momento de desorientação, como se estivesse na beira de um despenhadeiro e se agora estivesse cambaleando sobre sua margem.

O sátiro não era especialmente talentoso em sondar as mentes de outros, mas exerceu toda a destreza que possuía, esperando aprender tudo o que pudesse dela.

Seus pensamentos disseram que o achara atraente, mas sua expressão já o tinha informado disso. Sentiu-se frustrado quando não pôde ler provas adicionais de que ela era fada, até que se deu conta de que sua própria falta de consciência de sua herança criaria em seus pensamentos naturalmente um espaço em branco.

Era uma menina doce, tentadora, e era sem dúvida formosa. Se seus instintos eram corretos, está provaria ser uma boa escolha.

O que o surpreendia é que o Rei Feydon tivesse elegido a sua mãe para pôr os chifres. Um libertino perspicaz, Feydon escolhia somente às companheiras mais cativantes. Mas possivelmente a Senhora Rossini tinha sido mais agradável em sua juventude.

Bianca se moveu incomoda, e se deu conta de que seu estudo silencioso era feito com muita intensidade. Fez-lhe uma reverência.

-É efetivamente um prazer, Senhorita Rossini.

-Senhor –disse ela fazendo uma reverência. Sua voz era um sussurro impressionado, transbordante de assombro e um vestígio de medo porque se dignou a distingui-la com sua atenção.

-Posso perguntar o que a cigana lhe disse para que ficasse com esse rubor encantador em suas bochechas? –Perguntou, esperando relaxá-la.

-Que vou conhecer um cavalheiro de cabelos escuros –espetou.

Seus amigos lhe lançaram olhares, rindo bobamente.

Bianca empalideceu quando se deu conta do que tinha revelado e a quem.

-E quando conhecer este cavalheiro, planeja compartilhar um baile com ele? -Perguntou Nick com anormal cuidado. Era uma dessas criaturas de temperamento doce que inspiravam a amabilidade daqueles que a rodeavam.

-OH! –Disse, franzindo as sobrancelhas-. Todos meus bailes já estão

concedidos.

-Não poderia separar só um para Lorde Satyr? –Animou-a seu irmão, obviamente começava a dar-se conta do que seu interesse repentino em sua irmã poderia representar à fortuna da família.

Nick estava seguro que o clã de Rossini o aceitaria facilmente, assim como sua filha. Decisivamente tinha sido bem treinada em seu dever e adornaria sua casa e sua cama e não lhe daria nenhum problema. Seu matrimônio causaria apenas uma onda no confortável desenho de sua vida.

Só terei que levar adiante as formalidades. Falaria com seu advogado em Roma amanhã e a reclamaria como dele logo que um casamento pudesse ser organizado.

-Mas isso não seria correto –disse.

Nick demorou um momento em retornar de seus pensamentos e dar-se conta que estava fazendo referência à questão de lhe permitir um baile.

-Você tem razão, é obvio. Que desafortunado para seu escuro e arrumado cavalheiro e para todos os outros que perderam sua oportunidade por um turno sobre a grama com você está noite!

-Um, sim –disse ela. Piscou, parecendo fascinada por seu sorriso.

Realmente, isto era muito fácil, pensou. Embora contente por sua falta de artifício, não deixava de perguntar-se se o estímulo de sua simplicidade poderia desgastar-se com o tempo. Não importava. Os maridos de sua linhagem gastavam pouco tempo em companhia de suas esposas.

E em cada Fada havia profundidades ocultas. Perguntava-se que magia ocultavam suas maneiras recatadas.

A cortina da tenda se fechou ao sair o último cliente.

-Quer prová-lo? –Perguntou a um dos jovens quando saiu o cliente mais recente da mística. Parecia esperançado, sem dúvida assumia que as damas não desviariam sua atenção de Nick até que ele os deixasse.

Nick brindou um braço a Bianca.

-Já que me negou uma dança, acompanhar-me-á dentro para que me digam minha sorte?

Os olhos sobressaltados da Bianca se precipitaram a seu irmão.

-Com a permissão de seu irmão –acrescentou Nick.

-Vai, Bianca –disse seu irmão-. A mística é acompanhante suficiente, e estarei esperando fora.

-Mas já disseram minha sorte – recordou.

-A mim não –disse ele, entretanto. E admito que estou amedrontado ante a perspectiva de me aproximar de um verdadeiro místico. Você navegaste essas águas e obviamente sobreviveu. Suplico-te que esteja comigo para que possa reforçar minha coragem.

Bianca ainda vacilava. Provavelmente perguntando-se se sua mãe daria sua aprovação, pensou.

Empregou seus consideráveis poderes de persuasão.

-Seus olhos me dizem que possui um espírito generoso. Certamente pode encontrar a generosidade em seu coração de tomar uma decisão em meu favor.

-Está bem! É obvio que te acompanharei –esteve de acordo. Logo se inclinou mais perto para brindar-. Mas a mística não é realmente tão espantosa.

Com uma inclinação de cabeça a seu irmão, Nick manteve a cortina aberta e ordenou à a Senhorita Rossini entrar antes que ele.

CAPÍTULO 03

Dentro da tenda, Jane Cova escutava e dava voltas a seus olhos ante as lisonjas do cavalheiro. Realmente a dama se deixava cortejar tão facilmente por tais adulações? Parecia emprestar atenção a cada uma de suas palavras.

Por uma razão muito diferente, Jane também o tinha feito. A gente podia aprender muitíssimo sobre um cliente potencial escutando às escondidas o que dissessem antes de entrar na tenda. Com suficiente informação se podia fabricar uma fortuna inteira para qualquer um, quando tinha razão para fazê-lo. Nem todo seu talento era falso.

A cortina na entrada da tenda ondulou. Preparando-se para dar as boas-vindas aos recém-chegados, ajustando seu xale sobre sua cabeça para ocultar parcialmente suas feições juvenis. Alguns fios de seu cabelo cor de lua se livraram do xale, mas não se incomodou em voltar a colocá-los nele. Seriam facilmente confundidos com o cinza na luz débil.

A traiçoeira suavidade de suas mãos estava cuidadosamente escondida por luvas de encaixe negros que deixavam somente seus dedos nus. Encurvava seus ombros para promover a percepção de que estava murcha além de seus anos. A pipa feita de tosca espiga de milho que deslizava entre seus lábios estava sem acender. Ela, também, estava desenhada para envelhecê-la e ocultar sua voz. Era eficaz, mas sujeitar o caule por muito tempo estava doloroso. Seus lábios já estavam cheios de hematomas.

Uma mão masculina separou a cortina, permitindo escapar um pouco da penumbra do interior da tenda. Ao ver esses dedos fortes, sentiu uma estranha sensação de calor sobre ela. A incerteza aumentou sua sensação. Inexplicavelmente, cada fibra de intuição e instinto a estimularam a fugir.

Aplanou suas palmas sobre a mesa e estava a ponto de ficar de pé antes de vacilar. Estranha vez negava tais sentimentos. Entretanto, não tinha conseguido reunir as moedas que tinha esperado hoje. Tinha chegado tarde ao evento e encontrado as tendas ocupadas com os outros vendedores. Somente quando o habitante anterior desta tenda a tinha abandonando-a, é que começou a exercer seu comércio.

A concorrência era enriquecida e a noite jovem. O que fazer?

Antes que pudesse decidir seus novos clientes já tinham entrado. Jane

reconheceu à bonita Senhorita como uma visita mais cedo. Sua cor tinha aumentado sob os cuidados de seu pretendente. Mas era suficientemente inofensiva.

Entretanto, o cavalheiro que lhe seguia era um assunto diferente.

Seu olhar quando encontrou o seu, provocou uma sacudida em seus sentidos. Que incomum encontrar um italiano com olhos de cor azul espelhado! Profundamente sombreados por escuras pestanas, refletiam ao que o observava sem esconder nada.

Pele de azeitona dourada o assinalava como um homem de sangue italiano. Sua testa forte, queixo esculpido, e um nariz reto o assinalavam como obstinado.

Tomadas em conjunto, suas facções se uniam em um rosto aristocrático surpreendente, arrogante, que se elevava em cima de um corpo musculoso. Sua altura era autoritária e certamente alcançava quase os dois metros. Agraciado com tal beleza, parecia um deus entre mortais.

-Vai? –Perguntou, observando sua pose incerta.

Jane se cambaleou e logo só olhou fixamente nesses olhos estranhos. Estava de pé congelada com indecisão, sabendo que se via como uma idiota. Mas isso não parecia poder ajudá-la.

O seu persistente silêncio, o homem em questão elevou uma sobrancelha. Tinha sentado sua dama, em uma cadeira fora da tenda ele permanecia de pé pacientemente esperando cortesmente que ela sentasse. Possivelmente estava acostumado a impressionar às mulheres as julgando estúpidas à primeira vista.

-Meu dinheiro não faz com que seja mais rápida? –Perguntou brandamente.

A flauta deslizou da mandíbula frouxa de Jane. Apenas a apanhou antes que ricocheteasse sobre a mesa. O obstáculo teve o efeito de fazê-la apertar os olhos, portanto, rompeu o feitiço. Suas pernas cambalearam, forçando-a a sentar-se.

Envergonhada, reuniu sua inteligência e se endireitou para encontrá-lo sentado, estudando-a.

Esperando desviar sua atenção, começou a acariciar a bola de cristal a sua frente. Embora realmente não a ajudava em seu trabalho, ajudava a promover a ilusão nas mentes das pessoas de que era uma adivinha cigana.

-Como te chama, mística? –Perguntou Nick.

Seu italiano tinha um leve sotaque conforme tinha notado. Mas o idioma parecia cômodo sobre sua língua e era muito provavelmente seu idioma nativo. Seu inglês era fluido, mas menos seguro. De todos os modos supunha que tinha sido educado na Inglaterra ou por um professor particular inglês. O timbre autoritário de sua voz indicava que era um homem acostumado a ter suas demandas cobertas, o que insinuava que era endinheirado.

-Jane –respondeu.

Sentou-se com uma expressão divertida.

-Jane a mística?

A Senhorita Rossini parecia perplexa.

-Pensava que seu nome era Madame Fibbioni.

-Jane é meu primeiro nome –mentiu Jane, caindo na fraturada mescla cockney- italiano que tinha desenvolvido para tais ocasiões.

-Bem, Madame Jane Fibbioni –disse Nick-, quais são seus honorários cobrados para interpretar as linhas das mãos?

O Senhorita respondeu por ela.

-Só digo a sorte em forma individual –anunciou Jane, recordando disfarçar sua voz com uma gargalhada gutural.

-OH! –Disse a Senhorita Rossini-. Em tal caso, devo me retirar.

Jane desenhou deixou escapar um ofego alarmado. Não podia deixá-los sozinhos! A ideia era horrorosa.

Uma mão masculina sobre o ombro da Senhorita lhe impediu de ficar de pé.

-Espera um momento. O triplo de seus honorários te convenceria de fazer uma exceção? –Perguntou a Jane.

Impôs o dinheiro sobre a mesa em cima do cachecol bordado com contas que tinha colocada sobre ela.

Jane olhou suas moedas indecisa.

-Sua tenda é tão próspera que pode declinar tal oferta? –Enrolou-a.

Não. Com um movimento amplo de sua mão, rastelou o dinheiro no moedeiro em seu colo.

-Sua atrativa dama já teve sua oportunidade de escutar seu futuro-advertiu. -Mas se for o seu desejo, então verei se os espíritos são complacentes.

-Obrigada. Aguardaremos nossas sortes da parte dos espíritos pacientemente, estimada mística –disse.

-Não faço nenhuma reclamação desse tipo – disse com uma sacudida de sua cabeça-. Sou uma simples narradora de sorte.

-Deixa-a que primeiro te diga a tua –apoiou a Senhorita Rossini- É muito excitante.

Nick sorriu.

A bonita Senhorita não lhe parecia do tipo que se sentisse atraída por esse tipo de homem grosseiro como ele. Entretanto, parecia estar realmente atraída por ele. O olhar que tinha posado sobre ela tinha provocado um impacto direto o suficientemente para fazer formigar sua pele. Não era de sentir saudades que a Senhorita tivesse cansado por suas palavras melosas.

À distância se escutava o estranho som da água a pressão pelos tubos do Órgão de Água que vinham do jardim para diversão das visitas. Jane tocou as cordas do moedeiro em seu colo; odiava começar o que devia fazer a seguir.

-Começa pondo sua mão na minha –incitou a Nick.

-Como você mandar.

Sua mão estava colocada sobre o cachecol dentro da visão de Jane, com a palma para cima. Algo na forma desses dedos largos e francos a repelia, já sua voz a atraía. O pulso azul no interior de seu braço vibrou morno e forte, sua força vital vibrava.

Debaixo da mesa, ajustou-se as luvas de encaixe. Nada mais que seus dedos deviam ser ensinados a ele.

Logo colocou sua mão na sua, comovedora. As pontas de seus dedos se frisaram em resposta, provocando as faíscas sobre a tenra parte oculta de seus pulsos através do encaixe.

Desesperadamente seguiu o terreno de sua palma, esperando que chegassem as imagens. Sua linha do destino corria contínuo pelo vale de sua palma – um homem de autocontrole excepcional. Sua linha do coração demonstrava que ele era perspicaz. A arreios de Vênus na base de seu polegar era roliça. Um homem de vitalidade, saúde e resistência.

Suas habilidades como adivinha não eram um truque total. Podia

aprender muito de uma pessoa através do tato. Pelo menos, o suficiente para satisfazer ao cliente corrente.

Mas as habilidades extraordinárias que lhe tinham chegado com o início da puberdade tinham começado a trocar recentemente. Estavam-se acabando devagar em algumas áreas enquanto aumentavam em outras. Sua habilidade de ler aos seres humanos ficava menos confiável quanto mais o tempo passava. Rogou que não lhe falhasse agora.

Um suspiro de alívio deixou seus lábios quando a neblina de sua mente a envolveu, acalmando-a com sua familiaridade. Seus olhos se fecharam, e passou seus dedos sobre ele, seguindo uma dobra ocasionalmente ou dispersando-se sobre um monte. Só a mais nua, diminuta mescla de azeites para a pele era tudo o que usava para uma narração simples de sorte. Era importante evitar unir-se. Se ia mais longe podia chegar a lhe causar dor.

-Já vejo um bosque –começou-. Um bosque antigo. Rodeia um jardim prospero que cobre muitas videiras. Vejo três irmãos, três residências magníficas.

Abriu seus olhos e refletiu sobre ele com curiosidade. Somente Nick notava o quão purificado se tornou seu tom de voz.

-Lorde Satyr possui uma grande propriedade na Toscana, junto com seus dois irmãos menores –proporcionou a Senhorita Rossini.

Sua voz tremeu com emoção ao ver que Jane tinha adivinhado corretamente.

Jane sorriu. Agora tinha seu nome e residência. As pessoas eram tão liberais na hora de brindar informação. Realmente, facilitava muito seus esforços.

Nick a olhou sardonicamente.

-Minhas posses e laços de família não são um segredo. Terá que fazer mais para ganhar seu dinheiro.

Se tivesse sido sábia, teria fabricado uma sorte absurda e abandonado sua mão quanto antes possível. Isso era indubitavelmente o que ele esperava. Mas estava embargada por um desejo irracional de demonstrar-se.

Agachou sua cabeça e continuou.

-Vejo riqueza física. Poder. Paixão. –Lançou lhe um olhar sobre seus olhos. _Ocultação.

Uma tensão sutil invadiu sua pele.

A Senhorita Rossini riu bobamente.

-Paixão! Bondade! E o que podia estar ocultando você, Lorde Satyr?

Sua mão se deslocou até que seu polegar se introduziu com dois dos pequenos dedos de Jane, acariciando a pele macia entre eles. Deliberadamente?

É divertida, pensava ele. Seus dedos eram suaves, sua pele lisa e jovem debaixo de seu disfarce de velha andrajosa. Sua curiosidade estava excitada. Trocou de lugar sobre seu assento. Estava excitado.

Desconhecia que era o que tinha causado que sua necessidade se acendesse quando não podia ser extinta, sorriu, paquerando. Só para consterná-la.

Quando Jane olhou a curva cheia de sua boca, terríveis visões repentinas a percorreram da mesma maneira que estivesse revoltas por uma tormenta. Viu-o em outro tempo e lugar. Estava de pé. Os músculos de seu peito descoberto se flexionavam e se frisaram a suave luz de uma vela. Ou era a luz da lua? Suas feições eram cruéis e desumanas, e seus olhos emitiam brilhos enquanto olhava atentamente – algo. Uma mulher. Estava ante ele, dobrado sobre alguma sorte de mesa. – O que lhe estava fazendo?

Lançou um grito entrecortado quando se deu conta de que estavam copulando. Ruborizando-se, retirou sua mão de repente. A visão se rompeu como se uma porta se fechou de repente em seu rosto.

As chamas do interesse iluminavam seus olhos.

Rapidamente, limpou seus dedos sobre sua saia. Isto era insano. O que estava fazendo ao aproximar-se tanto? O que aconteceria se arrancasse seu disfarce e informava sobre suas atividades a sua tia e pai?

Entrando em pânico, começou a amontoar seus pertences. Seu ouro estava maldito.

-Você me disse é somente uma mistura de especulação escura e aquilo que já sei. E minha sorte? –Exigiu Nick.

Era impossível olhá-lo agora. Que tal se lia a verdade do o que tinha visto? Ele fazendo isso. Estava mal que o tivesse observado em tal momento privado. Amaldiçoava possuir uma habilidade tão desprezível.

-É um prazer informar que todas suas possibilidades são excelentes! Eu vejo somente boa sorte em seu futuro –prognosticou apressadamente-. E haverá uma noiva para ti logo! Uma com olhos muito azuis.

Ali estava - isso deveria agradar a sua companheira.

Sorrindo, dirigiu-se a Senhorita Rossini e fingiu dar-se conta de sua

identidade logo então.

-OH, mas se for a jovem dama você que li uma sorte antes dizendo que conheceria alguém escuro e arrumado.

Assim voltou-se para Nick. Não se atrevendo a encontrar seu olhar, em seu lugar olhou seu queixo. Já uma sombra negra azulada escurecia a linha de sua mandíbula, embora só era tarde contemplá-la. Por alguma razão, esta pequena confirmação de sua virilidade a alarmou de maneira desproporcionada seu significado.

-Você parece encher a descrição, bom Senhor. Deixar-te-ei com ela então.

Recolheu a parafernália de seu comércio de adivinhação do futuro no cachecol da mesa, atando seus borde com folga. Sujeitando o molho improvisado contra seu peito ficou de pé para partir.

Mas o deus musculoso também ficou de pé. Estava sendo educado, ou pensava bloquear sua saída? Já, tinha esquivado um número suficiente de homens e de suas mãos audazes ao longo das ruas de Tívoli.

Com determinação, foi para frente, apoiando uma mão sobre a parede temível de seu peito. Santo céu! Era alto. Uma visão dele patente e dura cintilou em sua mente e ela quase gemeu desesperada.

-Não devo me demorar. O, uh, os espíritos me pedem que siga meu caminho. Era uma meia-noite azul, quase negra. E havia um padrão gravado sobre as vinhas que se retorciam e entrelaçavam em algum tipo de criatura mitológica. Que estranho!

Sentiu-o sorrir sobre sua cabeça. Estava brincando com ela, ou não?

Embora os olhos que fixou nele lançaram faíscas verdes, sua voz era temperada.

-Por favor deixe-me passar, Senhor.

-Lorde Satyr? –Perguntou sua companheira com ar vacilante.

Para ouvir sua voz voltou-se, separando o cortinado na entrada da tenda.

Algo golpeou Nick quando a figura encolhida da cigana passou debaixo de seu braço e saiu, mas não pôde determinar a origem disso.

Olhou enquanto ia, odiava deixar um quebra-cabeças sem resolver.

-Isso foi estranho.

-Bem, é uma adivinha. -Recordou a Senhorita Rossini.

Tinha razão, é obvio. Mas se sentiu agitado pelo pressentimento de que algo não era totalmente como devia ser e retornou sua atenção a sua companheira. Tinha assuntos mais importantes aos que emprestar atenção.

Avaliou se atrasar-se a sós com ela nos limites da tenda. Seu irmão informaria sobre a indiscrição a seus pais, o que provavelmente facilitaria seu consentimento para um casamento rápido.

Em seu lugar, observou sua própria mão separar a cortina e a acompanhou para fora. Desconcertado pelo fato de não ter permanecido dentro o que lhe teria dado uma grande vantagem tentou atraí-la para um diálogo longe de seus conhecidos.

Perguntou-lhe sobre o baile próximo para incitar seu interesse. Como era uma dessas damas jovens que requeriam pouca atenção quando tagarelar sobre assuntos insignificantes, só deixou uma pequena parte de sua mente enfocada no bate-papo social. Outra parte de seu cérebro retornou ao enigma do episódio dentro da tenda.

Um momento depois se deu conta de que perdeu uma grande parte do que a Senhorita Rossini havia dito. Olhou-a e reconheceu sua emoção. Aborrecimento.

Pior ainda, o aroma de fada que havia notado apagou rapidamente. Para falar a verdade quase tinha desaparecido completamente.

Recuou afastando-se dela. Sete infernos! Não era ela depois de tudo!

Se ficasse mais tempo com ela, a sociedade o abordaria sobre sua preferência por ela. Sem incomodar-se em explicar a pôs no meio de seu grupo de amigos que a incluíram em suas filas rapidamente.

A cigana adivinha. Tinha que ser ela.

Mas o Rei Feydon tinha afirmado que se deitou com uma mulher de alta linhagem, não uma cigana. A menina tinha baixado devido aos tempos difíceis?

Seu queixo se elevou e procurou o vento. Ali estava. A pista era muito fraca – o mais fino fio de especiaria das fadas

Seus olhos se semicerraram, sondando o terreno, procurando, e encontrando a entrada no limite norte dos jardins. Ali. O arco de vidro sobre o atalho. O mesmo portal através do que a adivinha tinha fugido recentemente.

Com sua partida, o aroma das fadas também tinha fugido.

Repentinamente se desculpou com a Senhorita Rossini e do grupo de visitas. Fez caso omisso do princípio quase unânime de surpresa ante sua retirada brusca. Com as feições afiadas pela determinação, começou sua busca novamente.

Depois da porta do jardim, se abriam grandes extensões de grama que passavam ocasionalmente, junto a uma fonte ou lacuna. Mais à frente, quando as plantas se convertiam nas calçadas de uma rua principal, seguiu instintivamente para o rio Aniene.

Captou a pista da adivinha outra vez, bastante longe, correndo sobre os amplos tijolos irregulares sob seus pés. Viajava sozinha, menina tola. Era uma área elegante, mas podia encontrar-se facilmente com problemas nos rincões e as esquinas destas serpenteantes ruas.

De vez em quando a perdia de vista, porque estava quase quatro quilômetros e meio a frente dele. Mas seus passos eram mais compridos que os seus e ganhava terreno facilmente.

Ocasionalmente ela dava uma olhada para trás como se pressentisse sua perseguição. Mas ele se prendeu às sombras, escondido.

Depois de algumas quadras, viu-a entrar em uma porta de ferro que conduzia a uma residência privada. De um beco, em frente ao lugar, observou a moradia e achou-a bem cuidada e luxuosa, embora sem ostentações. Pertencia a sua família, ou era uma visita na família de outro? Ou uma criada? Já estava casada? Seus parentes eram severos?

Tantas perguntas e sem que existisse uma forma em que fossem respondidas essa noite.

No ElseWorld os sátiros procuravam a suas companheiras de um modo muito mais direto que o que se acostumava na sociedade humana. Infelizmente isso queria dizer que não podia segui-la para dentro e levá-la com ele está noite.

Felizmente podia exhibir uma paciência infinita quando era preciso. Amanhã visitaria seu advogado e determinaria a natureza de sua família. Suas circunstâncias financeiras e prestígio social, lhe daria uma direção quanto ao melhor curso a seguir.

Brevemente se perguntou sobre o perigo que ela poderia estar correndo, aquele sobre o que o Rei Feydon tinha advertido. A casa em que tinha entrado aparecia inocente, parecia como dúzias de outras ao longo da rua. Entretanto, ninguém melhor que ele para conhecer o tipo de segredo que paredes comuns de

pedra podiam ocultar.

O ruído de rodas de carruagem chamou sua atenção. Um homem corpulento estava sentado sobre uma carruagem aberta com os olhos fechados e uma expressão de deleite e angústia sobre sua cara.

Quando seu veículo se chocou com um buraco, uma aturdida cabeça feminina apareceu por entre suas coxas rechonchudas. Seu cabelo estava despenteado e seus lábios úmidos. Por um momento, seu olhar se encontrou com o do Nick. Olhou rapidamente com ousadia entre suas pernas e deu uma piscada.

Uma prostituta. Uma muito bonita. Expressou com um sorriso sua admiração, e lhe retornou o sorriso. Então, com resignação, sua cabeça se agachou outra vez sobre o colo do Senhor, e a carruagem saiu estralando fora de vista.

Sem nenhuma outra razão para permanecer ali, Nick retornou aos jardins e chamou o seu carro particular. Suas necessidades físicas já não podiam ser negadas.

Por cima da cabeça, nuvens se reuniram e se espessavam, obscurecendo a luz das estrelas. Mas as pesadas câibras em sua região lombar lhe diziam que a lua estava crescendo. Era perigoso para alguém como ele permanecer sem uma mulher durante tanto tempo.

O chamado ocorreria em três dias, na lua cheia, como fazia todo mês. Quando a esfera do céu da noite pendurava torcida e redonda, sua paixão se desencadearia. Era essencial terminar seu trabalho aqui em Tívoli e retornar às terras Satyr antes que o chamado o surpreendesse.

Horas mais tarde, entrou na morada suntuosa de Mona, um de suas cortesãs favoritas em Roma. Deu-lhe a bem-vinda efusivamente, e ele sentiu que o envolvia em seu peito e asfixiava com a falsidade de seu perfume. Pela primeira vez se sentia vagamente enojado por seu descaramento assim como pela diferença com a fragrância delicada cuja trajetória tinha seguido mais cedo essa noite.

Separou-se e viu que se preparou para ele. Estava vestida como ele queria, de uma maneira que declarava que uma vez tinha sido parte da sociedade aceita. Não se tratava de uma casa de má reputação, e tinha uma figura que tivesse podido adornar o salão de baile mais fino se não tivesse estado em dificuldades financeiras e escolhido está profissão como uma escapatória.

Agradava-o sua suave redondeza e elegância. Seu sabor em mulheres

variava, mas em geral as preferia cultas e refinadas – pelo menos no exterior.

Um movimento na entrada do salão atraiu sua atenção e girou para observar a outra de sua classe esperando nas sombras. Tinha-lhe avisado adiantado da sua chegada. Obviamente Mona tinha preparado algum tipo de espetáculo para ele.

A outra mulher levava um traje de bombazina escarlate que parecia determinado a obrigar à pessoa que os via ajustar suas calças para que contiveram seu membro em expansão. Sem arruinar o desenho primorosamente debruado do traje, sua cintura estava reduzida bruscamente e seu sutiã forçava seus seios para cima.

Notando seu interesse, Mona agitou uma mão esmeradamente arrumada para sua companheira, convidando-a a aproximar-se para sua inspeção.

-Espero que não te incomode – cacarejou com voz rouca, conectando seu braço com o seu e o da outra mulher para atrair ao trio mais intimamente juntos-. Minha irmã se unirá a nós

Rindo bobamente, a versão mais jovem de sua meretriz, rebolava atraindo seu olhar para os ondulantes globos que se inchavam precariamente de propósito sobre o decote de seu traje.

-Ângela! –Brigou Mona. -Lorde Satyr vem a nós pedindo refinamento, não o comportamento que alguém poderia esperar de uma puta de beco.

A mulher mais jovem se endireitou, envergonhada de causar pena.

Nick lhe sorriu, mostrando inclusive uma breve visão de dentes brancos. Sua expressão a comoveu convertendo-a rapidamente a pegar em seu braço novamente.

Ambas as mulheres tinham figuras suntuosas, mas de tipos diferentes. Duvidava que estivessem aparentadas. Mas dava a mais alta qualificação a Mona pela criatividade que exibiu. Sempre era muito divertida a fantasia de ter irmãs para atendê-lo.

Nick se entusiasmou ante a ideia de tais prazeres, tão necessários para ele como respirar, tinham chegado a parecer imaginário nos meses anteriores. O benefício de uma esposa e meninos para sua família seria uma distração bem-vinda ante a consciência crescente do vazio de sua vida.

-Veio, Senhor? –Perguntou Mona, pressionando seu peito em seu braço.

A luz de vela piscou sobre a garrafa que levantou do carro de licor. Tinha o emblema sobrecarregado das vinhas Satyr, uma SV.

Assentiu com a cabeça.

Uma mão suave roçou o tecido sobre sua ereção como sem querer. A suposta irmã. Ignorou o prelúdio no momento e levantou a taça que foi servida para ele, prevendo o primeiro gole.

O roce íntimo em suas calças se fez mais descarado enquanto o cintilante líquido se derramava sobre sua língua. A doce fulana começou a liberar os botões com dedos experimentados liberando sua grossa ereção para a carícia de uma boca feminina.

Ah! Não havia nada como o sabor do Satyr... o Vinho.

CAPÍTULO 04

Viu! Repugnava-a!

Jane chutou a garrafa vazia na qual tinha tropeçado justo em frente à porta de sua tia.

Normalmente não era tão desastrada. Mas depois de deixar Vila d' Este, tinha estado amargurada pela estranha impressão de que estava sendo perseguida. Alguns passos mais e ela estariam sobre as escadas que levariam dentro da casa na cidade de Tia Izabel.

Recolheu a garrafa de vinho para examiná-la mais de perto e esfregou seu polegar sobre o rótulo em relevo moldado sobre um lado...

-SV.

Quando vivia em Londres, tinha descoberto muitas dessas garrafas em vários esconderijos. Esta era de seu pai, logicamente, como tinham sido todas as outras. Por mais que sua tia tivesse profetizado que ao mudar de Londres para Tívoli curaria seu vício.

Franziu seu nariz ante o aroma azedo dos restos da garrafa.

O que encontrava tão indispensável nesta cerveja fermentada que tinha desperdiçado sua vida sobre ela depois de que sua mãe tinha morrido? E que irônico! O conteúdo de garrafas como está, tinha sido a causa de sua morte! Porque o chofer que tinha conduzido a sua carruagem, na noite do acidente, estava embriagado.

As nuvens se dividiram por cima de sua cabeça, e a garrafa captava a luz da lua, derramando momentaneamente brilhos de cor âmbar. A cólera ferveu em seu interior. Sob seus dedos, a garrafa se esquentou e ressonou. Formaram-se gretas sobre sua superfície como se fora terra árida muito tempo negada de chuva.

Atirou-a. Formando uma curva no ar, a garrafa estalou em uma explosão silenciosa que salpicou o atalho com joias de ouro.

Satisfeita, voltou-se e subiu as escadas. Sua bolsa era um peso cômodo contra sua coxa, pesado com as moedas e a parafernália de sua ocupação secreta.

O moedeiro escondido em seu guarda-roupas ficava mais gordo a cada

semana. Muito em breve poderia levar sua irmã e deixar este lugar. O dinheiro compraria comida e alojamento para elas em algum lugar no campo. Compraria o anonimato. Segurança.

Ao alcançar a porta da casa sem ser descoberta nem sofrer nenhum obstáculo lançou um suspiro de alívio. Com passo ligeiro levantou o ferrolho e entrou.

Da janela mais alta a tia de Jane dava especial atenção à sua volta.

-Jane retornou de suas saídas noturnos –observou Izabel-. Em um esforço de livrar do apertado laço nupcial, está saindo mais frequentemente.

-Melhor é que se mantenha casta para o Senhor Nesta -balbuciou a figura que permanecia deitada a seu lado -. Acredita que visita outro homem?

Izabel riu.

-Jane? Dificilmente.

Uma furtiva mão masculina deslizou sobre seu ombro e percorreu sua clavícula. Indecisamente, como se estivesse inseguro de suas boas-vindas, deslizou-se sob o decote de sua camisola para capturar um seio.

Izabel fez constar a intrusão em uma esquina distante de sua mente e decidiu admiti-la.

Ante sua falta de resistência, o percurso da palma contra sua carne se fez mais audaz. Dedos familiares encontraram e retorceram o pequeno anel de prata que perfurava seu mamilo, fazendo-a soltar um suspiro.

-Veem para a cama, meu amor –disse o homem em tom persuasivo.

Izabel deixou que a cortina retornasse a seu lugar. Suas pálpebras caíram, e se apoiou contra a calidez atrás dela.

Fazendo-a girar-se, ele elevou seus seios de seu delicado confinamento e colocou o mamilo mais próximo em sua boca. Os puxões de sua vigorosa mamada causaram um puxão de prazer em seu útero.

As dobras de seu traje roçaram as costas de suas pernas enquanto os recolhia em seus punhos. O ar fresco golpeou seu traseiro enquanto as mãos ganhavam o acesso que tinha estado procurando. Ele se aferrou desesperado a seu inchado gêmeo.

Carinhosamente, Izabel olhou à cabeça profundamente obstinada a seu mamilo. Acariciou seu cabelo escuro tão ondulado como o seu.

Era útil, este meio-irmão dela.

E sempre estava tão favoravelmente impaciente por possuí-la. Fora de seu quarto, as regras da decência tinham que ser observadas. Ali só podia tratá-la de maneira fraternal. E muitas noites o mais sábio era lhe negar o uso de seu corpo até em lugares privados. A negação somente servia para abrir seu apetite.

Deveria deixá-lo tê-la esta noite? Não era sábio fazê-lo sentir-se muito seguro de que podia tomar-se tais liberdades a vontade.

Entretanto, tinha razão de estar agradecida com ele. Fazia seis meses, havia trazido suas filhas para viver em sua casa. O valor de sua sobrinha mais jovem era incerto. No momento, Jane era a única despertava seu interesse.

Logo sua sobrinha maior seria obrigada a casar-se. O Senhor Nesta já tinha demonstrado sua habilidade de conceber filhos. Pariria mais sobre o Jane com satisfatória rapidez decisivamente. E através dos meninos de Jane, todos seus sonhos longamente planejados poderiam fazer-se realidade.

-Me deixe foder-te, Izzy. Por favor –pediu seu companheiro.

Um sentido de supremacia feminina enviou uma carga de luxúria que ferveu através das veias de Izabel. Deleitava-se em sua frustração contida.

Atirando seu cabelo, pressionou seus lábios para esfregá-los contra os seus. O sabor do vinho que lhe tinha fornecido se sentia ácido e fresco sobre sua língua. Separando-se, sussurrou-lhe na escuridão.

-Depois poderá foder-me. Mas agora, me permita que...

Deixou que as palavras pendurassem no ar entre eles. Ele captou seu significado, e seus olhos se acenderam com espera.

As suaves mãos de sua dama se deslizaram sobre seu corpo, dando forma a suas costelas e logo a suas coxas até que se ajoelhou em um atoleiro de seda e encaixe ante ele. Seu membro tremeu e palpitou, medindo sua bata justo debaixo da bandagem. Um pequeno círculo de líquido pré-seminal molhou o cetim.

Seus lábios se curvaram. Enquanto o desejo de uma mulher podia ser facilmente oculto, o de um homem era sempre tão óbvio. O poder neste ato era o seu. Seu desejo para ela permitia que ela o controlasse.

Brandamente separou o tecido.

Sua avermelhada cabeça se moveu para frente, como uma fita de seda com um olho que lhe olhava com lascívia. Seu membro não era especialmente

grande, embora a tivesse sentido assim a primeira vez que tinha estado em seu interior. Tinha sido tão jovem então, seu corpo sem provar.

Desde esse dia, deleitou-se em provar muitas coisas com ele. E com outros. Era parte de sua natureza o deleitar-se nos prazeres da carne. A diferença de sua melhor esposa inglesa.

O aroma almiscarado de macho ficou mais forte quando alargou a abertura da bata. Inclinando-se para frente, passou seus lábios roliços e secos por toda sua longitude. Enterrando seu nariz no espesso pelo em sua raiz, inalou a leve acidez, um aroma cômodo e familiar característico dele. Afastou-se para girar sua língua sob a cúpula de sua coroa e logo se moveu rapidamente por sua abertura, desfrutando de seus gemidos, desfrutando do sabor salobro a sêmen e carne suja.

Ele posou as pontas dos dedos em seus ombros e afirmou suas pernas. Como se estivesse muito distante ela observou suas mãos avaliar e acariciar seu testículo e logo sua longitude antes de inclinar-se para ele. Suas glândulas salivais começaram a funcionar, preparando a caverna de sua boca para a tarefa que tinha pela frente.

Ante a primeira carícia molhada, os músculos de suas coxas esticaram e sacudiram. Seus lábios seguravam firme ou se moviam por sua cabeça e logo escorregaram a sua raiz. Ele gemeu enquanto seus punhos, boca e língua trabalhavam ao mesmo tempo, ordenhando-o da maneira que mais gostava.

Embora sua mente vagava em outra parte quando o levou para sua culminação, realmente estava ansiosa por agradá-lo. Ao final, era ela que se beneficiaria de seu desejo.

Por este ato sobre sua carne, ele faria qualquer coisa que pedisse.

Por isso e os outros prazeres secretos que lhe concedia, trairia a suas próprias filhas, daria um olhar cego a seus planos para elas.

Por isso, tinha permitido que ela matasse a sua esposa.

Nunca tinha compreendido por que se casou com aquela seca vaca inglesa em primeiro lugar. O matrimônio tinha feito com que ele abandonasse a ela – sua meia-irmã mais querida – em Tívoli para poder compartilhar casa com sua antiga esposa em Londres.

Quando já não tinha estado facilmente disponível para fode-la, Izabel tinha ficado furiosa. Casou-se com um ancião em sua igreja, ao que tinha feito desabar-se e deixá-la como uma viúva no período de um ano. Entretanto, culpava a seu meio-irmão e seu matrimônio por todas as noites em que tinha estado

forçada a permanecer debaixo dessa velha galinha no cio. Inclusive agora, sua traição lhe deixava com raiva.

Um firme apertão em seu testículo o fez saltar, comprimindo seu membro profundamente. Um beliscão na frágil pele do interior de sua coxa lhe recordou que ela comandava o ato. Ele lançou um uivo ante o ligeiro castigo e apertou seu traseiro, tratando de permanecer obediente.

Suas cartas para ela durante seu casamento tinham estado infestadas de queixa pelas deficiências de sua esposa na cama, de sua decepção que seus esforços com ela tivessem engendrado somente dois filhos, e ambas mulheres. Izabel tinha lido os detalhes de suas incompatibilidades na cama com prazer e vigorosa esperança. Tinha tramado a queda de sua rival cuidadosamente.

Quando ele e sua família a tinham visitado ocasionalmente, assegurou-se de que a antiga Lady Cova notasse a cercania anormal que existia entre ela e seu meio-irmão. Nessa última visita fatal que ele e sua esposa tinham feito a Itália fazia alarde da relação incestuosa até que Lady Cova se viu forçada a reconhecer abertamente seu conhecimento desta relação. E sua aversão para ela. Que ingênuo.

Ao fazer isso, Lady Cova tinha demonstrado ser uma ameaça. Sua inimizade. Se expor seu segredo ao mundo, poucos compreenderiam. Naquele tempo, seu meio-irmão estava mais que cansado da fria cama inglesa de sua esposa. Tinha visto sabiamente qual era a única maneira que tinham de dissolver rapidamente o matrimônio.

A morte de sua esposa.

Organizá-lo tinha provado ser assombrosamente simples. Só três garrafas de vinho barato para o chofer e um corte pouco profundo para o eixo da carruagem que lhe asseguravam que se romperia ao longo de sua viagem. O resto de seu plano tinha sido equitativamente fácil.

Logo após o falecimento de Lady Cova a desolada família tinha vindo para a Itália, e Izabel lhes tinha aberto sua casa. Encorajada de que a sociedade visse com bons olhos sua boa vontade de cuidar de suas sobrinhas e encarregar-se de um compromisso para Jane. As aparências eram tão importantes.

Divertia-a como tinham resultado as coisas no final. O matrimônio de seu meio-irmão com sua insignificante inglesa, embora tivesse doído, agora representava uma vantagem para ela. O casal tinha produzido Jane.

Jane, de origem sobrenatural, estava em uma boa idade para o matrimônio.

Por fim.

Toda a longitude de seu meio-irmão se inchou e cresceu mais dentro de sua boca enquanto o chupava competentemente. Somente quando seu leite finalmente brotou a jorros e aterrissou em sua garganta ficou de pé e o levou a seu leito.

CAPÍTULO 05

Jane se ajoelhou sobre o atalho de tijolo que serpenteava pelo jardim de sua tia e cravou sua pequena pá na terra, afrouxando e girando. Descobriu uma parte doente de maçã e hortelã e a levantou.

-Pobres queridas. Não se preocupem! Arrumá-las-ei. Doce, qual dos húmus prefere?

-Alguma vez respondem com insolência? –Brincou uma voz juvenil atrás dela.

Jane deu um pulo e olhou por cima de seu ombro para ver sua irmã menor, Emma, lhe sorrir feliz.

Ela sorriu e encolheu de ombros, movendo-se com toda tranquilidade para que seu corpo protegesse o lugar onde tinha estado trabalhando.

-Se pudessem, imagino que estariam denunciando o jardineiro anterior de nossa tia. Tratou-as vergonhosamente.

-Mas estão melhorando sob seus cuidados –disse Emma, estirando o pescoço para ver a obra de Jane.

Jane não estava surpreendida ao notar que Emma escondia um livro em suas saias. Fez gestos para ele, esperando desviar a atenção de sua irmã.

-O que tem ali?

Emma pegou o livro de couro e o abriu em uma passagem especial que tinha marcado com uma tira de veludo.

-É Carl Linnaeus 'Philosophia Botânica'. Decidi tentar plantar um relógio floral como o que descreve. Só imagina ser capaz de distinguir a época de acordo, a flor que se encontra florescida.

As sobrelhas do Jane ergueram-se.

-O horologium florum? Muitas das plantas que indica para o relógio são flores silvestres, não? Poderá as localizar todas aqui em Tívoli?

Emma agitou sua cabeça.

-É improvável. Mas comecei uma pesquisa para determinar a abertura e

fechamento das plantas italianas originais. Em lugar dessas que não posso colecionar para combinar as doze que Linnaeus descreve, encontrarei substitutos que reflitam a mesma cronometragem!

-Brilhante! –Entusiasmou-se Jane. Ambas as irmãs estavam extremamente afeiçoadas com a botânica. Enquanto o interesse de Jane se emprestava ao verdadeiro trabalho tateante entre a terra, Emma se tinha inclinado a um esforço mais erudito.

-Leia para mim, enquanto termino aqui – convidou Jane-. Esqueci quais são precisamente as plantas que se utilizam para convocar o relógio.

Emma sentou-se sobre um banco de ferragem e começou a ler em voz alta.

Jane se colocou de tal forma que sua interação com as plantas não pudesse ser observada facilmente. Havia alguns segredos que devia manter a salvo, inclusive de Emma.

Sob seu cuidado a plantação se enriquecia. Os brincos brotavam e se frisavam com amor ao redor de seus dedos. As más ervas se encolhiam. A dedaleira e as flores de laranja saltavam à vida. Os murchos dragões se renovavam e esclareciam, intensificando sua cor como por arte magia.

Só não podia fazer funcionar essa magia em sua irmã.

Porque estava profundamente preocupada com Emma. Pelo que poderia lhe fazer –uma criatura como ela, dotada de uma raridade anormal que devia ser escondida.

Em poucos meses, Emma chegaria a seu décimo terceiro aniversário. Para Jane, a mudança de menina para mulher aos treze tinha representado naturalmente meter-se dentro dos espartilhos cheios de baleias. Mas ao mesmo tempo em que a sociedade ordenava que seu corpo fosse forçado a transformar-se em uma forma de relógio de areia, outra metamorfose tinha começado dentro dela.

Embora Emma não sabia nada das estranhas habilidades de Jane, sua mãe tinha sabido. E esses conhecimentos tinham feito com que tudo mudasse entre elas. Sua mãe tinha deixado de querê-la, deixado de tocá-la, e a tinha olhado com uma nova cautela. Jane tinha aprendido logo a ocultar grande parte do que era.

Ocultação. A palavra a fez recordar do lorde de pálidos olhos azuis que tinha visitado sua tenda em Vila d' Este.

Arqueou suas costas, estirando-se.

-Jane!

Na chamada de sua tia Izabel, as irmãs vigiaram suas aparências mutuamente.

Emma levantou com um salto e agarrou o braço de Jane.

-Vamos nos esconder.

Jane forçou um aberto sorriso a seus lábios.

-Salve-se você. Vá terminar sua leitura em outro lugar. É a mim que ela busca.

-Jane! -A voz aguda chamou outra vez, mais perto desta vez.

Emma fez a mímica de uma cara de terror cômico e logo agarrou seu livro e correu.

Jane compreendia completamente os sentimentos de sua irmã. Com relutância ficou de pé e tirou seu avental.

Sua tia, deu à tarefa de chateá-la quando a viu.

-Sua fascinação com este sujo jardim está além de minha compreensão. Só te olhe. Horrorosa!

Izabel arrumou o cabelo de Jane com as mãos, e ela deixou. Tratando de fingir que tal ajuda brusca era oferecida com familiar generosidade.

-Que cor vergonhosa. Mas suponho que não há nada que possa ser feito a respeito –disse Izabel.

Jane fez caso omisso do insulto. Seu pálido cabelo loiro, queixo obstinado, e pele inglesa branca eram muito similares às de sua mãe. Enquanto Emma tinha herdado o cabelo marrom cinza e os olhos de seu pai, Jane não parecia nada com ele.

Izabel baixou seu lenço na pequena fonte do jardim. Quando retornou se dedicou a esfregar a sujeira da bochecha com covinhas de Jane rodeando-a com as mãos.

Jane tinha evitado o tato com outras pessoas por anos fora de casos de absoluta necessidade. Somente permitia quando era inevitável ou para ganhar o dinheiro que necessitava com sua adivinhação do futuro.

-Que problema há com minha aparência? –Perguntou evitando-a-. Não

tenho nenhum plano de sair.

Golpeando o tecido sujo no bordo de pedra da fonte, Izabel franziu o cenho, gravando linhas ao redor de seus lábios.

-Temos uma visita. Ou, melhor dizendo, você, tem uma visita.

-Quem? -Perguntou Jane cautelosamente.

-Já verá. Virá como uma surpresa bem-vinda, estou segura.

Com inquietação, Jane seguiu a sua tia até a saleta. Ali estava seu pai esperando, junto com um Senhor que estava muito íntimo para seu gosto.

Ambos os homens ficaram de pé quando as damas passaram pelas altas portas brancas e ouro.

-Bom dia, Senhorita Cova –disse o visitante saudando-a.

Embora sua boca sorriu sob seu bigode escuro, seus pequenos olhos não o fizeram. Seu colete era bem entalhado e de bom gosto, suas calças com raia. Seu cabelo escuro alisado e penteado. Era tão suscetível e apresentável como repugnante.

-Bom dia, Senhor Nesta –respondeu Jane.

Sua mão foi rodeada brevemente pela sua fria e seca. Havia algo nela. Sentia-o. Mas o que? Seu contato tinha sido muito breve para que ela se fundisse, mas ainda assim muito comprido para que ela o pudesse suportar.

Sua tia permaneceu a certa distância, lhe deixando a cadeira mais próxima a seu visitante. Jane permaneceu aparentemente calma enquanto ele a revisava com sua cabeça ligeiramente inclinada como se tentasse determinar seu valor.

Ela sacudiu sua saia com aborrecimento.

Disse algo em italiano a sua tia e pai, e os três sorriram. Sua compreensão de italiano era boa, mas tinha falado coloquialmente e muito rapidamente para que ela captasse seu significado.

-Como estiveste desde a última vez que nos vimos? -Perguntou em um inglês em excesso acentuado.

-Bem. E você? -Respondeu.

-Muito bem, obrigada.

Fez-se um silêncio incômodo.

Sua tia tratou de enchê-lo.

-Os jardins são tão pitorescos nesta época do ano, não, Senhor? Jane tem tal habilidade com as plantas. Está fazendo de nossos jardins os mais exuberantes da vizinhança.

Os olhos de Jane se arregalaram. Repentinamente suas destrezas de jardinagem eram valiosas?

Senhor Nesta inclinou a cabeça para o Jane.

-Talvez possa me fazer alguma sugestão para os jardins de meu chalé? Deve-me visitar.

Jane abriu sua boca para declinar a oferta, mas sua tia pisoteou suas palavras.

-OH! é obvio, esforçarem-nos por visitá-lo muito em breve. –Olhou para Jane com o cenho franzido-. Sobrinha, a taça do Senhor Nesta precisa ser cheia.

Jane tomou o bule e encheu sua taxa mecanicamente.

Quando se inclinou para frente os olhos do Senhor Nesta passaram de seu rosto ao seu peito. Ela lutou contra o impulso de cobrir-se. O libertino!

Ele sorri afeadamente.

-Saúde! –Disse, oferecendo um brinde zombador enquanto tomava a taça.

Embora a conversação continuou circulando ao redor dela, Jane não participou, a não ser, para responder alguma pergunta direta para ela.

Lhe ocorreu que a atenção e olhares ávidos do Senhor Nesta representavam uma coisa. Que queria casar-se com ela para tocá-la com conhecimento carnal.

Embora estava desinformada em relação aos detalhes concretos do que ocorria em privado entre marido e mulher, sabia que os maridos esperavam pôr suas mãos e lábios sobre suas esposas. Para associar seus corpos, produzindo de algum modo meninos.

Não queria as mãos ou os lábios do Senhor sobre ela. Para falar a verdade, agora que tinha averiguado a natureza de seu interesse, sentia-se fisicamente ameaçada em sua presença. Recordava a um tipo especial de planta, uma hera agradável à vista, mas que ao mesmo tempo sufocava toda a vida que existia a seu redor.

Senhor Nesta decisivamente sabia mais da cama de matrimônio que ela. Sua esposa tinha morrido parindo a um terceiro filho em só três anos. Ainda era jovem, e ao parecer tinha programado que fosse sua próxima égua de cria.

Se devia casar-se algum dia, preferiria um marido que não lhe emprestasse suficiente atenção, ou talvez bem pouca. Os olhos penetrantes do Senhor Nesta olhavam cada pedaço dela. Só por essa razão não podia aceitá-lo.

A última coisa que precisava era um marido observador e intrometido. Tal homem perceberia rapidamente que nem tudo estava bem com ela. Dar-se-ia conta de que o que podia fazer...sentiria...saberia...coisas que outros não deviam saber. Tal homem a denunciaria quando se inteirasse de seus segredos e descobrisse o que era o que podia fazer.

Porque fosse o que fosse – ela não podia mais que acreditar que não era realmente humana.

CAPÍTULO 06

Tarde da manhã seguinte, Izabel limpou seus afetados lábios com um guardanapo impecável e logo quebrou o silêncio que se estendia pela sala de jantar.

-É um incrível golpe de sorte.

Vestida de elegante raso pêssego, sentava-se à esquerda de Jane ao final da mesa de jantar coberta com uma toalha de damasco. O pai de Jane, que enchia a delicada cadeira no extremo de em frente, olhou-a ante suas palavras.

-Devemos aceitar rapidamente antes que a proposta seja retirada – seguiu Izabel.

-Umm-hmm –murmurou Jane.

Sua atenção estava sobre o livro que permanecia aberto em seu colo, médio escondido debaixo do bordo da mesa.

Era A Odisseia de Homero, que tinha desfrutado de muitas vezes antes. Mas hoje estudava uma passagem especial com renovado interesse.

Homero mencionava um remédio chamado alliums moly. Hermes o tinha dado ao Odysseus como um amparo contra a magia da bruxa cerque. Atreveria a esperar que pudesse provar ser a cura para sua raridade?

A ideia tinha vindo a ela ontem quando Emma tinha lido o Linnaeus. Tanto ele como o botânico Dioscorides também tinham falado das propriedades curativas do moly.

Haviam-no descrito como o moly da sabedoria, que produzia uma flor amarela simples. Alguns a chamavam porro de lírio, enquanto que para outros era conhecida como o alho do feiticeiro.

Desejava falar do assunto com sua irmã, sem revelar, entretanto, as razões para seu interesse. Mas, a cadeira em frente dela estava vazia, já que Emma estava acima recebendo lições com seu professor particular de italiano.

-Bem? Não está de acordo? -O tom do Izabel se elevou estridente.

Jane arrancou sua atenção do livro. Alarmada, deu-se conta de que tanto sua tia como seu pai a estavam olhando fixamente com espera. O que estava

acontecendo?

-Um, não estou segura... –arriscou. Alcançou um croissant, enchendo sua boca para evitar terminar.

-O que sei dele é suficientemente satisfatório – informou a tia de Jane-. Deve aceitá-lo como seu marido.

Homero golpeou o piso com um ruído surdo.

-Que diabos?

Seu pai agachou sua cabeça sob a toalha para ver o que tinha causado o ruído, deixando Jane olhando sua tia.

-Meu MA...-O que? –Perguntou Jane fracamente.

-Seu marido, menina! Sobre o que pensa você que estive falando durante os últimos dez minutos? -Izabel recolheu uma colher, admirando seu reflexo em sua medalha de prata brilhante antes de baixá-la na sopa.

-Senhor, nesta se ofereceu? –Chiou Jane, lutando contra o pânico.

-Não, não nesta! –Arreganhou Izabel.

A concha de sopa tilintou na mesa, como se acrescentasse um signo de exclamação a seu chateio.

-Outra pessoa deseja ser meu marido?

-Não simplesmente alguém –continuou sua tia.

Seus olhos cintilaram quando se inclinou para frente para divulgar sua apreciada semente de informação.

-Lorde Nicholas Satyr!

A cabeça do Jane se elevou de repente. O homem da tenda? Queria casar-se com ela? Sua mente tratou de girar ao redor da notícia e não pôde.

-Impossível.

Os lábios do Izabel se apertaram.

-Um cavalheiro de sua riqueza e posição pediu sua mão no matrimônio e você diz "Impossível"?

Desconcertada, Jane agitou sua cabeça.

-Deve ser alguma brincadeira. Nem sequer me conhece.

-Afirma que existe um conhecimento prévio –disse sua tia.

Jane ficou chocada por essa informação. Não se tinha deixado enganar por seu disfarce na Vila d' Este a semana passada? Mais ainda, por que agora insistia em sua demanda depois de vinte minutos de conversação com ela em uma feira?

-Veio aqui? -Perguntou.

-E visitou seu pai esta mesma manhã.

Sua cabeça girou para seu pai.

-Pelo menos tem título -resmungou ante seu prato.

-Sim, o nome do Satyr foi gravado no Livro d' Oro della Nobilita Italiana faz muito tempo –adicionou Izabel-. Não encontrará um melhor marido.

Que a família do homem estivesse posta em uma lista nos registros da nobreza italiana mantida nos escritórios de Consulta Araldica fazia que sua proposta para ela fora ainda mais absurda.

Jane se serviu de sopa, e lutou para conseguir um tom sensato.

-Mas não estou segura de querer me casar ainda.

-Desejas ser uma carga sobre nossa família até sua velhice? –Perguntou sua tia.

Não, queria gritar Jane. O que queria era ser aceito por sua família por ser quem era, o que era. Porque a amavam. Mas já não esperava tais coisas. A experiência lhe tinha ensinado a não esperar mais isso. Inclusive sua própria e amada mãe a tinha achado muito anormal para querer. Seu pai tinha feito caso omisso dela porque não era um filho. Agora somente pedia a liberdade para a Emma e para si.

-Não intuí nenhuma atração entre nós –murmurou Jane.

As sobrancelhas de sua tia elevaram de repente.

-Pensava que não o conhecia.

Uma visão do homem da tenda – nu, cativante em plena atividade carnal com uma mulher desconhecida – se deslizou em sua mente e foi afastada em um instante.

-Somente os episódios mais nus. É um libertino, não? –Arriscou Jane.

Izabel encolheu de ombros.

-E o que tem com isso? Como sua esposa estará perfeitamente situada para influenciá-lo e controlar maneiras.

-Não me pareceu um homem facilmente influenciável.

-Outra vez demonstra a mentira de sua afirmação de desconhecê-lo – disse sua tia.

Seu pai franziu o cenho, parecendo despertar repentinamente de um transe.

-Há alguma razão para que Satyr insista neste matrimônio se celebre logo?

-Logo? –Repetiu Jane.

-Pede que as casamento se celebre dentro de uns dias –a informou sua tia.

-Estiveste-te encontrando com ele às escondidas? –Ladrou seu pai. Seus olhos caíram à cintura magra de Jane, e sua mão sacudiu sua faca de mesa até atravessar uma peça de veado.

Jane ficou de pé e lançou seu guardanapo à mesa.

-Não! Não posso simplesmente aceitá-lo, e logicamente não tão cedo.

Sua tia ficou de pé mais devagar.

-Você logicamente o aceitará, ou será pior para ti.

-Agora, Izzy –interveio seu pai, tentando acalmar as águas com atraso. Moveu suas mãos, como um passarinho, em um movimento ascendente e descendente que indicava que deviam sentar-se. Izabel se afundou a sua cadeira, e Jane fez o mesmo.

-Qual é sua objeção para o Satyr? -Perguntou a Jane.

-Não sei nada sobre ele! –Respondeu quase gritando-. Quais são seus hábitos, sua conversação, sua razão para querer casar-se comigo? Muitas coisas para enumerar.

A palma de sua tia se fechou de repente sobre a mesa fazendo ressonar a prata.

- E acaso algo disso importa? Como sua esposa, unirá a uma das famílias mais ricas da Itália.

Seu tom modificou.

-Mas não te forçarei. Se você preferir ao Senhor Nesta como marido, então assim seja!

-N... Nesta?

Em um instante Jane viu novos méritos na proposta de Lorde Satyr.

-Você é uma mulher? Conhece seu dever –disse sua tia-. Não deseja uma casa própria? Uma família para ti mesma?

Jane recordou que Lorde Satyr tinha irmãos que viviam nas proximidades. Tinham famílias? O clã Satyr subministraria a Emma e a bem-vinda e a aprovação das que sua situação atual carecia? Era rico, havia dito sua tia. Emma teria roupa fina, educação.

Seu coração se apertou. Faria algo para proteger a sua irmã do dano. Algo. Inclusive isto.

-Muito bem – disse Jane baixinho -. Se devo me casar, fá-lo-ei com Lorde Satyr. Se for sério. Mas...

-Não há nada mais que falar sobre o assunto –disse Izabel.

Jane se antecipou.

-Mas aceitarei me casar com ele somente se você e pai permitem que Emma deva viver comigo em sua casa.

Sem consultar o pai de Jane, Izabel deu uma brusca inclinação de cabeça. Era dolorosamente óbvio quem tomava as decisões agora com respeito aos futuros das garotas.

-Informaremos a Lorde Satyr de seu consentimento.

CAPÍTULO 07

Alguns dias depois, Jane se sentava encurvada sobre o delicado escritório francês de sua tia, tentando ler o documento diante dela. Poderosas emoções se enfocavam para ela desde cada lado.

Do sofá estofado via a preocupação resolvida de Izabel e a suspeita beligerante de seu pai. Da porta em frente do escritório, a especulação do advogado. E do homem sentado com as costas para a janela, um murmúrio de algo indefinível.

Jane jogou uma olhada para as sombras do escritório de sua tia onde seu aspirante a marido avaliava, observando tudo com esses terríveis olhos azuis.

Por que não falava?

-Talvez te confundiu com outra pessoa –tinha indicado Emma quando Jane lhe tinha dado as notícias de sua proposta-. Imagina sua vergonha se vier e descobrir que sua noiva não é a certa?

Mas Lorde Satyr não tinha apresentado nenhuma objeção ao vê-la quando tinha chegado naquela manhã.

Seus olhos caíram sobre o feixe de documentos que tinham sido empurrados sob seu nariz por seu advogado. Era impossível compreender as palavras escritas neles enquanto todos na habitação a esquadriavam com tal atenção encantada.

O advogado moveu lentamente os documentos aproximando-os de sua mão com a finalidade, nada sutil de convencê-la a assinar.

-Você me explicará isto? -Perguntou-lhe, dando toquezinhos com a ponta de sua pluma. Sua voz parecia anormalmente forte na habitação silenciosa.

-É seu contrato de matrimônio. Você deve assinar – aqui, respondeu, demonstrando uma área em branco sobre a página final.

Acreditava que ela era uma tola?

-Posso estudá-lo em particular por um momento? –Perguntou.

Sua tia dissimulou uma risada nervosa.

-Não seja absurda, Jane. Isso podia tomar a toda a manhã. E Lorde

Satyr poderia confundir-se e acreditar que isto quer dizer que desconfia dele. Escreva seu nome e terminemos com isto.

Jane percebia um movimento inquieto nas sombras. Um homem ficou de pé da cadeira. O homem da tenda. Aquele que desejava casar-se com ela. Lorde Nicholas Satyr.

-Não se trata de você, milord, assinará –gorjeou graciosamente Izabel. Mas quando recorreu a sua sobrinha, seus olhos eram frestas obscurecidas. –Não é assim Jane?

-Desejo falar com a Senhorita Cova em privado -disse Lorde Satyr. O tom de sua voz de veludo acariciou os terminais nervosos do Jane, fazendo com que a pluma em sua mão tremesse.

-Claro, Senhor - disse Izabel, ficando de pé enquanto puxava o pai de Jane para a porta.

O advogado lhe lançou uma piscada alentadora quando passou junto a ele sapateando para logo voltar-se e fechar as portas duplas atrás deles.

Jane olhou consternada o lugar por onde tinham saído o trio. Sua tia conhecia a falta de decoro que significava deixar uma mulher solteira na companhia de um cavalheiro. O que estava pensando?

Voltou-se para encontrar-se com Lorde Satyr inspecionando-a.

-Nenhuma peruca? –Perguntou curvando ligeiramente seus lábios.

Ela demorou um segundo em compreender seu significado. A peruca feita de espiga de milho de seu traje de adivinha cigana, queria dizer. Assim não se deixou enganar por seu disfarce.

Encolheu os ombros.

-A ocasião não parece precisar disso.

Seu sorriso se alargou.

Era extremamente bonito, certamente muito mais do que recordava, se isso fosse possível. Emma certamente pensaria que seu escuro colete o proclamava como todo um cavalheiro. Agora que estudava a trama de perto, Jane viu que suportasse um desenho de negro - sobre - negro retratando a bestas estranhas com caudas e asas que se entrelaçavam com videiras e rubricas. Sobre outro homem poderia ter parecido extravagante, mas de algum modo o estranho casaco somente servia para acentuar sua masculinidade.

Nick notou e aceitou seu interesse em sua aparência. Sabia que alguns o

consideravam vaidoso. Mas a gente não podia viver quase trinta anos e não ser consciente do efeito que suas feições tinham sobre o sexo feminino. Sabia que seus traços estavam organizados de uma maneira atrativa e usava esse conhecimento em sua vantagem nos negócios e nas relações sociais. Além disso, seus próprios atrativos lhe interessavam muito pouco.

Seu aroma lhe tinha cativado desde que tinha entrado na habitação. Era um aroma a manancial, céu novo, flores esmagadas e terra fresca e sombras. Aproximou-se querendo mais.

A satisfação correu através de seu sangue diante da sua proximidade, enrijecendo sua ereção. Não havia dúvida desta vez. Tudo sobre ela declarava sua herança de ElseWorld. À maneira das fadas, seu rosto e traços eram delicadas e etéreas, seu comportamento e movimentos garbosos.

Acalmando-se, permitiu-se a si mesmo saboreá-la, gozar do prazer de descobrir à mulher a quem converteria em sua esposa. O impulso de reclamá-la – para uni-la a ele aqui e agora – aumentou nele, tornando-o imprudente. A necessidade não deveria ter sido tão poderosa.

Tinha viajado para casa por vários dias, retornando a Tívoli só ontem. O único propósito de sua viagem tinha sido tomar parte no chamado ao mesmo tempo em que seus irmãos. Era possível passar pelo ritual fora de sua propriedade, mas quando sua mente e corpo estavam entregues à Mudança era vulnerável e preferia não estar entre desconhecidos.

Quando falou, Nick não deu nenhuma pista a respeito do que tinha estado pensando.

-Você é relutante em assinar. Por quê?

O olhar de Jane se precipitou à porta e logo depois voltou para ele.

-Você deve saber que sua proposta vem como uma surpresa.

-Uma feliz? –Perguntou.

-À vista de minha tia, pelo menos –respondeu com um sorriso ajustado.

-E a sua? –Perguntou.

-Em minha opinião –confiou Jane-, você é muito inconstante. Em Vila d' Este, você estava muito interessado em outra jovem dama segundo me lembro.

-Ah!

Algo trocou em seus olhos momentaneamente, deixando-a cautelosa.

-Não posso explicar meu comportamento do outro dia, mas, assim que você deixou os jardins, dava-me conta de que existia uma atração positiva entre nós. Desculpo-me pela necessidade de fazer os acertos formais para nosso matrimônio através de seus tutores. É a maneira em que se faz aqui na Itália.

-Também se organiza da mesma maneira na Inglaterra, como estou certa que deve saber. Mas inclusive ali, os homens e as mulheres aprendem algo de si antes de casar-se. –levantou suas mãos em um gesto de confusão-. Como pode querer casar-se com alguém a quem não conhece?

-Por isso observei em seus amantes ingleses, há pouca interação entre eles antes de um compromisso. As mulheres se vestem como flores para atrair aos homens para seu mel. Alguns bailes, umas quantas palavras, e os homens logo se convertem em maridos.

-Não estava vestida para atrair quando nos conhecemos.

-Que sorte para mim então que não me deixasse enganar por seu disfarce!

Era muito enganador. Aborrecida, tratou de ler seus pensamentos.

Nick sentiu sua intromissão nas portas de sua mente. Seu tato era resolvido, mas mais fraco que sua vontade e o bloqueou facilmente. Não duvidava que este não era seu talento mais forte. Brevemente se perguntou o que é o que isso significava.

Ocultação. A ideia chegou até ele em feitas ondas. O olhar de Jane se afastou. Ele não era o único que ocultava algo.

-Percebo que existe alguma outra razão que você não me está informando. Pelo resto, por que a precipitação? –Continuou.

-É difícil para mim me ausentar de meus domínios por períodos prolongados de tempo. Recentemente decidi que era tempo de me casar. Agora, eu gostaria de continuar com isto –disse ele.

-E poderia ser qualquer mulher? Inclusive uma que se disfarça de adivinha para ganhar dinheiro?

-Tenho numerosos requisitos para uma esposa.

-Estou interessada em conhecê-los. –Disse de repente-. Não trago título, nenhuma riqueza, nenhum território. Sou comum.

Não tinha nem ideia de quão equivocada estava.

-Tenho títulos suficientes, riqueza, e terras, assim não preciso buscá-los

em uma esposa. Somente quero uma dama inteligente e com classe na idade de se casar que parirá os meus filhos.

-Sob seus requisitos, você encontraria centenas de damas apropriadas.

Estendeu suas mãos, fingindo pesar.

-Ai! As leis da Itália não permitem que me possa unir a essas centenas. Escolhi-a.

-Mas pelo que sei, poderia não ser virtuosa. -Inclinou-se para frente intencionalmente-. Ou uma candidata para a desordem.

-Você é? –Perguntou.

Voltou-se.

-Certamente não revelaria se fosse.

Sorriu, desfrutando-a.

-Não é nenhum inconveniente. Nosso contrato permite que eu anule nosso matrimônio em alguns casos concretos, incluindo esses que você mencionou. Venha, a diferença de sua tia, não a mantereí no escuro.

Indicou que se sentasse no escritório. Inclinando-se sobre ela, começou a lhe dar uma ideia geral do significado de cada parágrafo do acordo.

-Aqui exijo que você aceite o sobrenome Satyr em lugar de manter o de seu pai, como se acostuma nos matrimônios italianos.

Seu desejo de transpassar seu nome a sua esposa não a surpreendia. Mas era a menor de suas preocupações.

-E aqui diz que o matrimônio pode ser anulado por várias razões.

-Anulado, o que quer dizer? –Interrompeu-. Como se não tivesse existido?

Assentiu com a cabeça, e ela se maravilhou de sua presunção ao sugerir tal ideia.

-Como pode ver –continuou enumerando as cláusulas-, aqui, posso fazer uma petição para a anulação em caso de que você prove não ser virgem.

Ruborizou-se furiosamente ante isto, alegrou-se que sua cabeça inclinada escondesse suas bochechas avermelhadas.

-Igualmente –continuou com total naturalidade-, posso fazê-lo se você me negar os direitos maritais, é infiel, ou não produz um herdeiro dentro de um

prazo razoável.

-O último logo que é justo –apontou.

-Mas necessário. E, em caso de uma anulação, lhe darei uma soma confortável de dinheiro, é obvio.

A esperança se ergueu dentro dela. Com tal acerto, ela e Emma poderiam ser livres. Capazes de viver como mulheres independentes.

-Sou muito claro?

-Ao contrário – disse-. Sua falta de saída motiva minha confiança.

-A confiança suficiente como para que você aceitasse minha proposta? - Murmurou sobre ela.

Jane olhou fixamente as palavras do outro lado da página, enquanto sua mente revisava as escolhas abertas perante ela.

Se, se casassem, teria acesso a suas terras. Sobre esse chão antigo, podiam existir plantas como moly capazes de ajudá-la –ajudar a sua irmã – antes que fosse muito tarde. Definitivamente um ponto a favor de casar-se com ele.

Mas a tocaria. Podia fundir-se com ele? Bateria nela, quando se dessa conta do que era. Um ponto contra.

Entretanto, tinha negócios que indubitavelmente o obrigavam a afastar-se de casa. Possivelmente passaria tão pouco tempo em sua companhia que nunca notaria que sua esposa era um monstro anormal. Um novo ponto a favor.

E não era Senhor Nesta. Um sinal mais determinado.

-Você deseja ter filhos? –Apontou Nick, entrando pela força em seus pensamentos-. Mais especificamente, está preparada para levar os meus?

Ficou de pé e se afastou da mesa, e dele. Se pudesse estar segura que não compartilhariam sua cama, daria à luz a seus meninos com felicidade. Enchê-los-ia com todo o carinho que sua família lhe tinha negado.

Avançou ausente e logo voltou-se agarrando os cotovelos com as mãos.

-Primeiro não pode dizer a probabilidade ou o momento em que dará herdeiros com nenhuma grande certeza.

Os segredos passaram como um raio ante seus olhos.

-Por isso, minha inclusão da cláusula. Não se equivoque –a produção de herdeiros é de importância primitiva em minha associação com você. Se você

prova ser incapaz ou relutante a subministrá-los, devo ter a liberdade de constituir uma aliança com outra.

Aproximando-se inclinou seu queixo acima e esperou até que seus olhos cobriam os seus.

Surpreendentemente, nenhuma visão lhe veio com seu tato.

-Você compreende o que implica isso? - Perguntou.

Olhou bruscamente. Fez referência ao parto ou A....?

-Você compreende o que é o que vai ocorrer em nossa cama matrimonial? –Esclareceu.

Moveu-se, permitiu que ela encolhesse de ombros.

-Suas perguntas são prematuras. Antes que cheguemos a um acordo, tenho condições próprias.

Ele cruzou os braços, meio sentado contra o escritório.

-Siga.

-Minha irmã, Emma. Ouviu falar dela?

Assentiu com a cabeça.

-Desde a morte de nossa mãe, assegurei o cuidado de Emma. Se fosse me casar, desejaria tê-la comigo, criá-la como minha própria filha. E queria manter uma promessa que foi feita a ela de que poderia assistir à escola desde que queira. É muito inteligente.

-É obvio –estive de acordo facilmente.

-Pode resultar bastante caro –lhe advertiu.

Levantou seus dedos em um gesto descuidado que era inegavelmente italiano.

-Seu custo não é importante.

Jane soltou o fôlego que não sabia que tinha estado contendo. Que fácil que tinha sido! Possivelmente dirigi-lo não seria tão difícil depois de tudo.

-Essa era sua única condição?

-Tenho outra –lhe disse-. Acostumei-me à liberdade na hora de escolher meus próprios passatempos. Eu gostaria de continuar com eles livremente.

-A adivinhação do futuro?

-Não –disse, negando-se a ruborizar-se-. Isso era estritamente por dinheiro.

Inclinou sua cabeça, considerando-a.

-Então posso perguntar pela natureza geral deste outro passatempo?

Percebeu que estava retorcendo suas mãos e se forçou-as a relaxar colocando uma em cima de outra sobre sua cintura.

-"Estudos" para ser mais exata. Estudos botânicos.

Sufocou o impulso de continuar com explicações adicionais e declarações.

Estudou-a um momento mais e logo respondeu facilmente e sem reservas.

-Enquanto não a ponham em perigo ou envergonhem a minha família de algum jeito, você pode manter seus passatempos.

Suspirou.

-Isso é o que encontro tão difícil sobre esta empresa do matrimônio. Por que tem o marido o poder de dar a permissão ou negá-lo a uma esposa simplesmente porque é macho? Na verdade, preferiria permanecer em estado de celibato.

-Porque a obrigação de um marido é proteger a sua esposa e família. E considere que se você nunca se casar, Senhor Cova continuará controlando seu futuro.

Tinha razão, sabia. Até que conseguisse sua própria fortuna, nunca estaria livre da dominação do homem.

Um sentimento de opressão apertou seu peito. Por que estava continuando está farsa? Deveria dizer que não e terminar com isto. Dar à luz a seus meninos era algo muito arriscado. E se ele chegava a conhecer a profundidade de sua raridade logicamente não iria querer seus filhos.

Em um instante surgiu em sua mente uma ideia proveniente do desespero. Havia uma maneira, disse-se a si mesma. Havia ervas que, haviam-lhe dito, serviam para acautelar a fecundação. Tais ervas permitiriam que se casasse com ele e a mentira asseguraria que não conceberia ainda.

Estaria atuando com falsidade. E ele finalmente anularia o matrimônio

quando nenhum herdeiro fora produzido. Mas, até então, ela e Emma teria uma casa. Depois, teriam o dinheiro prometido.

Estudou-o através de suas pestanas entrecerradas. Atreveria a enganá-lo dessa maneira?

Tomando seu escrutínio geral de sua pessoa como um convite, Nick se aproximou dela. Agarrando seus braços, apertou-a contra ele.

Ela admitiu o abraço e obteve o valor de posar sua Palmas em seu peito. Músculos tensos e osso subjaziam sob seu colete, e debaixo de todo isso, um firme batimento do coração.

Sem advertência, o casaco sob seus dedos se desvaneceu voltando-se transparente para mostrar planos esculpidos de carne de macho que se agruparam e flexionaram enquanto trocava de lugar com paixão manifesta. Flexionou suas mãos e se impôs à visão.

Seu olhar se elevou.

Escuras pestanas arqueadas emolduravam os extraordinários olhos azuis que a estudavam a sua vez. Um arrebatamento de boa saúde se elevou ao longo de suas maçãs do rosto. A linha arrogante de seu nariz aristocrático e frente reta declarava sua boa educação. Transmitia confiança através de seus mesmos poros.

Sua vontade se estendia para ela, fazendo cócegas em sua mente, empurrando-a a obter sua aceitação.

Outra vez se perguntava por que um homem tão formoso e rico estava determinado a tê-la.

Ele moveu suas mãos ao longo de seus braços para as por sobre seus ombros, movendo vagarosamente os polegares sobre o oco em cima de suas clavículas. Seus dedos se deslizaram para embalar seu crânio e enredar-se nos cachos de seu cabelo com o passar do sulco pouco profundo de sua nuca.

Ela tremeu. Mas esse tremor não era atribuível ao mesmo medo que Senhor Nesta tinha suscitado. O tato deste homem era inquietante, mas nada desagradável.

Durante tantos anos tinha evitado o tato humano que não estava acostumada a senti-lo. Inclusive sujeitar as mãos de Emma era algo que estranha vez se concedia. O risco de fundir-se era muito grande. Entretanto ainda não se fundiu com ele agora. A habilidade estava dissipando, ou estava conseguindo adquirir a suficiente destreza para detê-lo quando quisesse?

Sua cabeça se inclinou para ela, e sua voz rugiu em sua orelha.

-Vamos, qual é sua resposta, Jane?

Sua mente correu. Se trabalhava nisso e mantinha distantes suas emoções, possivelmente podia evitar fundir-se com ele.

-Não estou nada segura de que este curso que você pôs é sábio. Mas se você estiver resolvido sobre ele, então, sim –se escutou dizer-. Digo que sim.

Antes que pudesse reconsiderar, ele tomou seu braço e a levou de retorno ao escritório. Quando empurrou a pilha de papéis para exibir o último, assinou energicamente ao contrato com seu nome.

Espelhos azuis sorriram em piscinas de limpo verdor.

-Você me fez uma honra, Senhorita.

CAPÍTULO 08

Izabel não perdeu tempo em informar a seus amigos mais apreciados do elevado compromisso de sua sobrinha. Fortuitamente, a reunião mensal de sua sociedade tinha sido programada para celebrar-se essa tarde.

Como sempre, as cinco mulheres se reuniram na casa da família Cova, onde Izabel e seu meio-irmão tinham crescido. Desocupada e sem criados presentes, a casa e os jardins tinham assumido um ar descuidado, mas ainda não estavam verdadeiramente em mal estado.

Depois de que seus pais morreram, tinha preservado os alojamentos abandonados especialmente para o propósito de oferecê-los a seus amigos nestes eventos. Estava muito longe da perfeição das sete colinas de Roma onde seus ancestrais predecessores se reuniram uma vez. Fazia séculos, essas colinas tinham ressonado com os gritos frenéticos das ménades originais, as Irmãs do Bacanal. Elas e seus seguidores tinham desfrutado da liberdade de venerar ao deus das uvas e praticar seus ritos desinibidos pelos legisladores da época.

Como tinha mudado as coisas! Era agora prudente que elas – as últimas descendentes das Irmãs do Bacanal – levavam a cabo seus rituais em segredo. Este jardim isolado e sua gruta subministravam suficiente refúgio e privacidade da prolífica vida fora das portas. Alguém deve aprender a sair do passo.

Os outros quatro membros de sua sociedade olharam com surpresa Izabel logo que está lhes repartisse as notícias das iminentes núpcias de Jane.

-Mas e meu filho? –Exigiu a Senhora Nesta com um gesto franzido que pregava sua frente-. Você sabe que queria a sua Jane para ele.

A Senhora Bich apertou a mão da outra mulher em signo de consolo.

-Tem razão, Izabel. Você tinha chegado a um trato.

Izabel sorveu seu vinho, um luxo que ela mesma abertamente se permitia desfrutar em excesso somente neste cenário, entre estas amigas especiais.

-Satyr não reterá a minha sobrinha para sempre –explicou-. Se tudo for conforme o planejado, seu filho a terá com o tempo. Embora para naquele tempo, estará ligeiramente usada.

A Senhora Natoli riu disto, e todos olhos caíram sobre o

estremecimento de seu peito gigantesco. As esferas estavam no momento escondidas da vista. Mas essa situação mudaria sem dúvida dentro da próxima hora. Izabel passou sua língua por seu lábio inferior, captando uma gotinha do forte vinho.

-O que pode estar planejando você, Izzy? Nos diga –a animou a Senhora Ricco.

-Através do matrimônio de Jane, intuito obter acesso aos lugares mais recônditos do complexo Satyr –informou Izabel.

Um silêncio pasmado prevaleceu por um momento.

-Para os propósitos de nossa sociedade? -Arriscou a Senhora Natoli-. Para que possamos nos encontrar ali?

-Naturalmente –disse Izabel.

-Nem sequer relacionado com sua sobrinha Lorde Satyr se deixará influenciar para nos permitir o acesso a sua propriedade –escarneceu a Senhora Nesta-. Não dará as costas a centúrias de práticas exclusivas.

-Tem razão, Izzy. É do conhecimento público que somente os trabalhadores da vinha, criados, e aqueles com um negócio específico são os únicos a quem se permite entrar nas terras Satyr. –Remarcou a Senhora Bich.

-Se as influências falharem, há outros meios –apontou Izabel.

A Senhora Natoli riu bobamente. Como de costume o vinho a afetava mais rapidamente e já estava bem em caminho para a vertigem.

-OH, querida. Temo que o marido de Jane poderia encontrar-se com um final infeliz.

-Perigoso –disse a Senhora Nesta com um olhar especulativo.

-Entretanto, pode ser feito –disse Izabel-. E assim que pareça, o controle de sua propriedade corresponderá a Jane.

-E seus dois irmãos? -Perguntou a Senhora Bich.

Izabel agitou sua taça em um gesto descuidado.

-Se se misturarem, podem ser despachados.

-E se sua sobrinha der à luz aos herdeiros de seu marido antes que seja eliminado? –Persistiu a Senhora Bich-. Julgando por como se vê e os relatos que circulam, Satyr é bastante capaz de transar com ela, com regularidade.

-E o que! Esse é parte do pacote de meu mesmo plano –disse Izabel-. Somente imaginar os filhos que poderiam produzir se a raridade no sangue do Jane se mescla com isso que suspeitamos possuem os Satyr. Com ele fora, adestraremos as crianças ao nosso modo. E com o tempo, quando seus filhos estejam em idade produzir sementes da vida, uni-los-emos com minha sobrinha mais jovem.

-E conosco, os garanto! –Acrescentou a Senhora Natoli.

Suas bochechas e as proeminências superiores de seus peitos estavam começando a ruborizar-se com o vinho.

-Saúde! –Brindou a Senhora Ricco -. Porque o sangue de Ménade se mescle com a do sátiro. Engendremos uma dinastia!

-Mas por que simplesmente não começamos a aparelhar-nos com os três Senhores imediatamente? –Perguntou a Senhora Bich. Revolveu um dedo em seu vinho e logo o lambeu -. Não me incomodaria absolutamente dar à luz a um filho Satyr, se posso desfrutar do engendrará-lo primeiro.

-O sátiro é muito cuidadoso –disse a Senhora Nesta-. Embora se há dito que viram suas sementes por toda parte, nenhum filho resultou disso. Homens tão bem construídos como esses certamente não podem ser estéreis.

As outras assentiram com a cabeça.

-Mas se houver um menino, sua sobrinha o entregará a nosso cuidado? –Perguntou a Senhora Bich.

Izabel a olhou furiosa. A Senhora Bich podia ser tão suscetível para os detalhes molestos que era muito fácil comercializar com ela.

-Quando o momento seja propício, admitirmo-las em nossa sociedade com um jogo dos anéis antigos. Levarem-na a ver nossa forma de pensar sobre o assunto. Se nesta ainda a quiser depois de que ela seja anelada, poderá tê-la.

-Mas se for realmente desumana, os poderes dos anéis poderiam não afetá-la –sugeriu a Senhora Bich.

Izabel deu voltas a seus olhos com exasperação.

-Nesse caso, prepararmo-nos para fazê-la julgar como uma progenitora incapaz sobre a base de suas anormalidades várias. Mas estes são os assuntos insignificantes, e temos muito tempo para considerá-los mais diante. Vamos ao nosso seguinte trabalho.

A Senhora Natoli aferrou suas mãos com deleite.

-Ah, sim! Nossas boas obras.

Cinco cabeças se voltaram para a gruta próxima.

Através das sombras salpicadas, um par de olhos escuros se encontrou com os seus, o terror neles crescia cada vez mais.

Izabel ficou de pé e se aproximou para admirar a seu cativo. As outras se atrasaram em sua esteira.

-Vejo que conseguimos o ornamento necessário para nossos festejos.

O jovem estava tendido em uma leve inclinação, bem pacote a uma laje de pedra. Além do lenço cheio sua boca, estava nu.

A Senhora Bich assentiu com a cabeça.

-Resgatamo-lo de uma vida difícil na costa.

-Estava faminto –acrescentou a Senhora Nesta.

Os olhos do Izabel se fecharam sobre o membro encolhido do rapaz. Estava flácido pelo medo mas tinha potencial.

-Um resgate fino.

As outras damas corrigiram a direção de seu olhar e riram dissimuladamente.

Izabel acariciou a mandíbula com uma barba incipiente do cativo, sua expressão era amável. Os olhos dele se sobressaltaram, e um estremecimento o atravessou.

-Tomará vinho? –Perguntou. Era uma pergunta retórica. A brincadeira sempre lhes provocava sede.

Sua cabeça se moveu. Detrás dela, o salpício de líquido alcançou suas orelhas. A taça cerimoniosa foi passada.

-Retirarei o tecido de sua boca para que possa beber –lhe disse-. Mas você deve prometer ficar calado.

Outra vez assentiu com a cabeça. Retirou a mordança devagar, assegurando-se de que cumprisse com sua palavra.

Quando tocou a taça, bebeu com avidez. Olharam para assegurar que tomasse uma quantidade suficiente.

-Suficiente –disse Izabel, retirando a taça antes que tivesse terminado. As propriedades afrodisíacas do vinho adulterado com drogas afetavam às

pessoas de maneira diferente. Se estivesse muito reduzido, seu rendimento as decepcionaria.

Retirou o cabelo de seus olhos. Eram umas belezas marrons, da cor de uma avelã.

-Qual é seu nome, Senhor? –Perguntou.

Seu lábio inferior tremeu.

-Vamos, não tenha medo –o persuadiu.

-Carlo –grunhiu.

-Tão forte.

Alisou o dorso de seus dedos ao longo de suas costelas e mais baixo sobre seu estômago. Seus músculos se sacudiram.

-E tão formoso.

-Por favor, Senhora, me solte. Por favor. -Sua voz aumentou em sofrimento.

-Logo.

Enroscou-se para livrar-se da mordaca, mas as damas o sujeitaram. Quando foi colocada novamente, deixaram-no outra vez.

Cálices de ouro gravados com símbolos antigos foram tirados e cheios com vinho antigo vertido de uma urna decorativa. Juntas, as Irmãs se cambalearam a suave luz do sol, cantando seus encantamentos antigos.

Laços e ganchos se abriram sob a carícia de dedos femininos. Seda e linho se pegaram e fizeram um ruído áspero para logo deslizar-se. Os suspiros de alívio soaram quando a carne, notavelmente enrugada pelos obrigatórios espartilhos, encontrou a liberdade. Com o relaxamento das restrições físicas veio o relaxamento adicional das barreiras morais.

Izabel inspecionou à a Senhora Natoli e observou quando o tecido se dos peitos monumentais de seu amigo. Os olhos da Senhora Natoli encontraram os seus e logo se apartaram. Era sempre tão encantadoramente tímida quando se mostrava pela primeira vez.

Logo as cinco mulheres estavam de pé nuas nas profundas sombras de tarde, salvo por joias similares levadas em um lugar tão estranho que teriam assustado à boa sociedade se tivesse ouvido falar disso. Anéis idênticos de prata perfuravam seus mamilos, dez cachos de cabelo que brilhavam à pálida luz e

firmente oferecidos sobre a pele cor azeitona.

Quando cada filha tinha chegado à maioria de idade, suas próprias mães as tinham iniciado. Décadas atrás, em uma cerimônia solene, a prata tinha sido conduzida em sua carne, as marcando para sempre a cada uma como uma Ménade. A deliciosa dor da perfuração ainda estava afresco na memória do Izabel. Haviam-lhe dito que rivalizava com a dor de parto.

Uma mão roçou o peito de Izabel. Vários dedos penetraram entre suas pernas desde atrás e se retorceram habilmente dentro de sua vulva. Um polegar golpeou para abrir-se passo entre suas nádegas, afundando-se profundamente. Arqueou-se ante essas intrusões, sabendo que não devia gritar e arriscar-se a ser ouvida por acaso pelos transeuntes mais à frente do jardim.

Os peitos da Senhora Natoli se moveram dentro do alcance fácil de seus lábios. Izabel suprimiu o impulso de gemer tampando sua boca com um escuro mamilo. Chupou carne flexível e fria prata. A cabeça da Senhora Natoli se inclinou, e suspirou.

Outra de suas companheiras, não lhe importava qual, empurrou as pernas de Izabel para as separar. Uma língua serpenteou entre suas coxas, lambendo seus clitoris. Deu a bem-vinda ao tato da boca de uma mulher ali, tão notavelmente diferente da de um homem.

As vozes femininas murmuravam sons reconfortantes enquanto a atendiam. Lábios e dedos a veneraram durante muitos minutos, e sua luxúria se disparou.

Quando a necessidade repentina, afiada, retorceu-se em seu interior, liberou-se de suas custódias antes que pudessem curvá-la. Voltou-se, aproximou-se tropeçando para a gruta.

Encontrou-o nas sombras, pacote e amordaçado como o tinham deixado. Seus olhos tinham começado a mostrar o brilho dos efeitos do vinho poluído. Bem detrás dela, os cuidados das outras se derrubaram na Senhora Nesta. Seu turno com ele viria depois do dela.

Izabel se estendeu sobre ele onde estava tendido sobre a laje. Com seus dedos torpes pelos efeitos do vinho, esfregou seus lábios vaginais sobre seu membro. Era grosso agora, duro ante a visão de sua nudez. Sorriu frente a seus olhos, montando-o, suavizando-o devagar com sua umidade.

Baixo ela, opôs-se torpemente.

Ela cavou sua mão em suas bochechas e o beijou.

-Alguma vez fornicaste? –Perguntou-lhe em sussurros.

Assentiu com a cabeça, ruborizando-se.

-Naturalmente. Mas indubitavelmente há muito que te falta por aprender. Minhas amigas e eu adestramos a muitos nas maneiras de agradar a uma dama no coito. Há poucas destrezas mais valiosas para um homem.

Levantando sua cabeça, dirigiu seus olhos a suas genitálias ondulantes. Quando teve toda sua atenção, deixou de mover seus quadris e se levantou ligeiramente. Com dois dedos, separou seu cabelo púbico e lhe mostrou sua vagina profunda, úmida e entreaberta.

-Gostaria de te introduzir em mim? -Perguntou brandamente.

Sua cabeça se inclinou em rápido assentimento, seus olhos destacavam com narcotizada luxúria.

-Muito bem, então. Começarei sua educação. Mas primeiro deve prometer ser um estudante obediente e silencioso. Pode fazer isso?

Investigou seus olhos, vislumbrou a rendição neles e retirou a mordança de sua boca.

-Sim. Obrigada –lhe disse. Sua voz estava em calma agora e pastosa pelos efeitos do vinho.

Rapidamente liberou as ataduras sobre seu torso e pernas, deixando que seus pulsos e tornozelos se movessem com folga.

Atirou de uma das cadeias para pô-lo de pé. Seu clitóris estava inchado e dolorido, preparado para ele.

Atirando, devorou-o à erva exuberante.

-Vamos –disse-. Tenha sexo comigo.

Voltou-se sobre suas costas, e ela vinculou a cadeia que unia seus pulsos a uma estaca para que seus braços ficassem elevados sobre sua cabeça. Afrouxariam suas cadeias depois e brincariam com ele de outras maneiras.

As armas estavam preparadas se por acaso tentasse fugir. Mas o afrodisíaco geralmente anulava em um cativo qualquer ideia de escapar.

Seu membro se erguia alto e vulnerável contra seu ventre. Ela o agarrou em seu punho, movendo seu polegar sobre a umidade em sua fenda do membro. Ele não podia resisti-lo. Necessitava-a agora, necessitava a liberação que lhe podia prover.

-Se simplesmente as mulheres fossem bentas com tais órgãos, os homens não seriam necessários absolutamente –se escutou murmurar à a Senhora Nesta. As outras riram brandamente a certa distância.

Izabel desfrutou da forma em que ele gemeu quando deslizou o anel sobre a ponta de seu membro e para baixo. Afirmou-o na base, o que asseguraria que permanecesse rígido durante toda a noite.

Desejosa, ficou de cócoras sobre ele, seus joelhos se afundavam na terra úmida a ambos os lados de seus quadris. Seu pênis tremeu ante seu apertão quando o levou a um ângulo mais conveniente.

-Por favor.

O seu era um sussurro desesperado.

-Sei –cantarolou.

A abertura arredondada entre suas coxas se estirou quando se afundou sobre ele. Suas irmãs a tinham preparado bem, e se enterrou nela facilmente. Que bem que a enchia! Moveu seus quadris, forçando-o tão profundamente em seu interior como fosse possível, tomando-o completamente.

Seus olhos se fecharam no êxtase cativante desse primeiro momento sagrado. Delicioso.

Ela se cambaleou ao bordo do orgasmo. Montou-o duro uma dúzia de vezes ou mais, vindo-se rapidamente.

Depois de que o tivesse tomado, ficou observando à a Senhora Nesta abrir suas nádegas com covinhas sobre ele. Os dedos de Izabel encontraram sua umidade e a esparramou sobre seus clitoris enquanto vibrava ante o prazer recordado.

Volteando-se, alcançou o vinho. Perto, duas bocas chupavam os mamilos de uma mulher que permanecia tendida, suspirando em êxtase sobre a grama. O peito da Senhora Natoli sempre era altamente demandado.

Izabel bebeu a goles, observando, e logo se aproximou para ajoelhar-se entre as pernas da Senhora Natoli. Inclinando sua taça, jorrou seu frio espumante sobre o pelo de seu amigo, causando que emitisse um gritinho afogado de surpresa.

Os olhos escuros da Senhora Natoli estavam sobre ela agora, e Izabel atirou sua taça a um lado. Com seus polegares, alargou a fenda de canela da mulher e logo pressionou sua boca para ela, chupando seu vinho doce.

O traseiro pálido de Izabel se elevou a grande altura no ar, implorando. Inclusive agora, uma das outras deixou o seio da Senhora Natoli. Mãos acariciaram sua parte inferior, e polegares separaram suas nádegas. Tomaria com o dedo ou a língua? Qual seria? Gemeu sobre a vagina da Senhora Natoli com antecipação.

Quando chegou o amanhecer, Izabel entrou em sua casa por uma porta lateral, tomando cuidado de não perturbar a ninguém. Moveu-se furtivamente para atravessar o corredor e dirigir-se à porta de seu quarto.

De propósito não se lavou antes de unir-se a seu meio-irmão em seu leito.

Ele rodou sobre ela quando despertou e a beijou. Sua saudação estava turvada pelo sonho e suas primeiras carícias foram letárgicas.

Repentinamente sua cabeça se sacudiu para trás. Seus olhos se abriram, alertas enquanto registrava seu rosto.

-Vem para mim da cama de outro? –Acusou-a.

Sorriu zombadora, e sentiu seu eixo endurecer-se em uma relutante resposta.

-Atreve-te a vir para mim bêbada do vinho de algum outro homem e cheirando a seu sêmen? –Exigiu-lhe. Sua expressão era tormentosa.

Izabel estendeu a mão entre seus corpos para encontrar seu membro e acariciá-lo.

-Não franza o cenho e fanfarrão com falsa indignação quando este diz outra coisa.

Seu firme apertão sobre seu membro lhe provocou uma careta de dor.

-Sim, fui bem fodida por outro esta noite, e você está excitado por seu aroma sobre minha pele. Não te incomode em negá-lo.

-Maldita.

Alargou suas pernas baixo ele e lançou seus braços aos lados em aberto convite.

-Veem dentro de mim, irmão –cantarolou-, e sente a boas-vindas do leite de outro homem.

Com um grunhido severo, empurrou seu membro em sua fenda

entreaberta, avermelhada e abusada pelo sexo recente. Cruzou seus braços e pernas sobre ele como um escaravelho capturando a sua presa.

A cama tremeu e se sacudiu sob seu zangado bombeamento enquanto a castigava pela verdade que subjazia em suas palavras.

O corpo de um jovem foi resgatado do rio Aniene muito depois de que as Irmãs do Bacanal o tivessem esquecido e tomado medidas necessárias para capturar a outras vítimas. Seus pulsos e tornozelos estavam esfolados, notaram os oficiais. E um fino e delicado lenço enchia sua boca, sujeitando seus lábios corados totalmente abertos em um grito mudo.

CAPÍTULO 09

Só depois de duas curtas semanas, Jane se encontrava instalada com sua irmã em uma carruagem laqueada estampado em com o brasão Satyr. Estavam fora da capela, esperando que seu marido, fato que fazia menos de uma hora, se reunisse com eles antes de percorrer a breve distancia para o almoço de celebração que sua tia tinha organizado.

Nick tinha retornado a sua casa em Toscana imediatamente depois de seu compromisso assim não tinha posto os olhos sobre ele outra vez até essa mesma manhã quando tinha chegado no lombo de seu cavalo acompanhado por seus irmãos. Na capela, os três Lordes Satyr se destacaram sobre os paroquianos amigos de sua tia, vendo-se invencíveis. Embora muitos tinham cochichado e cuidadoso com admiração, os três homens tinham parecido alheios ao escrutínio em massa dirigido a eles.

Por outra parte, Raine e Lyon tinham estudando-as com suspeita e curiosidade por partes iguais. Se estavam procurando defeitos, encontrar-nos-iam. Possivelmente não na superfície, mas investigando um pouco mais profundamente, certamente os encontrariam.

Entretanto, assim que acabou o casamento, os irmãos foram muito gentis enquanto lhe ofereciam suas felicitações. A forma em que as tinham brindado lhe havia dito muito sobre eles como indivíduos.

Raine lhe tinha dado um beijo sóbrio sobre seu pulso nu e devotado um solene:

-Bem-vinda à família.

Ante isto Lyon tinha suspirado, empurrando-o a um lado.

-Não deixe que meu irmão te curve com seu entusiasmo –lhe havia dito provocativamente -. Nossos domínios se viram privados da graça de uma mulher a muito tempo. Você é realmente bem-vinda à família.

Seus dourados olhos de gato tinham cintilado quando plantou um beijo fraternal sobre seus lábios. Tão oposto ao Raine, tinha aparecido relutante a soltá-la, e ela se tinha preocupado de que pudesse provocá-la fusão. Quando Nick pigarreou, Lyon recordou o que estava fazendo e lhe lançou um sorriso travesso antes de retirar-se.

Lyon tinha sido encantado com a Emma desde que os tinham apresentado, e Jane tinha visto a decepção de sua irmã quando se deu conta de que Nick ia ser o marido de Jane, em vez de seu irmão mais novo.

Mas com sua benevolência de permitir que Emma viajassem ao banquete na carruagem, Nick também se encontrou, sobre o final, recebendo a adoração de sua irmã. Desgostada com a perda iminente de sua irmã mais velha, Emma se tinha convertido em uma esponja desesperada por absorver qualquer generosidade.

As duas irmãs se acomodaram na carruagem de forma de não olhar para o condutor, deixando o melhor assento ao Nick. O nariz da Emma já estava enterrado em um livro, algo estranho nela.

Jane retorceu a aliança incrustada com esmeraldas e safiras da família Satyr sobre seu dedo e logo alisou seu traje. O dinheiro do Nick o tinha pago, damasco de marfim com alguns volantes com o passar do bordo inferior, um desenho de pérolas de sementes sobre o sutiã, e mangas de gigot. Levava flores de laranja em seu cabelo, um símbolo da castidade e da fertilidade.

Fazendo tremer a cortina de janela, Jane observou a seu novo marido despedir-se de seus irmãos no exterior. Era uma época ocupada em suas terras, havia-lhe dito. Assim que seus irmãos retornariam a casa imediatamente, e Nick os seguiria a cavalo depois do banquete de casamento. Isso a deixaria a ela deslocando-se em sua esteira junto com a carruagem.

Vislumbrou fugazmente o intercâmbio do trio e girou sua orelha para a janela para captar a voz baixa de seu marido.

-Tenho-a, -parecia que havia dito.

Frase estranha. Falava como se fora uma espécie de prêmio que tivesse obtido através de um esforço específico.

-Começarei minha busca –respondeu Raine.

Procurar o que? Perguntou-se Jane.

Seus irmãos partiram, e Nick se dirigiu à carruagem. Ela deixou cair a cortina antes que pudesse apanhá-la espiando.

A mesa grande na sala de jantar da residência de sua tia cintilava com candelabros de prata, talheres, e fontes carregadas com a comida suficiente para as três dúzias de convidados ao casamento. Tudo tinha sido preparado perfeitamente e comprado com recursos Satyr.

Jane olhou para a escada quando passaram por ela, querendo com todas

as suas forças, ir para o seu quarto, recostar em sua cama, e se esconder. Mas é obvio não podia fazer isso. Os seus últimos pertences estavam sendo empacotados para a viagem nesse mesmo momento.

Sentiu olhos sobre ela e girou para encontrar o olhar concentrado do Senhor Nesta. Tinha estado no casamento, assim acreditava que estaria aqui. Depois de tudo, sua mãe era um dos círculos íntimos de Izabel.

Inconscientemente se aproximou rapidamente de Nick.

-Um amigo especial ele? -Perguntou, observando o olhar de Nesta.

Agitou sua cabeça.

-Posso beijar à noiva? – Perguntou Nesta a Nick quando se juntou a eles. Intuindo a natureza ambiciosa do outro homem, Nick pôs uma mão em sua cintura, estabelecendo sua reclamação.

-Tal favor deve se pedir - respondeu.

Jane o olhou com surpresa, desejando de todo coração que ele negasse. Justamente em uma situação em que precisava ter um marido dominante, ele não era. Agora tinha pouca opção

-É obvio –esteve de acordo inexpressivamente.

Nesta molhou seus lábios e logo se moveu para agarrá-la.

-Sem mãos –ordenou Nick imperturbável.

-Q -que? –Perguntou Senhor Nesta com tom de afronta.

-Isso mesmo, nenhuma mão –disse Nick-. Mas agora que pensei melhor, determino que não haverá beijo. Desculpe-nos.

Dirigiu Jane para a mesa.

Uma surda risada lhe escapou diante da expressão assustada de Nesta.

-Diverte-se? –Perguntou Nick. Por seu tom era óbvio que ele não.

-Agradecida –respondeu-. Não desejava seu beijo.

-Então deveria ter dito.

O apertão de Nick relaxou, e se perguntou repentinamente se tinha estado com ciúmes dela, sua mais nova posse. Sua expressão não lhe disse nada quando a acompanhou ao seu lugar e se sentou ao seu lado.

Durante o jantar, Nesta a olhou fixamente de vez em quando, mas tinha

deixado de preocupá-la, agora que Nick tinha colocando-o em seu lugar...

Olhou a seu novo marido de soslaio. Com suas mãos acariciava seu copo acanalado, empunhava sua faca, levantava um guardanapo a seus lábios. Seus dedos se moviam com graça sensual e paciência. Tremeu com uma emoção indefinível ante ao pensamento dele movendo-se sobre ela.

-Aqui, Jane. Toma um pouco de vinho. Acalmar-te-á –disse uma amiga de sua tia que estava sentada a seu lado.

Jane tratou de lembrar o nome da mulher. Senhora Bich. Não mencionou a morte de sua mãe ou a sua opinião sobre o álcool, simplesmente lhe disse:

-Obrigado, mas não tomo bebidas alcoólicas.

A risada trilada da Senhora Bich chamou sua atenção.

-Você te casaste com fabricante de vinhos e te nega a bebê-lo? Mas, que divertido!

-Fabricante de vinho? –Repetiu Jane-. Está equivocada.

-Asseguro-te que não o estou. Lorde Satyr e seus irmãos são os fabricantes de vinhos mais famosos de toda a Itália –disse Senhora Bich.

Jane girou seus olhos para o Nick e se congelou ante a confirmação que leu em sua cara.

-Demônio bastardo!

Uma forte voz masculina ressonou pelo comilão, precipitando-se através de seus pensamentos e rompendo toda conversação. O tilintar de porcelana e cristal se desvaneceu no silêncio.

-Satyr de merda! Você transou com a minha filha!

Ao outro lado do linho branco, Jane e Emma intercambiaram olhadas desiludidas.

-OH, não –disse Emma movendo os lábios-. Papai!

-Verei que é o que está acontecendo –murmurou Jane.

Ela e Izabel ficaram de pé ao mesmo tempo e correram ao vestíbulo.

O Senhor Cova se deteve o ver as duas mulheres que vinham em sua direção, mas era a Jane a quem olhava acusadoramente. Seu punho levantado segurava o seu pesado moedeiro, e o agitava em sua cara fazendo ressonar seu

conteúdo.

-Como obteve isto, menina?

Os dedos do Jane se curvaram, querendo tirar-lhe.

-É meu.

-Sei menina perversa! -Enfureceu-se. A baba saltava e chispava sobre seus lábios como graxa sobre uma prancha.

-Foi encontrada escondida entre seus pertences quando eram empacotadas. Como obteve tal soma? Você esteve se prostituindo? Com o Satyr? É por isso que te deseja tanto?

O que se destacava, sua expressão ameaçadora e seu fôlego a vinho.

-Cale-se, Cova –disse Nick, ficando atrás dela.

Seu pai ficou pálido por causa do que leu nos olhos do Nick. Com um empurrão muito forte, lançou seu moedeiro ao outro lado da habitação. Quando golpeou a parede, estalou, enviando prata e ouro pelos ares. As moedas fizeram um som metálico contra os floreiros e golpearam as cortinas para logo tilintar no chão, rodando finalmente até deter-se, deixando somente o pesado silêncio.

Cova bambeou sobre seus pés, vendo a destruição com satisfação.

Jane olhou o dinheiro, as lágrimas enchiam seus olhos. Tinha sido sua rede de segurança. Se as coisas ficavam difíceis em seu matrimônio, teria comprado uma saída para Emma e para ela.

Fez um movimento convulsivo de estender a mão para alcançar as moedas, mas Nick se antecipou por ela. Pondo uma mão sobre suas costas, guiou-a pela porta mais próxima e pela galeria.

Não era nenhuma surpresa para Nick que Senhor Cova fosse um bêbado. A investigação que seu advogado tinha feito da família de Jane tinha sido minuciosa.

Mas tinha observado a expressão de surpresa e desconcerto de sua esposa esta noite, o que lhe tinha mostrado seus sentimentos com relação ao vinho. Diminuiria a sua opinião sobre ele? Sobre sua família?

Jane se soltou dele e voltou para olhar, às cegas, o que ia além do corrimão. À distância podia escutar o seu pai, que era obrigado a retornar a sua habitação à força, por alguns criados e sua tia.

-Viu com o que se casou? –Murmurou-. Te avisei para ter mais cuidado

com sua escolha.

-Cada família tem suas extravagâncias –disse Nick, inclinando-se contra o marco da porta para estudá-la. - Alguns fazem vinho. Alguns bebem muito livremente.

Sacudiu sua cabeça, derrotada.

-Desculpo-me pelo comportamento de meu pai. É indesculpável.

-É o Senhor Cova quem decide ser tão desmedido como imoderado em seu consumo. Não é nada relacionado com você. Ou comigo.

Olhou-o por sobre seu ombro.

-Mas você faz vinho.

Assentiu com a cabeça.

-E provavelmente o bebe.

Agitando sua cabeça ante sua estupidez, voltou a olhar a paisagem.

-É obvio.

-Os fabricantes de vinhos cuidam de apreciar bebidas alcoólicas devagar. Poucos são alcoólatras

Sacudiu sua cabeça com uma expressão desgostosa. Mas sua voz era suave quando falou.

-Não bebo licores. Não ficarei do mesmo jeito que ele.

Algo se retorceu dentro de Nick. Não podia suportar que sofresse pela equivocada crença de que o bêbado, que estava na habitação a ao lado, era seu verdadeiro pai. Se havia uma predisposição na família de Cova, ao excesso alcoólico, não a afetaria. Não tinha sangue de Cova. Mas agora não era o momento de lhe explicar isso.

-É frequentemente assim? –Perguntou Nick, assinalando com a cabeça para o vestibulo.

Jane encolheu de ombros, e Nick decidiu não afligi-la. Notou com aprovação sua relutância de compartilhar os segredos familiares.

-Você pode afirmar sinceramente que alguma vez brinda em excesso? - Persistiu.

-Não sou nenhum desconhecido em relação aos excessos –confessou-. Entretanto, posso te assegurar que não casou com uma “panela suja”.

Ele segurou os seus ombros com as mãos, e ela levantou seu rosto nivelando os seus olhos com os dele.

-Não pense em faltar com suas promessas, Jane. Deu sua palavra na igreja de sua tia, e assinou o seu nome nos documentos matrimoniais de acordo com o que diz os tribunais. Farei todo o possível para ser um bom marido.

Ela levantou uma mão e esfregou sua têmpora. Tinha sido um dia comprido que punha fim a uma tensa semana e meia, desde seu compromisso.

-Veem, está cansada –disse Nick. Chamarei a carruagem. É hora de partir.

-P-por favor, posso ir com você? –Suplicou uma voz.

Jane olhou além de Nick para encontrar a sua irmã na entrada. Foi para ela, querendo conectar suas mãos, mas sem atrever-se. Em seu lugar pôs uma de suas palmas sobre seu braço, onde o tecido separaria sua pele.

-O que está acontecendo? –Perguntou Jane.

Os olhos de Emma se detiveram em Nick ausentes, pouco seguros dele. Ela moveu sua cabeça, estava aflita.

Uma sensação curiosa de ternura assaltou uma parte do coração de Nick quando as duas voltaram-se para olhá-lo implorantes.

-Falarei com o Senhor Cova –disse.

-Falará comigo –disse Izabel da entrada. O pai de Jane está indisposto.

-Muito bem. Como terá escutado, minha esposa não deseja ser separada de sua irmã. Jane viajará a sós com os criados enquanto vou na frente para ver como anda as coisas na empresa. Emma seria uma boa companhia se vier com ela agora.

Izabel agitou sua cabeça.

-Não é correto que recém-casados levem uma menina.

-Emma é bem-vinda em minha casa –persistiu Nick -. Jane e eu encontraremos tempo para nós.

-Não. Esta é minha palavra final –disse Izabel.

Lágrimas de frustração encheram os olhos de Emma, e saiu correndo para seu quarto.

-Cuidarei dela –disse Jane com a cólera reforçando sua voz.

Izabel a acompanhou até o andar de cima, como se acreditasse que poderia fugir com Emma pela janela. Portanto, o restante do tempo que Jane passou com Emma, foi estimado, mas desonrado com a presença de sua tia e o conhecimento de que se despediriam logo. Quando Emma adormeceu, a deixaram.

No salão, Jane espetou a pergunta que rondava em sua mente.

-Você sabia que ele fabricava vinho?

Sua tia simplesmente sorriu enquanto assentia com a cabeça.

-Mas é obvio. Todos sabem.

-Por que não me disse nada? Conhece meus sentimentos sobre o assunto!

-Baixa a voz, menina –disse sua tia, assinalando o lugar onde Nick esperava. Como sua esposa, será seu dever convencê-lo de sua autoridade.

Jane olhou Nick, permanecia de pé sólido e forte só uma dúzia de passos debaixo delas. Se havia alguém que devesse ser contido, imaginou que certamente entraria em sua direção, em vez do contrário.

-Sua irmã está cômoda? –Perguntou quando o contataram.

-Por agora, mas estará perturbada quando despertar –disse Jane-. Não deveria deixá-la.

Nick franziu o cenho.

-Devo retornar a minha propriedade. É uma época crítica para as videiras.

-Poderia me reunir com você depois –sugeriu.

Antes que pudesse responder, Izabel lhe recordou:

-Seu lugar é com seu marido.

-É obvio. Mas...

-Jane, você observará os costumes –disse Izabel-. Falaremos de Emma em outra ocasião.

Desta vez Nick não contestou a decisão de sua tia.

Com pesar, Jane permitiu que fossem embora.

CAPÍTULO 10

Tal como tinha organizado com antecipação, Nick foi na frente para sua propriedade na Toscana a cavalo. Isso fez com que Jane seguisse-o por três irritantes dias em um luxuoso carro particular.

Um trio de chofer armados a acompanha, viajavam na frente e atrás da carruagem estampada com o brasão da família Satyr. Negociaram sua comidas e alojamento com o passar da viagem e protegeram a porta do quarto que fora atribuído a ela, todas as noites como se defendessem as joias da coroa da Inglaterra.

Os caminhos entre Tívoli e sua residência perto de Florência estavam em bom estado. O barro da temporada de chuvas de inverno secou em grande parte, e o terrível pó do verão não se elevou ainda. Entretanto, o estalo continuado constante da carruagem encobriram muito seus olhos para ler, assim ajustou as persianas para poder ir observando a paisagem do caminho.

Enquanto viajavam para o norte, a paisagem cedia lugar a uma mistura de colinas e planícies, cobertas de edifícios redondos e angulosos em pêssego, osso, e tijolo ocre. As nuvens encarneiradas penduravam no céu azul sobre ocasionais currais, Igreja dos Romanos e celeiros de pedra cilíndricos.

No último dia de sua viagem, fez uma pausa em uma estalagem em Florência e logo viajou por mais uma hora. O sol já se punha quando ela avistou a casa de seu marido. Ela se surpreendeu com o fato de ser um castelo!

Localizado entre videiras de um pendente coberto de árvores frutíferas, dominava a paisagem circundante, anunciando seu esplendor ao campo inteiro por uma distância de muitas milhas. Uma parede de pedra impenetrável que era provavelmente um vestígio de fortificações mais brandas se estendia por um dos lados, protegendo a entrada, para que não houvesse outra, que não fosse as portas principais. Em volta da parede tinha um extenso bosque coroadado com videiras adornadas com fileiras reforçadas do que supôs seriam as videiras.

Diante, o castelo se vislumbrava mais perto – imponente, impenetrável, e fora da escala com seu entorno. A larga extensão do prado se separava em dois, da mesma maneira que o cabelo sobre a cabeça de um ser humano, pelo caminho ascendente que estava tomando o veículo.

Muito logo, a carruagem passou pelas portas de castelo. O nervosismo

ferveu dentro dela. Tinha esperado saber um pouco mais sobre seu marido e sua residência, antes de sua chegada. Mas quando as rodas da carruagem repicaram sobre a ponte levadiça, já era tarde. O tempo acabou.

No pátio, um dos criados a ajudou a descer da carruagem, e ela permaneceu de pé no pavimento sentindo-se perdida por um momento. Para sua surpresa não havia nenhum criado ali. Nick abriu as grandes portas principais, pessoalmente e lhe deu as boas-vindas, enquanto os criados a tinham acompanhado durante a viagem, se encarregavam de suas malas.

Seu novo marido se via elegante em suas cores habituais, de negro e branco, e se via mais solto e simpático aqui do que em suas reuniões prévias. Ela, por outro lado, estava cheia de poeira, suja pela viagem, e tensa.

-Bem-vinda ao Castello d'ava Blackstone! –Disse-lhe Nick em um tom aveludado enquanto a guiava pelos degraus da entrada até o vestíbulo. -Você jantou?

-Sim.

Tinha comido muito pouco no jantar, mas sabia que não podia comer.

Dentro do castelo, observou tudo com curiosidade e viu que possuía toda a parafernália de um cavalheiro rico. Em cima da imponente entrada, o brasão Satyr suportava uma bandagem esculpida estampada com as palavras OS GUARDIÃES DA PORTA. Tapeçarias cheias de cor que retratavam lugares da farra e banquetes decoravam as paredes circundantes, que eram coroadas por um teto de carvalho povoado com altos detalhes ornamentais iluminados em ouro.

Um criado, vestido de traje formal, apareceu repentinamente. Seus passos ressonaram ao outro lado do chão de mármore italiano como arenques desossados.

-Faz com que os criados levem seus baús para o quarto –instruiu Nick-. E os choferes devem encarregar-se dos cavalos antes de partir.

O criado assentiu com a cabeça, sem dirigir um só olhar a Jane, e logo saiu. Uma palavra para os criados enviou suas malas a uma entrada lateral, e da ali presumia-se, que era o caminho para o seu quarto.

-Onde estão todos os outros criados? –Perguntou Jane quando estiva a sós com Nick.

-É tarde –disse Nick-. Todos já se foram, a não ser por uma empregada que te aguarda em seu quarto.

Tinha dispensado os criados? Por quê? O que planejava fazer, que não

queria nenhum criado por ali?

-Veem.

Girou e a levou para a escada. Juntos subiram os degraus de pedra brilhante travertina, com balaustradas e com colunas. Filas do Marcos com imitação de ouro marcavam o caminho, e os olhares de seus ancestrais a mediam de cima abaixo.

Quando chegaram ao topo das escadas, percorreram o comprido corredor, seus passos eram amortecidos pela lã de um tapete persa. Observou o desenho floral ao passar sob sua saia, pensando que a próxima vez que cruzasse está extensão, já não seria uma virgem. Era um conceito estranho.

Noventa e quatro, noventa e cinco.... Contou noventa e seis passos da base do degrau até que chegaram a porta de seu quarto. É obvio, seus passos cobriam mais terreno. Contá-los-ia a próxima vez e consideraria uma média.

Está sendo ridícula, pensou.

-Um banho a espera. Virei ver você em breve – informou seu novo marido.

Com uma meia reverencia a deixou na porta de seu quarto.

Breve? A palavra ricocheteou em seu cérebro, levando-a a um frenesi de atividade. Precipitou-se dentro do quarto e fechou a porta detrás dela.

Odiava quando as pessoas empregavam tais termos imprecisos, especialmente sobre os assuntos importantes. Para sua mãe – breve – havia frequentemente tinha representado uma hora. Mas pelo que sabia dele, o seu podia querer dizer um minuto. Não devia apanhá-la sem estar preparada.

Seu dormitório era formoso, com um alto céu raso colorido de pálida oliva. Uma espiral de rosas tinha sido pintada no centro, de que pendurava uma aranha de luzes de cristal acanaladas.

Uma garota se aproximou timidamente e se apresentou como Martine em um inglês vacilante. Bateram na porta e ela se aproximou para abri-la, e as malas de Jane foram levadas para dentro.

Assim que os criados partiram, o processo de tirar sua roupa começou. Primeiro seu vestido e logo seu espartilho, até que finalmente esteve de pé só com a roupa de baixo. A empregada se dispunha a ajudá-la, mas Jane a impediu.

-Preciso de privacidade para tomar meu banho –murmurou.

A empregada pareceu surpreendida, mas, simplesmente fez uma

reverência em assentimento. Levou um balde de água da fumegante chaminé e o acrescentou à água quente, que já se encontrava na tina de banho.

-Desempacoto seus baús? -Perguntou.

-Sim – disse Jane, forçando um sorriso.

Escorregando-se detrás da tela grafite, tirou suas roupas e se banhou apressadamente, não querendo que Nick retornasse antes que terminasse.

Olhou ao redor da tela e viu que Martine estava ordenando seus pertences, pendurando sua roupa no roupeiro e acomodando garrafas e escovas sobre a penteadeira. Parecia ter uma pressa anormal por terminar seus serviços e sair dali.

O nervosismo da empregada passou a Jane, e suas mãos tremeram enquanto se secava e vestia a camisola que Martine tinha pendurado sobre a tela. Só depois que o objeto de seda deslizou sobre sua cabeça e caiu em dobras até seus pés descalços apareceu na habitação.

Enquanto Martine estava inclinada sobre os troncos, Jane apresentou suas costas ao espelho. Sua rápida inspeção a aliviou quando viu que o traje cobria completamente seus ombros. Tinha pedido ao modista de sua tia especificamente, mas não tinha tido tempo de prová-lo para averiguar se a queda ali era como tinha ordenado.

A empregada parou atrás dela.

-É bonita –disse entusiasta e se dispôs escovar o cabelo de Jane.

-Obrigada -disse Jane.

Para sua vergonha, foi incapaz de controlar o tremor em sua voz. A empregada lhe dedicou um sorriso. Jane afastou o olhar de compaixão que dava sombra a seus olhos, e seu olhar posou em seu reflexo.

Sobressaltou-se. Enquanto tinha estado preocupada somente pelas proporções da parte posterior do traje, sua tia tinha tramado o resto dele em um desenho que parecia muito provocador.

Sob outras circunstâncias, poderia ter desfrutado da queda do tecido fresca e fina sobre sua pele. Desfrutado da textura fracamente áspera dos quadros de encaixe do sutiã baixo e arredondado que logo que ocultava as pontas de seus peitos. Poderia ter apreciado o desenho em sua totalidade, menos o fato de que sabia que um homem - um verdadeiro desconhecido – iria ver nele.

Quando sua empregada determinou que estava suficientemente

perfumada e polida para a visita iminente de seu marido, dedicou-lhe um sorriso animador e partiu.

O reflexo de Jane mostrava que agora estava apropriadamente preparada para converter-se em uma esposa, pelo menos aparentemente. Interiormente, era bem diferente.

Outra vez verificou suas costas no espelho, movendo o tecido de um lado para o outro para determinar o que é o que podia mostrar o movimento.

Satisfeita de que o traje cobrisse seus segredos o suficientemente bem, transladou-se à janela e tirou a cortina a um lado. Respirou profundamente o aroma tranquilizador dos eucaliptos e pinheiros esfriando-se depois da frieza do dia. De algum lugar na distância se escutavam as notas de uma flauta.

Uma fileira de ciprestes atravessava o céu para o horizonte, coloridas silhuetas contra um céu azul - negro. A lua era uma fina lasca de prata que derramava sua luz sobre a terra. Em algum lugar perto daí se encontrava uma sombria refloresta povoada de plantas antigas.

Continha o remédio que procurava? Planejou inteirar-se. E logo.

O futuro de Emma, e o seu próprio, dependia disso.

Nick entrou em seu quarto momentos depois levando uma bata de brocado de comprimento normal com um folgado cinturão na cintura. Seu olhar posou na cama vazia, e logo viu Jane na janela.

Seu traje rangeu quando girou, comovendo seus sentidos. Inalou sua essência, agora familiar, e a sentiu filtrando-se através de sua medula.

Um desejo instintivo e completamente masculino de lhe dar sua semente se instalou em seu interior. Mas se resignou. Nenhum menino viria até que a levasse ao Chamado, semanas a partir de agora.

Felizmente era um homem paciente.

A camisola que levava se assentava sobre ela com inquietação. Provavelmente achava muito atrevido. Seu olhar se estreitou nos pontos rosados que franziam o encaixe em seus peitos. Seu triângulo escuro era fracamente visível através das dobras de seda no vértice de suas coxas.

Ela se deslocou, e um efervescente rastro de água de rosas e atrativo de Fada o alcançou.

O calor repentino se levantou em sua virilha. Sua excitação se engrossou e vibrou, preparando-se.

A maneira especulativa em que a estava olhando, como se fora um osso e ele um colecionador a fazia sentir incômoda. Cruzou seus braços em x, elevando sem dar-se conta mais provocativamente as proeminências de seu peito por sobre a linha do decote.

Por alguma razão, Nick fez uma careta de dor e trocou sua postura.

-O quarto é de seu agrado? -Perguntou.

Seus olhos mediram o dormitório.

-É bonito. Maior do que esperava, como sua casa.

Um tenso momento passou entre os dois.

-Possivelmente ficaria mais cômoda se deitasse –sugeriu com suave diversão.

É obvio! Que burra que era! O se referia ao emparelhamento, e isso era melhor terminá-lo rapidamente. Inclusive ela sabia tudo isso.

-Muito bem –manifestou em assentimento.

Passou ao leito e separou a colcha a um lado. Logo deitou-se de costas, colocando suas pernas retas e seus braços planos aos lados de seu corpo. Seu olhar se fixou na parte oculta do pináculo do dossel, formado por uma ornamentada cortina amarela drapeada que se estendia pelos altos pilares da cama. O tamborilar de seu coração ressonava com um forte ruído surdo em seus ouvidos.

Nick deixou deslizar sua bata por seus ombros e a pendurou sobre o corrimão aos pés da cama.

O impacto ante sua casual nudez foi terrível. Cravou nele seu olhar. Como não fazê-lo? Ele era extraordinário.

Despido, seus ombros largos apareciam ainda mais energicamente moldados. Pelo escuro, cobria ligeiramente seus antebraços e suas pernas musculosas e sombreava seu bem torneado peito. O arbusto de pelo baixava estreitando-se para sua virilha. Ali, onde a espessura crescia densa, era essa parte

dele que Izabel tinha explicado se introduziria nela quando estivesse completamente preparado.

Uma revoada nervosa fazia cócegas em seu peito ante o tamanho disso. Quanto mais preparado ficaria?

Inconsciente de seus receios, reuniu-se com ela sobre a cama, sentando-se tão perto que seu quadril esquentava sua panturrilha. Encontrava-se cara a cara com ela em um modo depravado, com uma perna pregada sobre a cama e a outra apoiada sobre o chão. Tratou de não olhar essa parte dele que mais lhe dizia respeito, o eixo rigidamente congestionado que descansava sobre sua coxa como uma serpente superalimentada.

Sua palma a sobressaltou, escorregando sob sua perna para ficar sobre o tornozelo esbelto mais próximo a ele.

-Você escolheu seu vestido? -Perguntou. Seus olhos voaram aos seus e foram capturados pela cor azul clara.

Negou com sua cabeça, uma ação que despenteou seu cabelo dourado esparramando-o sobre o travesseiro.

-Minha tia.

Ele assentiu com a cabeça como se tivesse confirmado o que tinha estado pensando. O tecido de fina gaze do traje seguiu ao movimento de sua mão quando foi deslizando-a para cima ao longo de sua perna.

Não havia vergonha nisto. Admiti-lo era seu pagamento. Em troca traria Emma em sua casa.

Concentrou-se em evitar fundir-se, rogando que seu tato sobre ela não durasse muito tempo.

A camisola se deslizou por cima de seu joelho.

O que ocorreria se esse tipo de associação intensificasse sua própria raridade de algum modo? Ele estava aqui, seria uma testemunha disso.

A seda se deslizava brandamente. Seu respirar era mais forte.

Começou a tremer repentinamente sem poder-se conter. A mão dele parou, permanecia apoiada nas dobras da seda que se abriu para moldar o osso de seu quadril em excesso. Suas sobrancelhas se arquearam enquanto seu olhar varria o seu.

-Você sabia que isto seria parte de tudo –lhe disse uniformemente.

-Sim –murmurou.

-Então estes são medos virginais?

Assentiu com a cabeça bruscamente, envergonhada por ele estar falando com tanta calma. Quando vacilou, fez um gesto incerto.

-Por favor, só...

Um lado de sua formosa boca se inclinou para cima.

-Entende isto?

Brincou com o suave tecido e logo pareceu chegar a uma decisão. Levantando a prega a grande altura, mostrou-a nua até a cintura.

Estremeceu quando agarrou seus joelhos e os separou levantando, expondo seu lugar mais secreto a seus olhos.

Passou um longo momento enquanto a examinava, sua recém adquirida propriedade.

Cuidou de manter seus olhos separados dos dele, e isso a ajudou a distanciar-se de algum modo do que estava acontecendo. Dos pensamentos sobre o que ia ocorrer. Desejava fechar suas pernas. Cobrir sua nudez e ficar longe ele. Ir-se - onde? Não tinha nenhuma outra casa agora.

Permaneceu tendida e imóvel, deixando-o olhar.

Sua tia tinha sido sua única fonte de informação sobre o que seu marido estava a ponto de fazer esta noite.

-Não lute contra – tinha aconselhado diretamente- permanece tranquila, e cumpre com seu dever. Sobre isso, não deve demonstrar nem vergonhosa, nem repugnância.

Quando Jane tinha suplicado por mais informação, e assim sua tia lhe falou sobre a mecânica envolta nos serviços maritais a contragosto. Disto, Jane tinha percebido que seu marido ia pôr essa parte masculina que me sobressaía dele dentro dela de algum modo.

Algo roçou seu monte, agitou os cachos que cobriam suas partes privadas lhe provocando curiosas sensações. Seus dedos procuravam profissionalmente, encontrando rapidamente a fenda intocada escondida dentro de seus suaves cachos. Sem advertência, a ponta do dedo picou e logo se introduziu em seu interior como um termômetro decidido a tomar sua temperatura.

Lhe escapou um gritinho sobressaltado, e suas mãos retorceram a colcha.

Ele não prestou atenção a sua exclamação e simplesmente continuou olhando o trabalho de sua mão entre suas pernas.

A visão que tinha tido na loja reapareceu. Por uns segundos, era ela a que estava debaixo de seu corpo esculpido e exaustivo. Copulando com ele.

Seu dedo investigou mais profundamente, raspando e estirando, sentia-se impossivelmente largo. Introduziu-o e o retirou uma e outra vez, introduzindo-se mais longe cada vez. A invasora fricção ia tornando incômoda, a intimidade do que estava fazendo, virtualmente insuportável.

Um repentino e terrível pensamento a golpeou. Se um dedo causava toda essa angústia, o que ocorreria quando levasse a cabo o ato? Como poderia essa outra parte imensa – esse pesado eixo - entrar alguma vez?

Seus olhos se precipitaram a seu colo, e se estremeceu amargurada. Estava maior?

Ele exalou uma nota de frustração e retirou seu dedo de seu interior. Em um movimento suave, deixou a cama.

A inquietação se disparou através dela. Estava desistindo? O que aconteceria decidia anular o matrimônio? Se a enviasse de volta à casa de sua tia, poderia ter que suportar este tipo de tratamento na cama do Senhor Nesta. Ou pior.

Rapidamente se alavancou sobre um cotovelo.

-Sinto muito. Por favor não pare, Senhor. Não te atrapalharei mais.

Lançou-lhe um olhar ilegível quando foi até a sua penteadeira. O tinido de garrafas e recipientes lhe disse que tinha começado a revirar os artigos que sua empregada tinha posto ali quando tinha desempacotado as coisas de Jane.

A luz das velas dançava como mariposas frente ao elegante e bem moldado contorno de suas costas e traseira. Com fascinação encoberta, estudou a coluna de tendão e osso que se sobressaía agora em um ângulo ascendente do escuro arbusto de sua virilha. Seu contorno se inchou até ser tão grossa como seu pulso! Sangue – ricas veias se enlaçavam por toda sua longitude, pintando sua ponta bulbosa de um vermelho escuro. A ideia de que possuísse tal apêndice primitivo e queria associá-lo com ela era tão extraordinária que parecia ridícula.

Segundos depois, retornou com um pote que pôde reconhecer. Jane se recostou contra a colcha, olhando-o.

Retirando a tampa, inclinou o pote para que pudesse ver seu conteúdo.

-Nata -informou-a desnecessariamente -, para facilitar minha entrada.

Seus olhos se abriram, mas somente assentiu com a cabeça.

Dois grandes dedos se introduziram no pote e retiraram uma porção considerável de nata. Então se sentou outra vez a seu lado.

-Abra suas pernas.

Mantinha seus joelhos sujeitos com seus braços fortemente apertados mas obedeceu sua instrução rapidamente.

Os largos dedos massagearam a nata através de suas dobras íntimas, introduzindo-a ocasionalmente com brutalidade, como consequência de seus movimentos. Parecia quase alheio ao o que estava fazendo, como se fosse um médico e ela um paciente.

O movimento hábil de suas mãos se sentia calmante, curiosamente agradável.

Quando seu tato a deixou momentaneamente, foi melar o resto da nata sobre sua ereção. Seus olhos seguiram a carícia de seus dedos, fascinada. Ruborizou-se quando se deu conta de que estava observando-a fixamente, e afastou o olhar.

O colchão afundou, e seu corpo grande se ergueu sobre ela, arrasando a luz, da mesma maneira que uma nuvem escura, reclamando-a com sua sombra. Suas pernas se moveram entre as suas, abrindo as de par em par para recebê-lo.

Um antebraço musculoso se plantou a seu lado para suportar seu peso enquanto estendia a outra mão entre seus corpos. Agarrando seu eixo, esfregou-o ao longo de sua fenda coberta de nata até que sua ponta Roma se encontrou preparada em sua abertura.

Levantou seu braço e o colocou a um lado de sua cabeça.

Encostada em seu peito, Jane conteve a respiração, cada fibra de seu ser estava tensa com a consciência de que as coxas de um homem estavam enredados com as suas. Que seu coração estava pressionado com seu peito. Que seu apêndice masculino estava posicionado para violar seu lugar feminino mais privado.

Que estranho que era tudo isso!

Sem adverti-la, seus quadris empurraram para frente. Sua fenda se separou corajosamente ante a incursão inicial, lutando por envolver sua coroa.

Jane amaldiçoou em silêncio à natureza por desenhar os corpos dos homens com tão pouca consideração. A parte mais larga do apêndice masculino não deveria ser a base do eixo em lugar da ponta? Seria mais sensato deixar que a circunferência menor preparará o terreno para a maior.

Com a cabeça inclinada e suas costas arqueada, seu marido observou como se juntavam seus corpos.

Ela olhou fixamente a veia que palpitava ao lado de seu pescoço, observou sua mandíbula apertada. O que sentia enquanto se introduzia em seu interior em etapas lentas e deliberadas? Suas rígidas faces não diziam nada.

Retorceu-se debaixo dele, preocupada com a pressão crescente e o mal-estar da penetração.

-Relaxa -pigarreu-. Não quero te machucar.

Já está machucando! Queria gritar. Levou seus lábios para dentro e os segurou firmemente entre seus dentes.

Lhes deixando pouca opção, seus lábios inferiores finalmente se abriram e tragaram, permitindo que seu membro passasse a garganta de sua vagina. O sentimento de plenitude se intensificou enquanto empurrava para frente, detendo-se somente quando chegou à barreira em seu interior. Percebia que seu olhar estava concentrado em seu rosto, mas ela não viu.

Toda sua energia mental estava enfocada em afastar o corpo que estava tentando unir-se completamente com o seu. Desejava que ele estivesse em qualquer lugar menos ali. Meu deus! Não ia poder suportá-lo! Ou ele tinha sido feito muito grande ou ela muito pequena. Acaso não se dava conta?

Ele empurrava contra a flexível barreira com uma pressão gentil e a maior parte do tempo com uma urgência crescente. Repentinamente seu traseiro se esticou e seus quadris saltou para frente. Tomou por surpresa, e ela gritou quando sua grossura atravessou a frágil parede definitivamente.

Introduziu-se profundamente até que o escuro pelo de suas genitálias se misturou com seus próprios cachos. Até que osso tocou osso.

-OH!

Seu fôlego se acelerou em rápidas e silenciosas baforadas. Afundou-se contra o colchão, tratando de livrar-se da pressão aguda, ardente e impossível. O peso de seus quadris a assegurou rapidamente.

-Está bem? -Perguntou rudemente.

Seus dedos doíam. Por que doíam seus dedos? Ela os flexionou e sentiu a carne cálida. Sem dar-se conta, tinha começado a segurar-se a seus ombros tentando afastá-lo. E, entretanto, ainda não se fundiu! Suas Palmas caíram sobre a cama a seu lado.

-Sim –disse, desprezando o tremor em sua voz-. Está terminado?

-Quase – garantiu com voz tensa-. Está preparada para que continue?

Permanece deitada tranquilamente e cumpre com seu dever.

Tomou uma respiração funda.

-Eu - sim, milord. Senhor.

Ante suas palavras, seus quadris subiram e logo pressionaram fortemente para frente. Uma e outra vez, repetiu o suave e extenuante ritmo. Seu testículo se chocavam com um ruído surdo contra ela com cada empurrão.

OH, deus! Apesar da nata, o roçamento era intenso. Enquanto o incessante roçar continuava, ela se desesperava. Sua sólida longitude raspava cada terminal nervoso que possuía. Quanto tempo teria que suportá-lo? Sua tia não lhe havia dito quanto tempo.

Te apure. Termina. Termina! Mendigou em silêncio.

Gradualmente intuiu uma mudança nele. Sua respiração ficou mais difícil, e começou a entrar e sair com uma determinação mais obsessiva. Seus empurrões se tornaram bruscos e enérgicos, quase brutais.

Estava tendida baixo ele sem mostrar resistência, duvidando que fora nem sequer consciente dela como pessoa enquanto trabalhava nela com um simples propósito. Simplesmente estava aí para servir de recipiente para suas apaixonadas demonstrações, como terra fértil em que sua preciosa e aristocrática semente podia arraigar.

Suas mãos agarravam seus glúteos, levantavam-na e meneavam seus quadris com as suas. Teve a impressão de que estava terminando.

Por fim, grunhiu roucamente, um presságio do final. Um poderoso estalo de sêmen saiu dele, cantando suas paredes interiores com seu quente e fluido jorro. Mais jorros lhe seguiram, alagando-a. Carregou contra ela uma e outra vez, como se estivesse decidido a retorcer até a última de suas sementes nela.

Durante muitos segundos, seu corpo grande descansou no seu no úmido período subsequente a sua paixão. Um impulso de abraçá-lo, confortá-lo e

esfregar os músculos quentes de suas costas passou rapidamente por seu interior. Para contê-lo flexionou fortemente seus dedos do seu lado.

Quando se recuperou, saiu de seu interior e ficou de pé ao lado da cama. Pôde ver que o fogo quase se apagou e que seu olhar era ilegível.

Seu eixo satisfeito pendurava em uma petulante relaxação em seu úmido e elástico ninho entre suas coxas. Permanecia de pé sem modéstia, inconsciente de fato de estar completamente nu ante ela, uma virtual desconhecida.

O ar fresco encontrou a copiosa umidade entre suas coxas. Ela os juntou, flexionando-os, encontrando que seus músculos cansados eram lentos para responder.

Tinha trabalhado tão duro com ela, e em vão. Tinha estado tomando diariamente as ervas preventivas durante em mês passado. Não haveria nenhum menino nascido de esta noite de união.

Inclinando-se, baixou sua camisola por suas pernas e voltou a acomodar a camisola contra os tornozelos. Percebeu que sua atenção se desviou dela para outros assuntos.

-Boa noite – disse brandamente.

Ficando sua bata, moveu-se ao outro lado do quarto. Tinha-a deixado solta e se ergueu momentaneamente atrás dele como se fosse uma capa. Com um ruído surdo, a porta que ligava a seu quarto se fechou. Estava fora.

Branda, dolorida, e vagamente insatisfeita, Jane ficou de lado e se fristou em uma posição fetal. Tratou de fazer caso omissos desse estado deslizante pouco familiar entre suas pernas, e a dor constante em seu interior que era um resultado da forma em que seu corpo acabava de ser usado. O pote de nata sobre sua mesa de luz, uma lembrança.

Agachando sua cabeça, tratou de não pensar muito no aspecto mais misterioso de seu encontro – o que a tinha deixado a ela com o desejo de algo mais.

CAPÍTULO 11

No dia seguinte, Nick se escondeu em seu escritório no limite da propriedade. Nada que pudesse revelar os laços de sua família com o ElseWorld existia ali, onde dirigia os assuntos do comércio. A habitação era de propósito comum, queria proclamar a fortuna Satyr e seu status, mas sem convidar a fazer comentários.

Devido a suas ausências recentes em Tívoli, encontrava seu calendário cheio por uma sucessão de entrevistas. Os vendedores chegavam a sua porta em uma corrente firme. Os carregadores de tonéis chegavam brindando barris de carvalho recentemente chegados da França e Hungria. Vendedores de cortiça vinham de Portugal.

Chegavam também mensageiros com obséquios de casamento. As notícias sobre seu matrimônio tinham circulado obviamente inclusive além deste mundo, pergaminhos de felicitação - alguns vagamente ameaçadores – atracaram enviados por vários dos descendentes de Rei Feydon. Continham as notícias de que o rei já não vivia. Nick jurou em voz alta quando leu que nenhum herdeiro tinha sido renomado. Começaria então, uma briga por seu trono.

Havendo-se casado com Jane, Nick estava satisfeito de ter completo em grande parte com o pedido do Rei Feydon. Havendo-a unido às terras Satyr, tinha começado a cumprir o pedido de sua carta de mantê-la protegida de todo o perigo nos anos por vir. Com cada emparelhamento sucessivo as antigas forças que protegiam suas terras e a todos os que viviam se teceria cada vez mais forte a seu redor.

Seria suficiente contra a ameaça a que o Rei Fey tinha mencionado? O tempo diria.

Por agora, Jane era simplesmente outra peça de seu negócio que devia cuidar e se encarregaria que as noites se acontecessem como era seu dever. Ou assim se disse quando as lembranças dela se precipitaram sobre ele.

Não podia permitir que ela nublasse sua mente. Especialmente não agora que Raine tinha viajado a Paris a começar a busca de sua noiva. Nick sentia sua falta no balanço imperfeito da parede de força no perímetro de suas posses. Ele e Lyon deveriam permanecer particularmente alerta durante a ausência de seu irmão.

Mais tarde, nessa mesma tarde foi entregue um carregamento de garrafas de cristal atrasada, garrafas foram repartidas pelo Works de cristal do H. Ricketts & CO. Glass Works do Bristol, Inglaterra. Eram dessas novas - garrafas moldadas a máquina—que tinham sido patenteadas somente dois anos antes. Tinha comprado algumas o ano passado e tinha ficado muito satisfeito com elas. Eram mais uniformes em tamanho e forma que as de cristal soprado que tinham usado antes.

Devorou uma das garrafas e passou a almofadinha de seu polegar sobre a insígnia do SV. O selo ajudava a apartar seu vinho das típicas garrafas sem etiquetar de seus competidores.

A demanda para seu vinho seria mais forte ainda este ano, devido à devastação provocada pela praga em outras vinhas. Mas nunca devia dar o êxito por garantido. A sobrevivência mesma de sua família dependia disso.

Trepadeiras sadias assegurariam que a porta secreta entre ElseWorld e EarthWorld que permanecia escondida nas terras Satyr permanecesse segura. Trepadeiras sadias assegurariam o legado de seus filhos. Trepadeiras sadias permitiriam que ele e seus irmãos vivessem.

Os três cuidavam das videiras trepadeiras durante todo o ano, envolvendo-se em fiscalizar o processo de redução, podando, e eventual colheita de outono. Mas havia outros serviços envoltos no trabalho de fabricar vinho.

A perícia especial de Nick consistia em considerar todos aspectos da empresa imediatamente e se assegurasse que tudo se desse de forma que, no momento oportuno, resultasse em uma colheita e leilão produtivos. Sendo o mais velho, sentia uma tremenda responsabilidade com a empresa familiar.

Raine se encarregava dos livros maiores. Mas sua verdadeira fascinação estava nas propriedades da fermentação, o envelhecido do vinho, e a ciência da mistura.

A paixão de Lyon estava o trabalho da terra mesma e a supervisão dos trabalhadores. No leilão final, encantava às visitas, enrolando-os para que pagassem preços exorbitantes por cada garrafa.

Ao igual a seus irmãos, os ritmos físicos de Nick se moviam segundo a época das videiras. A primavera era o momento da euforia, quando seu corpo se deleitava particularmente nos prazeres terrestres.

Entusiasmado com seus próprios pensamentos, suas ideias se moveram empurradas pelo vento para sua nova esposa. Derramar-se nela essa primeira noite tinha sido assombrosamente satisfatório. Seu pai havia dito seria ainda mais

satisfatório quando derramasse pela primeira vez as sementes de vida. Estava decidido a encontrar esse agrado para si mesmo.

Paciência.

Até agora, estava bem satisfeito com sua nova aquisição. Jane tinha demonstrado virgem e cada impressão demonstrava que era culta e casta, o que ele requeria em uma esposa. Qualidades das que precisava a mulher com a que tinha perdido sua própria virgindade e as outras com os que tinha paquerado com o passar dos anos desde seu primeiro encontro sexual.

Quando era jovem, inteirou-se de que havia duas classes claramente diferentes de mulheres humanas em EarthWorld. Alguns eram viçosas e davam a bem-vinda aos homens entre suas pernas. Outras não tomavam prazer nas relações sexuais.

Seu pai teve muito trabalho para lhe fazer compreender que as esposas deviam ser escolhidas entre as últimas. Essa conversa tinha seguido ao feito de ter encontrado seu pai inesperadamente paquerando no porão com uma empregada de cozinha. Nesse tempo, tinha sido só um moço, mas as lembranças estavam frescas...

O Nick de quinze anos se congelou, incapaz de afastar o olhar da visão com que se deparou ao decidir tomar um atalho pelo porão da cozinha. Ia a caminho das cavernas das terras Satyr, onde planejava ampliar sua coleção de fósseis. Mas toda ideia de levar adiante sua expedição o abandonou ao ver seu pai que perseguia uma criada no canto entre duas caixas de bolos.

Quando os dedos de seu pai liberaram os generosos peitos da criada, as mãos de Nick se flexionaram sobre sua pá e balde.

A empregada tinha levantado suas saias.

As janelas nasais de Nick dilataram. Seu julgamento olfativo já era bem desenvolvido, e o aroma de sua vulva se misturando com a canela e a maçã quente dos bolos que em esfriamento lhe transmitia em feitas ondas.

Seu pai ficou trabalhando a frente de suas calças para liberar-se e logo se insinuou entre suas coxas. Seu primeiro empurrão foi tão forte que a fez lançar um chiado brusco, que foi seguido por sons femininos de mal-estar que se converteram rapidamente em gemidos de prazer quando os quadris de seu pai estabeleceram um ritmo regular.

Risinhos parvos femininos e estímulos unidos a grunhidos masculinos

enquanto seu pai subia e descia nela com força em crescimento.

Nick sabia que deveria ir mas descobriu que não podia afastar o olhar. A vulgaridade de tudo isso o fascinava.

Quando terminaram, a criada o descobriu por sobre o ombro de seu pai. Sussurrou algo, fazendo com que o homem mais velho voltasse desgostoso, exibindo sem querer seu membro.

Desiludido, fechou suas calças e pôs sua túnica dentro da cintura, dirigindo-se a seu filho por cima de seu ombro com arrependimento.

-Apanhou-nos no ato, não, Nico?

Esmagou a nádega da empregada, e ela saiu dali, ainda abotoando sua blusa e endireitando sua saia. Lançou a Nick um olhar ardente e ele imaginou o que desfrutaria tendo-o algum dia entre suas pernas. Suas bochechas ardiam inclusive quando suas jovens virilhas se esticaram involuntariamente.

Enquanto endireitava sua roupa, o pai do Nick notou sua fascinação com a empregada. Seu olhar apreciativo seguiu o de seu filho para observar o atrativo traseiro desaparecer corredor abaixo.

-Uma mulher viçosa como ela dá a bem-vinda a um homem entre suas pernas –disse seu pai -. Não todas as mulheres o fazem.

-Como sabe com certeza quando se encontra ante esse tipo de dama? – Perguntou com crescente interesse Nick.

Seu pai suspirou, pondo um braço amigavelmente sobre seus ombros.

-Suponho que é o momento de ter uma discussão sobre esses assuntos.

Fez passar Nick ao estudo e ali, entre os livros maiores e os livros, seu pai passou a lhe dizer que no EarthWorld podia encontrar os dois tipos de mulheres.

-É ainda muito jovem para tais flertes, mas um dia experimentará o desejo entristecedor de introduzir sua carne em mel feminino. E então encontrará a muitas mulheres atentas como a jovem empregada de cozinha com as que os cavalheiros como nós podemos saciar nossa luxúria. Mas seu tipo é muito distinto ao das damas com as que devemos nos casar como se tratasse de outra espécie.

Nick sentiu uma quebra de onda de camaradagem varonil ante a boa vontade de seu pai de falar de tais assuntos adultos e masculinos como a luxúria e a fornicção com ele.

-Em que forma são diferentes? -Perguntou.

-Como uma regra, as algemas dão a bem-vinda a seus maridos na cama somente por seu dever de procriar -explicou seu pai-. Um marido deve fazer que tal exercício seja o mais breve possível já que ela não tomará prazer do ato. Entretanto, é necessário unir-se com a esposa a intervalos regulares para tecer o amparo Satyr ao redor dela.

-E a outra classe de mulheres? –Insistiu-o Nick.

-Ah!

Seu pai sorriu.

-Essas são aquelas nas que podemos saciar nossos impulsos mais vis e carnaís.

-Criadas?

-Quando quiser. –Disse seu pai com um encolhimento de ombros-. E sem o medo de contrair uma doença ou nascer um bastardo, agradece a Baco.

Nick parecia perplexo.

Seu pai se inclinou para frente.

-As diferenças que existem entre nós e os seres humanos nesta área são enormes. A diferença dos seres humanos, não devemos nos preocupar com as enfermidades várias comunicadas através da fornicção. E enquanto os membros de homens humanos subministram sementes que arraigam em qualquer momento, para o sátiro só é possível pôr um menino no estômago de uma mulher durante o Chamado. Inclusive então, podemos determinar se desejamos ou não que nossas sementes sejam potentes.

Seu pai se tornou reflexivo por um momento, e Nick intuiu que estava pensando em sua própria esposa, a mãe de Nick, que tinha morrido faz tempo. Havia sido humana, mas uma variedade de sangue de sátiro havia misturado sua família no passado distante, lhe dando a habilidade de parir aos filhos de seu pai, um sátiro de sangue puro.

-Mas tome cuidado de não gostar muito de uma mulher por cima das outras. –Preveniu seu pai.

-É pouco seguro revelar muito do que é inclusive a uma esposa.

Nick tinha visto frequentemente os olhos tristes de seu pai seguindo a sua mãe e havia se perguntado por que continha de lhe mostrar carinho. Agora começava a compreender.

-Onde podem ser encontradas as mulheres voluntárias além de entre as criadas? -Perguntou, esperando centrar a atenção de seu pai em coisas mais felizes.

-Há estabelecimentos onde as mulheres carnavais podem ser fodidas por dinheiro. Mas é muito logo para tal bate-papo. Quando você tiver idade suficiente, te mostrarei tal lugar.

Ao final seu pai tinha cumprido sua promessa. Mas não até que Nick já se encarregou do liberar-se de sua virgindade.

Esse evento tinha ocorrido um ano mais tarde com uma empregada de planta especialmente audaz. Depois de que Nick tinha alcançado sua altura completa, tinha começado a paquerar com ele abertamente, encontrando frequentemente motivos para roçar seu corpo com o seu ao passar pelos corredores. Tinha fingido que tais acidente felizes eram involuntários, mas os olhares tímidos que lhe tinha arrojado diziam todo o resto.

Uma manhã se atreveu a entrar em seu quarto enquanto estava dormindo. Tinha fingido pesar e lhe havia dito que somente tinha querido trocar a roupa de cama. Mas seus olhos eram agudos quando tropeçaram com seu pênis, inchado com sua plenitude matutina acostumada. Tinha visto a faísca de luxúria em seus olhos antes que pedisse desculpas e partisse. Depois tinha notado a algumas outras empregadas olhar com interesse crescente.

Quando se encontrou com ele uma tarde no corredor fora de seu quarto, tomou seus dedos audazmente e os colocou sobre seus peitos cheios. Cobrindo sua mão com a sua, acariciou-o sobre sua carne abundante.

Inclinando-se, murmurou em sua orelha.

-Você gostaria de colocá-la, jovem Senhor?

Não tinha necessitado que o repetissem duas vezes.

Nick olhou por toda parte em busca de um lugar apropriado para manusear-se. O armário para roupa branca? Seu quarto? Certamente não podiam juntar-se nessas localizações. Alguém poderia encontrar-se com eles como quando encontrou seu pai esse dia no porão.

-Encontre comigo em uma hora perto da parede do jardim, -havia-lhe dito.

Então ela se tirou a mão de seu peito e lhe tinha dado um tapa brincalhão na bochecha.

-Menino libertino.

Foi encontrar-se com ela, sentindo-se nervoso e excitado, perguntando-se como começaria tudo. Ela estava aí, esperando-o como tinha prometido, e lhe tinha mostrado um lugar no jardim onde podiam esconder-se. Tinha afrouxado os laços de sua blusa e havia baixado o decote para que ele pudesse ter livre acesso.

Agradando-a, tinha esfregado e acariciado seus peitos, maravilhando-se de sua plenitude e emocionando-se com sua boa sorte. Tinha acelerado ela mesma o ato; liberando-se de seus calções com seus dedos roliços e retirando fora seu membro.

Seus amplos olhos mostravam como estava assombrada ante seus atributos masculinos. Depois, seus gemidos e risinhos tolos tinham seguido à recepção de seu membro em seu interior.

Gozou dentro dela rapidamente e três vezes mais essa tarde. Encontraram-se em segredo junto à parede do jardim quase diariamente dali em adiante durante as seguintes semanas. Estava desejosa e parecia não requerer nada dele além de seus fugazes entre o Lemon Grass e tomilho.

Com atraso tinha expresso frequentemente a preocupação de que pudesse havê-la apanhado com menino. Seu pai tinha explicado que sua primeira chamada ocorreria quando tivesse um ano mais. Até então não podia despedir sementes férteis. Entretanto, não lhe ofereceu nenhum consolo. Seu meio irmão Raine lhe tinha advertido que os seres humanos tinham medo de tais habilidades que não compreendiam.

Olhares furtivos e intrigantes da empregada tinham feito com que Nick se perguntasse se esperava conceber seu bastardo em segredo para obter algum tipo de laço com ela. Quando seu pai descobriu, resolveu pôr fim.

Depois seu pai decidiu apresentá-lo a um grupo de mulheres que faziam serviço aos homens seu modo de vida e então lhe tinha brindado a viagem prometida a um bordel.

O obsceno estabelecimento estava alagado das mulheres escassamente vestidas, mas nenhuma tinha tanta dianteira como a que tinha tido a empregada. Nick percebeu rapidamente que os assuntos sexuais eram dirigidos mais habilmente em tais estabelecimentos. Depois uma negociação em tom baixo com seu pai uma atrativa dama tinha tomado a mão de Nick. Tinha-o feito passar a uma câmara privada, pôs-se de joelhos, e deslizado suas calças ao chão.

-Você tem um excelente membro, Amo Satyr – tinha elogiado.

Então o tinha posto entre seus lábios vermelhos e passado a atendê-lo de uma maneira que era nova para ele.

Tinha estado preparado para ela outra vez quase imediatamente, antes que ficasse dentro da passagem entre suas pernas, tinha inserido uma esponja umedecida com vinagre e tinha explicado como precaver a concepção.

Uma corda fina fixada à esponja permitiu que ela o retirasse facilmente depois de que copularam. Antes de seu segundo emparelhamento, ele fez as honras com a esponja, curiosamente era mais agradável experimentar todos aspectos desta atividade. Não tinha forma de explicar uma raridade tal como um homem que pudesse controlar a fertilidade de sua semente a um ser humano. Assim continuou o engano que utilizaria com todas mulheres humanas com quem dormiria dali em diante.

Desde esse dia, nunca tinha precisado de voluntárias para esquentar seu pênis. Tinha explorado muitos caminhos de satisfação, muitas delas de tipos que seus semelhantes conservadores da boa sociedade podiam considerar chocantes ou aberrantes. Entretanto, enquanto uma mulher tivesse a idade adequada e fosse voluntária, não punha nenhum limite a essas trocas.

Com o passar dos anos, tinha sido gratificante descobrir quanto atrevidas podiam chegar a ser as mulheres, quanto permeáveis à sugestão. Pelo menos, certo tipo de mulher. Tais lembranças agradáveis provocaram que seu membro se congestionasse até o ponto do mal-estar dentro de suas calças. Olhou seu relógio, esperando que chegasse a hora de poder voltar a aproximar-se da cama de sua nova esposa outra vez.

CAPÍTULO 12

Protegeu-se dela. Foi a primeira ideia do Jane ao despertar na manhã depois de sua noite de casamento. Normalmente, ante tal proximidade tivesse sido impossível evitar fundir-se. Mas de algum modo tinha prevenido. Ou só estava adquirindo um pouco de controle sobre essa habilidade?

Tirou sua camisola e revisou as manchas escuras na parte de atrás da saia. Sangue. Sua inclinação natural foi esfregar a mancha. Mas sua tia havia dito que devia as guardar como provas de sua virgindade, se por acaso seu marido as requeresse. Dobrou a peça e a jogou em uma gaveta.

Uma empregada parecia ter preparado o banho. Jane informou que se banharia sozinha e deslizou atrás da tela.

Teve que tomar cuidado e mover-se cautelosamente. A pior dor estava naturalmente no lugar em onde seu marido se uniu com ela. Mas seu corpo também doía em outros lugares anormais devido ao exercício desacostumado.

Envergonhada ao pensar que a empregada poderia dar-se conta, despediu-a depois de vestir-se. Então praticou caminhar ante seu espelho, assegurando-se de não fazer uma careta ou caminhar de maneira desajeitada. Não desejava que ninguém pudesse observar suas dificuldades.

Jane tinha um pouco de medo pelo futuro encontro com seu marido. Como se atuava frente a um desconhecido depois de havê-lo visto nu? E mais ainda depois de que ele a tinha visto? As lembranças do que tinham feito se refletiria em seus olhos?

Mediu as ervas que devia tomar todas as manhãs para impedir que a semente de seu marido arraigasse nela. As jogando em um copo de água, tragou-as, fazendo uma careta ante o sabor amargo.

Quando a fome a conduziu em busca de seu café da manhã, deixou seu quarto e desceu. Enquanto descia foi olhando algumas habitações com o passar do corredor, descobrindo que a maioria albergavam coleções de vários tipos.

Na sala, encontrou numerosas exposições de cigarreiras, ânforas e urnas. Estes artefatos se misturavam com artigos mais novos obviamente caros. Todos eram relíquias do comércio de fabricante de vinhos de seu marido.

Outra sala continha esculturas de alabastro, cascos de cerâmica e vidro,

conchas deliciosas e geodes. Em outra havia um sarcófago de pedra esculpido com cenas do que imaginava eram cenas da vida depois da morte dos antigos Etruscos. Havia bustos clássicos com expressões pomposas, fragmentos frescos que se remontavam a vários séculos atrás, e florins de ouro franqueados com lírios.

Parecia que seu marido era um colecionador de tesouros e curiosidades. Podia imaginar-se quase em um museu!

Abaixo Jane se encontrou no grande salão de festa. Uma dúzia de janelas com rosas nos balcões e que logo se encontravam no centro da cúpula do teto. Os aparadores vazios estavam ao longo de uma parede, e a mesa do caramanchão estava vazia. Julgando pelo sol, era quase o meio-dia. Estranha vez dormia tão tarde e provavelmente perdeu o café da manhã.

Entretanto, estava inusitadamente faminta. Onde estava o pessoal?

Aventurou-se em uma direção para o norte e abriu uma porta ao que supôs era a cozinha. Dentro havia vários criados transportando. Cada um deles pausou em seu trabalho e fez silêncio ante sua entrada.

-Bom dia, Senhora.

Sobressaltada, girou para encontrar-se com um criado que permanecia na entrada atrás dela. Reconheceu-o como quem tinha ordenado ontem à noite que levassem acima sua bagagem.

-Sou Faunus, o mordomo, -disse fazendo uma reverência e ultrapassando-a com essa curiosa forma de caminhar-. Meus serviços incluem a vigilância dos outros criados e a atenção pessoal a Lorde Satyr. E é obvio a quaisquer membros de sua família que resida aqui no Blackstone. Se você precisar de algo de dia ou de noite, deve fazer-me saber por favor.

Embora falasse formalmente e a tratou com respeito, o criado tinha sobre ele um ar de jovialidade e um rastro de travessura que brilhava intensamente em seus olhos. As curvas superiores de suas orelhas eram ligeiramente bicudas, emprestando uma qualidade miúda e delicada a suas feições.

-Já vejo. Obrigado, Senhor Faunus. Pergunto-me se você poderia me dizer. Está por aqui ainda seu Senhor?

-O amo estava fora e deixou instruções de que o jantar fosse atrasado até sua volta tarde esta noite.

-Obrigada, -respondeu, avermelhando ante o disparate de que um criado

soubesse mais do programa de um marido que sua própria esposa.

Incomodou-lhe que Nick não lhe tivesse deixado nenhuma notícia sobre seu paradeiro ou algum sinal de onde poder encontrá-lo se necessitasse durante sua ausência.

-Posso conseguir algo para você da cozinha, Senhora? -Perguntou Faunus.

-Sim, algo para almoçar, -decidiu repentinamente-. Vou dar um passeio.

Ele estalou seus dedos a uma das empregadas, e se ofereceu:

-Deixá-la-ei em boas mãos.

Fez uma reverência outra vez e tomou sua permissão.

-Um almoço campestre? -Arriscou a empregada uma vez se foi.

Jane assentiu com a cabeça.

-Nada complicado. Queijo, pão e fruta?

-Sim, sim, verei de que esteja preparado, -disse a empregada disse, precipitando-se a recolher os ingredientes.

Enquanto esperava, Jane estudou a cozinha. Dirigir uma família não era seu forte; entretanto, supôs que ficaria acostumada a isso assim que se metesse totalmente. Mas usaria o dia de hoje para aclimar-se a seu novo entorno sem a carga dos serviços. Já haveria tempo suficientemente nas semanas próximas para determinar qual era a melhor forma de usar seus dias quando se ajustasse a seu novo papel.

Debaixo de uma prateleira comprida carregada com panelas de cobre, notou um cartão grampeado à parede, com etiquetas de metal redondas e pequenas pendurando sobre ela. Inclinou-se mais perto e viu que cada etiqueta estava numerada. Havia muitos ociosos, mas somente seis estavam atualmente ocupados com as etiquetas. Para que eram?

-Seu almoço, Senhora, -disse a empregada.

Quando lhe agradeceu, Jane viu que tinha posta uma das etiquetas sobre seu avental. Mas a empregada fez uma reverência e se esquivou saindo antes que pudesse perguntar para ela.

Jane deixou a casa pela porta da cozinha e começou a caminhar pelo que considerou um paraíso verde. Os jardins e as fontes tinham sido obviamente desenhados conscientemente por alguém dedicado a jardinagem.

Um magnífico piso de mosaico rodeava a base de uma fonte, estendendo-se quase vinte pés para fora para formar um grande pátio aos lados. No centro da fonte, um malicioso Pão tocava sua flauta na tranquila solidão.

Percorreu o perímetro do piso de azulejo e viu que contava uma história mística sobre os Lordes Satyr. Embarcações, guerreiros bestas fantásticas - todos estavam retratados em um friso ininterrupto de coloridos fragmentos embebidos na pedra.

Alguns atalhos possuíam degraus de mosaico, formando fitas que se abriam para espaços verdes talheres com estátuas. Escolheu uma linha de limoeiros plantados em grandes painéis de terracota à sombra de carvalhos esculturais.

Ansiosa para explorar, deixou o atalho em algum momento e se introduziu em um caminho para um tapete inclinado de flores silvestres. Os faisões passeavam sobre a grama gabando-se arrogantes, e as gazelas saltavam ao passar. Um pavão de um verde azul iridescente se pavoneava chamando sua atenção.

Por fim, dobrou para ver o Castelo. Que diferente sua fachada traseira que a da entrada! Do caminho, tinha aparecido uma fortaleza lhe intimidem. Daqui tudo era encantador. Era como se o Castelo tivesse duas caras – uma que repelia e outra que lhe dava as boas-vindas.

Embora não tinha pensado em ir mais à frente no dia de hoje, sentiu o impulso de arriscar-se mais à frente. Deixando atrás os recortados sebes, caminhou sob o dossel frondoso de um intrincado bosque. Por cima da cabeça, louros, pássaros, e gralhas batiam suas asas e grasnavam ante sua intrusão.

Examinou o chão do bosque, procurando. Aqui e lá, encontrou parcelas de visgo, amora, zimbro, begônia, chicória, erva-doce, romeiro e açafraão. Todas eram plantas com poderes mágicos. Mas nenhuma era a *allium moly*.

Ao final se sentou sobre uma rocha grande e plana para comer seu almoço. Em seus pés notou um agrupamento de plantas diferente que nunca tinha visto. Agachou-se para inspecionar uma delas mais atentamente. Estava um pouco empapada pelos estragos do inverno. Quando a tocou com a ponta de seus dedos se fundiu com ela, lhe infundindo energia. A tonificação percorreu uma jarda em cada direção, melhorando e revitalizando. Ficou de pé assombrada. Nunca antes um simples contato tinha abrangido tal extensão de terra.

Uma sensação estranha de ser analisada e avaliada de algum jeito caiu sobre ela. Olhou em todas direções para ver de onde provinha, mas não viu ninguém.

Escutou um rangido e olhou para frente. O rastro que a tinha atraído para frente fazia só uns momentos tinha desaparecido de algum modo! Era como se as árvores se aproximaram para fechar o atalho e impedir de ir mais longe. Somente o atalho detrás dela permanecia aberto.

-Não represento nenhum dano, -murmurou.

Seu caminho permaneceu fechado. Não tinha escolha exceto retornar.

Quando ela retornou ao Castelo, se surpreendeu de encontrar que tinha atiradas três largas folhas de samambaia na entrada, varreu-as ao outro lado do degrau da cozinha e murmurou:

Afasta o mal com este feitiço.

Protege a todos os que vivem aqui.

Envergonhada, atirou as folhas fora e fechou de repente a porta sobre elas.

-Imbecil, -balbuciou-. Como se fosse algo mais que uma folha de samambaias.

Já que Nick ia retornar tarde para jantar, procurou algo mais que fazer.

-Você me levaria até à biblioteca? -Perguntou ao primeiro criado que encontrou.

-Mas a porta da biblioteca está fechada, Senhora.

-Fechada com chave, quer dizer?

A criada agitou sua cabeça.

-Não, Senhora. Somente fechada.

-Então me dirija para ela, e a abrirei, -disse Jane, algo perplexa.

Empregara-a parecia escandalizada.

-Mas Faunus diz que uma porta fechada nunca deve ser aberta nesta casa. Não importa que classe de ruídos estranhos sejam emitidos atrás dela.

As sobrancelhas de Jane se ergueram. Ruídos estranhos? Do que estava falando?

Os olhos da empregada se moveram rapidamente à janela e para trás.

-Me perdoe, Senhora, mas acredito que está para anoitecer.

Jane olhou para a janela, totalmente desconcertada. Videiras e árvores de azeitona se destacavam sobre a colina. Detrás deles, o sol se estava pondo com reflexos de vivo laranja.

A empregada retrocedeu para a porta, fazendo uma reverência com cada passo.

-Devo ir. Retorno pela manhã.

Jane se endireitou com surpresa.

-Retornar? Você não vive na propriedade?

Agora era o turno da empregada de mostrar surpresa.

-Não, Senhora. O amo subministrou as moradias fora da propriedade para todo o pessoal.

-Moradias separadas para todos eles? -Perguntou.

Nunca tinha ouvido falar de tal coisa.

-Sim, Senhora. Vamos todos. Bem, exceto Faunus. E o amo, ficam toda a noite.

A empregada localizou com seus dedos a etiqueta de metal numerada em seu pescoço. Era como essas que Jane tinha visto sobre a piçarra perto da porta de cozinha.

-Por que leva isso?

A menina olhou a etiqueta e novamente a Jane.

-Ninguém tem permissão para entrar nos terrenos sem uma etiqueta.

Jogou uma olhada ao peito de Jane e seu rosto avermelhou.

-Exceto, é obvio, você e o amo. Pomo-nos nossos números pela manhã quando chegamos e os deixamos de noite quando partimos.

-Ouvi que os mineiros se colocam tais etiquetas antes de entrar nos eixos da mina. Devem ser devolvidos à piçarra ao final de cada dia para assegurar que retornaram sem perigo ao exterior.

Empregada parecia em branco.

-Não estou a par das minas. Aqui, penduramos nossas etiquetas sobre a piçarra assim Faunus e o amo sabem pela recontagem que todos estão fora e estão dentro outra vez.

-E os irmãos de Lorde Satyr? Seu pessoal opera da mesma maneira?

-Sim, Senhora. Seus criados compartilham nossas moradias. Todo o pessoal chega ao amanhecer e parte ao anoitecer todos os dias.

A empregada estava trocando seu peso de um pé ao outro, mostrando-se terrivelmente ansiosa por partir.

Jane se compadeceu dela e se despediu.

A menina se dirigiu imediatamente para a cozinha para deixar ali sua etiqueta, como se os sabujos de inferno lhe pisassem nos talões. Que diabos imaginava que lhe aconteceria se ficava além da noite?

Jane encontrou a biblioteca só e conteve a respiração enquanto entrava. Quando nada anormal ocorreu, parou de deixar que a tolice da empregada a afetasse.

Dentro, notou que o interesse por de seu marido por colecionar objetos se estendia a sua biblioteca. Passou as pontas de seus dedos sobre as douradas encadernações em couro de livros velhos e novos, colocados em prateleiras sobre painéis de madeira.

Um trabalho sobre Remédios, ervas e plantas medicinais da Antiga Roma captou sua atenção, e o observou durante algum tempo antes de voltá-la para outros. Outros volumes chamaram sua atenção, mas era difícil concentrar-se em um, quando tantas coisas na habitação podiam ser estudadas.

Arquivos com gavetas pouco profundas continham arquivos detalhados sobre centenas de trabalhos diários da propriedade de seu marido e dos povos de colinas circundantes. Em outras gavetas, encontrou tratados por eruditos bizantinos e contratos para a venda de vinho da época da grande família do Médici. Jurou retornar para estudá-los outro dia quando tivesse mais tempo.

Em cima de uma tabela detalhadamente esculpida, um sortido de urnas pintadas chamou sua atenção. Desenhos negros sobre um fundo dourado decoravam o exterior de um floreiro alto e com asa. Uma fronteira do Ramos de uva estilizados entrelaçados com ramos de oliva rodeavam o bordo, e abaixo eles se desdobravam várias figuras sobre o fundo negro. Eram similares a umas que tinha visto nas zonas públicas do Castelo, mas suas bochechas se ruborizaram quando notou as surpreendentes diferenças.

A figura de Pão tocando sua flauta era facilmente identificável no grupo. Eram as outras figuras - homens nus, barbudos - as que encontrava terríveis. Eram criaturas fantásticas com flancos talhados de pele e cabelo alvoroçado e olhos. Uma cauda magra e ondulada surgia das coxas de cada um,

enquanto que um falo impressionante se curvava para cima da união de suas coxas.

Uma gigantesca tigela de terracota estava exibida separada do resto, como se tivesse um valor especial. Ajoelhou-se para revisá-lo e viu que estava decorado em baixo-relevo com silhuetas pálidas esculpidas sobre um fundo escuro. Aqui, homens e mulheres pulavam e bebiam com desenfreio. Uns enredos de membros, suas expressões uma variedade de êxtase demoníaco. Um macho sujeitava um odre de vinho sobre os lábios de uma mulher enquanto outro copulava com ela por trás. Em seu entusiasmo, o artista tinha dotado a este homem besta com um jogo dobro de falos, um justo em cima do outro!

Jane tragou perceptivelmente. Voltou-se e se distraiu das perturbadoras cenas dirigindo-se aos livros apinhados nas estantes. Quando encontrou os estranhos volumes 12-19 de História Naturais do botânico grego Plínio o Velho, sua atenção foi captada.

Mas muito frequentemente, encontrou seu olhar desviando-se aos misteriosos floreiros e a sua decoração carnal.

CAPÍTULO 13

No jantar o marido do Jane foi um anfitrião cortês, mas distante. Perguntou se estava cômoda e como tinha passado o dia. Em troca, ela perguntou pela herdade e sua história.

—Meus antepassados localizaram a vinha sobre estas videiras e muraram a área por razões de defesa, —disse-lhe—. A parede rodeia dois mil acres de bosque, frutas e arvoredos de azeitona, e, é obvio, as vinhas. —Levantou um copo de vinho a seus lábios em um sutil desafio.

Se sua menção das vinhas era uma isca de peixe verbal, ela não tomou. Tinha determinado que seu melhor curso era simplesmente fazer caso omissa de sua profissão no momento.

—E seus irmãos? Quão longe estão suas propriedades?

—Cada uma está a uma meia hora de viagem a cavalo ao longo da parede exterior. Convidá-los-emos a que nos visitem em umas semanas. Uma vez que estejamos recebendo.

Depois de que sua lua de mel terminasse, quis dizer.

Embora o observou atentamente, não havia nada em seu comportamento que sugerisse que sentisse algum tipo de mal-estar físico pela ocupação mútua do tempo passado. Ou ele, também, tinha praticado ante um espelho até que se liberou da rigidez? Só de pensar em algo assim, a fez sorrir secretamente atrás de seu guardanapo.

Suas maneiras indulgentes e distantes lhe faziam difícil relacioná-lo com o homem que tinha tido sexo com ela na noite anterior. Era por isso que ninguém falava abertamente daquilo que ocorria na cama matrimonial? Talvez as intimidades eram afastadas da mente durante o dia para que a gente pudesse funcionar nas atividades correntes.

—Assim que tenha se adaptado, a casa ficará a seu cuidado como deseje, —informou-a—. Pode consultar comigo ou com Faunus por qualquer pergunta que tenha. Ele foi o criado de confiança de minha família por anos e se desempenhará como enlace entre ti e o resto do pessoal.

—Tenho uma pergunta, —disse ao Jane—. O pessoal - por que são enviados fora de noite?

Enquanto se atrasava em responder, Nick secou seus lábios com um engomado guardanapo com monograma, obviamente lavado e engomado pelos criados. Com tão poucas horas trabalhando na propriedade, não podia evitar perguntar-se quando encontravam as horas para manter tal perfeição.

—Uma preferência pessoal. Terminará te acostumando com o tempo.

—Parece estranho.

Meneou sua taça, e seus espelhados olhos azuis se cravaram no rosado veio.

—Sentir saudades, entretanto nem sempre significa mal, ou sim?

Ante suas palavras, os pensamentos do Jane giraram em uma direção que imaginou que ele não esperava.

—Suponho que não.

Ele assentiu com a cabeça e retornou a sua comida.

Ela o examinou por debaixo de suas pestanas. Qual era o verdadeiro significado do que havia dito? Havia aceitar que isso era realmente estranho? Um raio da esperança cobrou vida em seu interior, negando-se a ser esmagado. Possivelmente, só possivelmente, ela e Emma encontrariam a verdadeira aprovação aqui, nestas terras. Nesta família.

Mas deveria ir com cuidado. Nunca consideraria revelar algo de si mesma até que soubesse mais, muito mais sobre ele.

Subindo para seu quarto essa noite, soube que o enigmático desconhecido que era seu marido provavelmente viria outra vez, era uma das coisas mais preocupantes que Jane já tinha feito. Queria que ele viesse ou não? Tentou analisar seus sentimentos sobre o assunto, mas não encontrou resposta.

Logo que começou a escorregar sob a colcha a porta que ligava com o quarto de seu marido abriu. Ela se apressou a cobrir-se enquanto ele se aproximava.

Parecia indiferente perante seu nervosismo. Seu olhar passou a sua penteadeira, e se desviou repentinamente para o pote de nata. Ela escutou o tinido da porcelana e logo retornou a sua cabeceira.

Silenciosamente pôs o pote de nata que tinha recuperado da penteadeira. Suas intenções para ela não podiam ter sido mais claras.

Como tinha feito a noite anterior, tirou-se sua bata e a atirou sobre os pés da cama. Quão facilmente revelava sua nudez! Como fazia um para liberar-se desdenhosamente de todo rastro de modéstia como se não fora importante no mais mínimo? Não podia imaginá-lo.

Embora tinha catalogado suas funções corporais a noite prévia, agora estava mais preparada para observá-lo atentamente. Era realmente a mais esplêndida das criaturas masculinas, pôde dar-se conta, com muitíssimo mais que simples graça animal. Cada parte estava perfeitamente construída, com músculos firmes e ossos subjazendo a vales esculpidos, colinas e planícies.

Sem preâmbulo, reuniu-se com ela sobre o colchão, retirou a colcha, e começou a deslizar sua camisola para cima.

Ela se recostou completamente sobre suas costas, preparando-se para cumprir seu papel.

Já não temeria que a destroçasse está vez, disse-se. Seu corpo era mais familiar, e agora sabia o que esperar do ato. Sua tia tinha prometido que era sempre pior a primeira vez.

Se somente tentasse alguma sorte de consolo. Umas poucas palavras amáveis fariam tudo de algum modo mais fácil.

Como antes, despiu-a até a cintura e separou seus joelhos mecanicamente. Sua mão ficou acariciando distraidamente um lugar vulnerável justo atrás da curva de sua perna. Um calafrio de reconhecimento a atravessou.

Falou, sua voz escura rompendo o sedoso silêncio.

—Tinha planejado te permitir uma noite solitária para que pudesse te recuperar completamente dos efeitos de nossa união de ontem à noite. Mas me encontro com necessidade de ti. Acha que está suficientemente recuperada para me ter outra vez?

Era obviamente uma pergunta retórica, sendo que já se estava movendo sobre seu corpo, acomodando suas musculosas coxas entre os suas mais suaves.

—Sim, é obvio, —murmurou.

Com a eficiência, tirou uma generosa quantidade de nata do pote e a esparramou por seu membro, logo lubrificou o restante sobre suas tenras dobras. Invadiu a entrada de sua passagem com um polegar cheio de nata, avaliando seu estado de preparação para recebê-lo.

—Dolorida? —Perguntou, estudando sua expressão.

Ela se ruborizou, desejando que não tivesse falado disso.

—Um pouco. Você também está?

—Eu? —Perguntou com surpresa.

—Sim. Você também está dolorido? —Perguntou—. Suporia que sim, sobre a base da mecânica do assunto.

Rio entre dentes.

—Não, não estou dolorido, mas claro que eu estou muito mais— acostumado. —Lançou-lhe um olhar sentida saudade—. Retornando a minha pergunta original, está muito incômoda para transar comigo?

Transar? Repetiu em silêncio. Uma palavra anormal e singela. Por que estava perguntando? Deixá-la-ia em paz se afirmasse estar muito dolorida pela agressão masculina do dia anterior? Decisivamente sua pergunta era uma farsa, pensou com aborrecimento.

—Você pode seguir. Não resistirei.

Sua testa franziu.

—Obrigada. —Seu tom soava vagamente irônico, e ela se perguntou se podia ler seus pensamentos. Seria injusto, mais ainda quando não podia ler os seus.

Tomando sua estaca com a palma de sua mão a guiou para sua entrada. A suavidade pressionou contra ela, tentando entrar na passagem que tinha desfrutado na noite anterior.

A contragosto, sua irritada fenda se abriu. Mas sua ponta congestionada não se escorregou dentro com facilidade.

Ela estremeceu.

Ele a olhou fixamente.

—Às vezes a dor pode aumentar o prazer. Mas você deve me deixar saber se dói muito.

O prazer? Perguntou-se. Quis dizer que ficaria mais agradável se estivesse dolorida? Ou...

Ele deixou escapar convulsivamente o fôlego, penetrando definitivamente nela, encheu-a com um golpe comprido e seguro. Suas malhas recém sensibilizadas formigavam enquanto o aceitava. Antes que seu corpo pudesse ajustar-se à natureza de sua invasão, o rítmico agora familiar de avanço e

retirada começaram.

Estava tendida baixo ele, as mãos aos lados de seu corpo enquanto a movia com intensa concentração. Seus lábios inferiores se submeteram para dentro com cada empurrão e se franziram para fora com cada retirada.

Como tinha ocorrido na noite anterior, firmes seus movimentos se fizeram gradualmente cada vez duros em sua finalidade. O mal-estar agudo diminuiu, mas ela tenazmente se protegeu contra qualquer revoo injustificado de seus sentidos. Se perdesse seu controle sobre suas emoções ninguém podia saber que estranho comportamento podia brotar dela.

Agarrando suas coxas, colocou-a em ângulo mais a seu gosto e logo começou a introduzir-se ainda mais profundamente em seu interior. Toda sua concentração impedir-se a si mesmo ajustar sua postura da forma que intuía lhe brindaria o contato mais satisfatório.

Ele se impulsionou para sua liberação, esquecendo-se dela enquanto sua luxúria tomava o controle. O contraste entre sua exaustiva dominação masculina e sua tensa flexibilidade era marcado. Embora parecia aceitar sua plácida submissão tal como se esperava dela, tampouco era inconsciente ou indiferente sobre seus sentimentos respeito ao assunto.

Seus dedos apertaram fortemente seus quadris e se nela uma, duas e uma terceira vez, como se estivesse concentrado em cravá-la contra o colchão de plumas. Pronunciou um som gutural contra seu pescoço quando uma série de ferozes descarrega de sêmen estalaram ardentes em seu interior, muito leite fluído dentro dela que se misturava com a nata em cada sacudida.

Pouco depois separou dela e lhe deu tranquilamente o boa noite antes de retornar ao seu quarto.

Ela se cobriu com as mantas até o queixo e olhou asperamente a porta de separação.

Meu deus! A dor constante. A agonia de algo que faltava. Sua posse tinha causado isto, está inquietação nela. Desejava ir atrás dele, recriminar, mendigar. Por algo. Algo que a aliviaria.

Uma mão se deslizou, entre suas pernas. Seu sêmen sentiu escorregadio. Ou isso era a nata?

Um dedo tocou a carne macia, comprimida. Seu clitóris palpitou brandamente fazendo ruído. Mmm.

Seus olhos se voltaram para sua porta. Será que a escutava?

O dedo esfregou suave e escorregadio círculo na dura protuberância que acabava de encontrar.

Os músculos de sua entrada se contraíram uma, duas vezes. Mmm.

O dedo girou mais rápido. Olhou sua porta, precavida. E se a apanhasse assim? O que aconteceria?

-Mmm.

O dedo encontrou sua fenda e se introduziu em seu interior.

- Ahh!!

Seu canal sofreu um espasmo ao redor dele, repentinamente, apaixonadamente, liberando-se, aferrando-se, soltando-se — como a boca de um bebê alimentando-se. Quando as convulsões também chegaram a seus clitóris rodou sobre seu estômago, enterrando um gemido em seu travesseiro.

A estranha sensação bombeou por compridos momentos e logo começou a diminuir até apagar-se.

Ao final dormiu... em paz.

CAPÍTULO 14

Ao longo dos dias seguintes, Jane aprendeu mais dos funcionamentos interiores da herdade e se maravilhou das complexidades implicadas em sua operação. As regras eram poucas, mas estritamente observadas.

Quando seu marido se fechava em seu estudo, na biblioteca, ou qualquer quarto, o pessoal era proibido de lhe incomodar. Só quando a porta estava ligeiramente entreaberta tinha permissão para bater e entrar. As zonas de acima estavam limitadas ao pessoal depois do jantar, e todos deviam sair da propriedade antes do anoitecer.

Qualquer pergunta que ela realizasse quanto a tais assuntos foi afastada e o assunto que lhe tinha parecido ao princípio estranho logo pareceu normal.

Ela tomou seu lugar na hierarquia doméstica, fazendo poucas mudanças, contente de deixar as rédeas nas mãos capazes de Faunus. Os criados lhe deram a bem-vinda uma vez que se precaveram de que não seria muito exigente.

Isto pareceu agradar a Nick. Era como se ela tivesse conseguido encaixar corretamente em alguma classe de lugar que ele esperava que uma esposa enchesse. E ela supôs que ele estava mais contente por aquele pensamento, mas bem que qualquer grande desejo de ver que sua casa, que já funciona muito bem, fizesse-o ainda mais brandamente.

Ele ia à vinha diariamente, onde ela supôs que consultava com seus irmãos de vez em quando. Mas o negócio da vinha foi afastado dela no momento, assim como seus irmãos.

Além dos deveres domésticos, ela passava horas na biblioteca e o jardim, procurando pistas quanto ao que poderia ser a melhor poção de ervas para um remédio curativo.

Cada noite depois da comida, uma tranquilidade etérea caía em sua nova casa. Todos os criados partiam, deixando-os Nick e ela completamente só exceto pelo discreto Faunus, quem raramente se mostrava.

Parecia como se as tarefas noturnas fossem realizadas como por arte de magia. Era muito estranho, mas ao fazer qualquer pergunta aos criados sobre o assunto se encontrava com que a olhavam fixamente ou com agitação.

Enquanto isso, seu novo marido a visitava de um modo mais ou menos similar cada noite, morando brevemente em sua cama e corpo, voltando posteriormente para sua própria cama para dormir. Seu rápido acoplamento demonstrou ser uma bênção já que impedia a ele descobrir qualquer pista de suas anormalidades.

Ou do alívio que encontrava a sós, quando ele saía. Ela se preocupava que esta capacidade fosse parte de sua raridade e diariamente rogava para que cessasse tal comportamento.

Ela tinha determinado que seu fracasso de manter tais promessas era sua culpa. Antes que ele viesse a sua cama toda noite, ela tinha decidido que não se tocaria outra vez. Mas cada vez sua vontade acabava. Sua mão frequentemente encontrava seu caminho entre suas pernas no mesmo momento em que a porta entre seus quartos se fechava atrás dele.

Nick pareceu capaz de colocar a rotina de seus dias e noites em compartimentos separados. Seu comportamento para com ela era sempre distante durante as horas do dia, ficando difícil compará-lo com o homem que a visitava de um modo tão carnal toda noite.

Entretanto, ela estava agradecida por seu exemplo, que logo reproduziu. Em suas interações diárias, este acerto aliviava qualquer vergonha que pudesse haver sentido. Ficou fácil fingir simplesmente que as noites nunca tinham acontecido.

Quando seu período chegou uma semana e meia depois de seu matrimônio, o informou com reserva. Embora seu tempo juntos tivesse sido breve, ela se preocupava com que ele pudesse reagir mal. Ele tinha destacado a importância de uma produção oportuna de herdeiros. E ele tinha estado trabalhando diligentemente em sua cama, sem saber que a poção de ervas que ela tragava cada manhã frustrava seu objetivo.

Surpreendentemente, ele não mostrou nenhuma desilusão ante seu anúncio. De todos os modos, entrega-a de sua notícia causou uma mudança abrupta de sua rotina.

Pela primeira vez desde o casamento, ele não visitou sua cama.

Nick seguiu o caminho do escritório à casa, seguro de seu caminho até na escuridão de noite. Seus olhos foram à janela de sua esposa e viram que estava às escuras. Ele não a visitaria. O sangue de uma mulher tirava o animal nele, e ele não se revelaria dessa maneira ante ela. Ainda não. Possivelmente nunca o

faria.

Ele não havia sentido nenhum desespero quando Jane lhe tinha informado de seu fluxo mensal. Ele era totalmente consciente que não a tinha impregnado. Mas planejava fazê-lo, doze noites a partir de agora - na seguinte chamada. Ele a teria a sua mercê a fim de assegurar sua participação. Sem importar como.

Ele nunca tinha tomado a uma mulher de carne-e-sangue no Chamado e sentia curiosidade de experimentar o derrame da semente fértil em sua esposa. Como o corpo de Jane era de fada, seu útero deveria aceitar facilmente sua semente, enquanto que em uma mulher humana puro-sangue teria mais dificuldade.

Acima agora, caminhou pelo corredor. Suas fossas nasais flamejaram quando captou o aroma úmido do sangue de sua esposa misturado com seus fluidos interiores e seu aroma natural, sedutor. Seu testículo se apertaram e endureceram, dentro de sua calça, seu membro estrangulado se ergueu, antecipando-se. Ele se obrigou a passar sua porta e seguir à sua para demonstrar-se a si mesmo que podia.

Já em seu quarto dirigiu-se à porta lateral que levava a quarto de sua esposa, jogando o ferrolho sobre eles. Cruzando o quarto, tocou um painel com espelhos. Este se inclinou, revelando-se como uma porta. Deslizando-se mais à frente, encontrou-se em uma câmara familiar. O espelho se colocou de novo detrás dele. Não acendeu nenhuma vela. Não necessitaria.

Abriu o fecho de sua calça e enfocou sua mente em um ponto ao lado da cama, fez uma invocação e a névoa invadiu o quarto e se materializou sob seu olhar, onde antes só havia vazio. A miríade de cores se fundiu em uma forma feminina que se parecia com sua esposa.

Sentindo o que ele desejava, ela pressionou seus peitos contra a parede e agarrou dois anéis metálicos que encontrou presos à parede por cima dela. Ele baixou sua calça, pressionou seu membro em sua vagina, e entrou de repente em seu interior. Ela era suave, quente, necessária. Disponível. Ela não sentiria nada, não exigiria nada, e deixaria de existir quando ele tivesse acabado. Transar com ela seria tão singelo como a masturbação. E sobre tudo rápido.

Seu corpo conseguiu satisfazer-se seis vezes no espaço de uma hora. Seus arremessos eram luxuriosos e variados, em contraste com as que utilizava com sua esposa.

Quando sua mente lhe disse que ela já não era necessária, a Ninfa se desmaterializou, desaparecendo na estranha neblina da qual tinha vindo. Depois,

ele voltou para seu quarto e dormiu profundamente, satisfeito.

A manhã seguinte ele se despediu de Jane e viajou a Florência, onde passou a tarde na casa de Umberto com suas antigas favoritas, Anna e Bela. Elas eram as joias da coroa da casa de prazer que empregava a dúzias de putas talentosas.

Ele as tinha selecionado com cuidado por volta de um ano depois de fazer discretas perguntas. Os contos de sua avareza na cama de um homem lhe tinham levado a acreditar que ele nunca teria que conter-se por medo de lhes causar dor. Tinha tido razão em sua eleição e agora com regularidade tinha desfrutado de sua conformidade incondicional com seus caprichos sexuais.

A sua chegada ao estabelecimento, elas não tinham mostrado nenhuma surpresa de que ele tivesse decidido as visitar tão pouco depois de seu casamento. Certamente não sentiam nenhum reparo sobre isso. Tal era o comportamento aceito para os homens de sua escala social.

Elas não perderam tempo lhe acompanhando a seus quartos e afirmaram ter sentido saudades de seus cuidados enormemente. A primeira hora depois de sua chegada, ele se aliviou repetidamente em cada orifício disponível para ele em ambos os corpos flexíveis. Como de costume, sua interação implicava o uso de consoladores e outras curiosidades que elas empregavam para realçar o prazer de um cliente.

Um sortido de tais dispositivos agora permanecia sem ordem nem concerto sobre várias superfícies do quarto, arrojado ali nas convulsões da atividade mais cedo.

Nick estava de pé ao lado do sofá sobre o qual havia fodido recentemente a Bela enquanto chupava a vagina de sua companheira. Quando ambas tinham gritado por sua liberação, ele tinha encontrado a sua outra vez.

Retirando um quadrado dobrado com esmero da pilha de linhos que elas subministraram para o uso da clientela, limpou todas as provas delas de seu rosto e membro. Então se serviu de outra bebida.

—Sua esposa não pode lhe agradar como nós, —falou Anna.

Ociosamente ele observou que os lábios de sua vulva ainda pulsavam com o orgasmo mais recente que sua língua lhe tinha proporcionado, enquanto que da vagina de Bela escapava a nata que seu pênis acabava de depositar. As mulheres permaneciam tombadas semidesnudas, sua respiração ainda agitada de tantos orgasmos que seu corpo lhes tinha proporcionado enquanto sua mente e

coração tinham permanecido afastados.

Sentiu um golpe, sentindo uma suave repugnância tanto por ele, como por elas. Era inabitual nele a experimentação de tal emoção depois do sexo, e isto o sacudiu. Certamente ele não se sentia culpado!

—Isso é certo, —concordou Bela. Seu ceceio na voz lhe tinha atraído uma vez, mas de repente o encontrou aborrecido.

Desgostou ouvir que estas mulheres falavam de sua esposa. Jane não ia e não podia ser comparada por não fazer as coisas que elas faziam.

As joias de seu anel familiar cintilaram quando Nick baixou a taça de vinho de seus lábios.

—Ela me agradará quando dela nasçam meus filhos. Esse é todo o prazer que quero dela.

Na ordem natural das coisas, o ventre de Jane se incharia com seu filho depois da seguinte Chamada. Durante o tempo de seu confinamento, ele procuraria a satisfação carnal com outras mulheres, como estas.

Uma vez que um intervalo apropriado tivesse passado depois do nascimento do primeiro menino, ele reataria as visitas conjugais a sua esposa. Seu pai tinha explicado que as mulheres humanas desejam uma liberação de tais deveres. Mas ele nunca liberaria Jane deles, já que o acoplamento regular lhe brindaria o amparo Satyr.

Bela se excitou e se aproximou para ajoelhar-se a seus pés. Seus olhos paqueraram enquanto separava sua bata de cetim. Suas presas eram ligeiramente proeminentes, o que lhe dava uma aparência de réptil.

Lambendo seus lábios, tentou acariciar seu pênis satisfeito voltando-o para a vida. Sua língua bicuda percorreu toda sua longitude, concentrando-se no ponto sensível onde este se une à cabeça. Quando sua excitação floresceu imediatamente, lhe sorriu através de suas pestanas.

—Você sempre está tão lisonjeiramente preparado, Lorde Satyr.

Ele poderia dizer que não se sentisse elogiada. Milhares como ela poderiam induzir a mesma reação nele. Ele não sentia nenhum afeto especial por ela, deu-se conta, e era essa carência de afeto o que tinha quebrado a rotina hoje. Era estranho que isto nunca tivesse incomodado antes.

Provavelmente era o momento para circular pastos novos.

Quando sua boca envolveu sua longitude, Nick teceu seus dedos em seu

cabelo para sustentá-la ligeiramente. Desapaixonadamente ele olhou seus lábios magros repetidamente inundar e vomitar seu pênis.

Ela formou um arco com seu pescoço, convertendo sua viagem dos lábios à garganta em um caminho mais direto. Seus músculos do pescoço se relaxaram, e ela exalou, respirando por seu nariz, lhe permitindo perfurar mais profundo. A cabeça de seu pênis baixou profundamente por sua garganta, que tremia em um estímulo delicioso.

A maioria das mulheres humanas se afogariam ante tal tratamento, mas Bela era conhecida por sua capacidade para tomar tudo o que um homem poderia oferecer. Ele não conteve nada, sabendo por experiência que ela poderia dirigir até seus substanciais dimensionais. Ela tragou ritmicamente, massageando sua ponta, persuadindo-o até que acabou. Lhe sustentou profundamente então até que o último de seu sêmen fizesse seu caminho garganta abaixo.

Nick se separou dela, seus olhos desprovidos de emoção. Ela estalando a língua deu a sua ponta uma última lambida de despedida. Ele acariciou seu rosto brevemente agradecendo, recolheu sua bebida, e se sentou.

Movendo-se detrás de sua cadeira, baixou suas mãos sobre suas costas, massageando seus ombros e inclinando-se para arrastar suas unhas em círculos sobre seus mamilos.

—Não muito forte, Bela, —recordou Anna com voz zombadora—. O Senhor poderia encontrar seus arranhões difíceis de explicar a sua nova esposa.

Suas divertidas risadas tolas desapareceram rapidamente quando Nick não participou.

Ele queria partir, mas se obrigou a permanecer ali, como era seu costume. Durante as poucas horas seguintes, ele sobriamente tomou sua taça enquanto as duas mulheres devagar e esquisitamente ordenharam seu membro uma e outra vez. O relógio bateu meia-noite quando Anna outra vez se ajoelhou e lhe sorriu com seus olhos de gato. Empurrando seu membro alto contra seu ventre, tomou suas bolas em sua boca, e as massageou com sua língua áspera. Ele podia quase ouvir seu ronrono.

Como sempre, seu membro começou a endurecer-se.

Sua cabeça retrocedeu contra a cadeira, e se perguntou como estaria ocupando seu tempo sua nova esposa essa tarde.

Com Nick longe na cidade, aparentemente a negócios, Jane gastou a

maior parte do dia na biblioteca estudando minuciosamente um e outro livro em busca de misturas de ervas curativas. Muitas das supostas curas eram piores que as enfermidades que se dizia que aliviavam!

Um caso de estudo tinha enganchado seu interesse, já que este descrevia a uma mulher afligida com muitos de seus sintomas. A passagem afirmava que uma beberagem inclusa tinha curado acontecimentos sobrenaturais no corpo desta mulher, murchando apêndices parecidos com uma asa que tinham crescido em suas omoplatas.

A cura era complicada, implicando o uso de numerosas ervas incluso variedades de tomilho, sálvia, orégano, hortelã, eneldo, e manjerona todo o qual devia rechaçar o mal. Quando se cansou de tais estudos terminou a tarde escrevendo para sua tia no salão. Nick tinha sugerido que eles podiam começar a receber convidados, e ela estava ansiosa para ter Emma com ela.

A escuridão tinha chegado quando selou sua carta e a colocou na bandeja que Faunus tinha informado que tinha sido designada para o correio social.

A casa estava surpreendentemente silenciosa quando subiu a escada. Isto a inquietava sabendo que só ela e o mordomo de Nick ocupavam agora as terras. Mas seu marido lhe tinha assegurado que outros criados poderiam ser facilmente convocados a seus quartos se quisesse.

No caminho a seu quarto, encontrou uma criada que não reconheceu.

—Quem é você? —Ofegou ela, endireitando-se.

—Um dos empregados da noite aqui no Castello, Senhora, —respondeu a moça. Sua voz parecida com um zumbido tinha muito pouca inflexão e havia uma calma sobrenatural sobre ela.

Jane segurou o livro que ela tinha emprestado da biblioteca de Nick mais perto de seu peito quando um arrepiou percorreu sua espinha dorsal.

—Eu achava que todo o pessoal partia ao anoitecer.

—Vamos quando outros vão, —respondeu a moça monotonamente.

— Nós? É alguma classe de criada da noite então?

A criada saudou com a cabeça distante.

— Vive dentro dos terrenos? Ou nos quartos dos criados?

— Senhora? —Perguntou outra voz mais familiar.

Jane voltou-se para encontrar-se com Faunus se aproximou sigilosamente até eles.

— Precisa de ajuda? —Perguntou.

—Não. Quer dizer estava indo para o meu quarto quando... —Ela olhou para a criada estranhamente agradecida por ela ter encontrado Faunus—. Eu pensei que o pessoal partia toda tarde.

Faunus empalideceu.

— De quem você fala?

— Desta criada, é obvio!

—Você pode vê-la? Ah! —Ele se balançou sobre seus pés, primeiro sobre os dedos e depois sobre os calcanhares, saudando com a cabeça como se pensasse—. Sua herança. Tem sentido.

Ele despediu da criada, que continuou seu caminho, deslocando-se com uma estranha forma de deslizamento flutuante.

Ambos a olharam partir.

—Os empregados da noite só obedecem minhas ordens, —informou-a—. Transmitirei qualquer exigência que possa ter a eles.

—Já vejo, —disse Jane, não vendo nada absolutamente—. Mas...

Faunus se balançou sobre seus calcanhares e executou uma reverência superficial.

—Você deve me chamar se tiver alguma necessidade. Estamos todos aqui para servi-la.

Com isto, ele girou e saiu correndo.

Jane o olhou indo para seu quarto. Jogou-se na cama, logo foi para a porta e a fechou com chave.

No porão do castelo, Faunus tocava brandamente com sua flauta, atraindo os criados da noite para ele. Havia mais de duas dúzias deles, todos eles Driadasiii que ficaram órfãs a quem lhes tinha concedido refúgio depois de que sua árvore de vida tinha morrido. Uma vez que um Senhor Sátiro lhes outorgava o cuidado de uma herdade, tais Driadas atendiam seu castelo e a seus habitantes tão fielmente como uma vez tinham tendido suas árvores de vida no bosque de sua terra.

—Vocês têm que ter mais cuidado e permanecer escondidas, —adverteu Faunus ao coro de caras etéreas que se amontoavam a seu lado—. A Senhora vê, mas ainda não entende.

CAPÍTULO 15

Cinco noites depois que Jane tinha anunciado sua indisposição temporária, Nick sentiu que seu tempo de sangue tinha cessado. No crepúsculo, abriu a porta que unia seu dormitório com o seu.

Uma vez dentro, parou-se em seco. Percebeu seu aroma, embora ela não estivesse ali. Ficou aborrecido porque ela não estava no lugar apropriado quando ele estava preparado para ela. Era mais cedo que quando a visitava normalmente em sua cama. Mas tinha passado quase uma semana. Não lhe esperava?

Estava a ponto de sair a sua procura, quando observou um lamaçal no chão, por dentro da porta de seu balcão. Uma tormenta da primavera os tinha encontrado, da classe que estava acostumado a ser breve, mas selvagem. Certamente ela não...

Quando olhou atentamente para a porta a pôde ver. No balcão, Jane estava de pé contra o passamanes de pedra, levando só sua camisola de noite. O vento a açoitava, voando seu cabelo e seu vestido. Com uma das mãos sujeitava o corrimão, a outra estava escondida. Quando a olhou, ela inclinou sua cara para cima como se fosse uma flor procurando a bebida da chuva.

Uma parte de sua mente admirava as curvas de seu bumbum, moldadas pelo tecido molhado. Outra, assombrava-se ante o comportamento irregular e imprudente de sua esposa bem-educada e cautelosa.

Ele abriu a porta e sentiu a frieza do vento. Ela não tinha notado?

— Veem, Jane. Ficara doente — a chamou brandamente.

Ela começou a falar, girando-se surpresa.

Seus olhos se estreitaram por uma repentina suspeita, e ele explorou as terras de mais à frente. Ela não podia ter tido um encontro secreto. Não podia ver além de três jardas, pelo dilúvio.

— Meu lorde — resmungou ela, tremendo.

Ele bloqueava a entrada. Quando retrocedeu e mostrou o interior, seguiu para dentro bruscamente. Seu empapado vestido se aderiu a seu corpo e se pegava contra sua pele quando se dirigiu para o fogo.

— Você gosta das tormentas? — Perguntou-lhe, fechando a porta do

balcão e apoiando-se contra ela para estudá-la.

— Refrescam-me. Sinto — resmungou ela, olhando-o rapidamente.

Ela decidiu lhe confrontar, em vez da chaminé, fixou-se nele. Não era seu costume expor seus peitos tão descaradamente, quando devia saber que eram translúcidos pelo tecido empapado.

Ela era sempre cuidadosa em não lhe mostrar as costas, compreendeu ele repentinamente. Não tinha nem ideia do por que.

O silêncio se alargou entre eles. O sentimento de fechamento aumentava dentro dele, fazendo-se intolerável. Começou a rodeá-la.

Nervosamente, ela se afastou pouco a pouco da chaminé, dando volta quando ele se movia. Sempre lhe olhando.

Ele roçou uma comprida e molhada mecha de seu cabelo e o retirou do ombro, revelando um mamilo tenso pelo frio. Tocou com um dedo a curva de um peito e logo roçou o duro botão. Ela ofegou, retrocedendo e cobrindo o lugar aonde tinha sido sua mão.

— Pode sair na chuva quando te agradar —disse ele—. Não desejo controlar cada movimento teu.

—OH.

O que pensou que queria? Não. O que realmente queria dela era o verdadeiro e completo conhecimento de seus talentos, dado livremente. Algumas fadas tinham traços de maldade, que nem sempre se sentiam quando começava. Eram traços que não queriam passar a seus filhos. Mas perguntar por seus segredos só convidaria às mentiras.

Ela se agitou culpada sob seu olhar, e suas suspeitas se intensificaram.

A Chamada viria em sete luas —uma semana a partir desta noite. Seus atos com ela dariam então fruto. Um menino. Era prematuro, quando ele não estava seguro de como funcionava sua magia. Exercia um puxão sobre ele, e não estava seguro se seria capaz de impedir de lhe dar a semente de um menino, uma vez que a Chamada se apoderasse dele.

—Suponho que seu fluxo mensal diminuiu.

Ela retrocedeu quando, obviamente, deu-se conta que ele tinha vindo para sua visita conjugal.

Seus dedos arrancaram o tecido molhado que se pegava a sua coxa.

—Sim. Me dê um momento, e me prepararei para, saudar-lhe adequadamente.

—Está suficientemente preparada —resmungou ele, levando-a para a cama.

Lhe empurrou, protestando.

—Meu vestido molhará os lençóis!

— Então tire, ou eu o farei.

—Pensei que não desejava me controlar.

— Só aqui, no quarto, —corrigiu-se ele—. Em outra parte e em outras coisas, pode exercer maior liberdade.

— É muito amável —replicou ela.

— Seu vestido.

Com dificuldade e demora, voluntária, suspeitou ele, tirou o tecido úmido. Depois que este caiu ao chão, sentou-se na cama e se deslizou para trás.

Lhe esperava de costas com um frágil entusiasmo. No balcão, ela tinha estado se estimulando. Tinha-a visto?

Era a primeira vez que ela se havia meio doida dessa maneira, sem lhe ter primeiro entre suas pernas. Mas esta noite, a tormenta a tinha chamado, tinha-a seduzido.

Entretanto, o orgasmo a tinha evitado. Não estava segura se fosse até possível sentir aquela sensação deliciosa sem o catalisador da fornicção prévia.

As turbulentas emoções que a tormenta e sua própria mão tinham despertado, ainda esquentavam seu sangue. Seu vazio zumbiu com o desejo. Quando entrasse nela, adivinhá-lo-ia?

Nick deixou cair sua bata e a montou.

— Nata —sussurrou ela. Já estava molhada, mas talvez a umidade adicional o disfarçaria.

— Minhas desculpas. —Agarro o pote da mesinha de noite, aplicou um pouco do unguento em seu pênis e logo tocou com um dedo ao longo de seus lábios para umedecê-los e desdobrá-los.

Sem preparação adicional, ele se deslizou dentro dela.

Sua conquista era a mesma, mas de algum jeito diferente. Esta vez, ela

também estava nua e sentiu o suave cabelo de seu peito contra seus seios. Esta vez, ela deu a bem-vinda ao deslizamento de seu corpo quente contra o seu, frio. Desta vez, olharam-se nos olhos.

Desta vez, ela tinha o controle.

Fora, um relâmpago iluminou o céu. O vento arrojava quebras de onda de água contra a janela. A natureza a chamava para filiar-se ao tumulto, para abandonar-se ante a paixão.

Seu membro a enchia uma e outra vez, pressionando seu monte e seu necessitado broto. Se ela pudesse inclinar seus quadris, só um pouco...esforçava-se por resistir. Se lhe tivesse dado uns momentos para unir-se. Silenciosamente, conjugou o latim. Recitou pranchas matemática. Chamou toda a autodisciplina que possuía a fim de resistir o desejo que a abraçava. Mover-se com ele. Unir-se.

Sua mente pregava brincadeiras, e fazia promessas.

Toma o que quer dele. Não despertará sua raridade. Inclina seus quadris, tão somente...

E logo, de repente, outra voz encheu a sua cabeça, profunda e masculina.

Sim, inclina seus quadris. Envolve suas pernas ao redor de mim. Te mova comigo.

Seus olhos se abriram olhando os lábios de seu marido. Não tinham falado. Ainda assim, tinha ouvido claramente as palavras. Em sua mente. Ah, Deus!

Ela estava unindo-se a ele! Sua pele se ruborizava e esquentava aonde tocava a sua. Cada sentido se enriqueceu, em concordância com ele. Ela estava caindo...não!

Apertou sua Palmas contra seu peito, resistindo. Estúpida! A união só se intensificou.

Suas palavras para afastá-lo foram sufocadas por seus lábios. Seus fôlegos uniram-se, e suas línguas dançavam, acoplando-se. Como o azeite de suas peles se misturavam, fizeram-no suas emoções, revelando que escondiam um do outro.

Ele tinha cargas. Embora estava acostumado a isso e era o bastante forte — o suficiente — para aguentar suas cargas a sós.

Ela poderia lhe acalmar. Sentir carinho por ele. Tão facilmente.

Deixe tomar o peso de ti, marido. Não tem que fazê-lo sozinho. Compartilha-o comigo.

O poder de sua posse aumentou. Seus olhos de crepúsculo olhavam nos seus. Suas promessas penetraram sua mente.

Compartilha seus segredos, esposa. Guardá-los-ei a salvo, manter-te-ei segura.

A paixão a drogava. Sim, queria lhe contar. Queria compartilhar sua carga com ele. Queria o que lhe oferecia. Queria-o.

Sim, só me diga que poderia me amar algum dia, marido.

Sua mente duvidou, distante. Silenciosa.

A sua clamou para ele.

Então leve seu prazer e me deixe em paz!

Com um grito estrangulado, aprofundou ainda mais. Ela o agarrou despreparado, lhe atraindo para derramar-se antes que ele tivesse querido fazê-lo. Seu escorregadio desejo a alagou, afogando-a em um prazer solitário.

Quando ele a abandonou essa noite, ela não tinha nenhum pensamento voluntário de sentir prazer a si mesmo. Em troca, estava muito preocupada. Tinha pensado que sua capacidade com os humanos se desvanecia, mas nunca se uniu tão rapidamente, nem tão a fundo com outra pessoa. Depois, nenhum deles tinha falado disso. Mas agora estaria entre eles.

Sentou-se. Encurvando um ombro, explorou a área na base de suas costas. Seus dedos pentearam a penugem que ela encontrou ali. Era sua imaginação, ou crescia mais rápido?

O que faria ele quando descobrisse seus segredos —o que era ela? A afastaria? A expulsaria?

Sua tia iria querer saber por que o tinha feito. A condenação de seus olhos poderia mover-se então dela a Emma. Seu pulso se acelerou.

Ela não devia voltar a unir-se com ele. Devia fingir que esta noite nunca tinha passado e seguir escondendo o que fazia. Era o único modo de manter segura Emma.

Procurou sua caixa de costura. Encontrou-a na penteadeira e tirou um par de tesouras.

Enroscando-se torpemente, com suas costas frente ao espelho,

contemplou as curtas e ocas plumas dobradas delicadamente em suas omoplatas.

Cautelosamente, começou a cortar.

CAPÍTULO 16

Jane se aventurou ao exterior outra vez na manhã seguinte, tomando uma nova direção desta vez. Agora, enquanto caminhava no jardim, as plantas próximas reverdeciam sem nenhum esforço de sua parte. A erva sob seus pés ficava verde e crescia exuberante. Suas habilidades com a flora aumentavam diariamente.

Perder esta aptidão deveria ser como cortar um apêndice. Mas tinha que destruí-lo antes que seu marido se dessa conta. Antes que estranhos o fizessem.

Se as ervas que requeria para uma cura existiam nas terras Satyr, encontraria em uma área sombreada, não à luz do sol. Voltou-se para o bosque. Dividir-se-ia para ela esta vez?

A grama estava úmida, empapado em algumas partes pela violenta chuva de ontem à noite, e teve ocasionalmente que rodear alguma que outra parcela enlameada. Perto do topo das videiras, encontrou uma clareira e dobrou para ver quanto tinha percorrido.

Fora das paredes de castelo, o vento arrasava com um sol deslumbrante por toda a extensão de uma pradaria coberta de erva que se esfumava em ondas de calor, dentro do perímetro do complexo Satyr, a temperatura permanecia constante e cômoda.

Caminhou para entrar na floresta e sentiu sua cautelosa acolhida. Conhecía-a agora, possivelmente farejava o tato de seu amo sobre ela. Caminhou um curto trecho, mantendo os olhos procurando.

Algo a atraiu para a parte mais profunda do bosque. Rodeou carvalhos e árvores de espinheiro feitos densamente com hera, andou com cuidado seu caminho através de samambaias e caminhou finalmente sobre uma envelhecida parede de pedra.

Mais à frente, dentes de dragões, alhos, e corados trevos cresciam selvagens. Pequenos montículos de rosa em flor e o tomilho de fada se aferrava à terra possessivamente. O ar cheirava a agulhas torradas pelo sol e glicinas de montanha.

E então, sem advertência, ali estava – as espinhosas, floresça douradas do *allium moly*. Ajoelhou-se, revisando-a com dedos trementes.

Cuidadosamente o arrancou do chão e limpou a terra que se aferrava a suas raízes. Guardando a planta em sua cesta, voltou-se para o castelo.

Julgando pelos diamantes do sol brilhantes através do dossel por cima de sua cabeça, à tarde estava avançando. Afastou-se o bastante. Nem sequer a ponta da torre da comemoração era visível na distância.

Diante, na espessura inexplorada, um reflexo trêmulo repentino da luz azul captou sua atenção. Outra luz apareceu ao lado dela como por arte de magia está, cor rosa e uma terceira, que era de uma cor de prata.

Cautelosamente se aproximou delas, e olhou atentamente através das plantas para descobrir uma clareira. As luzes estavam encerradas dentro de um pequeno templo ao ar livre rodeado por colunas gregas de formas femininas e volutas.

Quando olhou, as luzes se aumentaram, solidificaram-se - e tomaram a forma de mulheres! As mulheres brilhantes foram atraídas como se fossem uma para uma mesa de pedra grande no centro do templo. Com graça serpentina, seus corpos acariciaram e veneraram outra forma maior que as esperava ali. Era um homem. Nu.

E o que lhe estavam fazendo?

Retrocedeu, rompendo um raminho sob seu pé.

As três figuras pararam e logo trocaram de lugar, protegendo ao macho instintivamente no centro. Suas cabeças giraram de uma vez, seus olhares curiosamente vazios. Entre elas, um par de olhos dourados cintilaram em sua direção. Estes olhos eram masculinos. E conscientes.

O bosque circundante caiu em um silêncio anormal. O grasnido de aves e o zumbido de insetos cessaram.

Os dedos do medo acariciaram sua nuca. O bosque que lhe tinha dado as boas-vindas antes, repentinamente se vislumbrou como uma mortalha. Ramos grossos se inclinaram para ela sufocantemente perto.

Girando, fugiu. Do bosque — de si mesmo. Por que tinha visto tais coisas? Estava perdendo sua prudência?

Com cada passo, uma coroa de cogumelos diminutos, delicados rodeava cada um de seus pés. Começou a correr. Os círculos lhe seguiram o passo, desaparecendo logo que levantava um pé da terra e reaparecendo assim que seu pé tocava terra outra vez.

Uma trepadeira se fristou ao redor de seu tornozelo, fazendo-a tropeçar.

Caiu para frente, deixando cair sua cesta. O aroma acre de vegetação que se apodrecia sobre o piso de bosque invadiu suas narinas. Sua Palmas se aplanaram sobre a terra. Incapaz de levantar-se fundiu. As visões chegaram....

Um transbordar de corpos —meneando-se, enroscando-se e retorcendo-se juntos em apaixonada euforia. De mulheres capturadas e mantidas cativas para o prazer de homens que eram desumanos. De seu futuro, aqui neste lugar.

Curvada, Jane se escorregou na escuridão.

Quando despertou, estava no jardim atrás do Castello deitada em um banco. Como tinha chegado ali, não sabia. Não estava segura se o que tinha visto tinha sido um sonho. Mas a prega de seu traje estava úmido com o orvalho, e sua cesta com a moly tinha sido posta a seu lado.

—Sua esposa estava no bosque esta tarde, perto de um dos templos remotos do ponto de encontro, —disse Lyon.

O coração do Nick se acelerou.

— O que ocorreu?

—Estava transando. Penso que me viu.

—Não mencionou nada disso —disse Nick.

—Bem, algo ali causou que ela desmaiasse, e...

— Sete infernos! Desmaiou?

—Levei-a de retorno a seu jardim, —disse Lyon.

— Por que estava transando ali, no meio da tarde de todos os modos?
—Espremeu Nick.

Lyon tirou as mãos de seus bolsos, encurvando-se em um vago gesto de vergonha.

—Como se alguma vez você não tivesse feito o mesmo! De todos os modos, tinha estado trabalhando nas videiras do amanhecer. Necessitava uma pausa.

—Se estava tão fatigado, como reuniu energia necessária para transar?

Lyon lhe cravou o olhar.

—Há cansaços e cansaços.

—Maldito seja, Lyon!

—Quando e onde quero transar não é de sua obrigação, irmão. Somente te digo isto em caso da Jane exponha o assunto com você. Se viu as Ninfas que fiz aparecer, terá perguntas cedo ou tarde.

—Tem razão, é obvio. —Nick esfregou o nó de tensão ao longo da parte posterior de seu pescoço—. Não compreendo. Como pôde aproximar-se lhe sem ser obrigada a voltar-se pelo bosque?

—As forças que o protegem poderia ter detectado seu sangue de fada e confundido. Não sei. Somente sei que ocorreu. —Lyon vacilou—. Há outra coisa. Tinha uma cesta consigo. Continha raminhos do moly antigo, tirado de nosso bosque.

—O remédio? Mas para que? —Os olhos do Nick se foram à porta, a suas lembranças sobre sua esposa e seu tempo juntos a noite anterior. Fundiram-se, somente brevemente, mas tinha sido perigoso. Não podia confiar a nenhuma mulher seus segredos e estaria em perigo no futuro. Possivelmente ela pensava o mesmo. Esta manhã, tinha parecido desconfiar dele.

—Acredita que poderia entender a ameaça e estar tentando acautelá-la? —Perguntou Lyon.

—Que ameaça?

—A ameaça contra Jane e suas irmãs Fadas, —explicou Lyon com Aquela exasperação a que aludia a carta do Rei Fey. Sinceramente, o matrimônio confundiu seu cérebro?

Nick avermelhou, freando seus pensamentos.

—Em relação à ameaça, não tenho descoberto nada, mas suspeito que surgirá dentro da família humana de Jane.

—A risco de que me arranque a cabeça com os dentes, posso perguntar se alguma vez planeja lhe informar o que é? O que somos? —Perguntou Lyon.

—Ajeitarei isso com ela a meu modo, a meu tempo.

—Por que o passo de tartaruga? É sua esposa e deve aceitar o que é. Acredito que deve apanhá-la com um menino durante a Chamada e terminar com isto.

—Não recorda o que passou quando Raine mostrou sua natureza?

Ainda todos podiam sentir as repercussões desse lapso. Depois do intento fracassado de Raine de unir-se a sua esposa humana durante a Chamada,

tinha fugido na noite. Tinha aparecido nas casas dos criados, histérica.

Nick tinha ido procurá-los para minimizar o dano limpando suas lembranças. Antes do momento em que a tivesse deixado na casa de sua família, não recordava nada salvo por vago temor para seu irmão. Entretanto, divorciou-se de Raine posteriormente, e os rumores tinham circulado como consequência das histórias que tinha contado essa noite.

—O tempo não era o assunto nesse caso, —disse Lyon—. Sua esposa era completamente humana, e seu único engano foi não dizer-lhe.

—Não se preocupe, decidirei fazê-lo quando chegar o momento.

—Se alguma vez o fizer. —Picou Lyon.

—Veremos quão facilmente dirige tais assuntos quando tiver sua própria esposa com a que lhe arrumar isso - disse Nick.

Lyon pigarreou e ficou suas palavras.

—Muito bem. Renúncia ou atrasa a revelação de sua identidade verdadeira todo o tempo que queira. Enquanto isso, sugiro que a mantenha bem longe do ponto de encontro a menos que pense escandalizá-la submetendo-a a nossa natureza.

A porta se fechou de repente detrás dele.

Nick permaneceu sentado refletindo durante vários minutos e logo ficou de pé e procurou sua esposa.

Encontrou-a no solar preparando-se para trabalhar.

Jane se assustou ao vê-lo, esperando que não a interrogasse a respeito da influência mútua da noite anterior.

—É momento de te levar para ver a propriedade, —disse-lhe.

—Eu adoraria, —disse-lhe.

Não agora, pensou, seus dedos se moveram dentro de suas pantufas. Sujeitou a cesta de Moly que tinha recolhido mais cedo esse dia de trás dela, fora da vista.

Nick olhou as ferramentas a seus pés. Estava obviamente concentrada em algum projeto em seu jardim.

—Agora seria conveniente?

—É obvio, —disse, suspirando interiormente. As raízes da planta estavam envoltas e regadas. Podia esperar até mais tarde para encontrar uma casa permanente na terra do jardim.

E se ele estava repentinamente ansioso de lhe mostrar os arredores da propriedade, ela estava indubitavelmente ansiosa de que a mostrasse. Era uma oportunidade de aprender o que outras plantas podiam existir. Estaria mais cômoda explorando com um companheiro, em vista de sua estranha experiência recente no bosque.

Depois de tirar os cavalos de suas baias, montaram ao longo de um atalho rochoso, sempre para cima e para o centro das terras Satyr. Ao final desmontaram em uma pérgula de nodosas trepadeiras de glicina enroscadas, que cobriam um atalho de pedra por diante da vinha.

Entraram em suas portas e seguiram a pé dali. Nick assinalava os vários trabalhadores com os que se encontravam e explicava as tarefas nas que cada um estava comprometido.

Jane desfrutava de estar entre as videiras, e seu interesse no trabalho era genuíno. As uvas não eram responsáveis por como fora usada a mescla que se obtinha delas, estimou. Os homens eram.

Detiveram-se no topo de um pendente, e Jane protegeu seus olhos para receber a prolongação interminável de fileiras de videiras abaixo.

—É como uma enorme colcha de emplastos vivente, —disse—. E maior do que esperava.

—Temos oitocentos acres, embora só quatrocentos está atualmente sob o cultivo. Desses, somente trezentos estão plantados com uvas. O resto está em azeitonas e fruta.

Caminhando perto de uma vinha, Jane levantou o grupo diminuto de pequenas Pelotas verdes parecidas com grãos de pimenta.

—Estas são as uvas?

—As flores, —disse Nick—. Depois de que floresçam em junho, a fruta começa a crescer. Uns cem cachos podem crescer sobre uma videira, mas o sabor se arruína se não estarem bem nutridas. Serão reduzidos até que no solo fiquem aproximadamente duas dúzias de cachos.

—Não viu sinais da erupção? —Jane perguntou—. Escutei outros falarem disso em Vila d' Este.

—Não até agora.

—O quanto é preocupante?

Encolheu-se de ombros.

—Sempre houve doenças e apuros. Se tivermos muita chuva, o mofo pode começar. Se a terra for muito rica ou pobre de nutrientes, as uvas são pequenas. Embora isso não é um problema para nós aqui. —Inclinou-se e tomou um punhado de terra vulcânica seca e logo a deixou cair ao chão pelos seus dedos. E logo ficou de pé, tirando o pó suas mãos—. A água, o sol, e a terra são os ingredientes que fazem as uvas, que logo serão colhidas.

—Quando é a colheita?

—Começa em setembro. Cada variedade amadurece em momentos diferentes, assim são colhidas uma atrás da outra. Segue o processo de extração do suco. Então no outono atrasado, a fermentação começa.

Assinalou uma área em onde as videiras cresciam selvagens. Ali, demolas antigas estavam entre flores silvestres e ervas daninhas, um testemunho para o trabalho de que camponeses trabalharam ali em anos passados.

—Essas videiras são utilizadas para a coleção de animais do Lyon. Seus mascotes descendem como lagostas quando as uvas começam a maturar. É inútil tratar de mantê-los afastados assim aprendemos a compartilhar.

Um gato se aproximou e ficou a serpentear ao redor de seus tornozelos. Logo se fristou sob uma trepadeira que estava chateada e murcha.

Nick estava falando outra vez e tinha levantado um cacho para sua inspeção.

—Vê? Quantas há em cima deste cacho? O peso das uvas o girará para baixo com o tempo.

Enquanto escutava pela metade, seus olhos retornaram à videira doente.

Notando sua distração e a direção de seu olhar, Nick se desculpou para falar com um dos peões. Quando retornou, a trepadeira crescia agora sã e resistente devido a seu tato.

Intrigante. Declarava odiar o vinho que as uvas causavam, mas não podia suportar ver uma singela videira derrubada.

Qual era a profundidade e amplitude de seu dom com as plantas? Tinha alguma ideia sequer dele? Intuíu que estava envergonhada de seu talento. Compreensível, tinha vivido em EarthWorld, onde seus talentos teriam sido desprezados.

Sorriu e tomou seu braço, e lhe devolveu um sorriso incerto em troca.

Quando passaram do jardim, Nick recordou seus encontros com a criada ali em sua juventude. Seu membro tremeu.

Os peões salpicavam os pendentos ao redor deles como formigas. Agora não era nem hora, nem o lugar para unir-se a sua esposa. Forçou suas ideias em outra direção.

—Tem mais curiosidade pelas uvas do que admite, —disse-lhe, levantando um arco de glicina para que eles pudessem passar sob uma pérgula—. É de bom augúrio para nosso futuro. As raízes de minha família estão profundamente unidas a esta terra, esta indústria. Nosso vinho adornaram as mesas dos ricos e membros da realeza deste mundo por séculos.

Ela permaneceu em silêncio.

Dedicou-lhe um sorriso desproporcionado.

—Estou tratando de te convencer dos méritos de minha herança muito seriamente?

—Não é para eu determinar seus méritos. A inteligência e a propensão para o trabalho duro são evidentes em sua família e são qualidades admiráveis.

—Assim já não teme haver te casado com um bêbado?

Sorriu timidamente.

—Não. Estou contente em meu matrimônio.

Ocorreu a ele que ela mesma era como uma flor de uva, abrindo-se a contragosto com o tempo, podia revelar sua identidade interior especial.

—Por que estive de acordo com ele? —Perguntou, repentinamente curioso.

Lançou-lhe um olhar precavido.

—Queria uma família em que Emma e eu pudéssemos fazer um lugar para nós mesmas e ser aceitas por ser quem somos.

Colocou uma mão sobre a sua.

—Você tem isso aqui.

Inclinou sua cabeça, esperando, mas sem atrever-se a acreditar.

—Obrigada.

CAPÍTULO 17

Faunus coloco uma bandeja de prata sobre a mesa de Nick.

— Chegou uma carta para a Senhora.

Nick recolheu o pergaminho dobrado e selado e leu rapidamente. Arrojou-a de novo à bandeja.

—De sua tia. Faça com que receba.

—Certamente, Senhor, —disse o Faunus, inclinando-se.

Nick lhe deu um olhar sardônico.

—Desde quando é tão formal, Faunus?

—Seu Senhora o espera, e eu gosto, —respondeu seu servo—. Às vezes.

Partiu com um ondular da cauda de seu traje e fechou a porta detrás dele com deliciosa correção

Momentos depois, Jane bateu na porta do escritório. Entrou com a carta e começou a falar quase imediatamente.

—Recebi uma carta de minha tia! —Disse, quase dando voltas da emoção—. Ela e meu pai estão morando uma vila perto de Florência para escapar do calor da temporada no Tívoli. E trazem Emma! Mas isto é maravilhoso! Vou preparar um quarto para Emma imediatamente. Qual selecionaremos para ela?

Nick se inclinou de novo e sorriu com indulgência.

—A escolha é sua.

Jane deu golpezinhos com os dedos em seu queixo, pensando.

—Ela está acostumada a dormir em uma habitação adjacente à minha. Você concorda?

—Um acordo desse tipo poderia te fazer passar momentos difíceis agora que está casada, —recordou-lhe Nick.

—Ah, claro. É obvio. Talvez a torre então. Ela gostará. Vai precisar de sua própria babá e tutores, e esse tipo de coisas. Somente até que vá para a

escola. Mas estará comigo até então. —Jane se abraçou com regozijo.

—Quando chegam?

—Ainda esta semana. Vão permanecer várias noites conosco antes de viajar à vila que alugaram.

Sete infernos! Sua propriedade estaria ocupada com a família durante a próxima noite de Chamada. O muro de poder podia mantê-los separados das partes recônditas interiores do composto, mas era perigoso os ter ali.

E Jane não estaria disponível. Qualquer plano para impregná-la teria que postergar-se até a lua cheia do próximo mês.

—O que está mal? —Perguntou, notando seu silêncio.

Convocou um sorriso.

—Só perguntava se deveria convidar Lyon para ficar conosco?

—Sim, e Raine também?

—Ele está ausente. —Procurando a sua irmã.

—Lyon, então. Faremos uma reunião familiar, —disse Jane—. OH! Há muito para fazer.

Saiu da sala sem fechar a porta, um pecado capital em sua casa pelo qual qualquer criado seria rotundamente castigado. Mas Nick simplesmente a empurrou com sua mente para fechá-la antes de retornar a seu trabalho.

Mais tarde, convocou Faunus para falar dos preparativos para a iminente visita do trio.

Os convidados chegaram uma semana depois. A bagagem foi guardada e todos passaram a suas habitações para refrescar-se antes de jantar.

Jane instalou seu pai na asa norte e sua tia no Sul e, continuando, acompanhou sua irmã acima à terceiro andar. O hábito longamente enraizado impediu que Emma abraçá-la, inclusive depois de uma larga separação. Inevitável, Jane tinha evitado seu contato com muita frequência no passado.

—É a torre de uma princesa! —Exclamou Emma, correndo a mão sobre as paredes curvas da torre que ia ser seu dormitório.

—Então deve ser uma princesa, —disse Jane—. Porque é a tua.

Emma olhou com atenção a paisagem que se estendia desde sua janela

—Vou ter que deixar crescer meu cabelo.

Jane a olhou com curiosidade.

—Igual a Rapunzel, —disse Emma.

Jane sorriu.

—Venha, Rapunzel. Falaremos mais tarde esta noite. No momento, vamos jantar com a família.

—Não posso acreditar que vou dormir esta noite em um verdadeiro castelo! —Disse Emma no caminho escada abaixo.

Na entrada do salão formal, Lyon e Nick se levantaram de suas cadeiras.

Continuando a conversa, Lyon disse:

—Espero que seu sono não seja perturbado. Nick te entreteve com os relatos dos fantasmas de nossos castelos?

Emma se sentiu imediatamente intrigada.

—Há fantasmas?

Lyon assentiu, enquanto que Nick sacudiu a cabeça.

—É obvio que há, —disse Lyon—, ao menos em meu castelo. Se não encontrar nenhum no de Nick só terá que conhecer o meu.

—Existem realmente os fantasmas aqui? —Perguntou Emma a Jane.

Nick respondeu por ela.

—Só se acreditar nas lendas ditas pelos camponeses nos arredores, como aparentemente Lyon faz.

Lyon deu um olhar de conspiração a Emma.

—Os camponeses têm um sexto sentido a respeito destas coisas.

—Há uns cem números de histórias, —disse Nick—. Entretanto, em trinta anos, eu não vi nenhum fantasma.

—Do que falam? —Perguntou Izabel, vindo com o pai da Emma para reunir-se com eles.

—Fantasmas. —Diz Emma.

—Não há tal coisa! —Disse o Senhor Cova, indo para o carro de licor.

—Permito-me discordar. —Disse Lyon—. Os nossos humildes hectares foram testemunhas de muito caos através dos séculos, por desgraça deram lugar a numerosas mortes. Nossos antepassados lutaram contra sieneses, florentinos e outros que trataram de obter um lugar aqui. E em um plano mais pessoal, nossa tatará—tatará—tatará—avó, quem foi decapitada, diz-se que vaga pelas escadas com sua tiara, já que busca sua cabeça para colocá-la.

—Que horrível, —disse Izabel.

Jane estremeceu.

Emma mordeu um pouco seus lábios, olhando para as escadas.

—Talvez uma mudança na conversação viria bem, —disse Nick.

Izabel o olhou com atenção.

—Começarei dizendo como você está bem. O matrimônio parece fazer bem a você.

—Bastante bem, —disse Nick. Através de um copo cheio de vinho seco, dirigiu a seu irmão um olhar cheio de um humor negro—. De fato, Lyon espera casar-se logo, não, irmão?

Lyon dirigiu para o Nick um olhar inescrutável.

Jane intuía um intercâmbio de informação entre os irmãos, algo do que o resto deles não estava informado.

—Outro casamento tão logo? —Perguntou Izabel, parecendo desgostada por alguma razão.

Lyon apunhalou um hors d'oeuvre com o garfo.

—Falemos de outras coisas. O jantar, por exemplo...

Na noite seguinte, Nick e Lyon se desculparam por não jantar por assuntos de negócios e deixou Jane e sua família, comendo sem eles.

Raine tinha chegado em casa, de Paris, esta tarde e se encontrou com seus irmãos no limite do ponto de encontro ao anoitecer. Juntos tomaram vinho feito de suas próprias uvas, em preparação para o ritual por vir.

—Trago notícias do Norte. A causa da erupção foi determinada, —disse Raine sem preâmbulo.

Nick e Lyon prestaram atenção

— A enfermidade que aflige à videira se chama a filoxera. Sua causa é um pulgão que foi recentemente trazido há Europa em uma videira americana, — informou-lhes Raine.

—Tal praga poderia estender-se facilmente a nossas vinhas sobre as botas ou mãos de um operário, —disse Nick.

— Trata-se de uma época perigosa. Não podemos nos permitir que baixe o muro de poder enquanto Raine deixa a região Satyr por semanas inteiras, —disse Lyon—. Sugiro que ele e eu adiamos nossas buscas de noiva até que seja encontrada uma cura.

Nick retorcido o caule de sua taça entre dois dedos.

—Não pense em escapar de seu destino com tanta facilidade, irmão.

Raine parecia sombrio.

—Nick tem razão, Lyon. Esta erupção poderia desencadear-se por anos, enquanto que as filhas do Fey continuariam em perigo.

—Falando disso, está perto de localizar à segunda Fada Blend? — Perguntou Nick.

Raine sacudiu a cabeça.

—É difícil.

—Nick encontrou à sua facilmente, —repreendeu Lyon.

—Me ocorre que o motivo de minha dificuldade pode ser que eu não estou destinado à filha em Paris, —disse Raine. Olhando a Lyon. —O que diz se o tento em Veneza em lugar de ir a Paris?

Lyon se encolheu de ombros.

—As outras duas filhas são estranhas para mim. Toma as duas se o desejar.

—Acredito que não, —disse Nick.

—Então, está decidido, —disse Raine, com alívio—. Amanhã, vou viajar para Veneza.

Levantaram suas taças ao mesmo tempo brindando ao Deus de pedra que mandava sobre eles. Juntos realizaram os antigos rituais que reforçariam o feitiço ao redor de suas terras mantendo seus segredos seguros.

Momentos depois, a luz da lua os banhou em sua plenitude. Túnica e calças caíram no chão. Taças douradas caíram de seus dedos ao musgo brando, derramando as gotas de vinho cor sangue.

Ao uníssonos, expuseram seus rostos para a luz, bebendo em seu poder. Com as musculosas costas arqueadas para trás e seus fortes braços estendidos de par em par em súplica.

As incumbências mundanas se afastaram da mente do Nick quando o Trocar se produziu nele, causando tanto um prazer insuportável como dor com ele, encolheu-se quando seu segundo eixo se abriu passo por seu ventre.

Eles estavam em seu momento mais vulnerável. Os seres humanos estavam perto. Ele devia confiar no bosque para protegê-los dos forasteiros nas largas horas que se estendiam até o amanhecer. Foi seu último pensamento coerente antes que o Chamado o surpreendesse.

Na distância, inadvertido, alguém se deslizou mais perto para olhar. O bosque a aceitou ao princípio, reconheceu-a como uma fiel Ménade. Avidamente observou a libertinagem que se desenvolvia na arena sagrada.

Seus olhos emitiram brilhos quando observou aos Senhores no cio com as mulheres que tinha feito aparecer. Em sua condição, tomariam a qualquer mulher disponível. Podiam procriar um bebê — um com sangue sátiro em suas veias — nela essa mesma noite! Ofereceu-se, já começando a desprender-se de seu traje.

Mas o bosque detectou seu mal repentinamente. Recriminou sua intrusão, concentrando-se em rechaçá-la. Os insetos a morderam, e trepadeiras de espinhos se enroscaram sobre seus tenros tornozelos. Os ramos se inclinaram subitamente para mover-se para ela.

Volta! Advertiram.

Lutou contra sua ameaça durante muitos minutos, desesperava-se por ficar. Ao final a vontade do bosque foi muito, e foi forçada a retirar-se.

Mas o olhar a tinha estimulado. Necessitaria a seu meio-irmão entre suas pernas esta noite.

Nick não era aficionado a andar, mas isso foi justamente o que fez ao retornar ao Castelo ao amanhecer. Teria estado no leito de Jane ontem à noite, derramando-se nela em lugar de nas Ninfa se não fosse a presença de sua família.

No próximo mês, prometeu-lhe. O próximo Moonful, nada lhe

impediria de lhe dar um menino.

Uma vez dentro de sua casa, tomou as escadas e foi para seu quarto. O som de rastros furtivos o fez esconder-se nas sombras.

Por um oco observou um Senhor Cova desalinhado e sem sapatos caminhar pelo corredor. Seu cabelo estava revoltado e levava uma bata enrugada. Nick olhou a direção da que vinha. Izabel dormia nessa ala.

Poderia haver somente uma razão detrás desta entrevista secreta noturna entre um meio-irmão e meia-irmã. Interessante. Tais deslizos da natureza o deixavam como se nada, mas se perguntava se Jane sabia que tal relação existia entre esses dois. Improvável.

Trocou de lugar alguns degraus com o passar do salão e se encontrou cara a cara com a irmã menor. Moveu-se sigilosamente para ver a direção em que vinha. Seguiu-a com o olhar, mas não viu nada estranho.

—Outra trota mundos, —murmurou.

—Eu estava procurando a J...Jane, —sussurrou Emma—. Tenho algo que lhe dizer!

Tornou-se contra ele com lágrimas nos olhos e envolveu seus braços ao redor de sua cintura.

Alguna classe de instinto paternal latente em Nick o impulsionou a lhe oferecer consolo. Levou a Emma pelo corredor para uma cadeira. Suas mãos eram pequenas e em sua confiança lhe disse de seus temores.

Pela primeira vez, considerou o que ter filhos em seu lar realmente significaria em sua vida. O assunto dos herdeiros tinha sido uma ideia abstrata antes. Agora a ideia de ter meninos lhe fez compreender que significava que assumiria outro papel — o de pai. Ele guiaria a suas vergôntes da mesma forma singela com que guiava agora a Emma longe de seus terrores. E também nas questões mais complexas de suas vidas. Era uma responsabilidade que veria com agrado.

Emma tinha sentado, ajoelhou-se diante dela.

—Agora, me conte de novo, exatamente o que ocorreu.

—Vi um fantasma.

Nick se sentou novamente sobre seus calcanhares, descrente. A menina tinha sido obviamente assustada pelas histórias de Lyon.

—Vi-a! —Solveu Emma—. Ela levava um colar da casca das árvores

e uma tiara de folhas em seu cabelo.

Nick ficou rígido. Ela estava descrevendo uma das serventes noturnas. Mas isso era impossível! Ela não podia vê-las. Só se houvesse uma gota de sangue ElseWorld em suas veias. Estudou sua forma especulativamente, mas não detectou indício dela. E se tivesse havido outro tipo de acoplamento entre mundos em sua linhagem, em algum momento?

Jane escolheu esse momento para aparecer em sua soleira. Suas bochechas ainda avermelhadas de dormir, mas tinha arrojado uma bata sobre sua camisola. Quando viu o Nick e Emma, apressou-se para eles.

Seus olhos lhe varreram, e assinalou que ainda vestia sua roupa de noite. Leu sua curiosidade, mas sabia que ela não perguntaria sobre seu paradeiro durante a noite. E não ofereceria nenhuma explicação.

Emma saltou e correu aos braços de sua irmã arrancando ao Jane fora de seu enraizado hábito.

—Vi um fantasma, Jane. Ao princípio pensava que era a avó sem cabeça de Lyon! —Emma olhou para assegurar-se que não houvesse ninguém mais escutando, e logo cochichou, —mas se fosse, devo lhe dizer que localizou sua cabeça.

—Não, é real, —disse Emma. Ela se arranhou o joelho—. —Ou parecia que sim

Jane alisou o cabelo de sua irmã, colocando os fios soltos cor castanha detrás de sua orelha.

—Que ideias pôs em sua mente a conversa de fantasmas de Lyon?

Emma encolheu de ombros desconfiadamente e logo tremeu.

—Veem, você está geada. Deve deitar comigo, e te protegerei de quaisquer fantasmas, —disse Jane. Recordou ao Nick e esclareceu rapidamente—. Para o resto da manhã, quero dizer.

Nick as olhou e logo seguiu seu caminho para seu quarto para banhar-se. Não necessitava de sonho. O sátiro rejuvenescia depois de uma Chamada.

Enquanto os outros dormiam, fez as rondas de sua propriedade. Retornou no meio do amanhã para encontrar aos visitantes de sua esposa preparando-se para partir.

—Mas supus que permaneceria mais tempo e que Emma ficaria conosco quando você partisse, —disse Jane a Izabel.

—Você prometeu! —Protestou Emma.

—E mantereí minha promessa quando a época seja correta, —disse Izabel, desenhando suas luvas—. Mas não me atrevo a te deixar aqui até que seja maior. Olhe como te assustou devido a tola conversa de fantasmas de Lyon depois de somente uma noite em baixo deste teto!

—Não estava assustada! —Protestou Emma.

— Cale-se, menina! —Falou Izabel—. Recolhe suas coisas e as guarde você mesma na carruagem.

—O que é a verdadeira razão pela que não lhe permite ficar? — Perguntou Jane quando Emma se foi.

Os olhos do Izabel se tornaram ardilosos e insondáveis.

—Uma menina de tão tenra idade entre tantos solteiros aqui? Sua reputação não pode ser desonrada se espera encontrar um bom partido.

Jane pegou na manga de Nick como se esperasse que ele falasse.

Colocou uma mão sobre a sua e olhou para o pai de Emma. Senhor Cova se moveu, incômodo. Sem vinho para reforçá-lo, era débil. A tia era obviamente com quem devia negociar.

—Deixa a Emma aqui e minha riqueza assegurará uma boa partida.

Izabel agitou sua cabeça.

—Com o tempo possivelmente. Por agora, não é apropriado.

Um som involuntário de protesto surgiu de Jane, e as disputas se formaram sobre seus lábios.

—Vamos. Minha esposa quer Emma com ela, aqui em Blackstone, —rogou Nick—. Como posso provocar isso? Possivelmente uma visita prolongada para ver como balança o acerto?

—Emma pode vir de visita é obvio, mas seu pai prefere retê-la com ele no momento. Está muito apegado a ela. Não é verdade, irmão?

—Sim, Izzy, —resmungou Senhor Cova.

Izabel caminhou fora.

—Meu deus! A temperatura é tão regular quando a gente está dentro dos terrenos da propriedade. Entretanto está tão quente fora de suas paredes. Curioso.

—Suponho, —marcou Jane, logo que se dando conta—. Não estive fora dos terrenos desde que cheguei.

—É obvio, —disse sua pequena tia—. Casada tão recentemente. Muito compreensível. Mas você deve vir a uma festa que estou planejando em alguns dias.

CAPÍTULO 18

Uma semana depois Jane uniu seus dedos enluvados, acomodando-se fora do mar de convidados que se coagulavam no imponente salão dava festa de sua tia. Algo estranho estava ocorrendo, mas não compreendia sua natureza precisa.

Ela e Nick tinham ido à Vila dava Nati, que sua família atualmente alugava em Florência, para assistir à festa preparada por Izabel. O encontro de Jane com sua irmã tinha sido breve antes que sua tia tivesse determinado que era hora de que Emma se retirasse.

Agora os festejos estavam bem em marcha no salão do chalé, e Jane permanecia de pé entre os amigos de sua tia. Seus sussurros encobertos e olhadas de soslaio tinham aumentado o suficiente para chamar sua atenção. Jane seguiu a direção de seus olhares e encontrou seu marido no outro lado da habitação.

Estava perfeitamente elegante como sempre. Embora sua marca de roupa era ligeiramente incomum, de todas maneiras. O corte de sua jaqueta era sóbrio, mas o tecido tinha um brilho iridescente sob a luz e estava decorado com seres sobrenaturais. Era suave, sabia. Já tinham tido dois bailes juntos, e tinha descansado sua mão em seu ombro durante ambos.

Observando Nick misturar com a sociedade esta noite, era difícil dar crédito que este fosse o mesmo homem que pressionava seu corpo nu contra ela todas as noites enquanto participava dessa atividade tacitamente autorizada entre um marido e esposa. Agradava-lhe está noção de ser necessitada e desejada para um serviço pessoal que somente ela podia lhe brindar.

Considerando-o tudo, tinham estado levando-se muito bem juntos nos últimos dias. Fez uma careta ante ao seu trocadilho privado e não intencionado.

Duas damas jovens e atrativas sujeitavam a atenção de Nick agora. Suas bochechas ruborizadas enquanto lhe sorriam. Muitas outras mulheres o olhavam, também e o achavam bonito.

Não podia evitar perguntar-se por que não se casou com uma delas. Por que a tinha escolhido quando era óbvio que outras damas solteiras de sua mesma condição lhe teriam dado as boas-vindas?

A seu lado, Senhora Nesta ondeou seu leque com arrogante desgosto.

—Olhe a essas rameiras, fazendo alarde de si mesmos. Tratam de lhe recordar a seu marido sua existência para que não a esqueça, e fique muito tempo em sua cama matrimonial.

Jane piscou sem compreender.

—De quem está falando?

—Essas... como dizem os ingleses? —Olhou a seus companheiros.

—Meretrizes, — proporcionou a Senhora Natoli.

—Não...amantes, —disse Izabel.

—Obrigada. Amantes, —repetiu a Senhora Nesta.

Jane estudou às mulheres exóticas que se encontravam de pé junto a seu marido. Uma delas pressionou seu peito cheio contra seu braço com o conhecimento de ser bem recebida. Não a empurrou. Em troca baixou sua cabeça para lhe sussurrar algo, seus lábios acariciando sua orelha.

O aborrecimento se estendeu por ela.

Intuíra que as duas mulheres eram conscientes de seu interesse e estavam fazendo alarde de sua reclamação sobre a atenção de Nick. Seguiu a direção do olhar de seu marido e o encontrou sobre sua tia. Uma emoção indefinível se intercambiou entre ambos e os olhos de sua tia se tornaram cruéis.

Izabel pôs uma mão consoladora sobre o braço de Jane.

—Pobrezinha querida. Como pode suportar saber que está com elas?

A compreensão a atacou com a brutalidade de um raio golpeando diretamente seu coração. Essas mulheres e seu marido...

Jane se ruborizou e logo empalideceu.

A Senhora Bich estava atacando a pequena porção suculenta de sua ignorância como um falcão a sua presa.

—OH!! Nos perdoe! —Disse, fingindo angústia—. Não sabia?

Jane estudou o círculo de mulheres ao redor dela. Tinham falado maliciosamente, esperando provocar uma reação nela.

—É vergonhoso, —acrescentou a Senhora Bich, seus olhos ávidos.

—É natural, —respondeu a Senhora Natoli—. O Senhor sabe que não podemos satisfazer aos homens como o fazem essas desavergonhadas. E quem quereria fazê-lo?

Suas vozes giraram ao redor dela, mas Jane somente olhava por cima o tumulto sobre a pista de baile. Quando o colorido caleidoscópio humano começou a ficar impreciso, sabia que tinha que escapar.

De algum modo, produziu um sorriso superficial.

—Devem me desculpar.

Retirou-se, mantendo sua cabeça bem alta até que deixou o salão. Então enganchou suas saias e correu pelo corredor. Encontrou uma porta, e entrou numa sala de estar vazia. Somente então permitiu que seus ombros caíssem sob a carga destes novos conhecimentos.

Enquanto tinha acreditado que o ato de matrimônio era inviolável entre ela e Nick, tinha tido não uma, a não ser duas amantes!

As lágrimas começaram a cair. Seu contrato de matrimônio não tinha exigido fidelidade? Agora que considerava o assunto, tinha requerido a fidelidade somente de sua parte. Nenhum tipo de restrição ao respeito tinha sido posto sobre seu comportamento.

Seu lugar em sua vida, que recentemente tinha começado a sentir-se mais seguro, agora parecia cambaleante, temporário.

Tudo porque seu marido estava fazendo isso com outras mulheres. Tocava-as como a tocava a ela, havia estando tendido nu com elas. Fornicado com elas. Encontrado seu prazer dentro de seus corpos.

Um som ferido brotou de sua garganta, e o sufocou com um punho. Afundou-se contra a parede em uma pilha de raso e anáguas olhando distraidamente ao outro lado da habitação.

Embora tinha esperado que sua relação pudesse piorar com o tempo, nunca tinha imaginado tal possibilidade. Gostava mais dessas outras mulheres?

Se não havia esperança de que pudesse chegar a querê-la, nunca estaria segura com ele. Seu posto em sua casa nunca seria seguro. Sentir-se-ia para sempre em período de prova. Nunca realmente uma parte de sua família.

Sua cabeça caiu em suas mãos, e soluçou, silenciosamente devastada.

—Está esgotada? —Perguntou Nick na carruagem na viagem de volta a casa.

Não fazia falta que ele tivesse notado. Suas bochechas estavam manchadas pelas lágrimas e suas emoções estavam fermentando.

Levantou uma tabuleta das persianas na janela de carruagem com um dedo.

—Recebi algumas notícias preocupantes. —Admitiu.

Seu tom se aguçou.

—Que notícias?

Observou o exterior com o olhar perdido, mantendo um tom impassível em sua voz.

—Notícias de que meu marido é um mulherengo que tem amantes.

Ante seu silêncio, apontou-lhe seus olhos acusadores.

Nick encolheu de ombros cansadamente.

—Vejo que os gatos estivessem enchendo suas orelhas esta noite com intrigas.

—É verdade?

—Importa?

A dor a encheu, causando raiva a ela.

—É obvio que me importa. Foi doloroso me inteirar de suas amantes, e de uma forma tão pública.

—Achei que sabia.

Olhou-o incrédula.

—Você supõe que eu sabia que tinha amantes? Também supõe que tenho escoltas de homens escondidos em meu roupeiro?

Sorriu com desdém, sem sequer incomodar-se em responder.

Não lhe importava que soubesse! Para falar a verdade, esperava que ela aceitasse o acerto. Que atroz!

Repentinamente podia ver como seriam as coisas nos anos por vir. Nick reteria a seus amantes. E reteria a sua esposa. Ambas ficariam sobre suas prateleiras respectivas, artigos em sua coleta cautelosamente etiquetados: puta e esposa. Tirar-lhes-ia o pó e os usaria como e quando desejasse.

Não estava segura de poder suportar fazer essa coisa, em especial com ele novamente, sabendo que também o fazia com outras.

—Por que me escolheu? —Murmurou muito baixinho. —De todas as mulheres que poderia ter eleito.

Estirou suas pernas ao outro lado do piso de carruagem, irritado.

—Era o momento em que tomasse uma esposa e engendrasse herdeiros. Acreditei que me deitar com você me agradaria.

Calculou a dor que suas palavras descuidadas causaram.

—E o faz?

—Lança indiretas em procura de cumprimentos, Jane? —Repreendeu-a.

—Estou tentando determinar como preveem nosso futuro juntos.

—Suponho que tal como é agora.

Provou outra tática.

—Quando era menina, nas épocas mais felizes, meus pais não atuavam para si como o fazemos. Demonstravam-se carinho.

—Desejas que eu te acaricie em público? —Perguntou.

Jane avermelhou, envergonhada tal como ele pretendia que se sentisse, mas continuou:

—Eram afetuosos entre si, não luxuriosos. Sei que é difícil imaginar, vendo meu pai como é agora. Mas em certo momento meus pais se trataram com carinho.

Suas sobrancelhas se elevaram.

—E esse carinho é algo que você quer conseguir entre nós?

Encolheu de ombros, envergonhada por seus sentimentos em vista de sua óbvia surpresa.

—Tinha esperado que pudesse desenvolver-se. Ocorreu-se esta noite que a distância que detectava entre nós poderia ser causada por seu interesse por outras mulheres.

—Sempre foi de meu conhecimento o fato de que um marido mantenha a uma amante ou duas, é um assunto de alívio para a maioria das esposas. Não me critique por tê-las a menos que esteja disposta a ocupar seu lugar.

Suas bochechas se esquentaram outra vez, mas se obrigou a continuar:

—Só estou tratando de compreender por que empregam a esse tipo de

mulheres os homens na sociedade. Meu pai não o fazia.

—Está segura? —Perguntou Nick depreciativamente—. Você não saberia necessariamente.

Jane se via... aterrada. OH, deus, seu pai alguma vez havia? O fazia agora?

—Todos os cavalheiros têm amantes então? —Perguntou.

Ele fez um gesto de desdém.

—A maioria de meus conhecidos. Logo que é anormal em todo caso. Certamente você foi consciente do fato.

—Não, não era, —disse fracamente—. Por quê?

—Os maridos considerados não pedem a suas esposas que façam as coisas que uma amante faz —evitou-a.

Que coisas? Quis perguntar, em vez perguntou:

—Suas esposas não estão absolutamente dispostas?

Vacilou, golpeando-a com um olhar ilegível.

—Inclusive a esposa mais cumpridora poderia encontrar tais atos certamente desagradáveis.

—Por que não me dar sequer uma oportunidade de provar se poderia te satisfazer melhor? —Perguntou.

Suspirou, deixando de lado suas palavras.

—Você me satisfaz, Jane. Como uma esposa deve.

—Se satisfizesse realmente suas necessidades físicas, não te estaria deitando com outras mulheres. E está equivocado no que disse antes. Não acho que o ato matrimonial seja desagradável.

Seu olhar consternado foi atraído para ela.

—Você não pode querer insinuar que deseja atuar como minha amante? Desejas substituir a duas cortesãs muito experientes em encarregar-se de minhas necessidades?

Depois do que lhe havia dito seu pai, Nick nunca pensou que uma esposa criada entre algodões pudesse desejar uma maior experiência sexual depois de transcorrido um tempo. Ou que sequer pudesse entusiasma-la. Seus olhos vagaram pelos contornos de boa figura de sua esposa, permitindo o ócio de

imaginar as possibilidades.

Não, era sábio. Tal como estavam as coisas, podia visitar um leito diferente todas as noites da semana se escolhesse e exibir um aspecto diferente de sua necessidade. Mas se revelava a totalidade de seus desejos carnavais à mesma mulher, noite após noite, dependeria muito dele.

Jane não era uma amante a quem podia descartar assim que se aproximasse muito. E não era momento de esquecer suas noites juntos.

—Não vejo nenhum lucro em continuar esta conversação, —disse, assumindo um tom aborrecido e altivo—. Te recomendo que abandone estes pensamentos estranhos e aceite a maneira natural de coisas.

Levantou seu queixo desafiadoramente.

—Comigo como sua criada, e você como meu amo?

Franziu o cenho.

—Comigo como seu marido e você como minha esposa. Comigo empregando algumas amantes para meu prazer e com você aceitando minha decisão a respeito para seu próprio bem.

Um silêncio frio caiu sobre eles durante o resto da viagem. O ar fora e dentro da carruagem se tornou regularmente mais fresco enquanto circulavam pela avenida de ciprestes que levava a casa.

Casa. Era realmente isso agora? Perguntou-se Jane. Alguma vez alguma tinha sido?

Quando a ajudou a descer do veículo, o murmúrio escuro de Nick alcançou suas orelhas.

—Lamento que esta noite as intrigas lhe perturbassem. Tomarei medidas necessárias para assegurar que as atividades mais sórdidas de minha existência não atingiram nossas vidas outra vez.

A heráldica sobre a porta da carruagem obscureceu os olhos de Jane quando assentiu com a cabeça.

Como corresponde a um cavalheiro, Nick a acompanhou através da entrada principal. Uma vez dentro, dedicou-lhe uma rígida reverência. Então caminhou com passo majestoso para seu estúdio. Ouviu que sua porta se fechava firmemente com caráter definitivo, moldando uma barreira sólida entre eles. Conversa terminada.

Entretanto, Jane não pensava que o assunto realmente estivesse

terminado.

Nick não pensava que o assunto realmente estivesse terminado. Sentia-o ativo entre eles durante suas visitas noturnas seguintes à cama de Jane. Sentiu-o em seus intentos inseguros de relaxar-se com ele, demonstrado uma boa vontade insegura de ter prolongando a visita carnal de seu corpo dentro do dele. Estes intentos estavam alternados com uma agitação que lhe dizia que ainda pensava muito no assunto de suas amantes.

Durante os dias seguintes, a ideia de que ela se encarregasse dos serviços de seus amantes tomou a raiz mais firme em sua mente. Dedicava-se a olhá-la de vez em quando, admirando a maneira em que seu traje moldava seus quadris quando se dobrava sobre seu jardim. Dedicava-se a estudar a curva de seu peito ou sua delicada bochecha.

Logo não foi capaz de pensar em nada mais que na possibilidade de iniciar um enlace sexual satisfatório com a mulher que era sua esposa. As arrumou para convencer-se de que podia fazê-lo enquanto guardava de algum modo uma rédea sobre os extremos de sua natureza mais vil. Depois de tudo, raciocinou, as Ninfas podiam ser convocadas para servir a eles quando chegar o momento.

Encontrou-a uma tarde no jardim e se aproximou.

—Falarei com você em relação ao assunto que você abordou esta semana, —começou.

Jane se afundou sobre seus saltos e o olhou, sua cabeça inclinada em interrogação.

—Sobre que assunto, Senhor?

—O assunto de minhas amantes, —devolveu francamente.

—OH, refere-te ao assunto que devo aceitar para meu próprio bem, —disse, retornando a seu trabalho.

—Sim, bem.... —Sua atitude improvisada o desconcertou. Estava a ponto de fazer pouco caso dele?

— Estava falando mais especificamente de certa proposta que você fez.

—Oferta?

Desconcertou-se ainda mais quando continuou trabalhando não aceitou falar imediatamente.

—A proposta de assumir os serviços de minhas amantes.

—OH! Essa proposta. —Estudou a lança de mão, balançando-a nervosamente.

—Depois de uma meditação adicional, encontro-me disposto a falar mais sobre essa ideia, —informou-lhe.

Sua cara se iluminou, olhando-o para cima.

—Está?

Sua reação reforçou seu propósito. Assentindo com a cabeça, ofereceu uma mão. Depois de tirar-se suas luvas, tomou, e a levou caminhando a seu lado com o passar do atalho de tijolo.

—Entretanto, penso que devemos ter uma primeira conversa em relação aos detalhes do assunto. Imagino que não tem ideia do que requer um homem - quer dizer o que os serviços de uma amante implicam. E temo que a realidade desses serviços poderia te enviar em um desmaio.

Sorriu com ar vacilante enquanto avançavam para o sol.

—Você estaria disposto a dissipar minha ignorância se prometer não desmaiar?

—Está segura que quer que o faça? Para fazê-lo, devo falar... — advertiu francamente—. Mais francamente do que um marido deve recorrer a sua esposa.

—Por favor. Estou ansiosa de saber por que um marido retém tanto uma esposa como uma amante, —disse-lhe.

Sentou-a e logo pôs uma cadeira de vime em frente da sua. Era uma cadeira feminina, e o reduziu com sua masculinidade.

—Em termos gerais, uma amante é mais perita em analisar a paixão de um cavalheiro que uma esposa, —começou como um catedrático que ensina a um estudante—. Com uma amante, um homem não precisa brindar explicações ou desculpas para seus apetites, não importa quão carnavais sejam. Só atende as suas necessidades —as necessidades físicas, —fez insistência intencionalmente, — e sua amante começa às satisfazer. Com toda a aparência de gozo e boa vontade que poderia esperar-se.

Fixou um olhar severo nela.

—Já vejo. —Enrugou o cenho—. Como uma amante se torna tão boa ao satisfazer a um cavalheiro?

O calor formou um atoleiro em sua virilha ante seu interesse.

—Através da prática e a instrução.

—E você está disposto a me proporcionar isso? - Murmurou—. A sua esposa?

Um momento de silêncio fez que o som do canto dos pássaros fora da porta do jardim parecia anormalmente forte.

Nick se moveu incomodo, ajustando o colo de suas calças.

—Estou entusiasmando com a ideia, —disse com arrependimento.

Seus olhos caíram à tremenda protuberância que elevava agora o tecido de seu entre pernas. Não pôde deixar de olhá-la.

Observando seu acanhamento, sua contemplação dela se fez mais manifesta. Entrelaçou seus dedos sobre seu peito e separou suas coxas arrogantemente para que sua excitação sexual fora impossível de ser ocultada.

—Você me excita com suas perguntas insistentes. Agora o que, Jane? Como me oferecerá ajuda?

Ruborizou-se mas forçou a não afastou a vista.

—A que exatamente se refere?

Sua escura risada afogada aguçou seu interesse.

—É de esposa o rubor e o gagueira ante a menção de tais assuntos. Entretanto, se você fosse minha amante, reconheceria minhas palavras como seu exemplo.

—Não sei o que fazer, —admitiu—. É vergonhoso.

Endireitou-se, aliviando a tensão entre eles.

—Então suponho que as lições são iniciais.

Uma faísca de interesse iluminava seus olhos, e lhe lançou um olhar por debaixo de suas pestanas entreabertas.

—Realmente me ensinará tais coisas?

Seus olhos se semicerraram sobre ela com uma avaliação masculina que lhe fez compreender mais de seu próprio corpo. Que estivesse informado de uma profusão de conhecimentos sexuais, que logo compartilharia com ela, resultava ser excitante e um pouco espantoso.

—Consideremos o assunto um pouco mais. Se descobrir que ainda desejas seguir, começaremos sua instrução esta noite.

Quando se retirou do solar, a Nick ocorreu brevemente que seu jardim nunca tinha parecido mais delicioso.

CAPÍTULO 19

Essa noite Jane se sentou ao lado de seu marido -que brincava com a corda de sua retícula- em uma de suas carruagens. Foram a um baile jantar, celebrado por um de seus conhecidos comerciais em Florência, a meia hora, mas sua carruagem ia atualmente a passo de tartaruga, detrás de uma carruagem puxada por um burro.

Nick a esquadrinhou desapassionadamente durante os poucos primeiros minutos do passeio. Assustou-a, quando falou finalmente.

- O que decidiste, esposa? Ainda desejas atuar no lugar de minha amante?

De repente, sua carruagem pôde passar por ao lado da outra carruagem e agarrou velocidade, ao mesmo tempo em que seu coração.

Ela, nervosa, olhou-o e assentiu.

-Sim.

-Está segura, Jane? -Perguntou ele brandamente-. Podemos esquecer completamente a conversa desta tarde e seguir como antes. É o que fazem os casais casados de nosso status, durante toda sua vida.

Estranhamente, sua boa vontade de liberar a de seu trato, reforçou sua decisão de fazê-lo.

- Mas não é o que quero.

-Então posso seguir com sua instrução, nos muitos modos que poderia te ocupar melhor de minhas inclinações sexuais? Pensa com cuidado. Não estarei contente se te encontro te desvanecendo e gritando sobre qualquer intimidade que julga abominável.

Ela não se incomodou em mencionar que logo que poderia gritar e desmaiar. Mais, entretanto perguntou:

-Trata de me assustar para que me afaste?

-Não, só para te advertir a natureza desalentadora da tarefa que quer empreender. Muitas de minhas petições certamente lhe assustaram -disse ele. Seu fixo olhar baixou-, e a seu corpo.

-Possivelmente poderia fazer uma lista com suas exigências e poderia considerá-los um por um -propôs ela logicamente-. Então poderíamos negociá-los antes.

Ele pareceu divertido.

-Não acredito.

Um pensamento lhe ocorreu.

-Sou...? Uma amante pode rechaçar uma hipótese particular feita por seu...?

-Seu amante? –Facilitou-lhe ele-. Só posso esclarecer que nenhuma amante afastou alguma vez algo que solicitei dela. Entretanto, se encontrasse um ato doloroso e sem prazer, certamente que quero saber.

-E se ela te informa que tem tais dificuldades? –Perguntou Jane.

-Tentaria fazer o ato mais agradável para ela -disse ele.

- E se não poderia e ela afastasse totalmente sua hipótese? Passaria a uma amante mais compreensiva? -Perguntou ela.

- Como digo, tal cena não ocorreu até agora -evitou ele.

- De todos os modos, isto me golpeia como notável lógico, para falar de antecipadamente destes caprichos teus –ela seguiu-, assim eu poderia te indicar qualquer ideia que eu não gosto, nos salvando assim de futura vergonha.

Ele riu entre os dentes.

-Prometo que não me envergonharei de nada do que façamos de natureza carnal. E sugiro que não rechace qualquer de meus 'caprichos' antes de prová-los. Uns, ao princípio você não gostará, mas podem resultar agradáveis depois de repeti-lo.

-Já vejo -ela abriu sua boca para seguir sua linha de interrogatório.

Ele fez um gesto cortante com a mão. A discussão estirava tanto a sua paciência -como também a suas calças-más além do suportável.

-Suficiente conversa. Me diga, o que decidiu? Continuamos?

A dúvida a atacou. Sua mente seguiu várias variantes, mas não podia encontrar outro modo de alcançar seu coração, além de brincar de ser sua amante. E era curiosa.

Respondeu, sem fôlego:

-Sim.

Ele recorreu seu corpo com um olhar calculado, e logo entreabriu seus olhos. Embora não se moveu, de repente, seu corpo pareceu mais irresistível, a curva de seus lábios mais sensuais.

- A ver quanto o quis -murmurou ele.

Ela esteve tão hipnotizada por sua notável mudança, que não escutou suas seguintes palavras.

-Leva calcinhas inglesas, verdade? Quero que saiba que é um estorvo - instruiu-a brandamente.

-O que? -Perguntou ela, insegura de havê-lo ouvido bem. Como sabia que as levava? A maior parte de mulheres não o para, mas sua mãe tinha sido modesta e as tinha criado tanto a ela como a Emma para ser assim.

-Tira-lhe isso Jane, e me deem isso

-Agora? -Perguntou ela com crescente horror.

-Treme tão logo no jogo? -Burlou-se ele.

-Não..., mas não tinha esperado...

Sua expressão ficou distante, e afastou sua cabeça dela. Inclinando-se, olhou pela janela da carruagem, como se sua decisão não fosse importante.

Ela compreendeu que tinha esperado sua hesitação, e não que quisesse seguir com o que tinha decidido. E mais, permitiria que fizesse sem comentários. Segui-la-ia visitando ela e suas amantes em atitudes dolorosamente diferentes. Nada mudaria entre eles.

Seu pedido não era tão amedrontador realmente, raciocinou ela com desespero. Seu olhar fixo se lançou ao redor da carruagem, procurando irracionalmente algum painel para despir-se. A que distância estavam agora de Cascardis? E se não tivesse tempo para tirar-se suas calcinhas? E se a carruagem parasse e fosse descoberta com sua roupa interior ao redor de seus tornozelos?

Tomou fôlego. Então, sem dar tempo para pensar, pôs a mão sob sua saia.

Sentiu quando Nick voltou sua cabeça para espia-la, se ruborizou, guardando seu olhar fixo.

Com cuidado, arrumando seu vestido para revelar o menos possível de sua complicada roupa interior, procurou sob as combinações de cambraia. Seus

dedos logo encontraram as fitas na cintura de suas calcinhas. Desatou-os cegamente, a tarefa foi fácil a partir de anos de prática. Levantando-se brevemente do banco da carruagem, deslizou-as de seus quadris. Apressadamente, empurrou as calcinhas por suas pernas.

Elas se agarraram e se aderiram ao redor de seus tornozelos com obstinação. Ela olhou a paisagem que passa fora da janela com crescente frustração, tratando de determinar o quanto estavam perto de seu destino.

Com uma baliza final, atirou as calcinhas fora de suas sapatilhas as enrugando em um vulto desordenado, meteu-as no assento a seu lado, escondidos baixo das dobras de suas saias.

Agradada por ter respondido a seu desafio, jogou-lhe um olhar triunfante.

Ele riu dela, com um sorriso preguiçoso, possivelmente o mais genuíno que lhe tinha dirigido. Levantou uma mão aristocrática e falou.

-Agora as dobre com capricho e me dê isso

Ela se encolheu, suspeita, agarrando a calcinha, apertada a sua coxa.

-Por quê?

- Porque desejo -Sua mão se abriu, esperando.

Depois de um longo momento, a contragosto, ela retirou a frágil roupa de seu esconderijo. Rapidamente a dobrou e a passou.

Seus olhos opacos a olharam quando ele brincou com a roupa íntima passando através de sua bochecha e lábios imóveis, desfrutando da textura.

Ela pensou que era absurdo. Disse-se a si mesma para afastasse o olhar dele. Mas não podia.

-Sobe suas saias.

Ela olhou para a janela da carruagem, incertamente. O campo cedia à cidade.

-Tinha pensado que minhas lições seriam em nossos quartos.

-Ocorrerão onde eu diga -informou-a- quando eu diga.

Incapaz de resistir e averiguar o que podia sugerir depois, subiu sua saia para revelar seus tornozelos.

Ele estalou seus dedos, indicando que devia subi-la mais.

Insegura do que ele esperava, subiu-a outra vez. Foram reveladas umas polegadas mais de suas panturrilhas.

-Em cima dos joelhos –pediu.

Zangada, atirou das saias até que as juntou nas coxas.

-É bastante alto? Ou tenho que subir até minha cabeça?

Seu sorriso cintilou.

-Uma proposição intrigante, mas não será necessário no momento - sentando-se para frente, ele segurou um joelho e apartou suas pernas.

Ela pôs ambas as mãos sobre seus joelhos.

-O que está fazendo? -Sussurrou ela.

-Te abrindo. Desejo ver o lugar aonde entro em ti.

Aqui? Na carruagem? Jane não podia estar mais impressionada. De repente, a tarefa de acordo com as habilidades sexuais de seu marido surgiu desanimadora perante ela.

-Não pode esperar até voltarmos para casa? –Suplicou-lhe ligeiramente.

-Pode discutir sobre outros assuntos, mas não quanto a sua instrução como minha amante.

Devagar, Jane liberou seus joelhos. Recostando-se, deslizou seus pés e logo apartou seus joelhos.

-Mais -instruiu ele.

Ela tomou fôlego, logo separou amplamente suas pernas. O frio ar flutuou por debaixo de suas saias, para encontrar sua carne mais íntima.

Nunca tinha estado tão envergonhada em toda sua vida.

- Toque-se.

-O que? -Ela retrocedeu. Teria adivinhado o que ela fazia toda noite, quando ele deixava seu quarto?

- Aqui. Assim -ele se inclinou para frente e roçou com um dedo seu belo púbico.

Por instinto, ela fechou suas pernas. Seus olhos se encontraram e se sustentaram.

De verdade, ela poderia beneficiar-se com sua instrução. Nunca tinha tido êxito em ter um orgasmo, fazendo amor com ele. Era possível tal coisa?

-Acredito que quer opor-se a sua posição como minha amante? – Perguntou ele.

Ela negou com a cabeça.

Ele arqueou uma sobrancelha.

Vacilante ela soltou sua mão e permitiu que suas pernas se abrissem.

Ele as abriu amplamente com seus joelhos e logo liberou uma das mãos dela. Mordeu seu lábio inferior, quando ele acariciou seu cabelo encaracolado brincando. Circulou seus clitóris. Uma vez. Duas vezes. Brandamente. Um tremor de proibido entusiasmo vibrou nela.

Fechou seus olhos para distanciar-se do que acontecia. Mas só aumentou sua suscetibilidade à excitação. Movendo seus quadris, ela se encontrou montando sua mão.

Dois dedos se empurraram dentro dela, um dele, um dela. Eles a balançavam, simulando o ato sexual. A umidade se filtrou de sua cova interior, aliviando a inexorável entrada e saída, entrada e saída.

O estrondo de sua voz a alcançou, animando-a.

-É bom, Jane?

-Ummm.

Ele moveu suas mãos de modo que esfregava seu exposto clitóris cada vez que seus dedos unidos entravam.

-Me conte.

-Ah, não, -gemeu ela. Suas malhas zumbiram. Isto ia passar! Aquela coisa. Aquela coisa gloriosa.

A carruagem chacoalhou. Nick olhou para fora e logo afastou as mãos dela. Quando seus olhos se abriram, ele limpava seu dedo e o dela com seu lenço imaculado. Ele acariciou sua vagina, limpando sua vergonhosa umidade.

-Ah, devemos fazer uma pausa –disse ele- não quer chegar a Cascardis cheirando a sexo.

-Silêncio -chiou ela, se afastando. Ela juntou de repente suas pernas, e empurrou suas saias até seus tornozelos. Sua carne zumbiu pelo desejo frustrado. Horrorizada, não fez conta.

Estirou seu pescoço para olhar fixamente pela janela, seus pensamentos se formam redemoinhos loucamente.

-Quanto perto estamos?

-Acredito que estamos bastante perto.

Ele estaria a enganando?

-Minhas calcinhas. Devolve-me isso - exigiu ela.

Ele as segurou fora de seu alcance e as roçou contra sua bochecha, descaradamente.

-Cheiram como você. Quente e doce.

Olhou a cena de sua paixão, e de volta a ele. Uma esposa lhe repreenderia. Mas, esta noite, ela era uma amante. Tratou de tomar seu comportamento com calma, mantendo uniforme sua voz quando tratou de raciocinar com ele.

-Por favor, Nick -implorou-lhe-, vejo luzes. Estamos chegando.

Ele olhou à janela.

-Sim, estamos –estive de acordo. Antes que ela pudesse reagir, ele colocou lentamente sua roupa sob a almofada do assento do lado.

Olhou-o com incredulidade.

-Por que fez isso?

- Porque prefiro você sem elas. É mais conveniente para meus objetivos como seu amante se seus... encantos femininos... forem facilmente acessíveis - um golpe soou na porta da carruagem, e Jane saltou.

-Ah! Chegamos -anunciou Nick. Ele desceu da carruagem, obviamente de bom humor, por ter ganho.

Metade aturdida, Jane contemplou a almofada sob o qual foram ocultas suas calcinhas. Poderia as agarrar, as esconder em seu moedero até quando pudesse fugir e... sua mão alcançou.

-Veem, minha querida -disse Nick, dando a volta para ajudá-la a sair.

A contragosto, tomou a mão masculina que tinha estado tão recentemente entre suas coxas e baixou.

-Não deve levar calcinhas outra vez, a menos que o solicite expressamente -informou-a, quando ela se aproximou.

Ela se soltou, para ver sua expressão.

-Está brincando? –Voltou-se com uma horrorizada fascinação.

-Pode ter certeza que não -a soltou sobre o pavimento e deu a suas nádegas um apertão sem que ninguém percebesse.

-Para! –Repreendeu-lhe ela, indicando que havia espectadores.

Ele simplesmente sorriu e deslizou uma mão a sua cintura, acompanhando-a para a vila.

O cordão e o bordado que sustentava a sua delicada combinação, raspavam a pele de seu traseiro nu e pernas, onde estavam expostas em cima das ligas das meias. A pele sensível entre suas coxas, pulsava com cada passo, pedindo alívio. Teve muitas vontades de por ali sua mão. Ou a dele. As duas. Seu membro. Algo!

-Mais tarde -sussurrou ele.

Então, pesadas portas se abriram de repente, e foram tragados pela alegria que os aguardavam.

CAPÍTULO 20

De volta ao Castelo, Nick a levou para cima. Uma vez dentro de seu dormitório, ele se apoiou contra a porta, fechando o mundo e suas expectativas.

Tratando de ocultar sua crescente excitação, Jane foi até sua penteadeira e começou a tirar os alfinetes do cabelo. Ele veio por detrás, parecendo imenso e potente.

— Ajudara-me? —Perguntou ele, estendendo ambos os pulsos para onde estava de pé ante o espelho. Ela voltou-se e desabotoou os reluzentes gêmeos de seus punhos e logo os deixou na parte superior da mesa de cristal.

— Por que despede dos criados cada tarde? —Perguntou, olhando a seu reflexo lhe desabotoar a roupa—. Agora deveriam estar aqui, procurando seu conforto.

Ele se encolheu de ombros.

— Meus antepassados definiram as regras faz uns séculos. É nosso modo.

— E os criados da noite?

Seus olhos a transpassaram e os segredos se revolveram em suas profundidades.

— Ah, sim. Faunus me disse que te tinha dado conta deles.

— E?

— Eles são uma classe cautelosa. É melhor que os deixe sob sua supervisão. Releva qualquer indicação que tem para eles, ao menos por agora.

—Um modo bastante ineficaz de conduzir uma casa.

— É nosso modo, —repetiu ele sem rodeios. Suas mãos se apoiaram sobre seus ombros e tocou os suspensórios de seu vestido.

Ele não veria nada de seus segredos, recordou-se ela. Seu vestido tinha sido desenhado para elevar-se mais alto nas costas do que estava na moda.

A safira escura encontrou a esmeralda no espelho.

Ela tinha estado tensa toda a noite em Cascardis, esperando que fizesse

algo escandaloso. Não o fez. Mas agora, sentia que o momento tinha chegado.

— Posso te despir? — Perguntou ele, soltando já os ganchos de cobre, habilmente escondidos ao longo de suas costas.

Ela levantou suas sobrancelhas.

— Meus deveres como amante são certamente ligeiros. Até agora, você fez a maior parte do trabalho.

— Pode estar segura que encontrarei deveres para ti nas próximas horas. Mas no momento, encontro-me com humor de te descobrir. Fazer amor com você, não como uma esposa, mas sim como uma amante. — Sua voz estava cheia de promessas.

— Como se diferenciam os dois métodos? — Perguntou ela com fascinação.

— Em primeiro lugar — murmurou ele — um homem nem sempre faz amor com sua amante na cama, como quando faz com sua respeitável esposa.

Ele terminou sua tarefa e retirou o tecido em suas costas para revelar seu espartilho e a camiseta. Sua camiseta caiu para frente. Ela agarrou o decote, para logo lhe deixar aberto e cair ao chão.

O dorso de seus dedos acariciou o espartilho.

— Desamarro?

Ela assentiu.

— Mas conservarei minha regata — acrescentou ela rapidamente.

Ele franziu o cenho, zangado. Ainda escondia suas costas dele.

Suas mãos tocaram sua cintura, mas sua carne estava tão estreitada que logo sentiu seu toque.

— Então também deve manter seu espartilho como castigo — lhe disse ele.

— O que?

Um dedo se enganchou sob os laços entrecruzados de suas costas e atirou.

— Estão frouxos, — notou ele.

— Soltam-se no decurso da noite, — disse ela.

Ele encontrou os laços principais.

— Devemos apertá-los.

— Mas por que quando esta noite acabou?

— Em tais assuntos, uma amante faz o que lhe ordena — disse ele—. Agora encosta contra a penteadeira e respira fundo.

Curiosa de ver aonde conduziria tudo isto, Jane se inclinou para frente, aplainou suas mãos na mesa, e aspirou obedientemente. Ante seu firme puxão, os cordões se apertaram agressivamente. Ela xingou silenciosamente contra as casas metálicas que tinham entrado no uso fazia uns anos. Antes disto, seu espartilho nunca poderia ter sido apertado com tal decisão sem rasgar o tecido que o rodeava.

No espelho, ela viu que seus peitos tinham sido empurrados violentamente para cima. Quando ficou de pé, eles ressaltavam por cima da cúpula do espartilho como uma prateleira voluptuosa.

Levantou sua Palmas para cobri-los.

Nick provou a suavidade tensa de sua cintura.

— Como se sente?

— Muito apertado, é obvio. Solte-o?

Ele acariciou seus braços, parecendo arrependido.

— Sinto muito, mas não acredito que possa permitir tal liberdade a sua carne. A menos que demonstre que merece a permissão.

— Mereço?

— Se me agradar, isso ganhará a piedade. Entretanto, se falhar, esta noite pode dormir em sua prisão de cetim.

Para seu assombro, suas palavras a excitaram. Era um enorme alívio quando se podia tirar o espartilho de noite. A ideia de ser obrigada a dormir nele deveria tê-la enfurecido.

Ele elevou suas mãos por sobre ele para as deslizar por debaixo de sua carne tomando o peso de seus peitos e amassando-os brandamente. O encaixe arranhou e incomodou as pontas de seus mamilos. Lhe cortou o fôlego.

Algo estranho estava passando. Seus mamilos tinham começado a arder, fogo liquido, diretamente a seu coração. Ela abaixou a cabeça e olhou com horror quando um brilho sobrenatural começou a banhá-los, trocando suas pontas

ao mais pálido azul, quase de prata. Ah, Deus, outra parte de seu corpo que agora a traía!

Seus olhos encontraram aos seu no cristal. Ele o tinha visto.

Jogá-la-ia agora? Chamá-la-ia de bruxa?

Ele não fez nada.

— Bom, Jane? —Disse ele, com voz brusca e baixa—. Pensa que sua carne deseja o suficiente a liberdade para fazer o que te peço?

Um enjoo de alívio a encheu. Nem sequer ia mencionar!

— Farei todo o possível, —disse ela—. Mas pode resultar um pouco difícil respirar durante uh, uma atividade forte.

— Ah, sim. Forte. Exatamente.

De repente, ela teve uma ideia sobre o que planejava. Tomaria aqui, onde estavam de pé? A visão que tinha tido fazia umas semanas na tenda retornou, enchendo-a com imagens de seu corpo inclinado, estirado, cheio de suor, que se movia com paixão.

Seus dedos jogavam com seus mamilos sensíveis, agora banhados em prata azul. A luz era obviamente alguma classe de medida da excitação. Acontecia com todas as mulheres quando estavam estimuladas sexualmente? Ninguém tinha mencionado nunca, mas então, exceto por aquela breve conversação com sua tia, ninguém lhe tinha falado nunca de coisas sexuais.

Os lábios remontaram a junta de seu pescoço e ombro, distraindo-a. Sua mão se deslizou mais abaixo através de seu abdômen e sob sua regata, para mover os cachos entre suas coxas. Mais abaixo de tudo, sua privada carne se contraiu, um vazio de desejo.

— Desfrutei olhar seus dedos aqui, esta tarde, —disse ele—. Como se sentiu?

— Estranho, —confessou ela.

— Que mais? —Perguntou ele.

Ela afastou o olhar.

— Excitante? —Apontou ele.

Ela assentiu.

— Deve aprender a dizê-lo. Me agrade.

— Excitante, então.

Dois dedos largos de sua mão esquerda se apertaram contra seu osso do púbis, atirando para cima ao mesmo tempo. Sua vagina se alargou, esticando-se. O frágil capuz de seus clitóris se retraiu, expondo-o.

Sua outra mão desapareceu em sua vulva. Um dedo aplanado horizontalmente ao longo de sua abertura, como se medisse sua distância. Apertou para dentro, retirou-se e logo apertou outra vez, iniciando um ritmo de úmida sucção. Com cada pressão interior, o carnudo monte de Júpiter da base deste índice, esfregava seu clitóris nu.

Sua cabeça se arqueou contra seu ombro. Desde debaixo de suas pestanas, olhou as mãos que se metiam entre suas pernas flexionadas, com os movimentos de seu dedo.

Excitava-a, se ele realmente quisesse saber. As palavras ainda eram difíceis, assim que ela tratou de dizer-lhe com seu corpo, abrindo ainda mais suas pernas e curvando-se sobre a mão que sustentava sua coxa.

Seu dedo avançou e se retirou, flexionando-se, desenhando a umidade de suas profundidades. Apertou o final de sua vagina e logo arrastou a umidade para pintar hábeis círculos sobre seus clitóris.

— Ah! —Respirou ela, começando a entender as emocionantes profundidades do que prometia seu toque.

— Descansa suas palmas na mesa, —murmurou ele em seu ouvido.

— Tomará aqui? —Perguntou ela, com frágil entusiasmo.

Seu olhar acalorado se encontrou com a seu no espelho.

— Se me permitir isso.

O som de suas palmas apoiando-se na mesa resulto foi claramente audível.

Uma mão muito maior pressionou a mesa junto à sua. Seu corpo se curvou, formando uma jaula ao redor de suas costas. Introduzindo-se entre eles, ele desatou sua calça. Seu eixo saltou livre, e sua avara grossura se impulsionou entre suas pernas.

Ela se esticou, lhe esperando empurrar dentro dela.

Em troca, ele tomou seu membro em sua mão livre e a esfregou ao longo de suas dobras desejosas como um arado cava um sulco, mas ainda sem cavar o bastante profundo para plantar uma semente. No espelho, ela olhou sua

cabeça corada movendo-se ritmicamente entre o pelo entre suas pernas, como um animal de pradaria que joga uma olhada a sua toca e logo se afasta. Era grande como uma ameixeira e brilhante com seu desejo.

— Bom. Esta escorregadia, —sua voz retumbou em seu ouvido—. Será mais fácil transar com você.

Ela ofegou. A palavra era bastante familiar. Os vagabundos e os criados —Até seu próprio pai a usava ante sua presença. Mas nunca lhe tinha sido dirigido diretamente a ela. De algum jeito, excitou-a, nestas circunstâncias, ouvir sua voz escura e urgente usada para descrever seus projetos para ela.

Seus lábios apalpam o ponto sensível detrás de seu ouvido, seu fôlego quente em sua pele.

—Deixar-me-á te foder, não é mesmo, Jane?

— Sim. Mas —espera. A nata, —pediu ela, incerta do que estava por vir.

— Não a necessitaremos. Confia em mim.

Ela queria fazê-lo.

Ele a acariciou, sussurrando palavras explícitas, proibidas em seu ouvido, descrevendo como tocar a desse modo que a excitava, como era suave seu corpo contra o seu, e quantas vontades tinha de gozar dentro dela, derramar sua semente nela.

Seus corpos se balançaram como um, a tempo com o ritmo do impulso do membro entre suas pernas. Os fios largos de seu cabelo faziam cócegas em sua bochecha, e sua pele se cobriu de orvalho e se ruborizou.

Dentro dos limites de suas estadias, sua respiração era pouco profunda e rápida.

— Meu espartilho. Não posso respirar.

— É emocionante assim, verdade? —Resmungou ele brandamente—. A restrição, os limites, a carência de ar tão necessário para sobreviver.

Ela vacilou, enjoada, movida além da razão.

— Não desmaie, —murmurou—. Ou perderá tudo.

Suas palavras a impressionaram como ele queria. Se ela se desmaiasse, seguiria realmente sem sua participação consciente? Que deliciosamente espantoso.

Uma maré alta de sensações a estremeceu ao longo de sua vagina empapada.

— Goze para mim, Jane, — sussurrou—. Deixa que aconteça. Se deixe levar.

Ante suas palavras, sua vagina apertou ferozmente, como se inalasse um fôlego profundo antes... —antes do que? Quando ele alisou sua coroa sobre seu indefeso clitóris, soube.

Aquela coisa ia passar. Agora. Com ele.

Arqueou-se quando seu diminuto broto se apertou mais e mais, deixando-a cambalear-se na borda do desejo. Então pareceu que explodiria. Uma série de violentos espasmos elevou seu fôlego, parando seu coração para logo acelerar a toda velocidade. Ela lutou para não desmaiar. De todos os modos, o puxão continuava, e continuava e continuava.

O enjoo passou e ela deixou que seu corpo se balançasse com o seu brandamente. Entre suas pernas, seu toque se tornou suave, desenhado para realçar cada convulsão, para fazê-la durar.

Finalmente, sua respiração reduziu, e ela levantou sua cabeça.

— Agora, isto sim foi excitante. —Tinha sido muito mais glorioso está vez com ele do que, com uma ocupação solitária.

Seu sorriso veio e se foi em um flash. Agora que tudo tinha acabado, ele empurrou sua calça mais abaixo de seus joelhos. Agarrando os ossos de seus quadris, ele encontrou sua abertura com seu membro e empurrou em seu canal feminino em um movimento profundo.

Suas trementes malhas o obstaculizaram, inseguros de como dirigir tanta plenitude, mas sem dar nenhuma possibilidade de afastá-lo.

O pelo de seus poderosos quadris raspou o interior de suas coxas quando ele se retirou, só para voltar para prová-la uma e outra e outra vez.

Então ele se separou ligeiramente dela, penetrando menos profundamente durante um momento. O tecido de sua regata revooou delicadamente quando as mãos grandes, seguras a alisaram. Como se estivesse hipnotizado, ele olhava o jogo da luz da lua através de suas costas. Cuidadoso sua carne tragava e expulsava seu pênis.

A visão que ela tinha tido em Vila d'Este se fez realidade. Seus olhos eram predadores e entreabertos, seus rasgos rígidos, exatamente como lhe tinha visto então. Os músculos esculpidos de seus ombros e peito se flexionavam e

esticavam enquanto se movia nela. Mas agora, a visão estava acompanhada por detalhes sensoriais —o choque de seu membro invasor, a lasciva bofetada de sua carne, o calor dele em suas costas.

Sua paixão se apertava, e ele se movia impossivelmente mais perto entre suas pernas. Seu corpo era um forno, suas mãos ferro. Seus impulsos eram golpes potentes que tinham sua sujeição de uma mão na parede.

Seus olhos se encontrados no espelho e se uniram. Seus corpos se esticaram juntos, alcançando.... Lhe olhou terminar, viu seus rasgos contrair-se e ofegou quando o orgasmo rodou outra vez por ela, repetindo sua liberação.

Mais tarde essa noite, Nick abriu a porta que confinava com seu quarto, dispondo-se a abandoná-la por fim. A crista do anel familiar de seu dedo brilhou à luz do fogo quando ele descansou sua mão no cabo. Sua expressão era enigmática quando se voltou para ela.

— Desejas seguir com isto depois desta noite? —Perguntou ele com uma remota cortesia.

Jane se sentou em sua cama e subiu as savanas até sua garganta. Sustentava-as para cobrir aqueles sinais feitos por sua boca. Queria dizer que ele não o queria?

Entre suas pernas, ele tinha deixado provas abundantes de que tinha estado impaciente. Ele tinha desfrutado dela diante do espelho, e três vezes mais em sua cama. E tinha tirado seu espartilho depois de seu primeiro acoplamento, o que implicava que, em efeito, sua carne lhe tinha satisfeito como tinha requerido.

Mas tinha conseguido o bastante dela? Não poderia suportá-lo se sua relação voltasse para seu estado anterior.

— Sim, se me quiser —disse ela com cuidado.

Ele assentiu.

— Deve me avisar se em algum dia decidir abandonar o papel de minha amante.

— Bem, —esteve de acordo e seus olhos desceram para à cama.

— Mas não demore muito tempo, —aconselhou-lhe brandamente—. Logo alcançaremos um ponto sem retorno.

CAPÍTULO 21

Nick fez todo o possível para fazer caso omissso do sorriso afetado de Lyon quando se encontraram ao dia seguinte na gruta que olhava do alto a vinha. Era óbvio seu irmão tinha um indício do que tinha ocorrido a noite passada. Às vezes o compartimento das emoções suscitadas pela conexão de seu sangue sátiro tinha suas desvantagens.

Lyon vadiou sobre um banco de pedra, estirando seus braços a grande altura antes de dobrá-los detrás de sua cabeça.

—Como se está adaptando Jane? —Perguntou com um aberto sorriso perspicaz.

—Muito bem, —disse Nick, lançando-se sobre um banco diretamente em frente de seu irmão.

—É bom escutá-lo, — disse Lyon—. Eu, uh, intuía que os dois estavam indo para frente de algum modo. É de bom augúrio para a próxima Chamada.

Nick lhe enviou uma expressão de advertência.

—Vê adiante e se iludi. A bota estará logo sobre o outro.

Mas Nick estava mais preocupado que o que revelava. Preocupado pela impaciência de ontem à noite em possuir Jane. Sua impaciência por possuí-la outra vez. Ela. Não a qualquer mulher. A ela.

Era pouco sábio. Era perigoso necessitar tanto de uma mulher. Só provava que alguém se distraía.

Uma parte dele tinha tido a luxúria sempre sob controle, dominando-a para tirar de uma mulher só o que podia saciar sua necessidade. Apreciava-se de manter uma cabeça fresca no calor da paixão.

Mas ontem à noite, tinha tido que fazer um tremendo esforço para deixá-la em lugar de permanecer no cio toda a noite a até que estivesse ensanguentada e em carne viva por sua posse. Tinha querido liberar o animal. Apenas se tinha contido a si mesmo e não podia evitar ter medo do que esta noite lhe podia proporcionar.

Quando o fluxo mensal de Jane veio outra vez esta tarde, Nick agarrou a oportunidade para manter-se afastado dela e recuperar seu equilíbrio. Que deplorável era! Como ririam seus irmãos se soubessem como estava.

—Sinto muito, —disse Jane com abatimento quando informava—. Realmente sinto.

Colocou uma mão sobre seu ombro.

—Um menino virá, Jane. Não se preocupe.

Ante sua generosidade, ela não pôde evitar que lhe escapasse um soluço.

Sobressaltado, apertou-a contra ele.

—Me desculpe, —disse-lhe—. Frequentemente fico chorona nestes dias.

Na verdade, era a culpabilidade pela mentira que devia perpetuar que a fazia chorar. Se somente se, atrevesse a lhe dizer por que deviam esperar para ter um menino e que isso supunha que as ervas acautelassem um temporalmente.

—Jane, quando disse que esperava herdeiros de ti, não quis dizer que tivesse que proporcioná-los com asseio milagroso. Você será mãe logo, prometo-lhe isso.

Gemeu contra seu peito, dando-se toquezinhos com seu lenço devotado ante seus olhos.

—Você não é capaz de controlar tais coisas. Algumas mulheres nunca podem conceber, sabe. E se eu for uma delas?

Inclinou seu queixo e encontrou seu olhar com o seu.

—Você tem minha palavra solene de que estará grávida dentro de um mês.

Revirou seus olhos, pensando que estava brincando

CAPÍTULO 22

Semanas depois, Nick a encontrou na biblioteca ao meio dia, suas sobancelhas se uniram quando a viu perdida nas páginas amareladas de um livro de alguma classe. Algo estava curvando sua mente. Quão secretos não tinha compartilhado.

Alguma vez confessaria sua raridade? Chateava-o que não o tivesse feito.

Registrou sua presença e fechou o livro, desviando-o a um lado rapidamente. Quando seus olhos cobriram os seus, elas os esvaziou de todo aquilo que a perturbava. Por isso. Compartilharia seu corpo com ele mas guarda seus pensamentos em segredo. Tinha-lhe ocorrido o mesmo com muitas outras mulheres antes dela, mas antes nunca lhe tinha importado.

—Chegou cedo em casa, —disse surpreendida.

—E é sua culpa. —Informou-lhe.

—Minha culpa?

—Não se faça de inocente, —disse, rodeando-a cada vez mais perto—. É certamente sua culpa que não possa deixar de pensar em ti durante o dia quando meus pensamentos deveriam estar postos em outras coisas. Ideias sobre as maneiras perversas em que eu gostaria de lhe agradar e que você me agradasse.

Jane sorriu com ar vacilante ante seu uso da palavra perversa. Recordava-a um assunto que lhe tinha preocupado ultimamente. Quando estava com ele tudo o que faziam juntos parecia correto. Mas quando o considerava depois, preocupava-se que não fosse. Havendo-se mantido sempre afastada das pessoas, não estava segura do que era normal, só que normal, era aquilo que desejava ser. Chegar a tais alturas de desejo e paixão era anormal? Ocorria a todos?

—Eu adoro te escutar dizer que pensa em mim quando não estou com você, —arriscou.

—Você pensa em mim, Jane?

Suspirou.

—Sim. Mais do que deveria. Em formas em que provavelmente não deveria fazer.

—Maneiras que certamente assustariam a seus parentes, espero? — Incomodou-a.

—Inegavelmente, —esteve de acordo, tomando a mão que lhe tendia e permitindo que ele a devorasse ligeiramente contra ele.

Seus dedos pressionaram sobre suas costelas para atraí-la para mais perto. Seus olhos se perderam nos seus enquanto sua boca se deslizava ligeiramente a um lado de sua garganta para morder seu ombro para frente.

—Me diga mais, —provocou.

Sabendo quão aficionado era seu marido de escutá-la falar de tais assuntos francamente, Jane tentou explicar-lhe sem evasivas.

—Às vezes meu corpo experimenta um desejo insistente de unir-se com o teu quando você não está nenhum lugar nas imediações.

Lançou-lhe um olhar envergonhado.

Seus lábios pausaram sobre seu ombro, e um brilho especial em seus olhos quando se retirou para olhá-la.

—Intrigante. Asseguro-te que meu corpo experimenta um desejo semelhante pelo teu.

—Ocorre nos momentos mais improváveis, não? —Perguntou Jane com cumplicidade—. Quando a gente não pode fazer nada para corresponder à ânsia.

—Descreve o que ocorreu a última vez que tal evento ocorreu, —instruiu-a como se estivesse embarcando em uma investigação científica.

—Bem, no chá de minha tia ontem pela manhã, por exemplo, —confiou—. Deixei que minha atenção se movesse, empurrada pelo vento, fora da conversação por só um momento, e pela janela vi um cavalheiro cujos ombros largos, se pareciam os teus. Pus-me a pensar em ti. Recordei a noite anterior quando...E eram quase como se —quer dizer, minha imaginação começou a fazer magia com as lembranças de ti movendo-se dentro de mim, criando um prazer...Impressão ofegante.

Mordeu seu lábio ante a imagem erótica que tinha feito aparecer.

—Fantasiar sobre outros cavalheiros a quem tem a oportunidade de ver através das janelas dos salões de damas respeitáveis? Que vergonha, Jane! Acredito que deveria ser repreendida. Qual deveria ser seu castigo?

—Do que está falando? —Protestou—. Simplesmente falei de notar a um cavalheiro que produziu somente a pista mais vaga de sua compleição. Não estava fantasiando... OH, está brincando!

Seus olhos se abriram fingindo surpresa.

—Não sou estranha vez acusado de tal coisa. Não, está conversação foi que a mais instrutiva. E me revelou alguns aspectos de sua natureza que deveria ter em conta. —Brincou com um botão em sua garganta até que terminou desabotoando-o.

Ela aplanou suas mãos sobre seu peito consternada e olhou para as janelas ensolaradas.

—Na tarde?

Devorou um lenço de seda de seu bolso com um gesto.

—Fecha seus olhos, —disse-lhe—. E a converterei em noite. Uma noite de prazer e exploração dos sentidos.

Seu olhar era distante como se previsse embarcar-se em uma rota que não podia ainda imaginar. Sentiu que a lançava a um túnel desenhado por ele. Sabendo que poderia lamentar seu comportamento depois, era incapaz de tornar-se para trás.

—Esses sons são prometedores, —murmurou. Suas pálpebras fecharam.

Fê-la girar, e sentiu que envolvia o tecido de seda ao redor de seus olhos e a assegurava detrás de sua cabeça.

As pontas de seus dedos tocaram a seda. Uma atadura. Recordou-lhe o jogo de cabra cega, um jogo inocente ao que tinha jogado na infância. Sorriu ligeiramente ante a carinhosa associação.

—Veem, Jane.

Tomou seu braço e a levou a porta.

—E os criados?

Afastou-se, retrocedendo.

—Não vão dizer nada a respeito, —garantiu-lhe.

Levou-a acima só com sua quente mão sobre sua cintura como guia. Seguiu-o como se estivesse hipnotizada, fazendo o que lhe ordenava. Entraram em uma habitação e sua porta se fechou detrás deles.

—Onde estamos? —Perguntou, detendo suas mãos quando começou a afrouxar seus botões.

—Meu quarto. —Respondeu.

Suas mãos empurraram as suas e se dedicaram a seus botões, obviamente concentrado em despi-la.

Nunca tinha entrado em seu quarto antes, e agora tinha os olhos tampados! Que decepcionante!

—Não tente olhar, —advertiu-lhe como se estivesse lendo seu pensamento.

Juntos, realizaram rapidamente o trabalho de retirar sua roupa. Suspirou com alívio quando soltou sua carne dos limites de seu espartilho, mas abraçou sua camiseta quando ele tentou retirá-la também.

—Devemos manter a camisa? Ainda insiste?

—Sim, —murmurou.

—Muito bem.

Deixando-a coberta só com o fino tecido, levantou-a em seus braços. O tecido de seu peitilho formal fez um ruído áspero contra sua semi-nudez, enfatizando seu poder e sua vulnerabilidade para ele de algum modo enquanto a levava a outro lado do quarto e a punha sobre sua cama.

—Permanece tendida enquanto volto, —instruiu-a.

—Sim, Senhor, —burlou-se ligeiramente.

—Sua obediência é gratifique, —disse facilmente—. E isso é precisamente o que tinha em mente.

Enquanto refletia sobre o significado disso, envolveu algo que parecia com o tato um cachecol ao redor do seu pulso esquerdo e o atou. Puxando levantou seu braço esquerdo por cima de sua cabeça e logo assegurou o extremo em algum lugar em cima dela.

Não compreendia o que estava ocorrendo, girou-se para olhar mas recordou por que não podia ver e estendeu a mão para empurrar a atadura.

Agarrou-a, fazendo um som de estalo.

—Ah! Que desobediente sobre não olhar?

Levantando seu pulso livre em cima de sua cabeça, atou outra restrição

ao redor dele e o atou rapidamente em cima de sua cabeça também.

Atirou de seus braços, escutou em resposta ao chiar do corrimão da cama e soube que estava atada a ela. Puxando mais forte descobriu que não podia escapar rapidamente.

A cama se moveu, lhe dizendo que tinha trocado de lugar.

—Não estou segura que eu goste disto, —disse com ar vacilante na tranquilidade possante que tinha cansado sobre eles—. Por que você me prendeu?

O silêncio se estendia. Um calafrio de reconhecimento chispou através dela quando escutou o ruído da fechadura fechar-se. Nunca se incomodava em fechar com chave as portas.

Passos se aproximaram e o colchão se afundou quando Nick se sentou ao lado dela outra vez.

—O que está planejando? —Perguntou.

Seu silêncio persistente agudo, e a tensão em cresceu entre eles. Penetrou a habitação, quase asfixiando-a com a expectativa.

Algo tocou a ponta de um peito através de sua camiseta, e se estremeceu. Uma língua? Uma ponta do dedo?

—Estou planejando te desfrutar, —disse por fim—. Acontece que é minha tarde livre.

Massageou o mamilo entre um polegar e um dedo, mas muito ligeiramente para lhe convir.

Sua respiração escapou e se acelerou.

—Isso parece um som de conformidade.

A cintilação mais diminuta de culpa pela perversidade em que se embarcaram tratou de acender-se dentro dela, mas seu entusiasmo por seguir adiante o franqueou antes que pudesse crescer.

—Me alegre que goste.

Seu tom era risonho e o sentiu estudar seu corpo.

Era excitante, não sabendo o que faria, onde a tocaria depois. Negada a vista, descobriu que todos seus outros sentidos se haviam aguçado, espectadores.

Suas mãos passaram sob a prega de sua camiseta, subindo-o muito por

cima de seu peito. Os punhos de sua camisa escovaram sua pele, lhe recordando que estava completamente vestido enquanto ela estava virtualmente nua.

Apertou seus peitos expostos ligeiramente, avaliando seu peso e textura como se fossem novos. Seus mamilos se esticaram e esquentaram em uma forma que lhe disse que tinham começado a lançar esse estranho brilho azulado. Embora sabia que desfrutava destas evidências de sua excitação, suas mãos se esforçaram por cobrir seu peito em um ato reflito que a fez retorcer-se em suas ataduras.

—Tem uns peitos encantadores, —disse-lhe, esfregando a almofadinha de seus polegares por seus mamilos erguidos—. Arredondados e firmes. Uma feira de cores com os topos cobertas com delicadas protuberâncias. A classe de peitos que muitos homens poderiam desfrutar. Para falar a verdade, acredito que foram objeto de mais que um olhar luxurioso no chalé de sua tia na noite de sua festa. Notou o Senhor Mosca comer-lhe com os olhos pela forma em que se derramavam fora de seu traje?

Jane se endureceu ante a afronta. Senhor Mosca era um homem estirado que se pensava superior a outros. Não podia imaginá-lo dignar-se a comer-se com os olhos os peitos de nenhuma mulher.

—Não o fez! —Negou ela envergonhada—. Além disso, a quantidade de decote mostrada pelo meu traje estava perfeitamente dentro dos limites da aceitabilidade, como você é bem consciente.

Nick lançou um grunhido e continuou acariciando suas curvas ligeiramente, despertando-a e fazendo-a desejar uma carícia mais firme.

—Entretanto, estou seguro que o Senhor passou uma boa parte da tarde imaginando exatamente deste modo. Desejando poder ver sua carne exuberante descoberta, ensinada para seu prazer. Querendo tocar seus mamilos como o estou fazendo agora. Para lambê-los. Você o deixaria, Jane?

—O que?! —Perguntou chocada—. Não, nunca. É obvio não o faria!

—Inclusive se te peço que o faça? —Persuadiu-a Nick, sua voz de veludo se tornou mais grave em um escuro incentivo—. Se te ordenar que o faça como uma característica de seu emprego como minha amante?

Os processos mentais de Jane se detiveram, trocaram, e se moveram tentativamente através do novo atalho incerto sobre o que tratou de levá-la.

—Um cavalheiro realmente exigiria que sua amante fizesse tal coisa? Deixaria que outro homem a tocasse?

—Se aplacasse seus apetites sexuais para esse momento em particular.

—Você tem feito tal coisa antes? —Perguntou.

—Um verdadeiro cavalheiro nunca conta essas coisas, —respondeu obliquamente.

—Sua amante desfrutou? —Exigiu Jane, assumindo o pior.

—Falando hipoteticamente, acredito que uma amante poderia desfrutar de tal coisa. Exceto qualquer amante minha o admitiria sem considerar se estimulava ou não sua própria reação de prazer. Admiti-lo-ia se soubesse que posso me agradar observando-a com outro homem. Ou imaginar seu desempenho com um.

O tecido do vestido deslizou sem fazer ruído quando foi baixado para cobri-la com seu véu outra vez. Suas grandes mãos passearam sobre ela, riscando um atalho ao longo de suas costelas, abdômen e quadril.

Jane lutou contra converter-se em sua puta.

—Prefiro não acessar a esse capricho especial.

—Compreendo completamente, —apressou-se a lhe assegurar Nick —. Entretanto, não são sozinhos meus caprichos o que devemos considerar. É um assunto de escrupulosa cortesia.

—Sua sugestão está totalmente além dos limites da simples cortesia! —Exclamou Jane.

—Imagina somente se Mosca estivesse aqui em Blackstone como nosso convidado. Como amante da família você te encarregaria de suas necessidades, não?

—Eu...

—Diga que sim, Jane, —aconselhou brandamente—. Inclusive se não o desejar.

Vacilou, perguntando-se onde poderia estar conduzindo isto.

—Sim, então.

—E se pedisse que acariciasse seus peitos e atirasse de seus bicos como mamadeira, qual seria sua resposta?

—Não!

—Jane, Jane, —arreganhouna Nick—. Está exibindo uma falta atroz de

hospitalidade. Se Mosca fosse nosso convidado para jantar e te pedisse uma porção de fruta, você rechaçaria seu pedido?

—É obvio que não, mas os peitos não são uma fruta —replicou.

Riu entre dentes.

—Mas os teus são arredondados e deleitáveis como melões. Posso ver por que poderia desejá-los Mosca.

—Ele não! —Exclamou Jane.

As mãos do Nick a deixaram.

—Acredito que devemos nos esforçar por melhorar suas maneiras sem demora. Com a prática pode chegar a te preparar apropriadamente para atender a meus convidados.

—E assim seria mais aceitável para ti? —Replicou.

—Precisamente. Repete o que digo, e estou seguro que captará as palavras corretamente, —instruiu-a no tom um professor particular—. Senhor Mosca, pode lambe meus peitos.

Seguiu-lhe um silencioso puxão de sua vontade. Ao final a curiosidade levou que ao Jane o rompesse.

—S —Senhor Mosca, —repetiu hesitante—. Pode lambe meus peitos.

Nick plantou um beijo rápido sobre seus lábios e logo se retirou.

—Excelente, Jane. Mas não soa muito bem. Provemos desta maneira. "Senhor Mosca, pode lambe minhas tetes". Conhece esta palavra?

Jane agitou sua cabeça.

—Esta é a palavra italiana indecente para referir-se aos peitos. Excitará ao Senhor escutá-la sobre seus lábios.

Jane repetiu as palavras, sua voz foi um sussurro muito suave.

Os momentos passaram sem que nada ocorresse. Seus sentidos se aguçaram com a espera.

O ar fresco entrou flutuando sobre ela quando a preta de sua camiseta foi levantada outra vez. O tecido fino arrastou e desgastou sua pele sensibilizada, enganchando-se nas pontas de seus seios antes de deslizar-se livre e permanecer tendida justo em cima deles sobre seu peito.

O tom do Nick trocou ligeiramente ao de um homem que falava com

um companheiro masculino.

—Por favor segue, Senhor.

Muitos segundos depois, um par de lábios se apresentou, mamando ligeiramente primeiro um mamilo e logo o outro até que ambos estiveram franzidos e mendigando. Uma língua seca como papel de lixa os acariciou com atenção, formando redemoinhos em golpes largos, planos.

—Penso que isso é suficiente, Mosca, —anunciou energicamente Nick.

O vestido camiseiro baixou para cair sobre ela outra vez.

—Agradece ao Senhor Mosca por lamber seu tette tão bem, —instruiu-a.

—Obrigada, Senhor Mosca por lamber meu tette, —repetiu entusiasmando-se com o jogo.

—Bem-dito, Jane! Agora, ultimamente Senhor Mosca esteve em companhia do Monsieur Lemieux devido a um assunto da empresa.

A mente de Jane trabalhou a toda máquina enquanto pinçava em seu catálogo mental, tratando de combinar o nome com um rosto. Finalmente encontrou a imagem de um francês grande e volumoso com cabelo murcho e indisciplinado com necessidade de um corte. Tinha uma conversa escassa e pouca interação pelo que tinha notado na oportunidade em que se conheceram.

—Não posso recordar suas feições, —admitiu precisamente.

—E não duvido que é muito educada para mencionar o que pode recordar dele. Mas o recorde tão grosso e musculoso —sua forma em conjunto modelada na maneira mais tosca. E você tem muita aula para comentar suas maneiras animais embora o recorde, —acrescentou Nick. —Entretanto, podemos esperar que Senhor Mosca pudesse trazer monsieur como seu convidado quando nos visitar. E nesse evento, você estaria também obrigada a prolongar sua hospitalidade em uma nova direção, não?

—Suponho.

—Depois de observar sua generosidade para Mosca, Lemieux quereria acariciar seus peitos também indubitavelmente. Entretanto, —advertiu-lhe Nick—, o que não o faria provavelmente é pedir permissão.

Quando suas palavras se apagaram...

Mãos desiguais cavaram a plenitude de seus peitos através do tecido de seu vestido, apertando e voltando a moldar seus contornos com pouca

consideração. Eles pressionaram até encontrar as aréolas, preparando seus mamilos para o fácil descida e violação de uma boca voraz.

Os topos de sua carne foram absorvidas profundamente em sua prisão morna e molhada e logo soltas e riscadas outra vez. Sob a sucção poderosa seu vestido terminou empapado, um estímulo em si.

Os lábios se separaram e Nick comentou:

—Temo que estava no certo respeito ao comportamento de monsieur. Para falar a verdade, acredito que poderia abusar de seus peitos de outras maneiras antes que te deixe. Mas não te mostre mal-educada ante seu tato, não te queixe, Jane. Assume que é nosso convidado.

Jane deu um uivo e atirou de suas cordas quando seus mamilos sensibilizados foram autoritariamente beliscados e apertados. Os dentes morderam e estiraram as curvas de seus peitos. A atenção luxuriosa revolveu seu sangue, e um eco correspondente de sensações se revolucionou entre suas coxas. Como era possível que tal abuso pudesse invocar este vergonhoso desfrute privado?

Repentinamente a atenção sensual terminou. Mãos e lábios partiram, deixando sobre sua camisa círculos úmidos.

—Agora, Jane, agradece ao Monsieur Lemieux por bater seus mamilos.

Imensamente irritada pela retirada de tal estímulo antes que pudesse analisá-lo apropriadamente, Jane permaneceu em silêncio.

—Jane? —Arreganhou-a brandamente Nick.

—Merci, Monsieur, —disse a contragosto.

—Bem-dito, uma amante atenta, —aprovou Nick.

—Sim, bem....

—Lemieux tem outro pedido que fazer para seu entretenimento adicional, —interrompeu Nick—. Pensa que lhe pode agradar ainda mais?

—Em que maneira? —Rodeou.

—O próximo pedido que poderia te fazer certamente seria bastante grosseiro. Não te assuste se pedir algo realmente perverso.

—Teria permissão para lhe ver a vagina? —Perguntou uma acentuada voz masculina.

—Nick —não!

Jane pressionou suas coxas juntas. A ideia de mostrar-se a desconhecidos era tão detestável que perdeu de vista o jogo momentaneamente.

Nick fez um som de desaprovação. Sua palma bateu em sua bochecha em uma maneira reconfortante.

—Impulsivo e frente a ele, estou de acordo. Mas estou orgulhoso de você, cara, e por isso me acho estranhamente disposto a demonstrar isso. Você não quer me desgostar, ou sim?

—Não, —sussurrou.

—Então mostrar-se. Faça como digo. Não faça nossos convidados esperar.

Depois de um momento de indecisão, Jane tomou coragem. Deixou suas pernas abrir-se. Mãos invisíveis apertaram seus joelhos para cima e separadamente com a rápida eficiência, separando-a tanto como seu corpo podia admitir.

O ar fresco encontrou sua umidade escondida e percebia que havia olhos inspecionando-a. Nódulos firmes acariciaram seus lábios e empurraram em sua fenda.

—Não sou afortunado, cavalheiros? —Perguntou Nick com evidente orgulho em sua voz. Isto é meu e podem desfrutá-lo sempre que desejar. Não me invejam?

Os músculos interiores do Jane se esticaram ante o tato informal ao longo das dobras que protegiam a entrada de sua vagina. Murmurou em sinal de apreciação.

—Com tal provocação visual, Mosca foi encorajado para fazer um novo pedido, —informou-lhe Nick.

—Com permissão. Posso saboreá-lo?

—E qual é a resposta para isso, Jane?

Jane gemeu, retorcendo-se mais perto da esfregação tentadora entre suas pernas.

Os dedos engenhosos foram retirados.

—Responde ao Senhor, Jane.

Deveria ter estado escandalizada. Mas seu tom a aliviava e acalmava, e ansiava mais contato.

—Se meu Senhor desejar, pode fazê-lo, Senhor, —respondeu.

—Tanto respeito! —Disse Nick.

—Proceda, Mosca, —sugeriu, seu tom transbordava jovial camaradagem masculina.

Passaram largos momentos. Jane permaneceu tendida tensa com a expectativa....

O contato de uma língua mais ligeira que o tato de uma mariposa chegou, fazendo cócegas a seus clitóris. Tão ligeiro que não estava totalmente segura de não a haver imaginado. Suas pernas se moveram para dentro em ato reflito.

Polegares gentis estenderam o capuz delicado que protegia seus clitóris. O tato chegou outra vez, ainda ligeiro, mas o suficientemente estável para estar mais seguro dele. Embora não o rodeava, a língua insegura parecia apoiada. Com tenra precisão começou a lhe lambe, tocando-a primeiro só com a ponta e logo com um golpe cheio de sua tibieza áspera.

—Sente-se tão bem, —sussurrou, tremendo.

Com uma lambida prolongada final, a língua se separou.

Somente então Jane se deu conta de que suas pernas estavam agora tendidas ajeitadas, amplas e acolhedoras.

—Depois de visualização gratuita, Monsieur Lemieux estará prevendo outro turno, —disse Nick brandamente. Seus dedos pentearam seu cabelo prateado onde estava tendido sobre o travesseiro.

—Puis — je... posso chupá-lo? —Perguntou uma voz rouca.

—Por favor, sim, Monsieur, estaria encantada que o fizesse, — respondeu Jane.

—Acredito que suas maneiras estão melhorando enormemente através deste exercício, —disse Nick—. Mas, Monsieur Lemieux já demonstrou que é excepcionalmente bruto.

Antes que pudesse formular uma resposta, um fôlego quente e úmido caiu sobre ela enquanto uma boca fresca e avara descendeu para dar um banquete com sua fenda —chupando, alisando, lambendo. Mãos agarraram a parte oculta de suas coxas, levantando-a mais perto e se sacudiu em uma indefesa resposta.

Tão rápido como tinha começado, a boca se retirou.

Jane fez um som ofegante. Seus dedos se esticaram, voltando a examinar suas ataduras.

Nick escovou os cachos molhados sobre seu monte.

—O que acontece, cara? Seu clitóris está doendo?

—Não!

—O que então?

—Sim! Por favor para este jogo. Entra em mim... lhe rogo isso.

—Lamento que não possa, —compadeceu-se—. Embora não deseje nada mais ferventemente que agradar seu pedido, deve reconhecer que seria falta de educação me aliviar mesmo com você enquanto nossos convidados continuam esperando.

Jane apertou seus dentes frustrada.

Nick acariciou seu quadril consoladoramente.

—Mas com felicidade, vejo que Lemieux tem uma solução para oferecer. Ponha seu pedido, Lemieux.

— Peço permissão, Monsieur Satyr. Posso colocar meu membro dentro? —Perguntou a voz francesa.

—Ciò È ingiusta! Por que deveria fazê-lo quando eu estava aqui primeiro Lemieux? —Exigiu Mosca com toda a razão.

—Cavalheiros, por favor. Penso que posso falar em nome do Jane neste assunto, —disse Nick em um tom conciliador—. Ocorre que se que está a par destes assuntos e desfruta de muito do tato de uma estaca rígida dentro dela. Em relação à pergunta de quem será o primeiro? Determinarei rapidamente quem será, primeiro liberem seus membros de suas calças e permitam que os avalie.

O ranger do som de roupa abrindo se escutou no quarto silencioso.

—Ah, o Senhor Strand se reuniu a nós. Mostra seu membro, Senhor, e entre no jogo, —convidou Nick.

—Jane, pode dirigir três membros pouco familiares esta noite?

—Sim, Senhor. —Respondeu.

—Menina generosa, —disse, moldando sua coxa—. Então só falta determinar quem será o primeiro.

Depois de uma forte consideração, chegou a uma conclusão.

—Senhor Mosca, você tem o mais curto. Portanto você pode ir primeiro, preparando-a para os outros de proporções mais robustas, portanto. Permitirei que o coloque completo dentro dela. Mas somente uma vez.

Houve uma pausa.

—Não te queixe, Mosca, —acautelou Nick—. Estou sendo um anfitrião extremamente agradável, depois de tudo.

Jane conteve a respiração, espectador com o conhecimento de que uma —estaca rígida—, como seu marido a havia descrito, estaria disponível próximo.

Ao lado dela, a cama se moveu, e sua carne sentiu a frieza de alguém que se aproximava. O corpo de um homem se sustentou no ar e logo se assentou entre suas pernas.

O tecido puiu no interior de suas coxas. Embora ainda tivesse com suas calças, a lapela de tecido entre pernas pendurava aberta. A ponta de veludo se arrastou por seu abdômen, deixando um rastro úmido de líquido pré-seminal. Seu pelo masculino roçou sua pele quando hesitou e golpeou, como se tentasse localizar sua entrada. O inexperiente estimulante era algo incômodo, mas por fim sua coroa a encontrou.

Sua fenda se separou. Logo veio uma invasão rígida e bem-vinda que a satisfazia lentamente, centímetro a centímetro.

Permaneceu tendido em seu interior durante muitos segundos, sua respiração severa e firme em sua orelha. Os botões de sua camisa permaneciam fechados e pressionavam incomodamente em uma linha ao longo de seu abdômen e peito. Cavaram mais profundo ainda enquanto corcoveava contra ela, como se ao fazê-lo obtivesse uma nova profundidade.

Então veio um relutante e prolongado deslizamento, e sua longitude encontrou seu caminho de volta para fora de seu corpo. Suas paredes vaginais apertaram, tratando de aprisionar seu eixo para uma estadia mais larga, mas em vão. A cabeça embotada de seu membro arrebitou dela, deixando-a vazia.

Não era suficiente.

—Suficiente, —anunciou seu marido.

O corpo a deixou e abandonou a cama.

—Ooh, por favor, termina com isto, —pediu.

—Silêncio! —Arreganhrou-a Nick bruscamente—. Não seja imprópria, Jane.

—Monsieur Lemieux, —continuou Nick continuou, seu tom agora colorido de companheirismo—. Você pode seguir depois. Seu membro é o maior assim estou seguro de que compreenderá quando digo que não pode inseri-lo muito profundamente no primeiro empurrão.

—Então, logo posso bombeá-la? —Perguntou Lemieux.

—Pode, mas dez vezes somente, —estipulou Nick.

Sem advertência, seu vestido foi empurrado bem alto sobre sua cabeça até juntar-se com as ataduras sobre seus pulsos. O colchão baixou, e o corpo de um homem se arrastou voluptuosamente com o passar do dele até que suas genitálias ficaram alinhados. Suas calças estavam descuidadamente enredadas em torno de suas panturrilhas e tornozelos, deixando seus quadris e coxas nuas.

Seus joelhos abriram as suas pernas ainda mais, mas não se introduziu nela. Seus dedos abriram seus lábios para que seu úmido canal pudesse massagear sua congestionada ereção.

Voluntariamente, ajudou-o a imitar o ato sexual. Lançou um grunhido ante o prazer desumano, fazendo cócegas a sua orelha com obscenidades em francês. Mãos baixaram para cavar e apertar os contornos de seu traseiro, forçando a seus quadris a mover-se ao tempo que o seu. As palavras da natureza mais explícita derivavam de seus lábios, lhe garantindo o deleite que sua carne encontraria.

Cruzou seus braços e os apoiou sobre suas costelas, enganchando os dedos sobre seus ombros para sujeitá-la. Um membro desejoso empurrou sua entrada.

Jane estremeceu, antecipando.

Entrou nela em um só ataque violento, mas pouco profundo como seu marido tinha dito. Uns poucos centímetros permaneceram instaladas dentro dela por um momento, até que pensou que poderia voltar-se louca pela necessidade de um empurrão mais profundo.

Girou sua cabeça, e seus lábios roçaram sua mandíbula.

—Por favor, —pediu.

A cabeça embotada de seu membro separou dela com um movimento de aspiração. Rapidamente entrou nela outra vez, arando a terra desta vez tão duro e fundo que seu corpo foi forçado alguns centímetros contra a cabeceira.

Era bom. Cheio, pesado. Seus olhos se fecharam, e envolveu suas pernas sobre ele.

Sua boca mordeu seu pescoço. Seus dentes a raspavam. Chupando, manchou sua pele.

Retirou-se dela completamente, tirando suas pernas. Então a bombeou outra vez com mais força. E outra vez. Seus murmúrios o incentivavam.

Com cada intrusão, expressou o desfrute quente de sua carne com epítetos ásperos, carnaís. Suas palavras a teriam assustado outro momento, mas estranhamente, nesse momento somente intensificavam seu desejo.

Em voz alta, contou cada estocada: ...dois...três...quatro!

Quando eventualmente partiu, suplicou por mais. Tinha-a cheio bruscamente e ela tinha encontrado um estranho prazer.

Nick deixou escapar um suspiro instável, forte no silêncio da tarde.

—Lorde Strand, —expressou finalmente, encontrando um tom sério—. Acredito que é agora seu turno. E para expressar minha gratidão porque pediste um fornecimento vasto de nossa colheita recentemente, consentir-te-ei um favor especial. Você pode pôr seu membro dentro de minha amante e bombeá-la até que esteja totalmente satisfeito.

—Jane, convidará a nosso convidado predileto a seu corpo?

—Certamente, —coincidiu com presteza—. Senhor Strand, estaria honrada se pusesse seu membro dentro de mim.

Nick moldou seu tornozelo.

—Sua docilidade me agrada, Jane.

Um corpo completamente descoberto caiu sobre ela e deu a bem-vinda a sua força masculina entre suas coxas. Lábios afetuosos acariciaram pedindo uma suave desculpa a seu pescoço e sua pele que tinha sido marcada tão recentemente.

Dedos correram a velozes através de seu arrepiado sulco, avaliando seu estado de preparação. Largos momentos passaram enquanto a acariciava, mantendo-a equilibrada sobre o fio da faca de sua necessidade.

Definitivamente, justo quando pensava que poderia acabar a necessidade, um membro sólido e preciso começou a entrar nela. Encheu-a devagar e com esmerada precisão, até que o ato foi tão completo como era possível.

Segurou seu traseiro e começou a empurrar. Os golpes eram capazes, mas calculados e lentos. Outra vez, sua paixão se desenvolveu, empurrando-a

para o precipício do orgasmo.

A voz imaterial de Nick sussurrou em sua orelha. —Posso ver pela expressão de Strand que o está agradando. Seu membro te enche de maneira diferente que a minha? Está gostando, Jane?

—Sim! Muito, —gemeu. Seus dedos seguraram fortemente o tecido dos cachecóis que a sujeitavam—. Tão bom. —Suas pernas se envolveram ao redor de seus quadris que empurravam ritmicamente contra as suas. Momentos depois foi sacudida por um forte clímax.

A seu grito, o membro se cravou profundamente nela, fixando-a para receber suas descargas agudas e furtivas.

—Chiavata!

Seus lábios se arrastaram ao outro lado de sua bochecha para conhecer sua boca. Seus quadris se esfregaram habilmente, ajudando-a a alcançar seu clímax mútuo, saboreá-lo.

Ainda estava desfrutando dos últimos ecos de seu orgasmo quando o corpo a desconectou e a deixou.

—Agradece a Strand por te dar seu sêmen, —ordenou Nick do lado da cama. Sua voz parecia anormalmente baixa e áspera.

—Agradeço-te por seu sêmen, Senhor Strand, —expressou.

Nick esfregou seu cabelo e mandíbula. A carícia era superficial e não persistiu.

—Estou contente de que te esteja convertendo em uma esposa tão talentosa e cumpridora.

Sorriu, escutando o som de roupa ao ser colocada estava se vestindo.

—Amante, —corrigiu, sem entusiasmo.

Riu entre dentes.

—Descubro que a delineação entre as duas está ficando mais imprecisa com cada dia que passa.

Seu sorriso se abriu. Pacientemente aguardou o retiro das ataduras de seus pulsos que supôs pendente, franzindo o cenho quando os passos de seu marido se mudaram em vez.

—Acompanharei nossos convidados até a porta e voltarei. —Disse-lhe.

Assim que o jogo não tinha terminado.

—Espera! Nick! Me solte antes de ir. Alguém podia me encontrar assim.

Seus passos pausaram brevemente, e o sentiu estudá-la. Imaginou a si mesmo atada sobre a cama entre as mantas enrugadas, suas pernas separadas com uma umidade leitosa escapando do interior de suas coxas.

Deslocou-se, fechando suas pernas.

—Me solte, —sussurrou.

Seus passos continuaram para a porta e o escutou abri-la.

—Nick! Me cubra pelo menos, —pediu.

Desgostosa, escutou a porta abrir-se chiando e logo fechar-se. Escutou seus passos no corredor fora afastando-se.

—Volta, —murmurou Jane, sabendo que não escutaria. Permaneceu deitada na cama durante muitos segundos, sentindo-se desolada e muito exposta. Um calafrio a atravessou quando seu corpo se esfriou no período seguinte ao acalorado encontro sexual.

Usando seus pés e pernas, retorceu-se para correr as mantas e tampar-se com elas. Merecia que o matasse por isso.

O «thunk» surdo de duas botas que golpeavam o tapete despertou. Quanto tempo tinha passado? Momentos ou horas? O colchão se afundou a seu lado. Ar fresco se moveu empurrado pelo vento sobre ela quando as mantas foram afastadas.

—Nick? —Murmurou. Tinha retorcido suas ataduras assim agora se encontrava de lado com seus joelhos apertados contra seu peito. Reuniu-se com ela sobre a cama, colocou um travesseiro entre seus joelhos e a atraiu a ele desde atrás.

Tratou de girar-se dentro de seus braços, mas se antecipou a ela. Seus dedos se deslizaram desde atrás para tocar seu triângulo úmido de cachos. Como ousava fazê-lo depois de havê-la abandonado!?

—Tenha compaixão, Nick, —apertou—. Me desamarre. Alguém podia ter me encontrado neste estado enquanto você estava fora.

Nenhuma resposta.

—Nick? É você, não? —Perguntou, tratando de incomodá-lo com suas palavras.

Seu dedo arrastou suas dobras, causando um último vestígio de um espasmo de seu orgasmo mais cedo através dela. Tratou de ajustar suas pernas e liberar-se de sua mão, mas o travesseiro o impediu.

Escandalizada, escutou-o lambe-se seus lábios, saboreando-a sobre seu dedo.

—Senhor Strand me pediu que te agradecesse por fazê-lo gozar—disse por fim—. Posso saborear seu sêmen picante sobre ti. Encontrou um membro de seu gosto?

—Me desamarre e possivelmente te direi, —disse.

Fazendo caso omissos de sua sugestão, Nick colocou dois dedos parcialmente dentro dela, esparramando o sêmen. Acariciou-o sobre ela, brincando, até que começou a mover-se com sua mão.

—Umm, —murmurou em sinal de apreciação—. Está sedutora e escorregadia com as sobras de outros homens. Penso que eu gostaria de me vir dentro de ti, também, onde esses outros homens lhe tiveram. Posso?

—Sim, é óbvio.

—Não há "É óbvio" entre nós, Jane. Você me quer?

Analizou sua pergunta. Antes, sempre tinha tomado o que considerava seu direito. Considerava um desenvolvimento favorável que agora considerasse e necessitasse a confirmação de seus sentimentos sobre o assunto.

Sua excitação sexual a pressionou, já pesada e grossa. Por que negar o que queria?

—Sim, sempre.

Seus lábios lhe acariciaram o pescoço, beijando, e logo estendeu a mão para retirar sua atadura.

—Quero que esteja segura de quem é o membro desta vez.

Desenhando seus quadris para trás, introduziu a ponta de seu membro em seu interior e pressionou para dentro. Sua mão caiu de sua cintura e se deslizou mais baixo para esfregar e acariciar entre suas coxas. O sexo desta vez consistiu em balançar e acariciar, e massageava seu traseiro com cada empurrão.

—Amanhã pela manhã, quando você esteja contida castamente em seus

cordões ajustados, e capas de vestidos, e anáguas...E quando suas pernas estejam graciosamente pressionadas escondendo seus segredos como uma esposa bem-educada, de classe alta deve.... Quero que pense nisto, —sussurrou—. Do sexo que estamos fazendo agora. De ti deste modo....

CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte, Jane não podia olhar Nick quando entrou no salão de café da manhã. Devido a seu olhar se negava a subir em cima de seu pescoço, notou rapidamente que ia arrumado para o dia com uma jaqueta raiada superfina. Seu desenho sóbrio era extraordinariamente claro tendo em conta seu gosto costumeiro, como se tivesse estado pensando em outras coisas quando a selecionou.

Suas bochechas avermelharam, e despejou seu chá com concentração anormal.

Ele escolheu sua comida no aparador e se sentou frente a ela, abrindo um jornal. Logo depois de um momento o baixou.

—Agradou-me ontem à noite, Jane, —conveio rigidamente.

Ela piscou.

—E você a mim. —Sussurrou.

Ele assentiu com a cabeça, começando seu café da manhã.

Jane sorveu seu chá sem saboreá-lo. Seu severo marido estava de volta. Como podia modificar seu comportamento tão enormemente entre o dia e noite? Estava confundida.

Em frente dela, Nick estava ainda mais perplexo que ela. A visão dela comendo seu chá e torradas com geleia o tinha duro em suas calças depois de terminar de passar uma noite inteira em seu quarto. Ele mesmo sempre tinha sabido ser depravado, mas agora seu corpo era insaciável. Queria passar tanto o dia como a noite acariciando, experimentando, fodendo. E não simplesmente ficar com alguém. Era ela — sua esposa e somente sua esposa a quem ansiava.

O desejo era algo para ser controlado e compartimentado. Não podia permitir que nenhuma mulher passasse mais de uma temporada ao redor dele. Controlaria seus sentimentos e a governaria, levando-a como necessitava.

Jane pressionou um guardanapo de linho sobre seus lábios e falou com a garota, que trouxe um novo bule.

Calcou a ereção ameaçadora e se forçou a articular uma réplica coerente quando Faunus apareceu com uma pergunta sobre um assunto da empresa. Sua

voz e aroma torturavam seus sentidos. Sua excitação sexual se fortaleceu. Seu membro logo estaria saindo de seu cinturão.

Intolerável!

Levantou-se de repente de sua cadeira e caminhou com passo majestoso fora da sala, deixando Jane, Faunus, e a garota olhando-o com surpresa.

O que precisava era uma distração, decidiu.

A viagem para o chalé que os Covas tinham arrendado em Florência levou mais de uma hora a cavalo. Quando Nick foi conduzido ao salão, somente Izabel o aguardava.

Rechacando sua proposta de um assento, chegou ao coração de seu assunto com ela.

—Vim aqui para pedir que permita que Emma, viva com Jane outra vez.

De seu assento sobre o estrado, Izabel o estudou no lugar em que estava, na frente da chaminé.

—Por que pergunta para mim? Por que não pergunta ao pai das meninas?

—O Senhor Cova obviamente deixa esses assuntos a sua responsabilidade.

Inclinou sua cabeça regamente.

—Odiaria deixar Emma ir. Temo que veremos pouco de qualquer de minhas sobrinhas se permitirmos que ambas vivam separadas de nós. Seu pai sentiria saudades, e o mesmo passaria comigo.

—Possivelmente posso oferecer o consolo por sua perda. —Recolheu uma pequena estatueta de jade de seu suporte da chaminé e a girou em suas mãos—. O que te consolaria? Mais jade? Ouro? Joias? Terras?

Seus olhos se estenderam por ele.

—Posso ser franca?

—Por favor.

Ficou de pé e se moveu frente a ele.

—Sou uma viúva sozinha, —disse-lhe—. Com necessidades.

—Necessidades.

A palavra flutuou na habitação.

Izabel interrompeu o silêncio.

—Peço que fale do assunto de Emma comigo em um lugar mais íntimo.

—Seu quarto? —Adivinhou Nick.

Sorriu. Ainda era uma mulher atraente.

—E sua opinião de minha conveniência como um tutor para a Emma trocará de algum jeito através de minha visita a seu quarto?

Seu sorriso aumentou.

—Isso depende do quanto atento e persuasivo demonstre ser.

Nick manteve sua repugnância fora de sua expressão.

—Por isso, para pôr as coisas claramente, quer que vá com você para cima agora. Para foder-te. E se for bom, deixará a sua sobrinha mais jovem aos cuidados de Jane? Posso levar a menina comigo quando sair daqui esta tarde?

Olhou-o, brincando com uma franja de seu xale.

—Não.

—Não?

—Em troca de um benefício tão grande como Emma, deve desfrutar de minha hospitalidade durante toda uma noite inteira. Uma noite especial. Quando a lua está cheia.

A inquietação tomou a espinha dorsal de Nick. Sabia. Mas como? E o que fazer sobre isso?

Endireitou-se.

—Acredito que tive toda a hospitalidade que posso tolerar por um dia.

Inclinou sua cabeça.

—Vamos, está se negando?

Aproximou-se.

—O carinho da Emma está pacote de Jane. Estou disposto a pagar seu preço de noiva quando chegar à maior idade e te entregar a soma que peça. Você podia ter o mais fino dos chalés, um castelo. Tudo em troca de deixar Emma ao meu cuidado.

Ela apoiou uma palma sobre seu peito.

—Escutou o que quero de você. Você matou centenas de mulheres com seu enigma se for possível acreditar nas lendas. O que é uma mais?

—E se disser que agora sou leal ao leito de minha esposa?

Deu uma risada, que perdeu intensidade rapidamente quando leu a sinceridade em sua cara.

Nick não estava seguro de quem estava mais horrorizado pela verdade de sua reclamação — ele ou a estimada Tia Izabel.

A raiva repentina encheu Izabel, derramando-se através de suas veias, incitando a à destruição. Mas simplesmente deu uma tapinha a seu peitinho, e voltou-se.

—Já vejo. Não me dava conta de que minha sobrinha te tinha apanhado tão completamente em sua vontade.

—E agora que é consciente disso, podemos falar mais razoavelmente em relação à disposição de sua irmã? Jane a deseja, e me dói ver. Tenho a riqueza para comprar a outros homens — qualquer que deseje para você.

—Pergunto por uma noite com você sob uma lua cheia. Não há nenhum outro preço. Se você não o pagar, Emma fica aqui.

—Posso jogar uma solicitude nos tribunais por ela. Será interessante ouvir falar dos errantes andar noturnos do Senhor Cova quando visitou Blackstone a última vez.

Izabel aspirou bruscamente.

—E se isso falhasse, em alguns anos Emma terá a idade para decidir por si mesmo, —adicionou.

—Antes que pudesse convencer aos tribunais de que intervenham, veria a Emma atada ao mais desprezível dos homens.

Olhou-a fixamente.

- Não compreendendo sua determinação.

—Por quê?

Voltou-se para a janela, lhe dando as costas.

—Escutaste meus termos. Até que esteja preparado para cumpri-los, não temos nada mais para dizer. Bom dia, Senhor.

CAPÍTULO 24

Jane apressadamente foi procurar um tamborete para poder pegar um livro na prateleira mais alta da biblioteca.

Aqui estava por fim! O livro de remédios de ervas que tinha procurado. Tinha estado na magnífica biblioteca de seu marido todo o tempo.

Nick estava em seu escritório atrás dela, dando atenção à empresa enquanto ela folheava. Tinha pegado seus livros antes, mas não estava segura se ele era consciente disso ou se não achava ruim.

Tomou o livro sobre ervas para sua inspeção.

—Posso tomá-lo emprestado?

—Minha biblioteca é sua biblioteca, —disse-lhe.

Vacilou, e sua expressão se tornou estranha.

—Meu pai diz que as mulheres devem ser mantidas ignorantes, — explicou—. Acredita que muita informação corromperia nossas mentes e nos tornariam inúteis.

Nick se reclinou em sua cadeira, uma expressão indulgente sobre seu rosto.

—Estou suficientemente seguro de minha habilidade de engendrar meninos. É livre para usar minha biblioteca.

Jane encolheu de ombros ante a culpa persistente que acompanhava a menção de filhos que ela sabia que não chegariam logo.

—Obrigado. Outro marido não teria sido tão generoso com sua literatura.

—Deve recordar agradecer-me apropriadamente depois, —disse-lhe—. Ao final, poderia querer te interessar em minha coleção de arte erótica.

—É muito amável, —disse Jane negando-se a ruborizar-se—. Mas acredito que limitarei a seus livros botânicos no momento.

—Possivelmente desfrutaria de minha arte erótica botânica? — Comentou, encontrando seu olhar sobressaltado.

—Existe tal coisa?

Aproximou-se e estendeu a mão sobre sua cabeça para tomar um volume magro. Sobre o lombo dourado se lia *Sermo de structura florum* pelo Sébastien Vaillant.

— Vaillant compara antecipadamente a reprodução sexual de plantas e a reprodução humana no que se acredita, influência do Carl Linnaeus para que fazer as comparações mais duras, —disse-lhe depois.

—Estou familiarizado com as teorias do Linnaeus.

—Então sabe que estudou às flores intimamente, —continuou Nick—, alcovitando a milhares para aprender seus métodos de procriação. Revisou seus órgãos genitais — tantos estigmas como fios de lã — e chegou às conclusões respeito a sua reprodução sexual que tanto assustaram e repeliram a seus contemporâneos. Afirmou que malmequeres simples retinham tantas amantes como esposas.

—O trabalho de Linnaeus sempre me interessou. Mas confesso a surpresa ao me inteirar de seu conhecimento sobre ele, os lê para procurar referências carnis excitantes ou o estuda totalmente para o benefício de suas trepadeiras?

Sorriu abertamente, guardando o livro.

—Ambos, na verdade foi sorte. Entretanto, não posso tomar o crédito completo pelo conteúdo de minha biblioteca. Como com a maioria de minhas coleções, foi começada por meus antepassados. Simplesmente continuo seu trabalho, acrescentando artigos de interesse quando posso.

—Sem um sentido do dever familiar?

—Isso poderia ter provocado meu interesse inicial, mas colecionar se tornou uma paixão.

—Sua paixão para colecionar abrange toda classe de cristaleiras, cerâmica, ilustração, espadas, livros.

Ele deslizou suas mãos ao longo de suas costelas, acariciando.

—Desfruto possuir objetos formosos e estranhos. E sou afortunado de ter a riqueza para satisfazer meus caprichos.

Jane cruzou seus braços sobre o livro de ervas e o pressionou contra seu peito como uma barreira entre eles.

—É por isso o que te casou comigo? Para me acrescentar a sua coleção?

Suas mãos se apaziguaram.

—O que quer dizer?

—Me ocorre que tinha um espaço disponível em seu museu com a ficha esposa no Castello e, portanto, tratou de enchê-lo.

—Em certo isso sentido é certo. Ainda mais, não qualquer mulher teria completado o posto tão suficientemente. De todos os artigos de minhas coleções, você é o que me dá mais prazer.

Dedos afetuosos riscaram o caminho até acima de seu espinho dorsal para brincar com seu cabelo.

Ela inclinou sua cabeça e o estudou com curiosidade.

—Prazer. Você usa a palavra para separa você mesmo do amor.

Soltou-a.

—É muito, muito sensível.

—E você permanece intencionalmente distante.

—Lembro de algo distinto que fazemos, no seu quarto, de forma regular. Podemos nos retirar ali agora, se sua memória precisa voltar.

—Me recuso a comparar nossas relações sexuais com um esporte ou uma função corporal vã, incapaz de tocar seu coração.

Olhou-a como se desprezasse suas conclusões.

—O prazer pode ser alcançado entre duas pessoas que não se amam.

—Acaso não pode também ser experimentado entre duas pessoas que se amam?

—Não me ame, Jane. Não posso te corresponder.

Conteve o fôlego e empurrou a dor de suas palavras em um compartimento pequeno para ser retirado e revisado depois.

—Não pode ou não quer?

—Não seria seguro para nenhum dos dois. Devo me concentrar em guardar minha herança e esta região intacta para as gerações por vir.

—E se quiser mais? Se disser que o que me dá, não é suficiente?

—Desculpo-me se te opõe à maneira em que meu corpo deve usar o teu.

Você esteve de acordo com os requisitos para ser minha esposa e pede os serviços de amante. Está faltando ao prometido?

—Não, —resmungou. - Nunca.

Seus olhos se deslizaram sobre sua roupa, e a suspeita surgiu.

—Estiveste fora. Falando com outras damas que mudaram sua opinião. Disseram-lhe que não é correto desfrutar do tato de um homem que não oferece os protestos do amor?

Endureceu-se.

—Não estive fora. Mas já que tocou no assunto, imagino que a maioria das damas estariam de acordo comigo, nisso.

Soprou.

—Só não estou segura de lhe dar o que necessita de uma amante e tampouco, como só ser uma dama.

—Não necessita ajuda para ser uma dama, Jane, inclusive quando está levando a cabo as tarefas de uma amante. Está em sua natureza ser amável, inteligente, e generosa tanto em espírito como em corpo. Estes são os traços de uma verdadeira dama, não o que diz a sociedade.

Jane procurou sua expressão, checando sua sinceridade.

—Preciso de você Jane. Você nenhuma outra.

Puxou-a contra ele, e sentiu a protuberância entre suas coxas.

—Suas ferramentas me necessitam é obvio.

Nick sorriu afetadamente.

—Minhas ferramentas? Veem, cara, deve aprender a terminologia correta. Uma amante deve aplicar as palavras mais excitantes para o complemento entre as pernas de um homem. Prova pênis. Membro. Pinto. Estaca.

—A forma em que o chama nos círculos inferiores.

—Também te asseguro que é chamado por esses nomes por muitos, nas classes altas.

Encolheu de ombros, insegura de admitir sua ingenuidade.

—Considera-te mundana?

—Certamente sou mais, desde que caí em suas garras indubitavelmente.

Seu queixo acariciou seu cabelo, e uma nota aborrecida entrou em sua voz.

—Até agora, me portei bem com você. Acredito que já é hora de abrir seus olhos para o que virá.

—O que quer dizer?

—Veem. —Com uma mão em sua cintura, levou-a acima. Seu coração começou a golpear quando viu seu destino. Seu quarto.

Assim que fechou a porta, caminhou até o espelho grande sobre a parede mais longe. Para sua surpresa, abriu-se, revelando que era um portal que conectava seu quarto a uma câmara escondida.

Levantou uns candelabros e fez gestos.

—Entra. Mostrarei mais do que realmente sou.

O compartimento íntimo era menor que seu quarto, mas mais alegre. Quando seus olhos se adaptaram, viu que pequenas estátuas e outras antiguidades o adornavam. Mas, aqui, eram mais descaradamente obscenas que as do resto da casa.

—São relíquias de um templo antigo cansado em ruínas no bosque Satyr, —disse, notando seu interesse—. Lhe assustam?

—É sua intenção me assustar?

—Sua intenção não é chocar, a não ser inculcar a noção de uma natureza bastante luxuriosa. Deve me deixar saber se tiverem êxito em seu propósito.

Seus olhos se precipitaram ao redor do interior da habitação, encontrando algo estranho e ilícito em cada esquina. Anéis de metal estavam aderidos a intervalos a grande altura ao longo de uma parede e no teto. Havia correias de couro, cachecóis nodosos, plumas, fios de pérolas, um cavanhaque, uma cama de peles. Havia dispositivos cujo propósito estava pouco claro, mas a delicada ameaça que emitiam lhe provocava um incômodo calafrio.

—O que é este lugar? Outro museu?

—De um certo tipo. Um muito confidencial criado por meus antepassados com o fim de explorar os mútuos prazeres.

Pressionou uns painéis em um armário laqueado de vermelho, e uma

gaveta se sobressaiu dele.

—Agora, —disse—, diz-me o que pensa destes.

Jane se transladou a seu lado e olhou com atenção a gaveta, onde uma série de cilindros que se estendiam em tamanho e forma se encontravam ordenadamente um ao lado do outro. Tragou saliva quando se deu conta do que eram.

—Pênis?

—Alguns. Os outros são vibradores, desenhados com muito detalhe para parecer-se com pênis.

—São para ser devorados com os olhos ou utilizados?

—Ambos, suponho. Vê-los é um estímulo.

Selecionou uma coluna pequena com uma curtida e salpicada superfície e o alcançou.

—O pênis de uma besta antiga que já não existe. Toque-o.

Indecisamente, Jane escovou sua superfície. Vibrou sob seus dedos e ela tirou sua mão a com surpresa.

—Inclusive depois dos séculos, ainda murmurava com a tibieza da besta. A vibração provê um estímulo poderoso quando se inserida em um dos orifícios inferiores.

Um dos orifícios inferiores? O que queria dizer?

—Parece cruel matar a um animal só para poder usar suas partes em tal maneira narcisista.

Agitou sua cabeça quando o substituiu na gaveta.

—O murmúrio cessaria para sempre se a besta tivesse sido assassinada. Somente quando morrem de causas naturais o pênis é retirado para criar tal instrumento incomum.

—Já vejo.

—Tem o poder de causar um orgasmo imediato com sua simples inserção dentro de uma mulher. Se não ser retirado imediatamente, o usuário pode sofrer uma sucessão mortal de orgasmos. Nunca o use sozinha, —adverteu—. Não quereria que você te machuque, inclusive na agonia do deleite orgástico.

—Prometo me manter afastada disso.

Seu olhar posou em um tamborete minuciosamente esculpido com um fossa suspeito no centro de seu assento de madeira.

Notando seu olhar, Nick tomou outro dos vibradores e o inseriu no orifício do tamborete para que me sobressaísse pela metade sobre ele.

—Uma mulher leva umas saias tão ridiculamente amplas que um homem poderia trabalhar tal dispositivo facilmente debaixo delas enquanto permanece sentada sobre o tamborete junto a ele. Imagina, entre gente fina, tendo que fingir calma enquanto tal cilindro é empurrado através do assento e em seu corpo. Imagina-o trabalhar, te estimulando energicamente. Você teria que ficar tão silenciosa e imóvel. Ninguém deveria saber a verdade, exceto você e seu atormentador.

A umidade formou um atoleiro entre suas pernas. Olhou-o e afastou o olhar.

Olhando com atenção a gaveta, levantou o maior dos falos dele. Suas veias de prata e superfície de mármore pediam ser tocadas, e Jane deslizou um dedo ao longo de sua fria suavidade.

—Pretende-se que este fosse cinzelado da pedra de um altar sagrado e gentil por uma deusa.

Era tão enorme que se estremeceu, imaginando.

—Não está nem um pouquinho ciumento? — Incomodou.

—Ficaria bem dentro de ti, —assegurou-lhe Nick—. Com muito estímulo prévio e lubrificação.

Deixou-o na gaveta e deu um passo para trás.

—Impossível!

—O corpo é mais elástico do que você pensa.

Olhou-o com fascinado horror.

—Mas por que desejaria que eu considere tal coisa?

—Dá-me prazer analisar os limites do prazer de uma mulher.

—Você exigirá que eu encontre o prazer aqui neste lugar? —Fez um gesto radical com uma mão.

—De vez em quando, espero te apresentar a alguns destes utensílios e

seus usos íntimos. E você concordaria?

Mediu a habitação. Algo sobre ela a repelia. Algo sobre ela também a emocionava.

Devagar assentiu com a cabeça.

—Mas não de repente, —corrigiu rapidamente—. E não todos eles.

Sorriu.

—Mais que indubitavelmente não de repente. E não todos eles. Somente esses que sejam de seu agrado.

—Como posso saber quais são?

—Com o tempo, sua curiosidade crescerá, e experimentaremos. Encontrará em mim um companheiro voluntário, aberto a qualquer sugestão. Somente tem que demonstrar um interesse em qualquer direção e tratarei de satisfazê-lo. Não há nenhuma precipitação. Temos uma vida para analisar tais coisas.

—O que aconteceria se teimo em explorar seu corpo com alguns destes dispositivos?

—Agradar-me-á lhe permitir isso dentro do razoável. É difícil para mim deixar o controle.

—Possivelmente podemos trabalhar nisso. Aqui nesta habitação.

—Possivelmente.

Rompeu olhar, mas seu coração se alegrou ante sua admissão. Parecia com o tato o começo da confiança. E algo mais.

CAPÍTULO 25

Jane sentava entre as árvores do bosque Satyr, sentindo-se excitada e assustada.

Estava começando a amar essas terras e seu proprietário. Emma se reuniria com ela aqui um dia. E se permitisse que ele o fizesse, Nick daria a um menino para querer também. O potencial de uma verdadeira família parecia dentro de suas mãos.

Mas se não pudesse curar sua maldição - e logo – todo viria abaixo.

Amassou os frágeis caules que levava em sua cesta, deixando que as ervas desidratadas ondeassem na tigela que tinha posto sobre uma rocha plana. Durante semanas, as tinha arrumado para recolher todos os ingredientes que a receita tinha especificado. Vários tinham provado ser difíceis de obter, e logo tinha tido que esperar que eles secassem.

Uma por uma, as ervas encontraram seu lugar em sua argamassa. Com seu morteiro, esmagou-as juntas, olhando mesclar-se seu arco íris de cores.

Cuidadosamente levantou o principal ingrediente de sua cesta - allium moly. Tinha-o arrancado de seu jardim e envolto suas raízes em tecido úmido justo antes de vir aqui. O texto indicava que devia ser recém extraído.

Desprende-se das flores e as deixou cair na tigela, as moendo com seu morteiro até as converter em uma mancha amarela.

Por último, acrescentou gotas de rocio compilados aquela manhã das folhas de uma planta conhecida como manto de dama florescendo. Pisou na mixórdia inteira em um grude.

Quando a poção esteve preparada, tomou toda, encontrando-a amarga sobre sua língua.

Depois, nenhum trovão ressonou. Nenhum raio iluminou o bosque. Não havia nada que marcasse a ocasião.

Tudo tinha sido feito de acordo com o antigo livro, tranquilizou-se. O filtro desterraria sua mancha. Tinha que acreditar.

O livro havia dito que o efeito do remédio levaria horas. Simplesmente devia esperar. Saltando sobre seus pés, decidiu percorrer o perímetro da gruta.

Caminhando perto de um dos caryatidsiv, estudou seus contornos graciosos. Não estava segura por que tinha ido tomar a poção nesse lugar. Era o lugar onde tinha visto uma vez esse trio de luzes tomar a forma de mulheres. Este lugar a tinha assustado na ocasião, mas já não o fazia.

Bocejou, ficando cada vez mais sonolenta - um efeito secundário da poção que tinha tomado. Sentou-se debaixo de uma árvore no poço de uma cadeira natural constituído por suas raízes.

Era tarde quando despertou. Endireitou-se, recordando. Esperando. Apressadamente, retirou com cuidado seu traje, baixou sua manga. Sua mão tremeu quando estendeu a mão, procurando uma de suas omoplatas.

Quando a suave penugem fez cócegas as pontas de seus dedos e as puas lhe cravaram. O remédio não tinha funcionado.

Retirou as penas, gemendo de dor, tratando de arrancá-las. Mas tinha provado isso antes e só tinha conseguido tingir-se a si mesmo de sangue. Simplesmente brotariam outra vez.

Com um grito, lançou a cesta e seus ingredientes no chão. Passou pelas árvores, tropeçou com suas raízes, caiu aqui e lá e lutou ao outro lado de campos, logo na grama, então no pavimento de pedras e mosaico até que definitivamente entrou no Castelo.

Foi para seu quarto e se enfiou sob as mantas com sua mente correndo a toda velocidade. Não se renderia. Havia muito em jogo. Teria que começar outra vez. Encontrar um novo remédio. Tinha que fazer, embora não fosse mais por Emma.

Podia ficar com Nick, pensou, sentindo-se moralmente corrupta enquanto o fazia. Tinha escondido o que era dele muito tempo.

Mas um dia próximo poderiam produzir um menino apesar de seus esforços de acautelá-lo. E qualquer menino que parisse poderia ser também estranho, forçado para crescer se contendo ou separando do mundo por medo de ser descoberto.

Não! Não podia arriscar-se a isso.

Teria que sair daqui. Deixar Nick. Procurar uma cura em outro lugar.

Ficou em posição fetal, e chorou pela dor da perda.

CAPÍTULO 26

Nick entrou em seu quarto essa noite enquanto permanecia sentada em uma cadeira, lendo. Com calma resignada, fechou seu livro e o pôs sobre a mesinha. Os últimos minutos estudando sobre ervas de sua biblioteca tinham dado um raio de esperança.

Sabia o que tinha que fazer.

Nick andou sem destino pelo quarto. Tinha estado nervoso sobre algo durante toda a tarde. Ela se tinha dado conta porque sua mente tinha estado preocupada em procurar uma maneira de informá-lo de suas intenções.

-Está nervoso. O que te perturba? —Perguntou.

Seu olhar estava escondido.

—Estou tentando tomar uma decisão difícil. E não estou inclinado a fazer a escolha sem considerar todas as possíveis repercussões. Preocupa-me.

—Se é sobre mim, posso ajudar no processo de tomar a decisão?

Nick a estudou, tão formosa e etérea, tão agraciada. A determinação cresceu dentro dele. Esta noite era o Chamado. Um especial — o da segunda lua de maio. Uma lua azul, como a chamavam os aldeãos quando um mês tinha dois Moonfuls.

Tinha chegado o tempo de fazer um herdeiro. Qual era a melhor maneira de dizer-lhe.

Originalmente tinha planejado levar -lá à garganta esta noite sem que soubesse. Mantê-la mentalmente dominada com um antigo feitiço para que cooperasse sem recordar nada depois. Isso foi o que seu pai tinha feito para conceber a seus três filhos. Era o que seus irmãos esperavam que fizesse.

Assim de onde vinha está noção de que fazer isso estava mal? Desde onde vinha esta necessidade de tê-la consigo esta noite, em corpo e espírito, deleitando-se na experiência completa do Chamado?

Saber a verdade do que era a repeliria? Escaparia gritando na noite?

Em uns minutos, saberia.

Jane olhou para ele, tinha medo de ver seu desejo por ela mudar para aversão. Faz meses na casa de sua tia, tinha-lhe informado claramente que esperava um menino dela. E ela tinha estado de acordo. Estaria zangado quando se inteirava de que tinha mudado de ideia.

Dir-lhe-ia que fosse, sabia. Que o deixasse a ele e a sua casa. Pela Emma, rebaixar-se-ia a suplicar ajudá-la a ela e sua irmã com os recursos necessários para fazer um lar em outro lugar. Certamente seus serviços para ele eram dignos dessa concessão.

Como desejava continuar como estava. Mas não devia. As ervas que tomava todas as manhãs falhariam finalmente. Da união com ele está noite ou nas noites por vir podia resultar um filho. Uma pessoa que seria manchada pela espantosa praga que levava. Deixá-lo era a única decisão que podia tomar em boa consciência. Teria que aceitá-lo.

Seus lábios se abriram, para lhe dizer.

—Desejo te deixar com um menino esta noite, —disse Nick antes que pudesse falar.

—Sei que quer a um herdeiro em cima de todas as coisas, —disse, arrependida—. E tenho a esperança de que um dia próximo tenha o menino que desejas. Entretanto... —conteve a respiração e se manteve firme, decidida a dizer as coisas que cortariam seus laços para sempre.

Deixou de lado suas palavras.

—Me interpreta mal. Estou pedindo sua permissão de te embarçar.

—Falas como se minha permissão fosse tudo o que existe no caminho da concepção.

—Se o desejar, posso fazer que a concepção ocorra. Esta noite.

Algo em seus olhos a assustou.

—Não pode saber isso.

—Sim, é algo que sei com absoluta certeza, —disse. Sua voz estava em calma, segura—. Se tiver sexo com você esta noite, você conceberá. Você pode negar, Jane. Não te imporei isto se não estiver preparada.

—Quero seu menino —começou.

—Inclusive se não poder garantir que será humano? —Adicionou ele.

—O que?

Ela sentiu um súbito ar gelado roçando seu espinho dorsal.

—Que mais séria?

—Seria humano em parte. Parte — outra coisa.

Seus olhos fixaram nele. Sabia. De algum modo sabia.

Sangue e oxigênio diminuíram dentro dela e logo começaram a correr por suas veias de forma desenfreada e irregular. A exposição repentina de seu segredo tão bem guardado a deixou em carne viva. Precisava escapar.

Quando deu um passo para trás, ele a seguiu.

Ela lambeu seus lábios.

—Como — soube?

—Pensava que não adivinharia seus segredos? —Arreganhou-a—. Tinha esperado que confiasse em mim.

—Não. Por favor.

Medo e humilhação inundaram-na em ondas. Estendeu suas mãos para ele, com as Palmas para cima como se deter seu avanço detivera tanto seu corpo como suas palavras.

Mas ambos continuaram espreitando-a.

—Ouço falar de sua assombrosa perspicácia, suas habilidades anormais, e suas anormalidades físicas. Vi seus peitos brilhando com uma paixão não deste mundo, e suspeito que sei a razão pela que esconde suas costas de mim.

—Para! —Murmurou.

Cada sílaba sua era uma adaga em seu coração. Deu um passo para a porta, mas uma mão dura se aplanou sobre ela, segurando.

Envolveu seus dedos ao redor do cabo e atirou, sabendo que era fútil.

—Deixe-me ir. Conseguirei a Emma de minha tia e irei.

Ele agarrou seus ombros desde atrás e lhe deu uma pequena sacudida.

—Você não vai nenhum lugar.

Embora tratou de liberar-se, uma mão atirou do tecido em suas costas,

rasgando o tecido de sua alma até que suas omoplatas ficaram expostos.

Dobrou-se sobre si mesmo, morrendo mil mortes silenciosas, mordendo seu lábio para evitar gritar com a vergonha. Manteve-se frágil e distante enquanto ele observava suas costas, esperando que lhe fizesse pedacinhos com sua condenação.

Mas somente acariciou a horrorosa e delicada penugem. Acariciou sua brandura coberta de neve suave.

—Sei as origens de seus segredos. Disto, —disse em uma voz tão aprazível como a chuva—. Quer que lhe conte?

—Não! —Respirou, liberando-se de seu afeto para olhá-lo—. Como pode sabê-lo?

Puxou sua blusa para cima para cobrir-se.

—Você não pode escapar do que é, Jane. Contar-lhe-ei isso, você estando pronta para ouvi-lo ou não.

—Está bom! —Gritou, golpeando seu peito com um punho—. Segue, me mate com suas palavras, me diga a origem de minha raridade perversa. Se você souber. Se você dever.

Nick a aproximou dele, acalmando sua cólera.

—Você não é nem perversa nem estranha. E não fale de você nesse tom nunca mais.

—Se esse for o caso, somente te peço uma coisa. Não diga a ninguém mais o que sabe, minha mancha não me afeta somente. Pense em Emma.

—O que você é, não interfere em Emma.

Seus olhos se aproximaram para conhecer os seus, enquanto a pergunta flutuava entre eles.

Seu abraço sobre ela se apertou como se esperasse que suas próximas palavras a pusessem a lutar outra vez.

—Você é uma fada, Jane. Proveniente de um pai fantasio.

—O que? —Riu dele—. Isso é ridículo. O pai que eu e Emma temos é um bêbado. Um homem humano. E isto não é a Irlanda. Não há nenhuma fada aqui. Nem nada parecido.

—As fadas já não habitam a Irlanda, embora te asseguro que o fizeram uma vez e foram mais generosos com sua magia ali que em outros lugares. Mais

com disse: Senhor Cova é efetivamente o pai biológico de Emma. Entretanto, seu pai era do mesmo mundo que eu. Um lugar chamado ElseWorld.

—Está rindo de mim. O que sou me enoja e estou segura que também enoja você.

—Sabe disto, Jane. Acredita nisto. Meus conhecimentos de sua herança não me repelem ou assustam. É por eles que te busquei.

—O que quer dizer?

—Não foi nenhum acidente que nos unimos. Pouco antes que nos conhecêssemos, recebi uma carta de seu pai que me informava de sua existência e das de suas duas meia-irmãs.

—Irmãs?

Assentiu com a cabeça.

—Raine procura uma delas agora. Lyon pedirá a terceira ao final. Serão trazidas aqui, como você, e postas sob o amparo Satyr.

—Não quero isto. —Jane tratou de liberar-se dele, mas agarrou seus pulsos e a dominou.

—É a verdade. Irrevogável.

—Está dizendo que você e seus irmãos são como eu? —Fez um gesto para suas plumas—. Não vi nenhuma prova delas.

Agitou sua cabeça.

—Nossas habilidades são diferentes. Você tem sangue de Fada tanto como o sangue humano de sua mãe. Eu tenho tanto sangue sátiro, como humano. Um preparado das três variedades encherá as veias de nossos filhos. Você disse uma vez que desejava esses meninos. Isto te fez mudar de ideia?

Jane esfregou sua testa, tentando que seu cérebro trabalhasse mais eficientemente.

—Não sei. Tinha pensado em te deixar depois que falássemos esta noite.

Sua cabeça se sacudiu com surpresa para trás.

—Sete infernos!

—Não porque desejasse fazê-lo, mas sim porque pensava que minha raridade era detestável.

—E agora?

Afastou-se dele, agitando sua cabeça.

—Agora penso que tudo isto é muito para considerar imediatamente. Preciso de tempo.

O olhar de Nick passou pela janela. Quando sua atenção retornou a ela, via-se maior e mais perigoso, como se tivesse estado ocultando até agora o que era realmente.

—Você ouviu falar do Chamado? —Perguntou.

Agitou sua cabeça.

—Aflige ao sátiro uma vez ao mês. No Moonful.

Seus olhos se precipitaram à janela e o olho resplandecente da noite.

—Refere-te à lua cheia? Esta noite então?

Assentiu com a cabeça.

—Quando a lua é pesada e redonda com a luz, o Chamado ocorre. Provoca um desejo muito grave de aparelhar-se dentro de mim e aqueles de minha classe. Nossos corpos trocam. Nossas necessidades carnis se fazem mais poderosas.

A mente do Jane fez clique para trás durante os dois meses anteriores.

—Mas enquanto estive casada com você, passou ao menos uma lua cheia. Como escondeu isto de mim?

—Deixei você e fui a um lugar no bosque. Há um lugar de reunião ali rodeado de estátuas construído por meus antepassados.

—Eu vi, ou pelo menos seus subúrbios, —admitiu—. Lyon estava ali.

—Sim, disse-me, —continuou Nick—. Do mesmo modo que quando você o viu esse dia, fui ali e fiz sexo com uma Ninfa.

Jane cruzou seus braços quando seu ciúme despertou.

—Você fez sexo?

Agitou uma mão negligente.

—Não como faço com você. Ninfa são simplesmente mulheres de prazer fabricadas de névoa para atuar como os desejos do sátiro determinem. Se fôssemos tomar mulheres humanas no Chamado, revelaríamos a raridade de

nossa natureza. Colocaríamos as nossas terras em risco.

—Que classe de raridade é essa que deve ser mantida tão oculta? Não compreendo, —disse.

—Você é capaz de compreender, de aceitar minha forma —minha necessidade— se assim o desejar. Agora que estamos casados, meus desejos me conduzem a querer fazer amor com você durante o Chamado. Cada Moonful, me faz mais difícil me manter afastado de você.

—Não te pedi que fizesse isso —disse-lhe.

Tomou suas mãos e os aplanou sobre seu peito sob as suas.

—Tinha planejado te levar esta noite da mesma forma em que meu pai se uniu a minha mãe humana, sem que sequer soubesse. Mas tenho descoberto um desejo de que me aceite com o conhecimento completo do que ocorre entre nós. Assim te ofereço a escolha. Vou às Ninfas esta noite, ou faremos um menino juntos?

—Estive tomando ervas. —A confissão escapou dela sem que se desse conta—. Para acautelar a concepção.

Seus olhos obscureceram, retirando-se.

Agarrou-se a seu peito, tratando que compreendesse.

—Não porque não quisesse teu filho. Mas sim pelo medo que classe de filho poderia te dar. Não queria que nossos filhos vivessem como eu, sem atrever-se nunca a tocar a pele de outro ser humano.

Sua réplica se tornou precipitada quando um raio da luz da lua o golpeou. Sua voz se tornou urgente.

—Minha semente superará qualquer poção preventiva. A hora da Chamada se aproxima. Me diga: devo te deixar e ir ao bosque, ou você se oferecerá para mim?

O silêncio tenso caiu entre eles.

Sua raridade desencadearia ainda mais a sua própria? Encontrá-la-ia inadmissível então? Isso se converteria em realidade esta noite?

Nick se moveu para afastar-se dela.

—Ofereço-me, —disse rapidamente Jane, sem saber de onde vinham as palavras, mas sabendo que seriam as corretas—. Não procure as outras para agradecer você.

Suas mãos se cavaram em sua mandíbula, e olhou fixamente, os reflexos de seus olhos convertidos em atoleiros de desejo. Brandamente perguntou:

—Quer que te conte o que vai vir ou tomamos um passo de uma vez?

—O último, —sussurrou—. Te quero, necessito. Fique.

Cercou-a, sua bochecha apoiada na sua.

—Não importa que classe de intercâmbio ocorra entre nós esta noite, recorda que cuidarei de você. Não sofrerá um dano permanente, —prometeu sua voz de veludo.

—Você começa a me assustar, —disse Jane, retirando-se com uma risada nervosa.

—Não é meu desejo fazê-lo. —Nick dirigiu outro olhar ao dia que se afastava. A grossa veia ao lado de seu pescoço palpitou—. Meu tempo se aproxima. Veem.

Levou-a a seu quarto e fechou a porta.

Dentro, uma empregada jovem que levava uma coroa de folhas os aguardava, sua cara formosa de uma maneira etérea.

Quando a criatura se aproximou dela, Jane escoiceou instintivamente.

—E — é um dos criados de noite?

—Sim, —respondeu a empregada. Sua voz era melodiosa, tranquilizadora—. Não tenha medo. Sou dryad, estou aqui para servir.

—Deixa-a ajudar com sua toalete, —persuadiu-a Nick—. O tempo está acabando.

Jane retrocedeu contra uma parede. E dryad começou a despi-la com as frias e insistentes pontas de seus dedos.

—É de ElseWorld? —Perguntou-lhe Jane.

As folhas em seu cabelo rangeram quando a garota agitou sua cabeça devagar. —Do bosque. Fui uma vez um espinheiro, mas já não.

Além delas, Nick foi a um armário e colocou uma chave ornamentada na fechadura. Retirou uma garrafa e verteu uma medida de líquido em duas taças.

Quando seu vestido tinha sido tirado e uma bata posta, dryad se afastou. O agradecimento de Jane se encontrou com sua plácida expressão.

Quando a criatura se deslizou fora do quarto, Nick estendeu uma das taças a Jane.

—Bebe.

Retornou rapidamente e tomou sua taça.

Jane tomou um gole insegura e enrugou o nariz.

—Vinho?

—De um certo tipo. —Empurrou sua taça—. Toma mais.

Deteve-o, agitando sua cabeça.

—Sabe que não bebo licores.

—É necessário. Este é um elixir especial com propriedades mágicas que não confundirão sua mente, mas te ajudará a funcionar como preciso.

Os olhos do Jane se abriram, suas pupilas se dilataram.

—Agora está me assustando, Nick. Talvez deveria me explicar o que vai ocorrer entre nós depois de tudo.

Outra vez olhou para a janela enegrecida, e sua voz se tornou áspera e urgente.

—É muito tarde para voltar atrás. Necessito-te. Bebe. Far-te-á desejar o que lhe ofereço.

Olhou fixamente em seus olhos.

Sua mente empurrou na sua. Confia em mim.

Sem muito entusiasmo de sua parte, suas mãos levantaram a taça a seus lábios. Silenciosamente tomou outro gole.

Nick se moveu aproximando-se e lhe afrouxou o cinturão. A brecha na frente de sua bata se abriu, e a deslizou de seus ombros até que se deteve a altura de seus cotovelos. Seus mamilos se apertaram no ar fresco, mendigando. Tomou um em sua boca.

Um braço a rodeou por debaixo de sua bata. Ela tragou um sorvo de vinho justo enquanto um de seus dedos se deslizava pela dobra entre suas nádegas. Balbuciando, apertou seus músculos e tratou de escapar.

—Depois, logo, —murmurou, sem deixar de tocá-la—. Estou muito desejoso.

Atirou de seu cabelo para frente, colocando-o sobre um de seus ombros e expondo suas costas. Brandamente, acariciou o brando penugem de plumas que lutava por crescer.

Ela retirou seus dedos, devorando sua bata a sua posição original.

—Nenhuma barreira esta noite, —advertiu-lhe—. Quero tudo o que é. Não o que deseja ser.

Deixou-a ir então, começando a despir-se. Ela o olhou, seus olhos refletindo sua tensão em crescimento.

Assentiu com a cabeça para sua bebida.

—Termina-a. A noite vem.

Olhou fixamente a líquida cor rubi girando como sangue na taça. Tão frequentemente se advertiu dos males de licor e tinha estado aterrada por eles. Mas seus olhos se posaram em Nick, e viu a necessidade nos seus.

—Seu pai não é o bêbado humano que você acreditou que era, —recordou-lhe—. O elixir não te fará uma viciada.

Atrever-se-ia? Podia confiar nele? Tinha visto suas diferenças e as tinha aceito. Aceitou-a. Era possivelmente tempo de confiar. De amar.

Um pressentimento de algo transcendental ocorreria ali a embargou, como se tivesse encontrado as peças que faltavam no enigma de sua vida. Seu auto—aversão caiu em declive. As origens do amor próprio floresceram, tomando seu lugar.

A bata se deslizou para baixo e logo formou um atoleiro em seus pés. Mantendo seu olhar, levantou a taça a seus lábios. A poção se deslizou agora facilmente por sua garganta, esquentando-a.

Nick se aproximou dela, estava nu.

Esta vez, quando deslizou um dedo ao longo da fenda de seu traseiro, apenas o registrou. Ele inundou um polegar em um prato raso de azeite, que dryad tinha preparado e o deslizou em seu interior.

Apertou seus músculos, desafiando-o sem entusiasmo. O polegar se deslizou profundamente, obstruindo seu intocado portal, e logo o retirou para recolher mais azeite antes de introduzir-se outra vez. Sua cabeça pendurou contra seu ombro.

—O que está fazendo? —Murmurou.

—Mais, —induziu-a, inclinando a taça a seus lábios quando começou a esquecer.

Bebeu até que a taça estivesse vazia, enquanto seu polegar azeitado provava seu ânus uma dúzia de vezes ou mais. Ela acariciou um de seus mamilos com um dedo e suspirou. As inibições a estavam abandonando.

A taça caiu no chão quando dois dedos azeitados substituíram seu polegar e trataram de abrir-se caminho dentro dela. Ante disto, ela quis retirar-se, mas outros dedos começaram a dar gosto a seus clitoris e não desejava que os retirasse.

Uma repentina e intensa necessidade se precipitou por ela, e girou seus lábios para sua garganta.

—Faça amor comigo. —Suplicou em um rouco sussurro.

—Logo. —Grunhiu.

Vagamente ela foi notando uma nova mudança em seu corpo. A pele em sua virilha se estendeu. Uma emaranhada e peluda pele seu tronco inferior e panturrilha agora. Era como a pelagem de um animal.

—Você é diferente, —disse, passando uma mão ao longo de sua coxa.

—Um rasgo de meus antepassados que retorna com cada Chamada, —murmurou—. Te ofende?

Sua panturrilha se enganchou sobre a sua, esfregando prazenteiramente.

—Não, é prazeroso. —Disse.

Quase sem dar-se conta notou uma nova diferença contra seu estômago. Quando se retirou, seus olhos se abriram. Seu já generoso membro tinha adotado novas e ligeiramente monstruosas proporções. Tinha cultivado ao menos dois centímetros e meio de longitude, mas seu aumento mais impressionante estava em sua grossura.

Embalou-o em sua palma e o encontrou pesado, suave. Olhou-o interrogante.

—Outra característica do Chamado. Eu gosto de pensar nelas como centímetros de bonificação, —gracejou-a.

Toda graça o deixou repentinamente. Seus olhos se dilataram, e sua mandíbula se endureceu como o granito. Cambaleando-se, aferrou seu ventre, rendendo-se para frente quando uma câibra se apoderou dele.

—O que acontece? —Perguntou, inclinando-se a seu lado.

O grunhiu ensinando os dentes, incapaz de modular uma palavra.

Momentos depois, endireitou-se outra vez, e permaneceu erguido.

Outra mudança muito mais te consternar tinha ocorrido em seu corpo, conforme pôde ver. A poucos centímetros em cima de seu membro, um segundo eixo se sobressaía agora da região de sua pélvis. Era uma cópia de seu outro pênis, embora ligeiramente menor.

Estriado com veias púrpuras e corado com avermelhadas cabeças roliças, ambas os membros se moviam ansiosamente para ela. Uma comichão de medo transpassou seu sonolento desejo. Mas sua necessidade do ter em seu interior era mais premente que isso.

—Fá-lo, —pediu-lhe—. Sabe o que deve me fazer, fá-lo. Não posso esperar a te ter nem um segundo mais.

Ele gemeu e a apertou contra si.

—Obrigado, Jane. Juro que encontrará um pouco de prazer.

Jogou o olho a seus membros cautelosamente.

—Recordarei essa promessa.

Levou-a para a cama, colocou-a de quatro e logo se ajoelhou sobre o colchão atrás dela. Uma mão se desviou ao redor de seus quadris para as sujeitar em alto e a outra se localizou entre suas omoplatas. Quando a teve na posição que desejava; seu rosto sobre o travesseiro, suas pernas estendidas, e seu traseiro devotado a ele.

Seus dedos flexionados se internaram entre suas pernas, empaparam-na com azeite quando a percorreram do clitóris à fenda do traseiro. Um nódulo empurrou seu ânus.

—Tomarei por aqui somente uma vez esta noite, —disse-lhe—. Ao conseguir satisfazer uma só vez, meu membro pélvico desaparecerá novamente.

Agarrando seus quadris, acomodou-se perto. Sua nova pelagem picava, causando que seus lábios se contraíram com sua espera. As cabeças de seus pênis encontraram ambas suas portas. E esporearam. Aguilhoaram. Alargaram.

Os lençóis se acumularam sob suas mãos.

Em sua necessidade, seu corpo poderia ter tomado seu ampliado membro humano sem nenhum problema. Isso era, a não ser fosse pela outra, a

segunda intrusão que estava tentando em seu traseiro.

—Não! Pare! —Exigiu, tentando retirá-lo—. Realmente, sinto muito, mas temo que não posso.

Suas grandes mãos a sujeitaram ainda em posição.

—As cabeças são as mais difíceis de entrar. Assim que entrem, o resto irá mais facilmente.

—Não! Sério. É horrível, —chorou, conseguindo escapar desta vez. Enroscou-se sobre a cama para lhe olhar fixamente.

Um brilho ligeiro de suor brilhava sobre a testa e peito dele, e parecia estar quase em agonia.

—Devo tomar, Jane. —Sua voz era grave—. Tenho que me gravar em ti. É muito tarde para procurar o alívio em outra.

—Não quero que procure outra. Mas, OH!

Suas mãos agarraram seus membros em suas raízes e os percorreram até a ponta, esparramando o líquido pré-seminal sobre suas cabeças. Sua vagina palpitou ante a erótica visão.

Seus olhos a enfeitiçaram com uma promessa perversa.

—Trata outra vez. Juro sobre o nome de Baco que não te machucarei.

—Poderia tomar mais elixir? —Suguiu-lhe.

Com admirável estoicismo, deixou-a e foi ao armário onde encheu outra taça até a metade. Ela afastou o olhar de suas assombrosas proporções enquanto se reunia com ela sobre a cama.

Sujeitou a taça contra seus lábios.

—Beba rápido.

Bebeu de um gole com medo, desejando que a ajudasse a resistir a terrível experiência que tinha pela frente. O vinho formou redemoinhos, enviando uma explosão de euforia com ele. Bebeu outra vez. A sensação de intenso desejo se fortaleceu, envolvendo-a outra vez.

A taça deslizou de seus dedos, deixando gotinhas de rubi nos lençóis imaculados. Jogou-a no piso, olhou-lhe faminta e sorriu.

Sentou sobre suas coxas olhando para ele, penteando seus dedos ao longo de suas coxas. Inclinando-se sobre seu colo, tocou com seus lábios seu

eixo pélvico pequeno, chupando ligeiramente.

Ele deixou cair sua cabeça para trás gemendo.

Ela se incorporou e levantou uma mão para esfregar sua mandíbula.

—Veem dentro de mim. Preciso de você — atraiu-o.

Seus olhos arderam nos seus. Com mãos trementes, devorou-a para si e beijou sua boca. Então a devolveu a pose anterior e voltou a ajustar as cabeças de membros rapidamente em suas entradas.

Novamente começou a pressionar. Mas desta vez ela somente murmurou quando a pressão aumentou, sacudindo sua cabeça sobre o travesseiro e inclinando suas costas para dar melhor acesso. O elixir estava borbulhando em suas veias, e seu corpo o ansiava.

—Rápido. —Pedi.

Seus dedos agarraram seus quadris convulsivamente. Ambas as cabeças a abriram, empurrando até que seu corpo engoliu e tomou. Afiada a mordida da dupla penetração lhe deu uma pausa momentânea. A ardência continuou enquanto avançava, estirando-a quase além da resistência.

Embora seu corpo insistisse, Nick foi devagar, dando tempo para acostumar-se. Sua viagem parecia interminável. Vagou com suas mãos sobre as curvas de seu traseiro, pressionando sempre para frente. Finalmente seu arbusto se mesclou com a sua.

—Ahhh, merda. — Suas pálpebras caíram, e seus lábios adquiriram uma curva sensual quando o prazer queimou sua alma. Tinha ouvido que o pó do Chamado, era mais intenso com uma verdadeira companheira. Era verdade. Nunca havia sentido uma sensação tão deliciosa.

—Tinha razão. O primeiro foi o pior. —Riu Jane—. Ah!! Saiu uma rima.

Fez uma careta em uma paródia de sorriso enquanto seus membros começavam a trabalhar habilmente suas passagens ao mesmo tempo. Cada um deles podia sentir o outro movendo-se dentro dela. A massagem não era como nada que tivesse experiente antes. Seu corpo e mente completos pareciam poder aferrar o céu.

Soltou seus sucos interiores, facilitando o caminho.

—Cheio, tão cheio. —Murmurou ela.

Logo afundou mais profundamente, martelando sua carne nela como o

animal em no cio em que se converteu. Seus olhos se obscureceram ao ver os globos parecidos de suas nádegas estremecendo-se e cedendo ante sua quente dureza.

Inclinou-se sobre ela e pressionou uma palma em seu estômago, sujeitando-a para seu áspero e pagão emparelhamento. Fixando-a contra seu corpo procurou seu prazer dentro dele. Transou com ela ferozmente, grunhindo seu desfrute, lhe falando em um idioma urgente e oculto que incentivava sua paixão sempre em ascensão.

Desejando alcançar a satisfação, elevou-se sobre braços e pernas, arqueando-se em seu ritmo.

A pelagem de suas coxas e quadris golpeava contra ela, e os sacos de veludo de seu testículo a esbofeteavam com cada investida.

A sensação lambeu seus terminais nervosos, serpenteando, amplificando. Agitou-se com ele. Ardia com ele. Procurando esse sentimento maravilhoso que estava só...ao...alcance...de....

Chiou ante a brutalidade de seu proveito, correndo-se em seu primeiro clímax com todo seu corpo. Suas coxas estremeceram e seus braços cederam. Seus mamilos estremeceram até que brilharam com o fervente azul prateado da lua noturna. Seus canais contraíram e relaxaram espremendo-o poderosamente, enfeitiçando-o com a promessa do êxtase.

Sua carne dominou a sua, atraindo-o inexoravelmente em uma voragem de veludo. Com um grande empurrão final, Nick entrou tão profundamente que a fenda de sua ponta beijou os lábios de seu útero. Ele conheceu o momento suspenso do júbilo perfeito.

Então suas feições se retorceram. E estalou, derramando suas sementes de vida profundamente em seu interior. Como uma fonte à luz do sol, sua semente cintilou nela, palpitando uma e outra vez até que, definitivamente, ficou desprovido dela.

E se regozijou.

Era pai.

Protegeu suas costas com seu corpo, sua respiração cortando dentro e fora de seus pulmões como se tivesse corrido muitos quilômetros.

Tempo depois, Jane se retorceu, seu ânus que apertou de maneira involuntária quando seu membro pélvico retrocedeu por seu reto molhado. Agora que tinha obtido seu propósito, o membro se encolheu até desaparecer

mansamente para trás de sua pele.

Seus lábios roçaram seu ombro.

—Meu segundo pênis está extinto, —disse-lhe—. Não te incomodará mais esta noite.

Não fez nenhuma menção do fato de que seu outro pênis, maior do que o normal permanecia dentro de sua vagina, posicionada e vibrando. Moveu-se contra ele.

—Pensava que senti, é que...não te derramou dentro?

Uma mão acariciou sua costela.

—Esta é a maneira do Chamado. Meu eixo não ficará flácido até o amanhecer.

Sorrio por sobre o ombro.

—Excelente.

—Me alegro de que pense assim. —Sorriu, e se retirou o tempo o suficiente para ela ficar de frente para ele, então penetrou-a novamente. Envolvendo uma mão sob seu traseiro e a levantou ligeiramente, inclinando seus quadris para frente.

A penetrou sem profundidade por um momento, deixando que sua entrada massageasse a ponta de seu membro torcido, observando-a agradá-lo uma e outra vez. As pétalas de seus lábios se rendiam para dentro com cada impulso e logo se desenvolviam para fora com cada retirada. Sua mão deslizou mais alto ao longo de seus quadris, e pressionou aproximando-a, olhando seu rosto.

—O elixir fez seu trabalho então? Meu segundo membro não te causou muito sofrimento?

—Não, você tinha razão. Ele — ah!!? —Gritou, sobressaltada, tratando de incorporar escapar a toda pressa—. Algo está — ah!!

Um instrumento serpentino não identificado se desdobrou por debaixo de seu escroto para fazer cócegas todo o caminho dentro de seu ânus! Moveu seu traseiro em confusão deleite quando mais dessa larga intrusão com forma de língua seguiu seu caminho em sua entrada traseira.

—OH!! O que é isso? —Perguntou, suspirando apesar da raridade daquilo.

—O buscador. Outro dos protagonistas do Chamado, —informou-lhe com um sorriso libertino—. Me disseram que as mulheres gostam muito.

O comprido apêndice se deslizou dentro da fenda enrugada de seu traseiro, lambendo seus fluidos e curando sua malha desgastada.

—Para, OH, deus, isso é certo.

Um segundo clímax a surpreendeu em poucos segundos, e suas malhas fizeram que Nick estalasse com ela.

Captando o aroma de sua excitação sexual, a intrusão com forma de língua se deslizou de seu portal traseiro. Rodeou a raiz do membro de Nick como uma trepadeira retorcida, lhe lambendo a abertura vaginal como pedindo para entrar.

Nick o empurrou, sua expressão concentrada enquanto se concentrava no prazer suscitado por seu orgasmo mútuo.

—Não ainda.

A intrusão pareceu aceitar a sugestão. Desenroscou-se e passou a girar ao redor de seus clitóris, fazendo cócegas, excitando, tentado.

Jane gemeu.

—O que está fazendo?

Nick respondeu descuidadamente.

—Quer aliviar qualquer desassossego que meu corpo causou no teu durante esta noite. Para manter sua excitação sexual em um tom que assegure sua boa vontade de transar comigo todo o tempo que preciso.

—Como faz isso? —Perguntou Jane.

—Deixa uma secreção que cura qualquer pequena lesão que minha cópula persistente cause dentro de você. Você o agradecerá à medida que transcorra a noite.

Tinha razão. Depois de sua décima cópula, Jane perdeu a conta de quantas vezes a penetrou e de quantas maneiras. Brincos úmidos de cabelo emolduravam seu rosto corado, e respirava ofegante. Mas não estava ardida nem dolorida.

Seus dois apêndices emprestaram atenção durante toda a noite, e ela a eles. Recebeu-o voluntariamente como necessitava e pela manhã se sentia totalmente explorada.

Com a chegada do amanhecer, todo estímulo cessou. O buscador diminuiu de tamanho sob suas bolas e se retraiu dentro dele até que desapareceu.

Suspirando, ficou dormindo em seus braços.

Quando despertou era quase meio-dia e Nick não estava.

Moveu-se cautelosamente da cama. Seus músculos protestaram, mas não estava tão incômoda como deveria ter estado depois de uma noite como a que acabava de passar.

Olhou-se atentamente ao espelho. Surpreendentemente, nem seu pescoço e nem seus peitos tinham marcas de seus lábios. Nenhum lugar de sua pele estava arranhado ou contundido. Somente uma sensação leve e agradável dentro de seus canais inferiores ficava como aviso vívido da noite.

O buscador tinha feito bem seu trabalho. Igual tinha feito seu marido.

Era feliz, deu-se conta repentinamente. Havia uma nova leveza em seu coração como resultado de que uma grande carga tivesse sido levantada. Emma não estava em perigo de ser como ela. Porque nenhum sangue poluído fluía nas veias de sua irmã.

E agora tinha um nome para pôr a sua própria raridade.

—Fadas —sussurrou na liberdade do fresco ar matutino.

CAPÍTULO 27

Quando Jane se reuniu com Nick no café da manhã, beijou-a a plena vista dos criados do dia. Embora era uma chocante separação das normas que deveria havê-la deleitado, descobriu que somente podia devolver languidamente seu abraço.

A euforia que tinha experiente ao despertar tinha passado rapidamente. Com velocidade surpreendente, outro pressentimento tinha tomado seu lugar.

Náuseas.

Sentia como seu estômago se contorcia agora, ameaçando impedir de desfrutar do café da manhã. A mexida aromática de ovos e tomates sobre a fonte a repelia. Inclusive o chá ligeiramente especiado a adoecia. Empurrou tudo a um lado e ficou com rosto de nojo.

—Não está faminta? —Perguntou Nick com surpresa. Não duvidava que depois do exercício da noite passada, esperava que ela estivesse faminta. Para falar a verdade, estava-o. Mas ainda assim a comida a repelia.

—Estou. Não posso pensar em comer.

Repentinamente, a cor abandonou seu rosto e seus olhos se abriram horrorizados. Empurrou a mesa e correu pela cozinha ao jardim, onde descarregou suas náuseas em uma cama de peônias.

—A Senhora está doente? —Escutou perguntar a um dos criados perguntar atrás dela.

—Traz água e linho, —ordenou Nick.

Com sua ajuda, ficou de pé e se sentou sobre um banco de pedra. Desabou-se com seus antebraços pousados sobre suas coxas, tão pálida e desanimada que logo que notava que acariciava o cabelo.

Sentiu-se ruído de passos dirigindo-se para eles sobre os azulejos de mosaico. Era o criado que levava o que lhe tinha solicitado.

—Ponha aí e nos deixe sozinhos, —pediu—. Todos vocês.

Ouviu que a porta se fechava, estavam sozinhos.

Um pano novo e molhado atropelou sua boca e rosto, trazendo a fresca

e bem-vinda umidade. Nick lhe ofereceu um copo de água que bebeu com avidez.

Apoiou-se contra ele, e ele envolveu um braço ao redor dela.

—Sinto-me horrível, —contou seus botões—. Possivelmente o elixir ontem à noite não me caiu bem.

Nick a olhou de acima.

—Não é o elixir que te faz sentir doente, —informou-lhe francamente—. É o menino que te dei ontem à noite.

Olhou-o com uma risada sobressaltada.

—Nem sequer você lhe pode me dar isso, para saber tal coisa tão rapidamente.

Baixando uma mão dentro de seu sutiã, roçou ligeiramente seu mamilo.

—OH!! —Sacudiu-se e pôs uma mão sobre a sua em cima do tecido para parar o seu contato—. Estou sensível.

—Porque está grávida.

—Muito provavelmente devido aos seus cuidados recentes.

Sua mão larga deixou seu peito para estender-se sobre seu abdômen, avaliando seus contornos através de sua saia.

—É mais que isso. Seu estômago e seus peitos estão inchando já. Você concebeu. Seu corpo sabe, inclusive se sua mente ainda não o aceitou.

Agitou sua cabeça contra seu peito.

—É muito cedo para tais mudanças exteriores. Se estou mostrando sinais, a concepção deve ter ocorrido entre nós faz umas semanas. As ervas devem ter falhado.

Nick fez caso omissa de tal especulação facilmente. Tinha sabido o momento exato em que sua semente tinha palpitado em seu útero ontem à noite. Mas compartilhar está confirmação física com ela era assombrosamente prazenteiro. Descansou seu queixo sobre sua cabeça, contente.

—Jane, isto é estupendo. Notícias realmente felizes.

Quando não replicou, baixou a vista para observá-la.

—Não está feliz?

Seus olhos mostravam preocupação quando falou.

—Sim, é claro, estou feliz, é obvio. Estou mantendo minha promessa.

Escovou o dorso de seus dedos ao longo do seu rosto e logo rodeou e acariciou a sua nuca sob a borda de seu cabelo.

—Mas além disso, está feliz? Quer a nossos meninos, o que serão além de seu sangue humano?

—Amarei a qualquer um de nosso menino. Mas o mal-estar me consome, e a maternidade parece distante neste momento.

—Não tão distante, —murmurou—. Os meninos sátiros nascem rapidamente. Será coisa de....

Perdeu-se o resto de suas palavras quando uma nova incumbência levantou sua cabeça.

—Minha condição quer dizer que deixará de visitar meu quarto?

Sua mão se acalmou sobre seu pescoço.

—O que quero perguntar é, visitar-me-á todas as noites como o tem feito até agora? Desculpo-me se minhas perguntas são inapropriadas, mas não desejo ser retida em suspense sobre este assunto.

Plantou um beijo breve sobre seus lábios e logo levou sua cabeça a seu peito.

—Não irei até você durante sua gravidez.

Estremeceu-se.

—Não porque diminua meu desejo por você, —garantiu-lhe—. Não o farei porque é a maneira antiga.

—Mas como lhe arrumará isso sem meus, uh, cuidados —no quarto?

—Não será fácil. —Sua mão se curvou sobre seu estômago outra vez, esfregando em tenros círculos—. Meu desejo de unir-me a ti, só aumentará durante seu tempo de gestação. Entretanto, arrumar-me-ei isso. Não tenho opção.

A maneira em que o faria em que o faria era precisamente o que tratava de evitar ela.

—Não poderíamos procurar algum método de liberação carnal que suplante a verdadeira união? Certamente é o suficientemente criativo para oferecer sugestões nessa área.

Sim, tinha muitas sugestões que gostaria de lhe brindar nessa área. Inclusive depois da noite passada, seu membro pulsou com a falta dela.

Meia dúzia de Ninfas nunca tinham dado o prazer que sua esposa lhe tinha dado na noite anterior. Fazia brotar um profundo medo nele. Era possivelmente melhor que as circunstâncias o forçassem a distanciar-se durante a incubação do menino. Não podia permitir-se atordoar-se tanto como para esquecer suas outras obrigações.

—Me negar é uma parte necessária do processo. Dará força a nossas vergôntas se me retiver de ti até seu nascimento.

Era o que tinha temido que pudesse dizer. Tinha ouvido por acaso a uma empregada queixar-se a outra que seu marido não encontrava prazeroso unir-se com sua esposa grávida uma vez. Assim, neste assunto, os humanos e os sátiros eram aparentemente parecidos.

—Muito bem, —sussurrou, assentindo com a cabeça—. Obrigado por sua consideração.

Apertou-a contra ele, e brevemente se sentiu apreciada.

—Sou eu o que te agradece. Pensa somente, Jane, vamos ser pais.

Jane lhe retornou o abraço. Estava encantada, mas também estava assustada. Como prescindiria das relações sexuais possivelmente por nove meses seu viril marido? O que aconteceria, procurava a outras mulheres?

Seis noites depois, Jane estava tendida na cama com suas costas apoiadas no peito de seu marido. Nick dormia tranquilamente, levando calças como fazia cada noite desde que foi consciente de seu embarço.

E realmente estava grávida. Estava segura agora. Via novas provas disso diariamente.

Ironicamente, agora que a tinha declarado intocável, Nick tinha começado a dormir em sua cama durante toda a noite. Embora dava as boas-vindas a sua presença, frustrava-a quase além da resistência. A falta de relações sexuais com seu marido a acossava, impedindo-a de dormir.

Noite e dia, não pensava em nada mais que isso. Sua respiração em seu pescoço, um roce informal de uma mão sobre sua pele, ou a mudança de suas quentes coxas contra as suas — tudo se convertia em uma tortura sensual.

Inclusive agora, a morna protuberância em seu entre perna a cravava

fazendo que o desejasse através do tecido que o limitava. Tinha sido assim todas as noites. Incapaz de suportá-lo um segundo mais, deslizando uma mão entre seus corpos o encontrou e o acariciou na escuridão. Era grosso, disponível.

Tinha que tocar sua pele.

Furtivamente desabotoou suas calças. Tomou alguns minutos, mas não despertou. Alargou a brecha que tinha criado no tecido e acariciou a coluna dura de calor que encontrou dentro. Quando gemeu e rodou sobre suas costas, ela tomou rápida vantagem.

Enroscando-se, agachou-se sob os lençóis e se moveu mais abaixo sobre ele. Quando sua língua encontrou sua ponta, girou-a sobre seu membro. Um dardo feroz de luxúria piscou entre suas coxas. Nunca o tinha necessitado mais.

Repentinamente, despertou separou dela, seu joelho topando contra seu queixo em seu apuro por retirar-se. As mãos fortes a buscaram por debaixo da colcha e a aferraram pelas axilas, levantando-a no ar fresco.

Através da escuridão, acusadoras safiras cobriram necessitadas esmeraldas.

—O que está fazendo? —Exigiu cortante.

—Você não gosta?

—É obvio que sim — esse não é o ponto.

Tinha alinhado seu entre perna à sua sem querer, e se balançou impotente contra ele. Seus dedos se estremeceram sobre ela, mas não a empurrou.

Intuindo um pequeno defeito na armadura de sua resistência, slide seus braços ao redor de seu pescoço e acariciou seus lábios ao longo de sua mandíbula.

—Passou quase uma semana, —provocou-o—. Sei que está em problemas. Não permitirá que diminua sua tensão?

Seu eixo tremeu sob a carícia molhada de seus lábios vaginais.

Gemeu, sua vontade debilitando-se obviamente.

Elevando-se, procurou sua coroa com seus lábios abertos. Sua carne íntima era um doloroso vazio, vibrando ante a falta dele.

Encontrou-o. Seus olhos se encontraram.

Leu seu sombrio desejo e detectou a vitória iminente.

—Por que não tomar a ajuda que ofereço? —Cochichou, acariciando seu rosto. Abriu seus joelhos, deixando que o peso de suas partes inferiores se pressionasse sobre ele.

Quando seus lábios inferiores afundavam sobre sua coroa, voltou-se. Segurou-a por seus quadris e a fez parar.

—Não, Jane, —disse firmemente—. Embora me dói dizê-lo.

Molesta, separou-se dele e observou a protuberância sob suas calças. —Sacrifica a ti mesmo e também me nega isso. Eu não tenho nenhuma voz nesse assunto?

Deslizou uma mão sobre seu rosto.

—Você não acha que é tão difícil para mim como é para você, permanecer separado de você? Pelo bem e nosso menino nonato, devemos nos privar de nossa satisfação. Em nenhuma de suas formas. Isso quer dizer que tampouco deve te estimular a ti mesma por sua própria mão. Compreende?

—Como pode ser de benefício a nosso menino nonato está abstinência anormal? —Discutiu.

Fez-lhe um gesto de inutilidade.

—Não é nada que possa explicar. Somente posso dizer que é.

—A maneira Satyr, —interrompeu-o—. Sei, sei.

Sentindo-se rejeitada, separou dele. Lágrimas da frustração escorreram, mas pressionou seu rosto no travesseiro antes que pudessem cair.

Nick a puxou para seu peito, oferecendo conforto apesar de sua resistência. Apoiou-a contra ele, envolveu um braço sobre ela, assegurando suas mãos caprichosas sob as suas em seu peito.

Sua voz era suave em sua orelha quando lhe deixou cair um beijo.

—Não será durante muito tempo. Suportaremos.

Em segundos, adormeceu, deixando-a suportando-a sozinha, a frustração de sua proximidade.

Trinta minutos depois, seus lábios acariciaram seu ombro enquanto murmurava em sonhos.

Uma hora depois, suas coxas deslizaram para frente, impondo a dureza

de seu eixo momentaneamente em um firme contato com seu ventre.

Suspirou.

Não pôde dormir até perto do amanhecer.

CAPÍTULO 28

Três semanas depois Jane saía de sua carruagem frente ao chalé de Izabel em Florência. Aferrou o corrimão enquanto subia as escadas da entrada com passos desajeitados e lentos.

Os olhos do mordomo se abriram enquanto lhe franqueava a entrada.

—A Senhora tem visitas esta tarde, —informou-lhe desconfiadamente.

—E Emma? —Perguntou Jane.

—Saiu —respondeu-lhe vagamente.

Uma carta tinha chegado aquela manhã de Emma, pedindo a Jane que a visitasse. Embora não trazia notícias especiais, o tom da mesma tinha sido estranhamente preocupante. Tão preocupante que Jane se aventurou em sair sem falar com Nick, esperando falar com sua irmã.

Depois de viajar por horas, negou-se a ser dissuadida.

—Então irei à sala de visitas para falar com mi....Tia, —disse-lhe.

Tropeçou sobre etiquetar ao Izabel como sua —tia— agora que sabia que era uma mentira. Entretanto, ela e Nick tinham estado de acordo em que a mentira devia ser perpetuada. Se a verdade fora descoberta, provavelmente Izabel nunca permitiria que Emma fora viver em Blackstone.

Jane encontrou o caminho para sala de visitas onde sua antiga tia, dava atenção a várias de suas amigas favoritas. Izabel foi a primeira a notá-la. Seus olhos foram atraídos à cintura de Jane e ficou de pé, seu guardanapo caiu de seu colo. Seu rosto era uma imagem da comoção.

—Está grávida! —Espetou—. Mas meu deus. Está imensa!

Suas companheiras giraram para olhá-la com olhos exagerados.

—Gêmeos, por isso vejo, — disse a Senhora Bich.

—Ou trigêmeos, — disse a Senhora Natoli.

Izabel e seus amigas trocaram olhares intencionais.

Jane abraçou inconscientemente seu volumoso ventre. Perguntou-se se não teria engordado mais rapidamente do esperado. A consternação óbvia das

mulheres exacerbou suas preocupações.

A expressão do Izabel trocou rapidamente a uma de deleite.

—Mas isto é estupendo! —Disse dirigindo-se para ela com os braços estendidos.

As outras damas rodearam a Jane com exclamações de oohh e ahh. Moldaram seu estômago através de seu vestido com muita familiaridade, avaliando sua forma e tamanho como se fosse um objeto separado dela. Sentia-se inquietamente vulnerável sem seu espartilho rígido e protetor, que havia indevidamente abandonado fazia semanas.

Sentou-se para livrar-se de seu tato.

—Cheguei para visitar Emma, mas seu mordomo me diz que não está em casa hoje.

—Senhor Nesta trouxe seus filhos juntos. Ele e sua mãe convidaram Emma para passear esta tarde. —Explicou Izabel.

—OH!

Jane tinha vontades de chorar ao saber que Emma tinha saído. Mas em realidade esses dias até a coisa mais mínima a fazia chorar. Outro efeito de sua condição era evidente na grande opulência de seus peitos. Puseram-se tão suscetíveis que formigavam ante a esfregação mais leve do tecido. Entretanto, o pior de tudo era o constante estado de excitação sexual que Nick insistia que devia aguentar.

A ameaça da erupção, era um grande peso sobre sua mente, e a vigilância contra ela, o retinha mais e mais na vinha. Todas as noites, retornava a casa cansado e rendido, por isso dormia rapidamente. Diferente dela.

Tal abstinência era realmente necessária?

Quando as outras damas se sentaram novamente em círculo sobre seus canapés, Jane se deu conta de que esta era sua oportunidade de perguntar. Era um assunto indecoroso, mas um sobre o que damas com sua experiência, podiam esclarecer. Todas tinham se casado em um certo momento, e a maioria tinha filhos.

—Estou inusitadamente grande então? —Arriscou.

—Tem a barriga de uma mulher em seu mês final, —informou-lhe a Senhora Ricco, levando rapidamente uma fruta confeitada entre seus lábios.

Jane tragou. Como mãe de seis filhos, a Senhora estava em posição de

sabê-lo.

A Senhora Natoli assentiu com a cabeça.

—A este passo estará grande como uma casa para o momento em que esteja pronta para dar à luz.

Jane empalideceu.

—Deixa de assustar à menina. —Reprovou Izabel. Avançou pouco a pouco em seu assento e tomou a mão de sua sobrinha.

Ideias preocupantes, eróticas cintilaram na mente do Jane ante o breve contato. Retirou sua mão, fingindo endireitar suas saias. Não era capaz de ter contato com a pele de ninguém exceto a de Nick, e mais ainda quando as emoções do outro eram inusitadamente poderosas.

—Uma mulher está destinada a ser uma nave para a paixão de seu marido e atender o nascimento de seus filhos, —disse-lhe Izabel—. A maternidade é uma bênção, não, damas?

Os outros no semicírculo moveram suas cabeças diligentemente.

—Não quisemos causar medo, —disse a Senhora Ricco.

—Não tem que preocupar-se, —acrescentou a Senhora Bich.

—Estou tentando não fazê-lo, —disse Jane—. Só que fiquei gorda tão rapidamente. Nick me advertiu contra isso, mas me pergunto se não deveria consultar um médico.

Izabel a fulminou com o olhar.

—Seu marido sabe o que é o melhor. Deve obedecer seus desejos.

—Sei que tem boas intenções.

—É um marido considerado então? —Perguntado a Senhora Natoli, seus olhos que se aguçaram com o interesse.

Jane se moveu incomoda. Era uma oportunidade de expressar suas preocupações sobre a falta de atenção de Nick em sua cama, mas estava relutante.

—Sim, muito considerado.

A Senhora Ricco se inclinou para frente.

—Em todos os aspectos?

Jane jogou uma olhada ao círculo de mulheres. Seus olhares eram ávidos.

—Vamos, fala francamente, —disse Izabel—. Todas tivemos sexo com homens. E você não é mais uma garota.

A Senhora Bich jogou uma olhada ao estômago do Jane dissimuladamente.

—Bem, isso é óbvio!

As outras riram dissimuladamente, e Jane sentiu que as lágrimas se formavam outra vez.

—Não devo falar de assuntos privados.

—Vamos, vamos, você é agora uma esposa experimentada. Não há dano, —disse a Senhora Ricco.

—Nenhum dano realmente. Certamente deve ter perguntas sobre o parto iminente de seu filho, —disse a Senhora Bich. Seus olhos pesquisaram o volume do Jane—. Ou filhos.

—Não deve as deixar passar até que esteja na cama de parto e seja muito tarde, —informou Izabel—. É melhor estar preparada.

As outras cacarejaram seu acordo.

—Tenho uma pergunta, —disse Jane—. Espero que não lhes assuste.

—Sim? —Perguntou ao Izabel. Embora ninguém se moveu, Jane se sentiu repentinamente rodeada. Inclinou-se para frente.

—Eu... é necessário que um marido se abstenha de ter relações físicas com sua esposa durante sua gestação?

Um silêncio caiu. As mulheres permaneceram tranquilas, aguardando a decisão do Izabel sobre o assunto. Estranho, devido a que Izabel era a única de todas elas que não tinha parido filhos.

—Isso depende do tamanho do órgão viril seu marido, —mentiu Izabel brandamente—. Lorde Satyr está especialmente bem-dotado? —Tomou um sorvo do chá.

—Não tenho nada com o que compará-lo, —murmurou Jane, sentindo-se cada vez mais desconcertada.

—Mais de Dezenove ou vinte centímetros de longitude é considerado muito bem-dotado, —disse a Senhora Natoli.

Os olhos do Jane se abriram.

Izabel devolveu sua taça a seu pires com cuidado deliberado antes de levantar seu olhar.

—A longitude de seu marido é superior a dezenove ou vinte centímetros?

As mulheres contiveram a respiração ao uníssonos.

—Não o , ummm, medi, —Jane deu rodeios.

—Calcula, —indicou a Senhora Bich.

Jane se moveu bordo o a cadeira fazendo um gesto de levantar-se.

—Está ficando tarde.

—Espera! Não tem perguntas sobre o de parto mesmo? —Perguntou a Senhora Ricco.

—Desejas que te auxilie? —Perguntou Izabel—. Possivelmente deveria me instalar em sua casa e esperar o parto.

—Excelente ideia, Izabel. —Disse a Senhora Bich.

Jane agitou sua cabeça.

—Não pensei em tais coisas ainda. Só estou em meu primeiro mês de gravidez.

A Senhora Natoli se engasgou com seu chá.

—Um mês! Mas...

—Meu querido deus!

Jane girou sobre sua cadeira para encontrar-se com o Senhor Cova na entrada. Sua boca pendurava aberta, e seus olhos assombrados foram atraídos a seu talhe expandido.

Izabel ficou de pé rapidamente e se apurou para ele com as saias batendo as asas. Silenciosamente o dirigiu fora da sala. Sua voz ressonou através do vestíbulo de mármore, retornando claramente para ser escutada por todos.

—Essa rameira! —Acusou.

A resposta de Izabel, embora chegava a seus ouvidos, era um murmúrio ininteligível.

—Está equivocada! Ninguém pode conseguir esse inchaço assim tão rápido, —respondeu Cova, a suas palavras foram dardos cruéis—. E por que mais Satyr a teria querido, se não fosse por estar levando seu bastardo em seu estômago?

Jane empalideceu. Apoiou seu chá e tentou empurrar-se da cadeira torpemente.

As outras damas ofereceram sua ajuda.

Novamente se escutou o tom tranquilizador de Izabel, mas não suas palavras, flutuando para seus ouvidos.

—Então outro homem a engravidou se Satyr não o fez! —Bramou Cova em resposta—. Evidentemente já estava grávida quando se comprometeu com ela. Inclusive se a tivesse incomodado a mesma noite de seu casamento.

A voz do Izabel aumentou nitidamente uma nota.

—Silêncio, Pier! Este não é momento de estar perturbando à menina. Estou segura que se está desenvolvendo a seu próprio passo.

Suas vozes perderam intensidade afastando-se.

Jane se abriu passo à porta e olhou curiosamente. Estavam fora da vista.

A Senhora Natoli moldou sua mão onde se apoiava na ombreira da porta.

—Minha querida, não deixe que isto te perturbe. Os homens precisam do conhecimento às vezes.

Jane deslizou sua mão de seu apertão de veias azuis.

—Devo ir.

As damas a seguiram enquanto se retirava da sala e ao outro lado do vestíbulo à entrada principal. O mordomo abriu a porta; seu sorriso afetado revelava que tinha escutado tudo.

Ela fortaleceu sua coluna vertebral.

As damas seguiram seus passos para o alpendre de entrada.

—Veem nos perguntar qualquer outra coisa que deseje saber, —disse-lhe uma delas a suas costas.

—Obrigado por sua generosidade, —respondeu Jane enquanto o chofer a ajudava a subir à carruagem.

Não retornaria. Mas pediria a Nick que escrevesse a Izabel e lhe pedisse uma visita de Emma, alegando o confinamento de sua esposa como razão.

Quando sua carruagem arrancou, abraçou seu estômago como se consolasse a seu menino nonato.

—Não se preocupe pelo que pensem. Prometo que cuidarei e protegerei você. E te adorarei, —sussurrou—. Não importa o que aconteça.

As mulheres tagarelaram com esforço como consequência da partida de Jane.

—Morrerá fazendo o parto deste, recorda minhas palavras.

—Enquanto o menino não morra, seu falecimento serviria para nossos propósitos.

—Quão grande supõe que é o membro de Lorde Satyr de todos os modos?

—Bastante maior que vinte centímetros de acordo com o olhar da menina.

—É de bom augúrio para as proporções de suas vergôntecas.

Riram com dissimulação.

Izabel reapareceu na entrada, risonha em geral.

—Damas, as coisas estão avançando a um passo inesperadamente rápido. Parece que devemos começar a pôr em marcha nosso plano.

CAPÍTULO 29

O céu de tarde se pintou com nervuras de laranja e profundo púrpura pela época em que Jane retornou às terras Satyr. Os criados de dia estavam fora antes dessa hora, e somente estava o chofer para ajudá-la. Com sua ajuda, baixou dificultosamente da carruagem e se dirigiu pesadamente até a soleira.

Faunus saiu rapidamente para lhe ajudar, agitando ao chofer. Aceitou seu braço agradecidamente, e se aproximou das ornamentadas portas principais.

—O amo a esteve esperando, —brigou-a com preocupação.

—Retornou para as vinhas?

—Sim.

—Mas esteve ali até de noite, ultimamente. Supus que ficaria.

A voz do Nick chegou a eles.

—Jane!

Enquanto entrava pelas portas principais, Jane olhou para cima para ver seu marido lhe fazer gestos das balaustradas no alto das escadas. Seu rosto estava atormentado pela dor e estava mais pálida, como nunca tinha visto antes. Embora o anoitecer não estivesse longe, já levava sua bata.

—Está doente? —Perguntou.

Detrás dela, Faunus fechou com chave as pesadas portas e se retirou, deixando-os sozinhos.

—Onde estiveste? —Grunhiu lhe Nick.

—Na casa da minha tia, —admitiu, apurando-se a reunir-se com ele o melhor que pôde.

—Na casa de Izabel, quero dizer. Para ver a Emma, embora não estava ali depois de tudo.

—Sete infernos, mulher! Você não deveria ter ausentado até esta hora em sua condição. Mas falaremos de sua imbecilidade em outro momento. Veem. —Empurrou-a com pelo corredor até sua antecâmara, e logo a fez entrar ali.

Fechando de repente a porta detrás deles, Nick alcançou os botões de

seu traje com um brilho lascivo em seus olhos.

Jane agarrou suas bonecas.

—O que está fazendo?

Seus lábios acariciaram sua garganta, e murmurou:

—Te tirando a roupa, esposa. É o Chamado. Devemos fazer amor.

Ela tocou suas mãos e as fez as retirar, acautelando-o com uma palmada.

—Disse que devíamos nos abster.

—Já não mais.

—Mas Izabel esteve de acordo em que era certo.

Caçou-a com andar majestosos.

—Que se dane Izabel.

—Nick!

Retrocedeu ao redor de sua cama e se encontrou encurralada. Seus olhos emitiram brilhos, escaldando-a onde a tocavam.

As mãos firmes chegaram para ela e logo verificou a luz da lua que repentinamente banhou os vidros da janela.

Uma câibra atroz atravessou seu estômago, e se cambaleou, aferrando-se com a um pilar da cama até que seus dedos ficaram brancos. Fazendo uma careta, encurvou-se para frente.

Jane se inclinou sobre ele, envolvendo um braço ao redor de suas costas.

—Posso ajudar?

Sacudiu a cabeça. Depois de um longo momento recuperou o controle, endireitou-se e ficou de pé. Da divisão de sua bata apareciam agora dois pênis tensos para cima, suas coroas bulbosas inchadas com o sangue. Cada uma se estendia muito mais à frente do requisito de Izabel.

—Jane! Faz o que te ordenei, —resmungou—. Estou perigosamente necessitado.

—Mas disse que não devemos fazê-lo. Supus que tomaria a Ninfa se necessitasse enquanto estou gerando.

Lançou-lhe uma expressão de incredulidade.

—Não posso ir com as Ninfa esta noite. Devemos copular entre nós.

Ela agitou sua cabeça.

—Mas...

—Dúvidas de mim?

—Acredito que diria algo para obter o que desejas enquanto estou nesta uh, condição.

Cortou o ar com sua mão.

—Suficiente. Ter-te-ei com ou sem sua cooperação, —apressou-a—. Preferiria o primeiro. Qual será?

Destacava-se sobre ela e sentiu um calafrio de angústia. Nunca antes o tinha visto nesse estado. Cada um de seus músculos estava tenso, cada tendão atado. Suas narinas dilatadas e seus olhos selvagens, como se o animal nele tivesse superado ao homem.

Olhou para a porta e começou a aproximar-se, atento.

Suas mãos se dirigiram a seus botões. A contragosto começou a tirar-se sua roupa. Quando esteve definitivamente nua, seus olhos e mãos veneraram seu ventre como se fosse uma esfera celeste e estivesse procurando a localização de uma estrela particularmente amada.

—Não me olhe! —Disse, tratando de proteger-se.

A última vez que tinha visto seu corpo despido, sua cintura tinha sido esbelta.

Ele a olhou com uma expressão curiosa que dizia que as mulheres estavam além de sua compreensão. Então tirou sua bata, dirigiu-se à cama e se ajoelhou sobre o colchão, esperando.

Sobressaindo-se de seu pelo púbico, seus pênis emparelhados eram instrumentos duros, implacáveis, corados e grossos. Ela procurou um pote de nata em sua mesinha de noite. Pela primeira vez desde que tinha aceito converter-se em sua amante, seria exigida para facilitar sua união. Com mãos trementes a esparramou abundantemente sobre suas coroas. Os sons de sorbeteo e tamborilar eram descarnados e excitantes. Seus dedos esfregavam seus pênis gêmeos seguindo-os da cabeça a sua base.

Sem um pensamento deliberado, ela começou a fundir-se.

Cruéis emoções a atravessaram. Angustiosa necessidade. Desejo torturado. Seus dedos se apartaram, incapaz de suportá-lo.

Mãos desesperadas embrenharam em seu cabelo, e sua mente tocou a sua.

Confia em mim, me receba.

Fascinada por seu desejo, girou e se deslizou para baixo dele, assumindo a pose que sabia que requeria para a primeira cópula do Chamado. Ajoelhando-se, baixou seu rosto no travesseiro. Seu traseiro levantado, seus dois orifícios inferiores facilmente acessíveis.

Empurrando suas coxas para que se abrissem amplamente e a encheu por trás, gemendo satisfeito quando seus pênis gêmeos foram embainhados. A nata aliviou seu caminho, mas seu cio a dilatou, aprofundando nela.

Seus dedos aferraram os lençóis.

—Não tão fundo, Nick. Tome cuidado.

Era como se não tivesse escutado. Adaptou-se a um ritmo robusto e quase punitivo, interrompido por alguns enérgicos palavrões de agradecimento e palavras antigas que lhe resultavam estranhas.

Sua preocupação aumentou em proporção à força de cada golpe subsequente. Sujeitou seu estômago inchado protetoramente em uma mão e afiançou fortemente a outra na cabeceira.

—Nick, não tão energicamente! E nosso menino?

O travesseiro amorteceu sua voz lhe resfoleguem. Girou sua cabeça e repetiu mais forte.

—Nick!

Submerso em uma necessidade primitiva e se desesperada para unir-se a sua esposa fecunda, parecia incapaz de escutá-la. Seu corpo continuou se chocando contra o seu.

Odiar-se-ia se seu filho resultava machucado. E certamente este exercício não podia ser bom para ele.

Eventualmente conseguiu seu primeiro orgasmo. Estava furiosa com ele e assustada. Mas seus canais tinham mentes próprias. Convulsionaram com ele em duros espasmos que ordenharam seus gritos. Como mãos enluvadas em veludo molhado, ordenharam seu leite levando-o a culminação.

Seu gemido do prazer se mesclou com o seu de prazer e dor quando o pênis menor se retraiu dentro do refúgio de sua pélvis. Embora suas malhas ainda estavam palpitando, já estava ocupado voltá-la sobre as costas para uma nova transa

Sentou-se sobre suas coxas e a apoiou para que ela o acolhesse entre suas pernas e sentasse de frente para ele.

Inclinando seu pênis para baixo com um polegar, curvou uma palma sob seu traseiro. A glândula encontrou sua fenda e empurrou para frente, introduzindo-se nela uma e outra vez. Fascinado, olhava como seu volumoso ventre se estremecia com cada empurrão.

—Nick, —sussurrou agarrando seu pulso—. Por favor tome cuidado. Nosso menino.

—Nosso menino, —repetiu com desconcertada admiração. Sua mão tocou seu estômago reverentemente enquanto a beijava.... E imediatamente alcançava o clímax.

Outra vez, ela estalou com ele.

Durante toda a noite beijou e acariciou seu abdômen deste modo e teve o cuidado óbvio de não afetar a seu menino diretamente. Entretanto ela estava preocupada. Como não estar?

Apesar de sua preocupação, seu corpo alcançou o orgasmo com regularidade relutante. Era como se cada novo jorro de seu esperma provocasse convulsões involuntárias em sua passagem.

Quando os primeiros raios do amanhecer tocaram suas costas, Nick rodou fora dela por fim com um suspiro satisfeito. Havendo-se esvaziado incontáveis vezes e com regularidade durante toda a noite, estava definitivamente satisfeito. Apoiou-se sobre um cotovelo para olhá-la fixamente.

Estava deitada de lado entre os lençóis, totalmente esgotada. De algum modo conseguiu extrair a energia necessária para girar sua cabeça para ele abrindo pesadamente suas pálpebras.

Seu olhar sobre ela era ardente e intenso. Enquanto que ela estava completamente exausta, ele estava vigorado, espetacular.

Piscou.

Algo não estava bem. Mas estava muito cansada para calcular que era. Possivelmente quando despertasse....

O sono a chamou, e se escorregou em um sonho ligeiro.

Um tempo depois, seus olhos se abriram de repente para encontrá-lo na mesma posição, olhando-a. O que a tinha despertado?

Dor.

Uma câibra terrível golpeou seu estômago. Pôs uma mão sobre seu ventre e sentiu que os músculos se agrupam anormalmente.

A convulsão foi seguida por outra rapidamente. Logo outra.

Instintivamente se girou e se curvou no oco do peito de seu marido.

—Nick!

—Estou aqui. —Sua mão encontrou a base de suas costas, massageando.

—Algo está mal.

—Shhh. É o momento, — disse.

Ferroadas continuaram golpeando, desenvolvendo um ritmo constante e horrível. Logo se fizeram mais rápidas, uma depois da outra. Logo que tinha tempo de tomar fôlego entre as ondas de dor.

—Um médico, —gemeu—. Por favor, Nick. Chama um médico. Eu...

Uma câibra poderosa chegou, pior que todas aquelas que tinham vindo antes. Sob suas mãos, uma ondulação feroz de músculos se fristou através de seu abdômen.

—OH, Nick, o bebê! —Soluçou—. Acredito que estamos perdendo ao bebê.

—Não, —acalmou-a—. Está indo tudo bem.

—O que? Isto não pode estar bem. Está acontecendo muito cedo... — ah! —

Outro ataque golpeou, impulsionando a à ação. O instinto a conduziu a ficar em quatro patas como um animal. Nick a ajudou. Murmurou palavras de estímulo e acariciou seu cabelo atrás.

Ela se balançou para frente e atrás sobre suas mãos e joelhos, gemendo ante a necessidade entristecedora de expulsar —algo. Arqueou seu pescoço em uma navalhada repentina de dor mais torturante que as outras.

Um jorro quente, de cor azul prateada, de líquido saiu das fervuras entre

suas pernas, empapando suas coxas e as mantas.

Desabou-se contra o travesseiro, soluçando.

—OH, Nick! Estamos perdendo a nosso menino.

—O que? —Parecia preocupado—. Não, Jane, asseguro-te que tudo está tomando seu curso natural. Fique calma.

Limpou a umidade e retirou as mantas sujas. Os lençóis estavam secos debaixo deles. Ao fez deitar-se sobre suas costas e deslizou um travesseiro sob seus quadris. Alargando seus joelhos, ajoelhou-se entre elas. Obviamente esperava que ela tivesse um aborto e estava planejando ajudar.

—Alguma vez feito isto antes? —Perguntou.

Pareceu sobressaltado.

—É obvio que não. Nunca dei minha semente de vida a ninguém exceto a você.

Registrou seu rosto. Por que não estava aborrecido? Tinha querido um herdeiro acima de todas as coisas, e agora poderiam estar perdendo toda esperança de um. Não tinha sentido.

Uma agonia repentina e aguda a esfaqueou, e Nick estremeceu ante seu grito. Algo como um duro e gigantesco punho passou de seu útero através de sua vagina, quase a asfixiando de dor. O impulso de expulsar se apoderava dela e fez pressão com todas suas forças. Quando a plenitude a abandonou, gritou outra vez e logo se desabou exausta e sem fôlego.

Nick se retirou da cama.

Jane colocou um antebraço sobre seus olhos, incapaz de olhar, de aceitar o que tinha ocorrido. Lágrimas silenciosas escaparam das comissuras de seus olhos entre suas pestanas. Seu bebê estava morto, e era sua culpa. Deveria ter recusado Nick esta noite. Sabendo que era a noite do Chamado deveria ter se escondido dele.

Quando outro grito se mesclou com o seu, olhou para cima desconcertada.

A cara de Nick nadou em sua visão. Via-se —agradado. E estava sustentando— um bebê! Um bebê vivo e que se retorcia!

Levantou-se sobre um cotovelo e agarrou seu estômago. A proeminência de seu embaraço se foi.

—Esse é nosso bebê?

Riu, parecendo contente.

—Quem mais?

Lutou por sentar-se.

Olhou-a com o cenho franzido.

—Deve permanecer deitada.

Tendeu-se sobre o travesseiro, mas se manteve sustentando-se com seus braços.

—Ele — ela está bem? Me deixe ver.

—Temos um filho, Jane, —disse Nick com evidente orgulho—. E é perfeito.

Deu-lhe o menino, pondo-o em seus braços. Então se deitou ao seu lado, envolvendo-os com sua ternura.

Jane inspecionou o menino pequeno com cabelo negro e pele de azeitona. Quando seus olhos azuis se abriram, seu coração se contraiu.

—Não compreendo. Como pude ter parido a um menino são em tão pouco tempo?

—É a maneira do sátiro. Um menino é concebido em um Chamado e logo atendido o parto no amanhecer do próximo. Somente um mês de gestação é preferível aos nove dos seres humanos, não está de acordo?

—Deveria ter me dito isso, —murmurou Jane, muito sonolenta para fazer parecer com o chateio verdadeiro.

—Fiz! —Protestou—. Aquela manhã no jardim, depois de que concebeu. Estou seguro disso.

Recordou que se perdeu algo do que havia dito aquela manhã.

—Você esperava que eu escutasse? Estava doente.

Suas pálpebras ondearam, e bocejou.

—OH, não posso manter desperta!

—Descansa então.

Agitou sua cabeça, lutando para manter seus olhos abertos.

—Há muito para fazer. O bebê....

—Dorme, Jane. É a tradição. A esposa de um sátiro faz o trabalho da gestação e a iluminação. Então seu marido se encarrega da vinculação.

—Hmmm? —Bocejou outra vez, e seus olhos se fecharam. Escutou-o ficar de pé e começar a mover-se ao redor do quarto com esforço—. O fabricante das urnas em sua biblioteca não estava equivocado depois de tudo, ou sim? —Balbuciou abstratamente—. O sátiro tem dois falos e uma cauda.

Nick riu entre dentes.

—Somente nas oportunidades especiais. Descansa agora e me deixe trabalhar.

Mas não escutou o último. Adormeceu.

Nick sorriu carinhosamente, enquanto dava banho em seu filho, em uma bacia. Os homens Sátiro nunca estavam cansados depois de atender o parto, mas suas mulheres dormiam frequentemente por um dia ou mais depois.

Quando Jane dormiu, Nick assumiu suas responsabilidades maritais. Banhou-a com uma esponja e a transportou para seu quarto onde a pôs entre lençóis limpos. Então lhe trouxe o bebê.

Era sua tarefa conseguir que o menino se alimentasse enquanto sua esposa dormia. Embora como podia dormir entre tal alvoroço estava além dele. Já os gritos do bebê tinham chegado a um volume assombroso. Seu filho estava ansioso em sua reclamação do alimento, que somente uma mãe podia prover, e os peitos de Jane estavam firmes com o leite.

Tendeu-se junto a Jane e pôs o seu filho entre eles.

—Espero que você tenha alguma ideia do que fazer, —disse a seu filho—. Porque minhas instruções para você serão poucas.

Pôs os lábios do bebê em um mamilo e esperou. O menino se agarrou e começou a chupar mas deixou rapidamente para que soubesse seu desagrado.

—Qual é o problema? —Perguntou Nick, olhando o rosto avermelhado do menino. Massageou e apertou o peito de Jane, mas o leite ainda se negava a chegar. Os gritos do bebê se tornaram lastimosos. Em seu desespero, recorreu chupar o mamilo ele mesmo. Devorou o topo do peito em sua boca e o trabalhou com um movimento de sucção.

Definitivamente foi recompensado quando um líquido morno saiu a jorros sobre sua língua. Leite.

Pôs seu filho em seu peito outra vez. Os lábios diminutos jogaram raízes sobre o mamilo e começaram a comer com entusiasmo. Jane murmurou e se moveu ante a sensação pouco familiar, mas não despertou.

Quando seu menino esteve satisfeito, Nick participou do banquete, apertando o outro mamilo de Jane em sua boca. Trouxe o leite rapidamente está vez e logo acomodou o menino no segundo peito para que terminasse de alimentar-se.

Colocou um travesseiro na cabeceira e permaneceu tendido contra ele. Enquanto observava a sua esposa alimentar seu filho enquanto ele acariciava seu cabelo, algo trocou em seu interior, e a escuridão se levantou só um pouco. A luz do sol caiu ao outro lado da cama, e a sentiu entrar em seu coração.

As horas passaram, e se assegurou de que seu filho comesse várias vezes. O cuidado por sua parte servia para um propósito dobro. Por conseguinte, o corpo de Jane estaria em grande parte restabelecido pela manhã.

Beijou seu cabelo enquanto dormia.

—Fizemos um filho bonito, Jane.

CAPÍTULO 30

—Me deixe imediatamente, imbecil! —Gritou Izabel.

Jane se apressou em intervir na cena que se desenvolvia nas escadas da entrada principal do Castello. Faunus tentava manter fora Izabel enquanto está tratava de intimidá-lo para obrigá-lo a admiti-la.

Por sobre seu ombro, Izabel viu Jane. Sua cara perdeu toda a cor quando notou a nova magreza da cintura de sua sobrinha.

—Perdeste o menino? —Perguntou tremulamente.

Jane evitou a questão.

— Faunus, por favor permite que minha tia entre. Está doente.

Notando a palidez da mulher mais velha, o criado de Nick se moveu a contragosto, e Izabel se precipitou além dele pela imponente entrada.

—Sente-se, —disse-lhe Jane, mostrando uma cadeira.

Izabel se sentou nela como um globo desinflado, seus olhos preocupados fixados no estômago plano do Jane—. Vim para perguntar por sua saúde, mas parece que vim muito tarde. O menino já não está?

Faunus permaneceu rondando na entrada.

—Um pouco de chá possivelmente, Senhor? —Disse-lhe Jane.

Inflou-se, preparando um protesto, mas seu olhar intenso o mandou à cozinha.

Jane retornou a Izabel, que tinha começado a chorar.

—Estas coisas ocorrem, — que disse ao Jane—. Deve tentá-lo outra vez o quanto antes. —Agarrou a manga do Jane com apertão assombrosamente forte—. Me prometa que você tentará.

Jane recordou outra promessa —uma que tinha feito a Nick aquela manhã antes que tivesse entrado em bosque. Uma soleira oculta no ponto de encontro sagrado daria passo a ElseWorld, havia-lhe dito, e retornaria amanhã pela manhã.

Tinha-lhe dado sua palavra que não ia contar do parto a sua família

ainda. Embora tivessem levado aos criados a pensar que seu embaraço tinha alcançado seu término de nove meses, teria que estar com ela para trabalhar sua magia sobre as mentes de outros seres humanos com as que tropeçassem no mundo exterior. Uma vez manipulados, também aceitariam a noção de que tinha concebido em sua noite de casamento e levado a seu bebê durante o término de um embaraço humano.

Um grito repentino e débil ressonou escada abaixo, antecipando-se a qualquer intento que Jane poderia ter feito de manter sua promessa.

O queixo do Izabel se elevou, sua expressão suspensa como a de um veado surpreso. O grito chegou outra vez, e sua cabeça girou em sua direção. Ficando de pé de um salto, recolheu suas saias e correu para cima.

Jane a seguiu, retorcendo suas mãos e olhando enquanto Izabel provava uma porta depois de outra. Finalmente cedeu ante o inevitável e abriu a porta de seu quarto

Izabel varreu para dentro e se aproximou do berço que estava em uma esquina. Agarrou-se ao corrimão e olhou fixamente ao menino com uma expressão semelhante à reverência.

—É teu? —Exclamou Izabel. Leu a verdade que Jane não era o suficientemente experimentada para ocultar.

Jane despediu a garota do dia com o propósito de poder falar livremente.

—Não o diga a ninguém, Tia. O parto deve permanecer em segredo.

—Compreendo. Um menino prematuro.

Jane não gostava de ter que confirmar tais suspeitas, mas para proteger sua nova família e honrar os desejos de seu marido, manteve seus lábios firmemente fechados.

—Um filho? —Perguntou Izabel esperançosamente.

Jane assentiu com a cabeça.

—Vincent.

Izabel sacudiu a pequena manta, descobrindo-o. Lágrimas encheram seus olhos.

—É bonito.

Por alguma razão, a visão das mãos da mulher mais velha sobre seu

filho a perturbou. Jane recolheu a roupa de cama ao redor dele e o levantou do berço.

—Obrigado, —murmurou aproximando-o dela.

Izabel se voltou para ela.

—Deve trazê-lo para o chalé para uma festa de nascimento.

—Logo. Quando estiver segura que o mundo não o considerará e etiquetará como um bastardo.

—Esperaria tanto tempo? Seu pai estará ansioso de vê-lo.

Uma negação de que Senhor Cova fosse seu pai lotou sua garganta, mas Jane a sujeitou.

—Duvido que queira ver a mim ou a meu filho. Deixou suas opiniões muito claras quando os visitei da última vez.

—Deve fazer as pazes imediatamente, —insistiu-a Izabel—. Se não o faz, terminará te proibindo ver a Emma.

—Não, Tia. Nick tem minha promessa sobre isto.

—Não pode conversar com ele?

—Possivelmente. Mas está ausente no momento.

Um brilho de astúcia cintilou nos olhos, desaparecendo dos olhos de Izabel antes que Jane pudesse analisá-lo.

—Onde foi?

—Não posso dizê-lo, —respondeu Jane com rodeios.

—Suponho que há mulheres cujos favores podem ser comprados em muitos lugares.

Jane gemeu, tal insinuação doía.

—Não sabe do que está falando.

—Sua classe nunca está satisfeita com os cuidados de uma mulher. Para falar a verdade, veio para mim recentemente e falamos da possibilidade de uma visita ao meu quarto a em um momento mais oportuno.

Jane retrocedeu, seus braços agarrando a seu menino tão forte que se retorceu.

—Deixa esta casa.

A expressão do Izabel se tornou ameaçadora.

—Faunus! —Gritou Jane.

Escutaram seus passos cabriolando sobre as escadas, saltando os degraus de dois de uma vez.

—Irei, —disse Izabel. Com um último olhar ao menino nos braços do Jane, varreu além de Faunus e sua bandeja de chá, e saiu do castelo.

De sua janela, Jane observou partir a carruagem contratada de Izabel. Um brilho da cor azul brilhante se precipitou dele ao jardim, sobressaltando-a. Um rosto lhe olhou dos arbustos e logo se agachou. Emma?

Deixou Vincent aos cuidados de um criado e se apressou a investigar.

Algo se movia na noite, despertando-a. Meio dormida, Jane saiu da cama dirigindo-se instintivamente ao berço de seu filho. Suas mãos titubearam ao apartar as mantas, sentindo que o terror crescia em seu interior quando viu que não estava aí. Ficou alerta instantaneamente, passou suas mãos sobre os lençóis ainda mornas do corpo pequeno do Vincent.

—Está acordada, —disse uma voz.

Jane deu a volta, seus olhos se localizando rapidamente as figuras de duas mulheres através de sua tristeza. Sabia que Izabel retornaria, mas não tão logo. E não na quietude de noite, com outros.

—O que fez com Vincent? —Exigiu.

—A Senhora Bich está com ele, —disse a outra figura, a Senhora Nesta—. É uma doçura. Apenas se incomodou quando o roubou. Não choraminga como alguns bebês.

— Faunus! —Gritou Jane para o corredor.

—Agora, Faunus foi um assunto diferente, —estalou a Senhora Nesta—. Foi verdadeiramente inconveniente até que o golpeamos na cabeça e o atamos.

Jane cambaleou ante o conhecimento de que seu menino tinha sido roubado e seu guardião incapacitado. Até que Nick retornasse amanhã de noite, ou Raine retornou de suas viagens, somente Lyon ficava como um protetor distante. Nick lhe havia dito que o convocasse ante o menor problema que se suscitasse, mas era impossível fazer isso sem Faunus ou criados disponíveis.

Uma vela foi acesa, e a tensão ajustou dentro dela. Devia encontrar um pretexto para as tirar o corredor antes que vissem— dirigiu-se para a porta.

—Me leve ao Vincent. Assim que veja que está ileso, podemos falar por que é que veio.

Izabel estalou seus dedos, e Senhora Nesta se apressou a bloquear a saída.

Frustrada, Jane açoitou para Izabel.

—Que esperas adquirir roubando meu filho?

—Você tomou algo que me pertencia, —disse Izabel. Simplesmente é correto que tome algo teu.

—Uma mudança justa, —aceitou a Senhora Nesta. —Vincent por Emma.

—A propósito, onde está? —Exigiu Izabel—. Emma!

—Tia? —Emma se incorporou na cama que tinha estado compartilhando com Jane. Envolta em uma das camisas de Nick, parecia mais jovem que seus anos, indefesa.

—Ali está, querida. —Disse Izabel.

Emma abraçou seus joelhos culposamente.

—Não fique zangada com Jane. Vim aqui do chalé escondida na parte de atrás da sua carruagem esta manhã. Não sabia que vinha para cá.

—Levante agora e seja uma boa menina, —disse a Senhora Nesta, expulsando-a do leito.

—Não sou um bebê, —disse Emma—. Por favor não me fale como se fosse.

Os olhos da Senhora Nesta se estenderam pela escuridão para estudar as curvas juvenis da Emma que maturavam em sua figura.

—Não, meu filho se alegrará de saber que está crescendo muito bem.

Os olhos da Emma se abriram exagerados. Correu ao lado do Jane, e Jane pôs braço ao redor dela protetoramente.

—O que quer dizer? —Murmurou Emma.

—Vais casar te com meu filho em só três anos, —explicou a Senhora Nesta.

—Não! —Sussurrou Jane.

—Posso escolher meu próprio marido se quiser um —chorou Emma.

Izabel fez caso omissso de seus arrebatamentos.

—Jane foi prometida ao Senhor Nesta, mas se casou com outro —disse a Emma—. A honra da família descansa no fato que tome o lugar de sua irmã.

—Mas tem duas vezes sua idade! Ela só tem treze. —Protestou Jane.

A Senhora Nesta se encolheu os ombros.

—Manter-se-á ocupado com putas enquanto espera que ela mature.

A porta que confinava com a habitação de Nick se abriu, e todos os olhos voltaram para ver abrir acontecer com a Senhora Ricco.

—Não o encontro, —disse a Izabel.

Izabel lançou um impropério entre dentes e logo tomou os braços de suas sobrinhas para as arrastar para a porta de Nick.

—Me mostre a câmara escondida, —disse, quase as lançando na habitação, quase.

—O que? —Perguntou Jane.

Izabel a esbofeteou tranquilamente, deixando uma marca vermelha brilhante em sua bochecha.

—Não desperdice meu tempo com evasivas.

Emma chiou, precipitando-se contra sua tia, mas Izabel a dominou e sujeitou facilmente.

—Não te ajudarei até que tenha Vincent, —disse Jane.

—Sua irmã pagará sua resistência.

Jane nunca tinha visto os olhos do Izabel tão desumanos. Pensando em comprar tempo, fez um gesto para o espelho.

—A câmara que você busca está atrás deste espelho, mas não sei como abri-lo.

As Senhoras Ricco e Nesta se apuraram ao espelho e começaram a passar seus arrumados dedos ativamente ao redor de sua moldura, encontrando o ferrolho ao final. Quando o espelho se abriu, Izabel as ameaçou a todas a entrar.

Jane se plantou.

—Emma é muito jovem para tais coisas.

Izabel sorriu cruelmente.

—Deixa que sua irmã veja o que faz com esse teu marido. Então veremos se ainda quer ficar com você.

Jane tratou de não entrar pânico quando ela e Emma foram obrigadas a passar à câmara secreta. Seus únicos aliados ali eram Emma e Vincent e tinha que mantê-los a salvo.

Izabel e a Senhora Ricco exploraram a câmara com assombro eufórico. Os olhos do Jane se moveram rapidamente à entrada. A Senhora Nesta atuava de sentinela, obstruindo-a com seu corpo.

O olhar inteligente da Emma percorreu a habitação com curiosidade. Jane intuía as perguntas se formavam sobre seus lábios.

—Não olhe, Emma, —murmurou, fazendo com que sua irmã desviasse o olhar—. Isto não é para olhos jovens.

—Deixa-a olhar, —disse a Senhora Nesta—. Estou segura que meu filho apreciará qualquer educação que receba nesta área.

Izabel e a Senhora Ricco riram com dissimulação enquanto recolhiam por acaso uma seleção de dispositivos em capas que tinha empilhados sobre os travesseiros de Nick.

—Como ouviu falar desta habitação? —Exigiu Jane.

Izabel sorriu perversamente.

—Tive o pai de seu marido em minha cama faz muitos anos.

—Já vejo.

—Os Satyr são tão irritantemente discretos. Mas entre os lençóis, era muito livre com os segredos de família, indubitavelmente pensando em lavar minha mente deles com uma poção que me ofereceu depois. Tomei a poção. Insistiu. Mas o enganei e não a bebi. Minha mente permaneceu clara a lembrança tudo o que aprendi essa noite.

—E o que foi isso?

—Não finja ignorância, —disse Izabel—. Sei como os Satyr trocam quando sua luxúria alcança seu máximo.

Jane pressionou suas mãos sobre as orelhas de Emma, e Emma se retorceu com aborrecimento.

—Sei que Satyr não é humano, —continuou Izabel. Seus olhos entrecerrados sobre o Jane—. Da mesma forma que sei que você não é.

—Depois, Izabel, —adverteu a uma das outras damas—. Recorda nosso propósito verdadeiro aqui esta noite.

Emma agitou as mãos de Jane, franzindo o cenho.

—Odeio quando as pessoas fazem isso. Não sou um bebê para ser protegido.

—Sinto muito. Pensei que era o melhor, —disse-lhe Jane.

Izabel passou para o outro lado da sala e acendeu os candelabros. Quando o levantou de seu suporte, uma porta cuja existência Jane desconhecia se abriu balançando-se, mostrando uma escada em espiral para baixo.

Izabel sorriu afeadamente.

—Vejo por sua expressão que sei mais dos segredos do Castelo que seu amante. Veem.

Mantendo a luz, Izabel tomou a dianteira, e as outras lhe seguiram o passo. A escada seguia um curso descendente, afastando-se por debaixo do Castelo. Ao final terminava em uma cripta fresca e escura. Suas paredes estavam enrugadas com fileiras dobre de barris empilhados uns sobre outros até onde chegava à vista.

—Faz frio, —disse Emma, sua respiração formando pequenas nuvens de névoa—. E é horripilante.

—Silêncio, menina, —a repreensão da Senhora Nesta arreganhara—. Os fantasmas são os espíritos do diabo. Nunca fale deles.

—Há fantasmas neste castelo, —disse Emma—. Vi um.

—Se cale, digo, ou conseguirá um golpe, —disse a Senhora Nesta—. Espero com ânsia o dia em que te encontre aos cuidados de meu filho. Verei que seja guiada com uma mão mais firme que a que está acostumada.

Concentrada em seu objetivo, Izabel fez caso omissso do insulto sutil de seu amigo. Levou-as infalivelmente com o passar do corredor até que se abriu ao final, ao exterior e entraram no bosquinho rodeado por um anel de estátuas.

Emma tremeu.

—O que são todas essas estátuas? Onde estamos?

Izabel exalou reverentemente.

—O lugar sagrado.

Sob seus pés, Jane viu a erva esclarecer-se. Boinas de cogumelo diminutas e cinzas levantaram suas cabeças. As outras veriam!

Tinha pouco tempo para registrar a cena ou preocupar-se. Uma neblina repentina desceu, obscurecendo as estátuas e a paisagem que adornavam. Logo a névoa trocou e girou em torno dos corpos de pedra aproximando-se e escondendo os da vista.

—Que horrível ficou noite de repente! —Queixou-se a Senhora Nesta.

—Quase tanto como Londres, —esteve de acordo a Senhora Natoli, aparecendo da neblina—. Minhas saias estão umedecendo.

Izabel riu, seu júbilo ressonando de maneira inquietante na garganta.

—Não lhe incomodarão durante muito tempo, cara.

As outras riram entre dentes.

Na distância, Jane escutou Vincent gritar. A voz de uma mulher o acalmava.

—Vincent! —Precipitou-se na neblina, dobrando em círculos e perdendo-se rapidamente—. Onde está?

Outra mulher saiu da névoa. A Senhora Bich. Fazendo caso omissos de Jane, falou com Izabel.

—Dei uma dose ao menino assim que se acalmará.

—Bem. Não há nada pior que o grito de um bebê para danificar o humor, —disse a Senhora Nesta.

—Onde está? Me levem a ele, —exigiu Jane com um olhar ameaçador. Colocou uma mão sobre o braço de Izabel, esperando que fundira ajudasse descobrir sua localização.

Izabel a empurrou.

—Não prove seus truques de bruxa comigo. Nos leve ao lugar em que nosso mundo se une com o outro. Então você poderá ter seu filho.

Jane não tinha ideia de em que lugar das terras Satyr estava a porta entre os dois mundos. Mas se Izabel se dessa conta de sua ignorância, poderia

decidir que sua utilidade tinha terminado.

Jane tomou o braço de sua irmã e começou a caminhar, sem ideia de onde estava indo. O grupo as seguiu.

—Se encontrar uma oportunidade, corra e se esconda, —cochichou a Emma—. Permanece em silêncio e Nick ou eu lhe encontraremos depois.

—E você?

—Descansarei assim que saiba que está segura, —disse-lhe Jane.

—Parem de cochichar! —Ordenou Izabel, as separando.

—Está-nos levando em círculos, —queixou-se a Senhora Nesta—. Deixa-o por agora. Há tempo suficientemente encontrar a abertura entre os mundos quando a névoa se dissipe. Depois de nosso ritual.

—Estou de acordo. Minha luxúria está aumentando, — disse a Senhora Natoli.

—É este lugar, —disse a Senhora Ricco—. Foi criado para o sexo. O que diz, Izabel?

—Muito bem, —disse Izabel.

Todos os olhos se centraram em Jane.

—Tire sua roupa, sobrinha.

Horrorizada, Jane aplanou suas mãos sobre seu peito olhou para sua irmã envergonhada. A Senhora Ricco a dominava agora com uma mão cobrindo sua boca.

—Se quiser minha cooperação, deixe-a ir, —disse Jane—. Exijo.

—Leva a menina ao bosque e a amarre rápido a um dos carvalhos, —disse Izabel às Senhoras Ricco e Bich—. Não muito longe. Quero que ela desfrute dos gemidos de sua irmã.

Embora Emma arranhasse e mordesse, não era nenhum rival para duas mulheres robustas. Assim que se perderam na névoa, Izabel retornou a Jane.

—Já está bem!

Jane permaneceu de pé, imóvel.

—Traremos Emma e nos divertiremos com ela primeiro? —Ameaçou Izabel.

Com dedos plúmbeos, Jane começou a despir-se.

Quando caiu ao chão, as outras mulheres a rodearam, cochichando admiradas. Seus dedos vagaram por suas costas, fazendo que sua pele se arrepiasse enquanto revisavam suas plumas como se se tratasse de uma estranha ave capturada em uma nação estrangeira.

Izabel olhou por toda parte para olhá-la, deixando às outras com seu manuseio. Seus olhos estavam dilatados, seus lábios deixavam derramar sua maldade.

—Não seja tímida, —disse brandamente, cavando suas mãos na bochecha de Jane—. Te vi deste modo antes, muitas vezes. No banheiro. Em seu banho.

—Como? —Jane amaldiçoou o tremor em sua voz.

—Recorda os buracos que Emma encontrou em seu quarto em Londres?

—Os buracos espiões? Disse que tinham sido feitos por um criado. Você os fechou.

—Sim. Mas havia mais. Não feitos por criados, mas sim por minhas próprias mãos quando os visitei. Através deles, observei-te lutar contra seu poder. Vi as plumas despertar. Desejava te tocar.

—Minha mãe sabia?

—Olhou comigo e estava assustada, —disse-lhe Izabel, cada palavra se cravava na alma do Jane.

—Não, —gemeu Jane.

Izabel pôs um beijo sobre seus lábios.

—Pobre Jane. Quando as mudanças começaram não sabia escondê-los. Em sua inocência, fez perguntas que a aterrorizaram. Pedi minha ajuda, e a aconselhei sobre como te tratar. Aproximamo-nos por um tempo. Mas sempre soube que deveria ir-se ao final.

A cabeça do Jane se sacudiu para trás.

—Está dizendo que tomou parte em sua morte?

—Tive que castigá-la, —explicou Izabel com um ar de auto—justificação.

—Casou-se com seu pai e me tirou isso, criatura tola.

A raiva se acendeu em Jane, causando uma estranha impressão palpitante ao longo de suas costas, detrás dela, Senhora Nesta emitiu um grito afogado.

—As plumas... se estão movendo!

—Saia daí, —advertiu Izabel—. Devemos começar. Mostre a Jane o que planejamos para ela, Senhora Natoli.

A Senhora Natoli se apresentou obedientemente e baixou o peitilho de seu sutiã, exibindo os anéis de prata gêmeos atravessados no centro de seus grandes peitos.

Izabel fez um laço com um dedo através de um anel e atirou, estirando o disco de cor marrom no centro do peito da Senhora.

A Senhora Natoli chupou uma respiração rápida.

Izabel mostrou um indício de sorriso em seus olhos e logo a soltou.

Seu olhar se deslizou para Jane.

—Depois de que lhe marquemos deste modo esta noite, você será uma de nós.

—Não! —Jane lutou contra as outras duas mulheres que a sujeitavam agora. As sensações anormais em suas omoplatas aumentaram.

—Te acalme, —cantarolou a Senhora Natoli em sua orelha—. O poder dos anéis antigos logo te convencerá.

Os lábios do Izabel se fecharam sobre um dos mamilos de Jane e logo do outro, chupando até que se ergueram obedientemente. Então tomou ambas as pontas entre um polegar e índice e beliscou duro. O grito de Jane não provocou nela nenhuma compaixão.

—Deveria me agradecer. O intumescimento ajuda a camuflar a dor da perfuração.

Jane nunca tinha estado mais agradecida de não se poder fundir com ninguém além de Nick, porque não queria conhecer nada mais destas mulheres.

—Onde estão? —Perguntou impaciente a Senhora Nesta, olhando para a direção em que a Senhora Bich e a Senhora Ricco tinham levado Emma.

—Encontre-as, —disse Izabel—. Estou ansiosa de começar, e levam os anéis.

—Damas! —Chamou a Senhora Nesta.

Não houve resposta.

—Possivelmente estão brincando com a menina mais jovem, —sugeriu a Senhora Natoli, jogando uma olhada para o bosque.

—Não! Emma?! —Gritou Jane.

Não houve nenhuma resposta.

—Te reúna conosco, —disse-lhe Izabel—, e seus filhos serão a origem de uma nova raça, além dos mortais. Guiaremos-los, veneraremos-los com nossos corpos. Um dia, serão temidos, capitalistas além de toda medida.

Ante a revelação completa do plano de Izabel, Jane foi alagada com horror e culpa. Se nunca tivesse se casado com Nick, sua terra não teria sido invadida, seus segredos revelados, seu filho ameaçado. Empurrou o medo e pediu um plano.

—Está certo no que disse antes. O sátiro é um amante vigoroso e engenhoso. Meu marido me levou ao longo de uma rota sensual que sempre temi, fronteira com a perversidade. Com isso me brindou muito prazer. Se pode prometer sinceramente mais coisas desse tipo, far-me-ei membro de sua sociedade.

As mãos do Izabel se detiveram sobre ela.

—Pensa sou tão tola para acreditar em tal mudança, em seu comportamento?

Jane tratou de não deixar entrever sua angústia.

—Vamos, me deixe demonstrar lhe explicando isso como usar alguns dos elementos que encontrou em sua sala de prazer.

—Penso que podemos aprender a usá-los por nós mesmas, —espetou a Senhora Natoli.

—Mas Nick me mostrou seus segredos. Você nunca poderia adivinhá-los sem instrução.

—Solte-a, —disse Izabel. Levou Jane para os dispositivos, seus olhos estimulantes.

Jane tomou cuidado de não se dirigir diretamente aos dispositivos que realmente desejava lhes mostrar. Em vez disso recolheu um dos chicotes pequenos e o passou a Izabel.

—Cada um destes provoca um sabor especial sobre o impacto.

—Testa-o sobre mim, —disse a Senhora Nesta, oferecendo suas costas ansiosamente.

Izabel tomou o látigo e o brandiu com olhos cintilantes. Estalou contra as costas ensinada de seu amigo.

—Pêssego! —Chiou a Senhora Nesta, lambendo-os lábios—. Prova o pêssego! Sua sobrinha não mente.

Três jogos de olhos caíram nela.

—O que é isso? Nos mostre, menina, —disse Izabel.

Com toda tranquilidade Jane as levou aos dispositivos cilíndricos.

—Meu marido desejava que revisasse estes particularmente.

—Vibradores, —murmurou a Senhora Natoli.

Jane assinalou um com o dedo.

—Este era o pênis de uma besta desse outro mundo que você procura. Ainda vibra com a força de vida da criatura.

Conteve a respiração, mantendo sua expressão inocente. Izabel tomaria a ceva?

Izabel levantou suas saias para empregar o dispositivo, mas o afastou então com seus olhos brilhando.

—Está muito ansiosa de que o prove. E o farei. Mas primeiro você o lubrificará para mim. Te recoste.

A casca arranhou a pele de Jane quando meio se reclinou contra um tronco de árvore.

Izabel empurrou o cilindro entre as pernas de sua sobrinha e dentro dela, olhando sua expressão atentamente.

Embora a passagem de Jane estivesse seca, o falo da besta fez brotar a umidade e suscitou o deleite instantâneo. Arqueou-se, gemendo. Envergonhada, apartou a vista dos olhares luxuriosos das outras mulheres.

Enquanto avançava inexoravelmente para o clímax absoluto, separou-se de si mesma, olhando a grande altura nos ramos da árvore sobre o que se apoiava. Um saúco. Entre suas casca e ramos, um rosto amável lhe olhou fixamente, lhe brindando consolo. Estava enlouquecendo?

—Se descansar sob uma árvore Saúco, causará os sonhos alucinados e

perigosos do país das Fadas, —murmurou Jane, recordando uma velha estrofe da infância.

Havia mãos tocando-a, acariciando-a e acariciando o dispositivo entre suas pernas. Estas mãos não desconheciam os envenenamentos. Homicídios. Sangue. Pessoas tinham morrido sob sua carícia delicada. Os gritos das vítimas torturadas ressonaram em suas orelhas. Faz muito, seus gritos tinham sido ignorados entre o choque de címbalos e tambores nas sete colinas de Roma.

O que lhe estava acontecendo? Seu orgasmo se encrespou e rompeu, fazendo pedacinhos espantosos pensamentos em centenas de cascos de cor., mas seu desejo não diminuiu.

—De novo, —gemeu, queria mais.

—Acredito que não.

Izabel arrebatou o dispositivo dela.

Perplexa ante sua perda, Jane se ajeitou em uma pilha de agulhas aos pés da árvore.

—Há mais como esse? —Perguntou a Senhora Ricco. Aparentemente as Senhoras Ricco e Bich lhes tinham reincorporado enquanto Jane tinha estado distraída. Jane as arrumou para girar sua cabeça para o bosque. Nenhum sinal da Emma.

As cinco mulheres revisaram ansiosamente através dos vibradores. Escolheram os pênis de bestas e os colocaram debaixo de suas saias, localizando-se sob os saúcos.

—Me ajude, —murmurou Jane, olhando as misteriosas caras sobre o topo das árvores.

Por cima da cabeça os ramos formaram um coro respondendo com um murmúrio de vozes. As Dríades lhe cantarolaram sua canção reconfortante. Embora não havia vento, suas folhas se moveram silenciosamente sobre ela, moldando uma manta ligeira.

Atraídas pela chamada das dríades, trepadeiras subiram e se frisaram sobre as raízes nodosas do Saúco e logo ao redor de tornozelos e sob anáguas. Sub-repticiamente, envolveram-se ao redor de acne, coxas, bonecas, e cinturas, cravando rapidamente no lugar às cinco Senhoras antes que fossem conscientes de sua presença.

—O que está ocorrendo? —Chiou a Senhora Nesta. Anéis de prata foram atirados de quatro jogos de mamilos, e os falos foram apertados nas vulvas

de todas exceto uma vítima.

Uma desumana trepadeira serpenteando se fristou ao redor da traqueia de Izabel uma vez, duas vezes, uma meia dúzia de vezes ou mais, apertando cada vez mais forte. Suas mãos se precipitaram para ela, lhe cravando as unhas em busca de fôlego. O falo pulsou dentro dela, lhe dando orgasmo atrás de orgasmo. Ficou nela muito depois que caísse curvada por seu estímulo. Muito depois de que seu coração parasse de pulsar e sua pele se esfriasse, seus olhos abertos e dilatados.

Com a manhã, Nick chegou, encontrando Jane dormindo no casulo das permissões e abraçá-la em seus braços. Lyon recolheu Emma e Vincent do bosque, onde as dríades tinham velado por eles, e os levou sem perigo a suas camas.

As figuras de quatro mulheres dormidas e uma morta foram reunidas e depositadas na gruta da casa de infância de Izabel. Quando despertaram, dias depois, as quatro Senhoras estavam perplexas e confusas, os anéis em seus mamilos tinham desaparecido. Suas mentes foram lavadas dos eventos da noite tanto como qualquer mal que pudesse haver nelas.

O mal da quinta tinha morrido com ela. Somente seu meio-irmão se lamentou por ela lastimosamente, quando foi descoberta morta no jardim da residência onde tinham crescido, e em sua própria maneira retorcida, amada.

CAPÍTULO 31

Nos dias seguintes, chegaram duas novas missivas de ElseWorld. Nick ficou mais tenso com cada uma. Quando uma terceira chegou às poucas semanas, Raine retornou de Veneza, e os três irmãos se encontraram a Blackstone para falar de um plano.

—O descontentamento no ElseWorld se está intensificando no período subsequente da morte de Rei Feydon, —disse Nick—. Seus filhos e filhas competem pelo controle.

—Tudo isto poderia haver-se evitado se Feydon tivesse deixado as diretivas em miras a uma linha de sucessão, —disse Lyon em um tom ofendido.

Raine recolheu uma das missivas, estudando-a.

—Ainda respeitam nosso direito de votar a eleição de um novo rei?

—Sim, embora alguns nos veem com suspeita crescente, acreditando que pomos o bem-estar dos Humanos por cima das criaturas no ElseWorld, —disse Nick.

—Estamos sob a ameaça de uma guerra potencial, —disse Lyon—. As facções do ElseWorld recusarão o controle humano do EarthWorld logo para aumentar seu mérito como governantes potenciais. Nosso papel como um amortecedor entre os mundos será avaliado.

Nick encolheu seus grandes ombros cansadamente.

—Portanto partirei por volta do conclave do ElseWorld em dois dias, esperando acalmar as águas. Temo pela segurança do Jane enquanto estou ausente.

—Você não acredita que o perigo ao que a carta do Feydon consultou passou com o falecimento de sua antiga tia? —Perguntou Raine.

—Diminuiu... —começou Nick.

—Mas algo permanece agitando a calma, —terminou Lyon—. O intuí, também, e me perguntei se o perigo para sua esposa está realmente terminado.

—Você considerou levar Jane com você quando cruzar o Portal? —Sugeriu Lyon.

Nick agitou sua cabeça.

—Meu foco deve estar sobre as negociações. Não poderei vigiá-la suficientemente daqueles que possam tratar de me danificar através dela.

—Pospor minha busca de noiva para ficar aqui enquanto você está fora, —disse Raine—. Lyon e eu velaremos por ela.

—Mas será suficiente? —Perguntou Lyon.

Um silêncio potente caiu, tirante com as palavras não pronunciadas. Os pensamentos dos três discorreram com o passar do mesmo atalho.

Finalmente Raine violou a tensão.

—Há maneiras de protegê-la melhor.

Nick assentiu com a cabeça a contragosto.

—O antigo ritual. Considerarei-o.

—E? —Apontou Lyon.

—Não será fácil que participe. Mas devo considerar o que é melhor para a família. E para ela.

—Amanhã é o Chamado. Aguardaremos sua decisão, —disse Lyon.

—Meditarei sobre o assunto, —disse Nick.

Um borbulhante rocio tinha começado a assentar-se ao dia seguinte pela tarde quando Nick levava Jane do Castelo pelo jardim dos fundos. Era julho agora, e o restante da Itália estavam se ressecando pelo calor. Mas as temperaturas sobre a propriedade permaneciam constantes e amenas.

Sua saia ondeava na brisa sufocante enquanto seguiam o atalho de tijolo do jardim até que se mesclava com a grama. Nick seguiu através da erva e as flores silvestres que aferravam seus tornozelos. Frente a eles, carvalhos, olivas, e saúcos se desdobravam ameaçadores, grossos e enredados.

Nick atirou de sua mão quando se deteve no bordo de bosque.

—Aonde vamos? —Perguntou ela.

—Já o verá. Veem.

O bosque se abriu e os tragou rapidamente. Jane não intuía nada da incerteza que as árvores gigantes tinham indicado para ela uma vez. Havia

somente aprovação.

Tudo era escuridão, negro azeviche dentro da paisagem de troncos chapeados, mas Nick se movia rapidamente, propulsando-se para frente com uma mão em sua cintura, seguro de seu atalho. De vez em quando a pressionava para que se agachasse sob um ramo baixo, o instinto permitia a ele esquivar obstáculos que não podia ver em seu ombro.

—Uma tocha poderia ter sido útil, —disse Jane quando a salvou de tropeçar em uma raiz de carvalho.

—Vim aqui desta maneira incontáveis vezes, —murmurou—. Poderia percorrê-lo estando cego.

Seguiram por uns minutos em silêncio, quando Jane perguntou por seu destino outra vez.

—Esta noite é o Chamado, —respondeu obliquamente.

Seu pulso se acelerou.

—Sim, sei.

Seria o primeiro desde que seu menino tinha nascido. Seu corpo estava desejoso, prevendo o que ocorreria entre eles. Tinha visto que Emma e Vincent estivessem na cama cedo e bem cuidados por suas novas babás dríade. A noite era dela e de Nick para desfrutá-la.

Um raio accidental da luz das estrelas caiu a um lado da frente de Nick, e lhe mostrou uma aparência cheia de significado que não podia interpretar.

—É também o tempo de Chamada de meus irmãos.

Uma imagem de Raine, o reservado irmão do Nick saltou a sua mente. Era difícil imaginá-lo envolto em um ritual de emparelhamento carnal. Lyon era um assunto diferente, mas sua mente virou ante a ideia de prever a qualquer irmão na agonia da paixão.

—Nunca pensei neles.... Fazendo isso.

—Requerem da mesma liberação no Moonful que eu. Durante os recentes Chamados, quando fiquei com você dentro do Castelo, encontraram-se no ponto de encontro no bosque sem mim.

—Mas não estão casados. Com quem o fazem?

—Associam-se com a Ninfa.

Jane digeriu isso por um momento.

—Quando ocorre, experimento sua paixão, —acrescentou Nick.

—Como faz?

—Os sátiros estão unidos pelo sangue. Sabemos quando conseguem a satisfação física os outros.

—Se você souber quando estão tendo relações seus irmãos, isso quer dizer que sabem quando estamos—?

—Tendo relações? —Perguntou, levantando-a sobre um estreito regato—. Não conhecem os detalhes concretos, somente que você me está dando prazer.

—OH! —Disse fracamente.

—Não te envergonhe. Quando um de nós é comovido pela excitação sexual, os outros estão muito felizes por beneficiar-se.

—Pergunto-me se terei tal estreita relação telepática com minha meio irmã.

Esse comentário despertou o interesse do Nick.

—Uma ideia intrigante. Terá que me dizer depois de que se reúnam com nossa família e se unam a meus irmãos. Vivemos com esta sensação entre nós tanto tempo que é já um costume arraigado. Mas é particularmente forte no Chamado. E, é obvio, o Bacanal.

—Como em uma festa do deus do vinho, Baco? —Perguntou Jane.

Nick sujeitou o ramo de um prateado oliveira densamente povoado com azeitonas para que pudesse passar antes de responder.

—É correto. É um dos três ritos que têm lugar no equinócio da primavera.

—É algo como o Chamado?

—Parecido. Mas mais apaixonado.

—Pergunto-me se sobreviverei, —incomodou-o.

Ele se deteve e a aproximou ainda mais, sua Palmas dando forma a suas costelas. Sentiu sua ereção feroz em seu estômago quando murmurou em seu cabelo.

—O júbilo físico se inchará dentro de nós em harmonia com o voltar a despertar das videiras em previsão das uvas que se incharão ao final e

arrebentarão —amadurecidas, suculentas e doces. A paixão é mais forte. Indescritível. Já verá.

Arrancou, deixando-a sem fôlego. Tomando sua mão, levou-a a profundidade do bosque que alguma vez tinha permitido que ela o transpassasse, por cima de suas cabeças, as árvores rangeram em saudação. Samambaias e espessura se separaram para ele.

Finalmente o bosque se reduziu e entraram em um extenso claro. Pálidas estátuas se vislumbraram da noite, moldando um círculo de maneira inquietantemente silenciosa ao redor deles. Brincos de neblina se frisaram e serpentearam entre as dúzias de figuras de granito. Os altares de pedra salpicavam o terreno da garganta central, como mesas de picnic antigas em um parque público.

Seus olhos foram se acostumando à luz das estrelas, e pôde ver muito mais claramente. Este era o lugar ao que Izabel havia a trazido nessa noite horrível.

Quando se moveram ainda mais profundamente dentro do clarão, viu que as estátuas retratassem a criaturas tão fantásticas como reais, todas dando forma a cenas obscenas.

Rígidos sátiros de rocha entrelaçados mesmos com múltiplos casais de sexo feminino, dando um banquete com seus peitos e enchendo cada orifício com entusiasmo em uma ou outra forma luxuriosa. Ninfas esculpidas pulavam em ardor orgiástico. E, por todos lados, veio —petrificado na pedra— fluía de jarras e urnas decorativas.

Sentia-se culpada por estudar as figuras e pela umidade que se formava entre suas pernas ante a visão das mesmas.

—Por que me trouxeste para este horrível lugar? —Exigiu-lhe.

—É o ponto de encontro sagrado, —disse-lhe—. Aqui é onde transcorrerá a Bacanal da que te falei.

—Esta noite?

—Final de setembro.

—Para que me trouxeste aqui esta noite então?

O chamado ia ter lugar aqui nesta areia estranha e selvagem?

A lua escolheu esse momento para mostrar-se, filtrando-se através da folhagem por cima de suas cabeças para banhá-los em seu brilho. Nick gemeu e

levantou seu queixo para cima para receber sua energia sagrada. A luz desbotou sua pele, chapeando suas facções, até que parecia quase um demônio.

Baixou seus olhos entrecerrados e suas mãos seguiram a curva de sua cintura para moldar suas costas.

—Trouxe-te esta noite, —disse—, para um Intercâmbio.

Jane franziu o cenho sem compreender. Antes que pudesse lhe pedir que explicasse, escutou o rangido de passos. Girando, viu o Raine e Lyon entrar por lado mais longínquo do anel sagrado.

Pararam justo dentro do perímetro, tão imóveis como as estátuas. Suas figuras estavam serenas e espectadores, seus olhares posados sobre Nick.

A compreensão começou a despertar, e com ela veio instantaneamente o rechaço.

—Certamente não espera que me dispa frente a seus irmãos. E não farei amor aqui enquanto eles nos —vigiam. —Sua voz aumentou por causa da última palavra, temendo repentinamente que isso fora exatamente o que Nick planejava.

Viu a resposta em seus olhos, sentiu-o desejar que ela estivesse de acordo.

—Completamente não! —Agitou sua cabeça grosseiramente, devorando dele—. Por que me pediria que faça tal coisa!

—É nossa maneira.

—Já estou me cansando dessa explicação.

Nick suspirou e cavou seus ombros em suas mãos.

—É necessário. Não pensarão nada mau de ti por isso. Totalmente o contrário, para falar a verdade.

—Não, Nick. Deveria haver me contado seus planos com o propósito de que pudéssemos ter falado disso antes de vir aqui.

—Não desejava te amedrontar.

—Bem, agora estou amedrontada. A ideia de me despir na companhia de seus irmãos é vergonhosa.

—É comum em ElseWorld que as mulheres se dispam ante os membros da família, —começou—. As mulheres deste mundo levam muita roupa.

—Nunca antes tinha se queixado sobre minha roupa. Por que agora?

Difundiu suas mãos em um gesto de não compreender por que não compreendia a necessidade de suas intenções e o acompanhava.

—É um Intercâmbio.

Jane olhou ao redor dele. Raine e Lyon não se moveram.

Registrou seus olhos.

—O que significa exatamente isso?

—Meus irmãos compartilharão nosso prazer conosco.

—Exatamente disse. Que exatamente imagina que passará aqui esta noite?

—Tocar-lhe-ão como eu o faço.

—Tocar? Refere a tocar meu corpo? —Chiou.

Assentiu com a cabeça.

—Unir-se-ão comigo? —Arriscou.

Assentiu com a cabeça outra vez.

—Desejas me compartilhar nessa maneira especial? Com seus irmãos?
—Murmurou incrédula.

Sua mandíbula se endureceu, mas somente assentiu com a cabeça uma terceira vez.

Caminhou para trás dele e olhou na direção da que vinham, à linha contínua de árvores. Onde estava o atalho?

—Me leve de volta.

—Jane.

Caminhou com passo majestoso além dele, mas um braço a rodeou pela cintura, interrompendo-a. Enroscou-se em seu abraço para lhe olhar com o cenho franzido.

—Se te importasse realmente, não sugeriria tal coisa.

—Importa-me. É parte de minha necessidade te proteger o que permite que deixe de lado meu ciúme. Não quero te compartilhar com outros homens. Nem sequer com meus irmãos. Mas é por esta noite somente e para seu bem que faço tal sacrifício.

—Para meu bem? —Burlou-se dele—. OH, por favor!

Suas sobrancelhas se juntaram.

—Dúvida de mim? É verdade. Devo sair para ElseWorld logo, onde serei incapaz de te intuir. Preocupo-me com sua segurança.

—A ameaça de Izabel passou. O que imagina que poderia ocorrer?

—Qualquer coisa! ElseWorld está ao bordo da guerra, e a porta entre nossos dois mundos se encontra sobre as terras Satyr. Há muitos que tentariam um ataque sobre nós para conseguir com muita dificuldade o controle dela. Um Intercâmbio criará laços que lhe conectem com meus irmãos da mesma forma que eu estou conectado com eles. Intuirão se estiver em um apuro enquanto estou ausente.

—Não.

—Jane, vê a razão.

Provou uma tática diferente.

—E se um de seus irmãos me engravida?

Levou suas mãos às suas.

—Dá-se por entendido que reterão sua semente de vida de ti esta noite. Eu também já que não desejo que carregue com dois partos excessivamente rápido.

Jane fechou seus olhos, desejando despertar deste pesadelo. Quando os reabriu, nada tinha mudado. Seu marido ainda lhe olhava com expectativa, e seus irmãos ainda se escondiam entre as sombras próximas.

—Não quero isto, Nick. Não me importa permanecer em perigo.

—E deixar a nosso filho assim, em perigo, enquanto está sob seu cuidado exclusivo?

Jane vacilou.

Sentiu a força de sua vontade lhe enrolando a mente, empurrando-a para o acatamento.

—Pare com isso! Nunca devo me fundir com você.

Nick riu entre dentes.

—Você compreenderá com o tempo. Mas não podemos esperar. Devemos começar a te proteger antes que parta manhã.

Sentiu um puxão em seu vestido e se deu conta de que estava incitando sua decisão na direção que desejava. Estava-a despindo.

Além dele, viu que Raine e Lyon tinham tomado suas ações como um sinal e tinham começado a tirar sua roupa também. Seus peitos apareceram de entre suas túnicas, aparecendo mais amplos e mais forte enquanto se revelavam à luz da lua. Queria continuar pensando neles somente como irmãos, não como homens carnis com desejos da carne. Afastou o olhar.

Logo ela e Nick estavam de pé nus dentro do silêncio da garganta.

Raine e Lyon deixaram suas roupas atiradas sobre um dos altares e se reuniram com eles. A lua escolheu esse momento para banhá-los a todos em sua plenitude, e ela a amaldiçoou em silêncio. Tratou de esconder sua nudez atrás de Nick. Mas ele pôs uma mão sobre a base de suas costas, negando-se a admiti-lo.

Beijou-a com um ar de finalidade e um sussurro de gratidão. Logo sua mão se deslizou da sua.

Seus dedos fizeram um intento frustrado de manter o contato e logo ondearam a seu lado. Cruzou seus braços sobre seu peito, sentindo-se abandonada e horivelmente envergonhada quando se moveu para parar-se junto a seus irmãos.

Os três gigantescos machos permaneciam ombro com ombro, lhe olhando fixamente. Seus musculosos torsos brilhavam na diáfana escuridão como estátuas de pedra. Apresentavam uma frente comum e se sentia pequena e sozinha.

Lyon sorriu de um modo alentador.

—É tímida, —explicou Nick.

—Mas voluntária? —Perguntou Raine.

Os três machos a olharam.

Seus dentes morderam seu lábio, mas atirou de sua cabeça em assentimento, procurando evitar jogar uma olhada a qualquer lugar abaixo de seus peitos descobertos.

Nick lhe olhou com aprovação. Uma neblina de paixão encheu seus olhos. Conhecia essa expressão vidrada. Logo não haveria raciocínio nele. Não escutaria nada mais que o desejo primitivo.

Registrou os rostos de seus irmãos e viu que estavam afligidos por forma semelhante. O hipnótico período do Chamado estava surpreendendo a

todos.

O dia tinha começado tão bem. Como tinha terminado nisso — encontrar-se só em um claro sagrado com três homens musculosos, enlouquecidos de luxúria e nus? Tremeu.

—Tomará o elixir? —Perguntou Raine. Sua voz soava sombria, urgente.

Nick captou sua expressão e viu a incerteza. Assentiu com a cabeça.

Os irmãos rapidamente serviram e compartilharam o elixir de suas próprias taças e logo as fizeram a um lado. Uma quarta mescla foi vertida em uma taça e passada a ela.

Seus peitos trocaram e se moveram enquanto tomava. Três pares olhos masculinos lhes corresponderam, como cascos de ferro atraídos por ímãs. Evitou seus olhares, mas não se perderam nenhum de seus movimentos quando bebeu.

Fogo líquido deslizou por sua garganta, e lhe deu a bem-vinda. A luz da lua fez uma piscada no brilho de rubi. Quando os últimos goles queimaram seu caminho dentro dela seus olhos se entrecerraram.

Em seu casamento e todo o tempo em que se conheceram depois, estes homens tinham sabido que esta noite poderia chegar a ocorrer. Todos sempre tinham sabido, mas não tinham acreditado. Não duvidava que seu silêncio era—a maneira Satyr.

Apoiou de repente a taça vazia em uma pedra próxima. Os irmãos não emprestaram atenção a seu aborrecimento, concentraram-se somente em seus próprios objetivos para ela. Lyon tomou a taça e a deixou em algum rincão escondido.

O silêncio caiu enquanto esperavam que o elixir alvoroçasse seu sangue. Passaram largos momentos. A névoa enredou suas pernas, escovando seu corpo com seu redemoinho.

Seus movimentos se tornaram lânguidos, e cambaleou. Levantou uma mão a seu pescoço, esfregando prazenteiramente sob a linha de seu cabelo. Seus peitos estavam grossos e pesados, seus mamilos se enrugaram e apertaram. Sua vagina se umedeceu, e seus lábios se cavaram. Profundamente em seu interior, seu sexo começou a formigar, e apertou suas coxas em um esforço de captar a sensação.

Cada murmúrio e ondulação foram notados devidamente.

—Tomem cuidado com ela, —balbuciou Nick.

Jane o olhou com olhos velados, perguntando-se o que queria dizer.

Raine assentiu com a cabeça silenciosamente. Ofereceu-se, seu corpo atraindo sua atenção quando bloqueou a seus irmãos de sua vista. Os passos avançaram silenciosamente ao outro lado do chão detrás dele. Nick e Lyon se estavam retirando, deixando-os a sós.

Raine parecia um pouco compungido, mas quando tomou seu braço e a guiou com o passar do claro foi com determinação e propósito. Facilmente levada, respirou profundamente o aroma a orquídeas. Debaixo de seus pés descalços, o musgo era esponjoso.

Detiveram-se ante a estátua maior ao final da areia. Seguiu sua figura a e olhou para cima. E acima. Em cima deles Baco reinava arrogante sobre a garganta, um aberto sorriso cortando seu rosto.

Cachos de uva, videiras e folhas entrelaçavam os brincos de seu cabelo que se frisavam com desenfreno selvagem. Sua pose era confiada e generosa em sua nudez, exibindo seu rasgo mais proeminente —um pênis enorme que se curvava a grande altura, orgulhosamente como uma vagem corpulenta.

Ménades e ninfas acariciavam ao deus com mãos e lábios delicadamente forjados. Parecia virtualmente não notar sortes cuidados, logo que as agradecendo. Em vez, as fossas côncavas de seus olhos pareciam enfocados nela.

A tibieza a rodeou quando Raine se localizou a suas costas. Fortaleceu sua Palmas em cima do pedestal de pedra quando suas mãos em sua cintura a levantaram grande altura para inclinar-se contra seu corpo.

—Encontra os apoios para o pé, —ensinou-lhe.

Seus dedos dos pés subiram até que encontraram dois entalhes aproximadamente a quarenta centímetros do chão. Os apoios para o pé estavam separados a longitude de um braço separadamente e mantinham suas pernas separadas. Havia entalhes similares a diferentes alturas e intervalos que tocavam a base da estátua. Sempre em pares.

Sentiu Raine levantar ficando em posição atrás dela. Músculos se agruparam com o passar do dianteiro das coxas masculinas que se alinharam com o dorso dos seus.

Uma pesada palma apertou suas omoplatas, movendo suas plumas. Empurrou para frente até que esteve dobrada pela cintura sobre a base da estátua. Sua postura era de adoração, de suplicante. Se tivesse tratado, podia ter estendido a mão e seguido a aranha de hera nos pés de Baco.

A pedra que embalou seus peitos tinha sido esfregada em sutis entalhes emparelhados. Quantas outras mulheres tinham sido levadas aqui por machos Satyr durante os séculos? Perguntou-se. Quantos outros peitos se esfregaram aqui e suavizado a pedra até lhe dar brilho?

Soltou um coice de surpresa quando um dedo e polegar abriram as bochechas de seu traseiro. Algo empurrou na abertura franzida mostrada na divisão de seu traseiro.

Um pênis.

Ele cravado, procurando entrada sem autorização.

Outra navalhada simultânea pressionou na fenda escura entre suas coxas.

Assim ia ser um acoplamento duplo. Não tinha ousado olhar, mas se perguntou se os corpos dos irmãos de Nick trocavam do mesmo modo que o seu durante o Chamado. Agora tinha provas de que o faziam.

As coroas de veludo a perfuraram, estirando suas entradas além do que parecia possível e logo provavam possível quando Raine pressionou para dentro. Abriu-a lentamente centímetro a centímetro, tomando cuidado, tal como Nick tinha feito.

Um pouco da neblina sensual se dispersou para ser substituída pelo medo e a incerteza. Seu corpo se sentia pouco familiar. Equivocado.

O fôlego do Jane se enganchou em um soluço repentino.

O empurrar cessou repentinamente. Raine curvou sua palma sobre seu quadril, reconfortando-a. Somente soluçou mais duro.

—O elixir, —disse em uma voz amável—. Pensamos... mas esperarei e o deixarei fazer pleno efeito. Me diga quando esteja preparada.

Permaneceu de pé imóvel por alguns momentos, com somente os primeiros centímetros de seus membros metidas em seus compartimentos íntimos. Ocasionalmente suas genitálias tremiam, e sabia que seu desejo de terminar o ato devia ser grande. Seu domínio era admirável, mas não podia agradecer-lhe completamente em sua angústia atual.

O elixir correu por suas veias mais energicamente, lhe levando calma e boa vontade com ele. Suas passagens se umedeceram. Tinha aceito participar disto. Tratou de relaxar-se para ele.

Os nódulos do Raine branqueavam onde aferravam a pedra a seus lados

e intuía seu desespero crescente.

—Posso seguir? —Perguntou por fim, sua voz culta fez um grande esforço.

Tomou uma respiração defeituosa e logo assentiu com a cabeça. Ante a primeira inclinação de aceitação por sua parte empurrou profundamente. Esta vez ela não se acovardou quando seus apêndices procuraram o refúgio de seu corpo.

Cravou-se nela, estremeceu-se. Igual a seu irmão mais velho, encheu-a além do que era confortável.

Quase imediatamente, seus quadris se retiraram, só para empurrar ao mesmo tempo contra ela outra vez. Tratou-a com o comportamento rígido que o tipificava. Sua retirada e penetração era controlada, rítmica.

As ideias giraram em sua cabeça enquanto trabalhava. Realmente estava sendo fodida pelo irmão de seu marido aqui neste bosque? E seu marido concordava? Para falar a verdade, estava olhando? Uma e outra vez o que antes tinha parecido inimaginável se fazia verdade aqui sobre as terras Satyr.

Ao final, Raine começou a deixar de ser considerado com sua comodidade. Gemidos relutantes foram arrancados dele.

Sacudia-las de seus peitos tiraram brilho à superfície de pedra enquanto a penetrava. Outra vez se perguntou quantas outras mulheres tinham sido atravessadas aqui sobre este altar. Com o consentimento de seus maridos, tinham pedido seu prazer aqui com homens que não eram seus maridos? Sentiu uma florescer uma estreita relação com elas.

Raine murmurou palavras desce, que devia ser o idioma sátiro. Estas tocaram uma fibra profunda dentro dela. Sua mente e corpo estavam relaxados agora, aceitando-o.

Sua mão grande envolveu a longitude de seu cabelo ao redor de seu pulso para sustentá-la ante sua investida cada vez mais poderosa. Seu pescoço se arqueou, e sua cabeça se levantou para encontrar o olhar de Baco. Sorria-lhe com benevolência para baixo, aprovando seu sacrifício.

Quando a liberação ameaçava, lutou contra ela. Tinha sido um jogo antes, quando Nick se havia aparelhado com ela sob a aparência de ser outros homens. Mas isto era tudo muito real. Não desfrutaria da carícia de outro macho, inclusive sob a instrução de seu marido. Não o faria.

—Relaxe, —apontou Raine com um tom sombrio—. Seu desfrute final é necessário para terminar o Intercâmbio.

—Não, —gemeu, apertando seus punhos.

Mãos masculinas deslizaram debaixo de seus braços para encontrar seus peitos. Atiraram de seus mamilos já suspensos e inchados, pressionando-os cuidadosamente contra a superfície de pedra acariciando-os ao ritmo de seus empurrões generosos. A luxúria disparou fortemente desde seus peitos a seu centro.

Quando o orgasmo não pôde ser já mantido, entregou-se a ele. Raine sentiu que começava o ordenhar e suas mãos se apertaram em seus quadris. Inundou-se completamente e um golpe final e uniforme.

Com um bramido surdo, esmagou-a jogando, jogar sêmen morno, fraternal dentro dela. Acima, sentiu o prazer de Baco tomar conta deles.

Mãos a acariciaram, não sabia de quem. Nick e Lyon tinham retornado inclusive enquanto suas malhas ainda palpitavam ao redor dos membros de seu irmão. Raine permaneceu firmemente acomodado dentro dela enquanto três vozes participavam juntos em algum ritual, mas bem cantado desconhecido para ela. Ao terminar, um sentimento estranho a atravessou como um véu claro e reconfortante de magia.

Então Raine se retirou mecanicamente. Ela aferrou a superfície de pedra para conservar seu balanço e piscou olhando-o quando ele e Nick partiram.

Deixando-a a ela a sós com Lyon.

Embora Nick tinha parecido estar sofrendo as torturas do maldito, não tinha devotado nenhuma palavra de consolo ou amor. Sentia-se abandonada.

Lyon atirou dela de seu cabide. Caiu contra ele, mas se separou rapidamente de sua musculosa.

—Veem, —disse-lhe, levando a mão—. Incomodaremos ao Nick um pouco, não parece?

—Não estou segura que isso ocorra, —resmungou.

Enquanto caminhavam juntos, o ligeiro sacudir de seus peitos descobertos a envergonhava, isso e o novo estado tomou conta entre suas coxas e a fenda de seu traseiro. Tudo no que podia pensar era em que acabava de ver seu irmão fornicar com ela. Que estava planejando fazer o mesmo.

Olhou o passe do chão sob seus pés. Fragrante hortelã de Córsega e pregos azuis de lavanda cresciam em frondosos baixos que bordeavam o atalho musgoso. Pela esquina de seu olho viu Nick e Raine a certa distância, observando-os. Nick podia ver como que se prendeu ao eixo de Raine como

consequência de sua união? O aroma de sua excitação sexual sobre o corpo de seu irmão o atormentava?

Lyon a levou a um lugar diferente sobre o altar do Baco onde a pedra moldava uma ponte arqueada a um metro oitenta sobre pequenas piscinas. Ali uma fonte da água fresca gotejava de cântaros sujeitos por três ninfas com facções cativantes e líquen no cabelo. Caía em cascata sobre o bordo da ponte em uma ampla lâmina que se derramava às piscinas abaixo.

Sujeitou seu braço como se a ajudasse a subir a uma carruagem. O gesto cavalheiresco a golpeava como ridículo em tais circunstâncias, mas tomou sua mão, entretanto.

Com seu suporte, subiu à parede escalonada que rodeava a piscina. Onde suas costelas se apoiaram na ponte, a cascata se deteve e encontrou uma nova rota, derramando-se ao redor dela para gotejar por seus flancos suas equipes.

Este novo cabide a sujeitava olhando para fora, para a garganta descoberta. A ponte obscurecia somente uma tira estreita em sua cintura. Quando olhou direito diante, seu olhar se encontrou com o de Nick. No lugar em que estava de pé, ele e Raine tinha uma visualização frontal direta de seus peitos, quadris e pernas!

Olhou para Lyon por sobre seu ombro e tratou de retirar-se.

—Não aqui. Verão muito.

—Cabe a mim escolher o lugar, —disse-lhe.

Antes que pudesse discutir mais, os pés do Lyon encontraram um degrau maior que sobressaía da rocha da base da parede da piscina justo debaixo da sua. A dureza e o aroma dele a afligiram quando se apoiou sobre ela e se pressionou ao longo de suas costas.

Flexionou os joelhos e se deslizou mais abaixo atrás dela. Fez uma pausa, com o propósito de dar a seus irmãos a visão de seu pênis entre as pernas de sua cunhada.

Endireitou-se devagar. Seus pênis gêmeos foram recebidos por suas portas desprotegidas. Ante a espetada carnal de Lyon, viu Nick começar a avançar para frente e logo conter-se. Lyon era muito valente ou muito estúpido ao incitar seu ciúme com esta exibição flagrante.

Lenta, muito lentamente a atravessou. Suas malhas estavam sensíveis pelos cuidados de Raine, e sentiu o ingresso de cada centímetro. Era colossal,

mas seu corpo, sua mente, não resistiu. Ao final seu arbusto cobriu seu traseiro e se afundou por completo.

O calor e o almíscar dele a rodearam. A sensação repentina de plenitude e cativo era muito. Gemeu.

A palma de Lyon se deslizou sobre seu estômago sua mão amplamente aberta para segurá-la. Nick não deixaria de notar o gesto possessivo.

Jane o escutou grunhir e viu Raine contê-lo.

Lyon trocou de lugar seus lábios detrás de sua orelha.

—Não me odeie, irmã. Em um Intercâmbio é melhor despertar o ciúmes do marido. É estranho para ti, imagino. Mas é nossa maneira.

Jane pôs os olhos em branco acima de tudo este também familiar descarrego de responsabilidade, mas na postura em que estava Lyon não o viu.

Ficando à pronto, começou a descarregar seu cio sobre ela com golpes enérgicos. Outra vez sentiu a diferença —a forma e o tamanho de um homem ao que não estava acostumada e que não era seu marido. Suas coxas de pelagem pressionaram os seus totalmente aberto raspando-a delicadamente enquanto empurravam e se retiravam. As mãos sobre seus ossos pélvicos arqueavam seus quadris para trás, abrindo-a para que seus galos entrassem.

Baco olhava este emparelhamento de um ângulo diferente do último. Sentia seus olhos ávidos sobre seu traseiro que se balançava em sincronia com o empurrão rítmico de Lyon.

Seus peitos penduravam sobre a pedra, golpeando e deslizando-se na escorregadia lâmina que caía em cascata sobre ela. O brilho frenético fervia, banhava-a e aliviava. Ela cavou suas mãos sobre seus peitos, levantando-os fora da excitação, afastando-a. Mas quando o empurrar de Lyon se intensificou, perdeu e simplesmente suportou a carícia fria da corrente.

Este era um homem que se deleitava na fornicção e não se envergonhava de mostrá-lo. Deleitava-se em sua tarefa e gritava o desfrute de seu corpo para que todo mundo soubesse. Cumpridos e estímulos acentuaram seu emparelhamento, exortando-a para o prazer. Seus irmãos não poderiam captar suas palavras, mas seu deleite seria evidente.

O vocabulário de Lyon delegou quando sua necessidade o surpreendeu.

—Umm, Merda. Bom, —murmurou. Então, — goze por mim, irmã.

Jane se desiludiu ao sentir a excitação florescer outra vez. Embora sabia

que o elixir era responsável em parte, rechaçava o êxtase que sua relação sexual estava-lhe causando. Agitou sua cabeça, lutando contra a crescente quebra de onda de excitação.

Seus dedos separaram seus cachos molhados, procurando. Seu pescoço se arqueou, e pendurou suspensa sobre um precipício de necessidade. Então levantou seus clitoris e esfregou OH tão brandamente. Ela gritou.

Através de suas pestanas chorosas, Jane viu Nick chegar ao final de sua corda. Raine logo que pôde contê-lo enquanto o orgasmo a atravessava. Lyon explorou em uma ejaculação feroz. Sua cálida corrida a alagou para mesclar-se com a que Raine já tinha depositado. Ainda estava estremecendo recebendo as últimas gotas de sua nata quando Nick e Raine se reincorporaram a eles.

Ficou recostada, branda e dócil sobre a ponte de pedra com o Lyon em suas costas. Mais dessas guturais palavras Sático foram cantadas sobre ela. Outra vez, esse sentido estranho de fusão vagou sobre ela.

Então Lyon se retirou.

Braços familiares a rodearam. Quando caiu neles, Nick a apanhou e a carregou, esmagando-a contra ele. Suas mãos acariciaram seu cabelo úmido e o alisaram sobre sua pele molhada. Relaxou-se contra ele com alívio.

A umidade embaraçosa era mais profusa agora. Agarrava-se a seu arbusto, gotejava de suas aberturas e manchava o interior de suas coxas enquanto Nick a levava. Aturdida, foi com ele, sabendo para onde.

Na entrada da cova, três árvores antigas se inclinavam para baixo, formando um arco vivo que quase ocultava a entrada de rocha. Nodosas raízes de carvalho, Fresno, e espinheiro se entrelaçavam para moldar degraus de um desenho tão formoso que pareciam planejados por um artesão experiente.

—Onde o carvalho, o Fresno e o espinheiro se juntam, as fadas se encontram, —murmurou Jane, citando a lenda da tríada Fadas da Inglaterra.

Nick lhe deu um apertão alentador a seu braço.

Os quatro cruzaram através da abertura que as árvores proviam e logo entraram em uma habitação enclausurada. Cheirava a uma fermentação antiga de musgos, ervas, videiras, e as almas amadas e intuía sua santidade.

Quando seus olhos se acostumaram à ausência da luz da lua, viu que suportasse um altar desço no meio de um atalho. A rota continuava um pouco mais diante, terminando em um vazio do que uma aura poderosa de magia emanava.

Um corpo morno se ajoelhou detrás dela. Nick. Agarrou seus quadris e a devorou sobre seus joelhos ante ele.

—Onde estamos? —Perguntou em um tom muito suave.

—É o lugar aonde EarthWorld e ElseWorld se encontram, — disse-lhe. — Escolhi este — o mais sagrado de todos os lugares de união — para fechar o círculo do Intercâmbio.

Raine e Lyon paravam seus flancos, olhando enquanto a encurvava sobre este altar final. Algo fez cócegas a seus peitos. Moldou suas mãos por debaixo, encontrando um almofadão de tomilho e frágil de musgo de fada que cobria o altar.

Pênis gêmeos encontraram suas entradas vaginais e anais. Sua carne estava muito sensível, mas conhecia bem este corpo e lhe deu a boas-vindas. Seu marido.

Nick gemeu seu alívio quando se conduziu a seu interior. As sobras de seus irmãos pavimentaram seu caminho, sendo esta terceira união uma excepcionalmente fácil. Era um fato não podia lhe passar despercebido. A penetrou forte e sem nenhuma piedade. A força de seu emparelhamento era, suspeitava, motivada por seu desejo de marcá-la como própria.

Olhou por volta de seus peitos e viu que terminavam agora nesse estranho brilho azul prateado. Em outro tempo pôde ter sentido vergonha de que seus irmãos o presenciassem. Mas não agora.

Nick o viu e se tornou selvagem. Seus pensamentos perfuraram os seus.

Não ocorreu com os outros. Somente para mim.

Somente para ti, repetiu sua mente.

O orgasmo se inchou rapidamente entre eles, cada sensação construída sobre as outras experiências. Alcançou o topo e logo paralisaram quando sua semente irrompeu em seu canal para romper contra seu útero.

Podia sentir cada gota de sua corrida encontrando-se e estabelecendo laços com a de seus irmãos. Três poções masculinas distintas fundindo-se dentro dela para moldar uma mescla poderosa que prolongou suas convulsões interiores até que foi sugada em um negrume de veludo.

Quando voltou para a superfície, o sabor fortemente acre de terra fresca e musgo invadiam suas fossas nasais. Em cima dela se pronunciavam brandamente palavras provenientes de três vozes masculinas. Seu canto se teceu ao redor dela, fechando-a dentro do amparo que o Intercâmbio desta noite tinha

formulado.

Sem falar, aceitou o que ofereceram e sentiu sua gratidão em troca de sua compreensão. Raine e Lyon se retiraram da câmara, movendo-se sob a luz da lua.

Nick lançou um grunhido quando seu segundo pênis se retraiu em sua pélvis. Seu outro pênis permaneceu grosso e preparado, ainda metido em sua fenda estremecida.

—Uma pausa, marido, —sussurrou.

Retirou-se dela e a inclinou contra ele.

—Sinto muito. Você é pequena, e estivemos muito desejosos com você.

Por sobre seu ombro, através do marco de árvores que moldavam a porta à câmara, Jane observou Raine e Lyon mover-se pela garganta. Observou a neblina ao redor deles cintilar e logo solidificar-se em formas femininas. Observou às Ninfas materializar-se por magia.

Uma delas se afundou sobre seus joelhos ante Lyon. Suas mãos acariciaram suas coxas enquanto levava seu membro erguida a seus lábios. As mãos dele se cavaram aos lados de sua cabeça, sujeitando-a firmemente enquanto começava a penetrar sua boca.

Outra Ninfa acariciou o peito de Raine, escovando seus mamilos. Ele cavou seu traseiro para levantá-la. Envolveu suas pernas ao redor de sua cintura e separou seus lábios com uma mão enquanto dirigia seu membro a seu interior. Seus olhos se fecharam quando se sentou profundamente e começou a balançá-la.

Jane gemeu.

—O que aconteceu? —Perguntou Nick.

Pressionou seus peitos azuis inclinados contra seu peito e deixou que o pelo de seu corpo a massageasse.

—Posso sentir sua excitação sexual, ou algo dela, —disse com surpresa. Suas sobranceiras se uniram—. É um sentimento estranho. Não estou segura de que gosto.

Nick se sentou e a levantou sobre seu colo, ela pôde senti-lo duro contra seu quadril.

—É o resultado do Intercâmbio. Agora está conectada com todos nós.

Com o tempo terminará achando isso normal.

—Não quero me associar fisicamente com eles outra vez.

—Não há necessidade. Agora está protegida pelos laços familiares constituídos irrevogavelmente esta noite. Estou contente de que possa permanecer segura a seu cuidado enquanto esteja em ElseWorld.

—Sinto a verdade disso. Isto foi muito estranho. Nunca pensei em transar com outro homem que não fosse meu marido.

—Imagino que tem feito muitas coisas que alguma vez pensou fazer desde que veio, —disse—. Alguma agonia?

Sorriu-lhe e agitou sua cabeça devagar.

Jane escutou Raine gemer na distância e a sensação que sentiu fez que seu clitóris respondesse. Sua mão se moveu para baixo, mas se deteve antes de começar a esfregar-se com ela, muito tímida. Com sua mão pressionada sobre a sua, ele moveu os dedos entrelaçados prazenteiramente através de sua umidade.

—É como um eco de seu prazer, —murmurou ela.

Sua respiração era um sussurro quente contra seu pescoço, sua mão urgente sobre a sua.

—Sinto muito, também. Uma forte agitação que me leva para o clímax.

—Um útil acontecimento fisiológico com o propósito de perpetuar sua raça, presumo. —Gemeu ante a sensação que seus dedos estavam causando.

—Falando do qual....

Colocou-a sobre uma cama de musgo brando, obviamente planejada para continuar seu emparelhamento na privacidade da cova.

—Haverá mais surpresas? —Perguntou, rodeando seu pescoço com seus braços.

Ele beijou um lado de sua garganta.

—Decisivamente.

Deu toquezinhos em seu queixo com uma ponta do dedo.

—No futuro, possivelmente me advertirá antes?

Sorriu-lhe com gosto.

—Considera isto uma advertência então. Algo está a ponto de te

surpreender.

Aaaah!! —Lançou um gritinho afogado quando o buscador se abriu passo dentro de sua vagina, bebendo a nata e curando seus arranhões.

Ela se relaxou ante seus cuidados.

—Uma surpresa bem-vinda, marido, para ser usada urgentemente.

Beijou sua frente, arrependido.

—Sinto muito.

—Foi duro, —disse-lhe, retorcendo-se—. Aah!!—mas começo a curar.

Momentos depois, o trabalho do buscador apareceu. Nick o bateu a um lado e se deslizou sobre ela.

—E agora, esposa, está advertida que minha língua, dedos e pênis planejam te surpreender repetidamente nas horas que faltam até que finalmente chegue o amanhecer.

Abriu suas coxas e sorriu, acolhedora. Estendeu as dobras arrepiadas de seus lábios, exibindo seu coração mais vulnerável para o beijo de seus lábios, o golpe de sua língua.

Suspirando, relaxou-se e deixou que seus dedos separassem seu pelo. Quando eles se meteram ali, ele deixou cair uma suave chuva de beijos por todo seu corpo. Quando seu eixo encontrou e perfurou seu coração inferior, o júbilo perfurou sua alma.

Esta noite tinha sido realmente aceita em seu clã tanto a mente como na carne. Tinha acreditado nela suficientemente, tinha-a querido o suficiente para escolher esse lugar que significava tanto para ele e para os seus para que se unissem.

—Que afortunado sou por encontrar você! —Murmurou Nick.

Afortunado. Não havia dito que a amava. Mas a necessitava, pelo menos para isto. Porque ela se converteu em sua preferência para os compromissos carnavais e era a mãe de seu filho, tinha-lhe devotado uma casa e seu amparo. Ela e Emma estariam protegidas como se tivessem nascido nessa família.

Era aquilo que tinha desejado sua vida inteira. Não seria mal-agradecida. Deixá-lo-ia ser suficiente. Por agora.

—Eu, também, sou afortunada, —sussurrou.

Essa noite ele partiu para ElseWorld através da parede na cova, deixando tanto a ela como EarthWorld para trás.

CAPÍTULO 32

Jane cantarolava quando ela e Emma deixaram o jardim do Castelo e entraram no bosque a manhã seguinte. Foram procurar flores para a versão do relógio do Linnaeus da Emma. Faltavam-lhes somente dois agora, tendo encontrado as outras dez, cujas pétalas se abriam e fechavam de acordo ao passo das horas.

Sua mente transbordava de pensamentos sobre noite prévia quando tinha abraçado completamente sua marca especial de sexualidade e a de seu marido. A carnalidade era sua para ser explorada nos anos por vir. Com o tempo, esperava que chegasse a amá-la. Mas neste momento, estava contente.

Se não tivesse estado preocupada com tais reflexões, poderia ter notado que estavam sendo seguidas. Depois de que entraram no bosque, seu perseguidor se apresentou finalmente ante elas.

—Papai! —Exclamou Emma com surpresa.

Jane girou para encontrar a seu pai —não, Senhor Cova, que não era seu pai— aparecendo detrás formando uma barreira entre elas e o Castelo.

—De onde veio? —Exigiu sem compreender como tinha permitido o muro de poder que um desconhecido invadissem o bosque.

—Segui-te, —resmungou.

Tinha estado lhes seguindo os passos. Já que o bosque a aceitava agora e a Emma lhes permitindo entrar, devia ter aceito a alguém a quem percebia que sem dúvida era seu acompanhante.

Cova olhou fixamente ao redor da garganta, oscilando sobre seus pés. Estava bêbado. Nunca o tinha visto tão desalinhado e descuidado.

—Lugar maldito, —balbuciou—, Levar minha Izzy.... Vão pagar...Lugar deixado da mão de Deus e seus proprietários pagãos.

Jane e Emma se aproximaram a uma à outra, olhando-o cautelosamente.

—Nick não teve nada que ver com a morte de Izabel, —arriscou Jane.

Cova tirou uma caixa de madeira pequena de seu bolso.

—Uma erupção sobre todas as casas Satyr! —Citou incorretamente aturdido. Abriu a caixa, girou-a ao reverso, e deixou que as folhas esmiuçadas

que continha fossem pulverizadas pelo vento.

Jane olhou, não tratou de impedi-lo, não compreendendo a verdadeira gravidade de suas ações até que era muito tarde.

A caixa vazia desceu de seus dedos ao chão. Riu com sua tola risada de bêbado.

—Erupção em uma caixa.

O horror caiu repentinamente sobre ela e Jane girou, olhando os fragmentos de folhas passar roçando e flutuando sobre o estau acostumado a levadas pela brisa. Havia centenas —muitas para as recuperar a todas, agora que se encontraram um refúgio combinando-se com o terreno.

—O que tem feito?! —Chiou.

Emma deixou cair sua cesta, agarrando suas mãos.

—O que? O que fez?

—Trouxe a erupção aqui sobre essas folhas. A propósito, para contagiar as videiras, —disse Jane.

—Sempre foi rápida para o estudo, filha de uma rameira, —disse Senhor Cova—. Assim isto escuta: quando as videiras se seque e morram, também fará seu marido. E seus irmãos. Izzy disse que o sátiro necessita essas trepadeiras para viver. Meu pobre, amada Izzy. Ohhh.

Ante a lembrança de Izabel, tomou sua cabeça em ambas as mãos e se desarmou em soluços.

—É verdade o que diz? —Perguntou Emma ao Jane.

—Volta para casa e traz para Faunus, —insistiu-a Jane—. Lhe diga que...

Cova jogou Jane para o lado e agarrou o braço de Emma, suas lágrimas havendo-se secado rapidamente.

—Não permitirei que fique neste lugar perverso, menina. Você voltará para casa comigo e servirá a seu pai como deve fazer uma boa filha.

Emma olhou Jane, insegura.

—Devo ir?

Tudo dentro do Jane se rebelou. Emma devia ficar com ela, segura sobre as terras Satyr. Embargada por uma terrível cólera, as plumas em suas

costas se moveram.

—Não. Não agora, —sussurrou Jane sentindo a mudança e temendo o que poderia ocorrer depois. Espontaneamente, as plumas se precipitaram através das costas de seu vestido e brotaram. Desdobraram-se gloriosamente em asas translúcidas que batiam as asas! Em seu movimento, seus pés se separaram uns centímetros do chão.

Emma a olhou, muda do susto.

—Deixe-a, —falou Jane ao homem que abraçava sua irmã.

Cova retrocedeu temeroso e logo fugiu, tropeçando no chão do bosque.

—Bruxa! Bruxa! Contarei! Vê se eu não!

Jane gritou.

—Recorda que todos dirão que se você é meu pai, você também deve estar manchado. E certamente um bruxo, também. —Somente esperava que a ameaça o contivera.

Como consequência de sua partida, as plumas em suas costas se renderam juntas tão prolixamente como o leque de uma dama e se escorregaram em sua pele. Seus pés posados de novo sobre a terra. Lançou um olhar a Emma, tendo medo pelo desprezo que estava preparada a ver em seus olhos.

Mas Emma estava sorrindo abertamente.

—Sabia o que podia fazer com as plantas. Mas não sabia que podia fazer isso!

Jane riu com alívio.

—Se serve de desculpa, eu também não. Veem, vamos pelos cavalos. Nick e Raine estão ausentes, mas devemos procurar Lyon e lhe informar o que aconteceu.

Juntas, retornaram depressa para o Castelo.

—Quando adivinhou o que posso fazer com as plantas? —Perguntou Jane enquanto corriam.

—Faz muito tempo. Podia distinguir que estava envergonhada sobre isso, assim não revelei que sabia. Mas não estava a par das asas. Também crescerão em mim?

—Não. Nick me disse que as tenho porque meu pai era, para falar, a verdade alguém além dele.

—OH! —Exclamou Emma, soando desiludida ao digerir a notícia.

Jane não sabia se a consolava ou sorria.

—Por anos me preocupei que apresentasse sinais desta mancha. E agora diz que queria tê-la?

—Por que não quereria ter asas? São bonitas, —disse Emma. Então sua frente se franziu de preocupação—. Mas se papai não for seu pai, ainda somos irmãos?

Jane assentiu com a cabeça.

—Sempre. Somos meio irmãs por sangue e irmãs completas pelo amor. Você viverá no Castelo comigo a partir de agora.

A mão pequena da Emma se escorregou na sua enquanto alcançavam sua casa.

—Estou feliz.

À manhã seguinte, Jane se passeava de um lado para outro ante a entrada para o ElseWorld na cova sagrada inundada no profundo do bosque Satyr. Tinha estado aí do amanhecer aguardando a volta de Nick. Ontem ela e Emma tinham visitado Lyon e o tinham encontrado já doente pelos efeitos antecipados da erupção. Tinha deixado que Faunus e Emma cuidassem dele antes de vir até ali.

Raine estava ausente, e não tinha nenhuma maneira de saber se também se debilitou. Mas parecia provável. Nick estava doente, também? Não podia intuí-lo, longe nesse outro mundo. Deveria ir até ele? Lyon lhe tinha feito prometer que não o faria, porque dizia que não era seguro.

De vez em quando, quando caminhava de um lado para outro, escutava os gritos da farra de trabalhadores da vinha em suas casas fora da região Satyr. Uma festa local estava em marcha assim não viriam à propriedade hoje. Sua alegria parecia surrealista em vista de seu terror.

Era já avançada a tarde quando Nick caminhou através das portas, finalmente de retorno a EarthWorld. Seu rosto estava cansado, seu corpo exausto.

Desabou-se contra a parede da cova e levou uma mão a sua cabeça.

—Estou doente, Jane. Envenenado. Também sinto a enfermidade de meus irmãos. O que está ocorrendo?

Jane envolveu seus braços ao redor dele, desejando poder levar-se sua dor.

—É a erupção. Apresentou-se na propriedade e está adoecendo as videiras. Te adoecendo e seus irmãos.

—Merda.

Ela rebuscou em sua cesta.

—Trouxe uma mescla de ervas. Um remédio que dei Lyon. Deve tomá-lo. Tenho esperança—

—Não. Não bastará. —Afastou a sua cabeça do que lhe oferecia e se empurrou da parede de cova, apoiando-se com seu peso contra ela, um braço ao redor de seus ombros—. Me leve às videiras que se encontram no alto sobre o ponto de encontro.

—Mas...

—Por favor. —Sua voz era um sussurro débil e rouco.

Jane pôs um braço sobre sua cintura, e com uma fortaleza proveniente do terror o guiou fora da cova. Levou-o além das estátuas com seus olhares solenes e além da garganta. Seus passos eram plúmbeos e inseguros. Enquanto subiam, tropeçou com uma raiz e se cambaleou, quase ao ponto de cair.

—Um descanso, —pediu. Seus ombros estavam inclinados, desesperado.

—Não! Vamos!! —Gritou, sacudindo-o. Arrastou-o sobre seus pés, e avançaram com dificuldade.

Na entrada para a vinha, comporta-as se menearam aberto, perspicaz e lhe dando a bem-vinda, antes que alcançassem as trepadeiras, seu corpo inteiro doía por sustentá-lo.

Nick se desabou no bordo da vinha, caindo jogado sobre suas costas sobre uma parcela de terra nua entre as fileiras.

Jane se ajoelhou a seu lado, rogando que não tivesse morrido.

—O que faço agora?

Não respondeu. Seu corpo estava sem vida, sua respiração era irregular.

Apoiou sua mão sobre sua mandíbula e tratou de fundir-se com ele. Sob suas mãos, sentiu sua mente passar.

—Não pode me deixar, Nick, —soluçou—. Temos que criar Vincent. E nossos outros meninos?

—Temos mais? —Perguntou. Sua voz soava confusa, desorientada.

—Falo dos meninos ainda não concebidos. Agora, me diga! Por que viemos aqui? O que posso fazer?

Ela se forçou a tranquilizar-se. Sua dor a debilitaria se o deixava. Para salvá-lo tinha que manter-se racional.

—Curar, —balbuciou.

—Curar? Curar? — O que quer dizer? Balançou-se para trás, e sua mão roçou sem querer uma raiz próxima. Regenerou-se, enchendo-se de vida com um novo verdor. Mas a cor somente se estendia além da raiz a uns centímetros de seu caule.

Ficou de pé e olhou as fileiras intermináveis.

—Não posso as tocar a todas elas. Não a tempo.

—...nutrir a terra.... —Falou entre dentes—. ...as raízes vão por debaixo....

A phylloxera tinha contagiado as trepadeiras pela terra! A terra era o que seu corpo devia limpar.

Rapidamente começou a rasgar sua roupa. Desprende-se de seu vestido e anáguas. Seu espartilho era impossível.

Deitou-se apoiando sua pálida pele sobre a terra morna e esmiuçada. Quando seu corpo se uniu com a terra deixou que a energia banhasse as raízes das videiras.

Sua dor a golpeou, tirou-lhe força, mas então o veneno da erupção a passou e foi desaparecendo, abandonando-a enquanto o fazia.

Ficou de pé outra vez, dando sombra a seus olhos para medir as videiras ao redor deles. As trepadeiras brotavam reverdecidas, renovadas, rejuvenescidas. Mas então olhou mais longe, à próxima colina. As trepadeiras permaneciam ali negras e murchas. Como fazer o mesmo sobre todas as colinas circundantes.

Nick murmurou algo.

Deixou-se cair de joelhos a seu lado.

—Falhei. Sinto-o tanto.

Sua mão trocou de lugar a seu de seu peito e a colocou entres suas pernas.

Ela a retirou. Inclusive ao bordo da morte queria sexo?

—Nick! Não seja ridículo.

—As cure...Através de mim. —Apoiou sua mão cavada entre as pernas através de suas calças—. Semente de vida. Nova. Sexo.

Repentinamente compreendeu. Sua alma estava entrelaçada com estas trepadeiras. Seu acoplamento, aqui sobre esta região, infundiria a energia necessária às trepadeiras e assim a ele?

Atirou nos fechamentos de suas calças, quebrando em sua aflição.

Ele riu entre dentes e tocou um de seus mamilos com a ponta do dedo.

—Libertina.

—Quieto.

Quando suas calças se abriram, quase chorou. Seu membro estava mole!

Tomou entre suas mãos, esfregando-o, atirando brandamente. Não reagiu.

Provou com sua boca, trabalhando-o com seus lábios e língua, simulando o ato sexual.

Começou a inchar-se. Era suficiente?

—Nick! Veem em cima de mim, —disse-lhe—. Tenho que me jogar sobre minhas costas para ter um contato completo com a terra.

—Não posso, —resmungou.

Tornou-se sobre suas costas e tentou fazê-lo rodar sobre ela. Impossível. Desesperava-se, tentou-o outra vez e logo gemeu se desesperada. Tinha decaído.

Sua falta de interesse a aterrorizava. Antes sempre tinha estado preparado para cada aspecto do comportamento carnal.

Com determinação se deslizou sobre ele, esfregando-o com sua vagina. Inclinou-se perto para sussurrar brandamente as cruas palavras de sexo — a classe que gostava. Respirando-o, mendigando, persuadindo.

Baixo ela, seu eixo se espessou e se inchou. Levantou-se um pouco

sobre ele para encontrar sua ponta. Com sua mão, forçou o membro semiereto alguns centímetros dentro de seu canal.

Levantou suas mãos a suas coxas e pressionou. Seus olhos se abriram.

—Parece cansada, esposa, —murmurou.

Era absurdo, descuidado com sua situação. Mas estava vindo à vida.

Seus joelhos se estavam enchendo com grãos de arranhar na terra vulcânica a seus flancos.

—Roda sobre mim. Pode? Necessito que esteja em cima.

—Tão total, —incomodou-a. Suas pálpebras se fecharam.

Pegou-lhe no ombro.

—Mexa, Nick!

—Ai!! —Olhou-a com expressão doída.

—Temos que trocar de lugar. Necessito maior contato com a terra.

A consciência relampejou em seus olhos. Com uma respiração muito forte, levantou-se do chão e inverteu seus postos. Isso foi muito para ele e se desabou sobre ela, forçando seu membro mais profundamente. Logo permaneceu tendido imóvel sobre ela.

Dirigiu sua Palmas sobre suas musculosas costas e seu traseiro e deixou que seus dedos seguissem a fenda de seu traseiro. A ponta de um de seus dedos aguilhoou sua abertura franzida.

O que moveu convulsivamente e seu membro se fortaleceu. As arrumou para mover seus quadris no mais nu dos ritmos.

Fazendo um grande esforço, ela estendeu a mão para adquirir um melhor acesso. Ele emitiu um grito afogado quando seu nódulo se introduziu profundamente, penetrando-o.

—Nata, —protestou contra sua garganta.

—Não tenho nada.

—Então, pare. —Forçou sua mão a abandoná-lo. Mas os empurrões de seus quadris se fez mais fortes e mais controlados.

Agora que tinha sua cooperação, trocou sua concentração. Sua mente se moveu empurrada pela corrente, lhe pedindo à terra que aceitasse sua oferta. Incitando-o a ele a fundir-se com ela. Incitando-o a compartilhar sua

fecundidade, compartilhar seu amor por ele.

Suas costas começaram a esquentar-se e sentiu começar a fusão. Sentiu a dor da terra, sentiu as raízes e as videiras e sua enfermidade. Ofereceu diminuí-la.

Seu queixo encheu o entalhe onde seu ombro cobria seu pescoço. Cheirou a chuva no ar, viu gotas de chuva propagando-se pelo bosque e chegando às portas da vinha.

Os movimentos cortantes dentro dela seguiam sendo lentos, mas firmes.

—Esse é o maior esforço que pode fazer? —Zombou—. Me ame, marido. Ama-me como desejo. Ou quer que te deixe e encontre minha satisfação com outro?

Grunhiu, e sentiu que a força e determinação aumentavam nele. Seus dedos cavaram em seus quadris e começou a penetrá-la com crescente ferocidade.

—Deve me deixar que nos fundamos como o dia em que nos conhecemos, —sussurrou em seu ouvido—. Não te proteja de mim. Não tenho o suficiente para lhe dar às videiras sozinha. Necessitam-nos tanto.

Tinha-a escutado?

Sim! Sentiu sua mente entrar na sua. Provocando uma sensação de prazer. Cuidado. Amor!

As chuvas chegaram, acariciando seus corpos enquanto se vinculavam entre si e com sua terra. Juntos se retorceram na vigorosa e generosa terra e se converteram em um com ela. O barro sugou o corpo de Jane, a devorou profundamente, tomou tudo o que lhe brindava e o deu em troca a vida do seu marido através dela.

Em cima dela, Nick corcoveou duro, novamente vigoroso. Quando finalmente a conduziu ao clímax, afundando-se profundamente e gritando seu êxtase, o último de sua dor se escorreu dele, gozou nela, e desabou em cima dela.

Por toda parte as flexíveis trepadeiras se recuperaram e se endireitaram. Novas flores arrebentaram de videiras agora sadias e carregadas de seiva.

Nick a apertou contra ele. Em cima deles, a chuva afrouxou seu véu e uma neblina de diamante que se moveu empurrada pelo vento.

Amo você, murmurou em sua mente. Beijou-a profundamente com seus lábios alagados pela chuva. Então disse em voz alta:

—Amo você.

—E eu a você, —repetiu ela.

A terra enlameada que os tinha enlameado estava seca antes do momento em que abandonaram os pendentes. Longe debaixo deles, Jane observou parte do bosque e viu pedras e calhaus formando parte da paisagem.

E soube que estava em casa.

EPÍLOGO

A natureza saltava à vida por todos lados de um a outro rincão das terras Satyr.

As abelhas murmuravam nas videiras. As uvas estavam começando a maturar. Logo seria outono e a colheita começaria.

No jardim do Castelo, Jane escutou a risada e girou para observar Emma ordenar ao Lyon que empunhasse um carro de bebê ao outro lado da grama da maneira correta. Inclusive os criados sorriram ante suas palhaçadas, envoltos no prazer absoluto de sua felicidade.

A normalidade exterior que sua nova família apresentava ao mundo era algo no que Jane se deleitava. Qualquer ser humano que se encontrasse com esse lugar idílico não pensaria que ali existisse nada anormal. A sua poderia ser como qualquer das centenas de famílias na Itália desfrutando de uma tarde do verão.

Mas aqui sobre a terra Satyr, tudo era maravilhosamente anormal.

A vida surgia ali como não o fazia em nenhum lugar fora dos muros Satyr. EarthWorld tinha sido uma vez um lugar hostil. E a casa de Nick tinha aparentado ser a mais escura de todas. Agora sabia que era um refúgio. Um lugar de aprovação. Sua casa.

Logo, o clã Satyr se expandiria. Raine estava fora agora, em busca de sua esposa do Faerie Blend pela terceira vez. Seus irmãos o tinham incomodado sem piedade sobre sua incapacidade de localizá-la tão rapidamente como Nick tinha encontrado Jane. Embora Raine registrava os lugares mais cuidadosamente e metodicamente que os outros, por isso Jane não tinha dúvidas de que teria êxito em sua tarefa no final. Assim que o fizesse, Lyon iria em busca de sua noiva.

Suas irmãs seriam como ela? Nick lhe tinha explicado que a magia encontrava sua saída de maneiras diferentes em cada Fada. Seu dom era uma facilidade com as plantas. Ficava por ver quais podiam ser as habilidades de sua meia irmã. Esperava com ânsia lhes dar as boas-vindas no redil.

Os olhos de Jane se afastaram do relógio que Emma tinha completado sozinha, ontem. A passiflora estava em flor. Estava quase na hora de Nick voltar. Depois de uma ausência de uma semana, seu marido estaria ansioso.

Esfregou uma mão sobre seu estômago plano. Nick lhe tinha prometido

um segundo menino um ano depois do parto do primeiro. Passariam muitos meses para isso. Por agora, Emma e bebê Vincent, os mantinham ocupados.

Era júbilo o que borbulhava através de suas veias ante o conhecimento de que seus filhos cresceriam aqui, seguros, aceitos e amados. E livres das restrições do mundo, fora das terras Satyr, impunha. Aqui, neste lugar exclusivo, não haveria nada que os condenasse por sua raridade. Só teriam satisfações e nada os machucaria no processo. Não havia falsa piedade aqui, nenhuma regra social inútil para governá-los. Existia só a privada e secreta maravilha de suas vidas.

Escutou a almofadinha branda de pisadas ao outro lado da grama e sentiu Nick chegando para parar atrás de suas costas. Sem surpreender-se reclinou contra o calor e a força que era seu marido. Braços musculosos se curvaram a seu redor e Nick acariciou seu queixo no lugar de seu ombro.

—Estou de volta, —murmurou.

—Estou feliz, —disse-lhe.

—Você sabia que viria, —a acariciou.

—Sabia. — Murmurou sobre um sorriso brando.

Essa noite seria lua cheia. Uma noite de Chamada. Esperava-a com ânsia.